

BOLETIM N.º 293
PSICOLOGIA EDUCACIONAL N.º 7
SÃO PAULO
BRASIL
1966

ODETTE LOURENÇÃO VAN KOLCK

**SÔBRE A TÉCNICA DO DESENHO DA
FIGURA HUMANA NA EXPLORAÇÃO
DA PERSONALIDADE**

Estudo de adolescentes de Centros Urbanos

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Reitor: — Prof. Dr. Luís Antônio da Gama e Silva

Vice-Reitor: — Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

Diretor: — Prof. Dr. Mário Guimarães Ferri

Vice-Diretor: — Prof. Dr. Rui Ribeiro Franco

Secretário-Substituto: — Lic. Eduardo Marques da Silva Ayrosa

Secção Gráfica imprimiu — 1966

E R R A T A

A pág. 110 acrescentar ao gráfico

no canto superior esquerdo: Ar, Vazio ou nada, Luz, Saída do cosmos.

no canto superior direito: Fogo, Ponto elevado, Objetivo, Fim, Morte.

no centro da parte superior: Espírito, Supra-sensível, Divino, Consciente.

no canto inferior esquerdo: Água, Início, Nascimento, Origem.

no canto inferior direito: Terra, Inferno, Queda, O demoníaco.

no centro da parte inferior: Matéria, Não consciente, Inconsciente coletivo.

no lado direito: Pai, Futuro, Extraversão.

no lado esquerdo: Mãe, Passado, Introversão.

A pág. 111 acrescentar, antes do gráfico

2) A simbologia do Espaço Vivido, de Arthus (apud Muchielli, 1950, pg. 213-246), resumida em Mabilie (1950, pg. 67):

Na tabela XX onde está 77, leia-se 75 + 76 e onde está 78, leia-se 77.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, que se publica como o Boletim n.º 7 da Cadeira de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, constituiu tese com a qual nossa colaboradora, Odette Lourenção van Kolck, se apresentou ao doutoramento, em outubro de 1963, alcançando aprovação com distinção.

O atraso desta publicação definitiva se deve ao fato de os originais terem permanecido na Gráfica da Faculdade aguardando, entre outros trabalhos, sua vez para irem ao prelo. Conserva, assim, as mesmas feições que teve originalmente como tese de doutoramento.

Em nosso meio, estudos sérios e sistemáticos como o presente, visando à análise de técnicas destinadas ao exame psicológico, mesmo daquelas de emprêgo mais generalizado, ainda são, infelizmente, muito raros. Por isso, é de se louvar o esforço representado por esta contribuição: um minucioso e bem fundamentado estudo sobre uma técnica para a exploração da personalidade — o desenho da figura humana.

A aplicação desse instrumento psicológico a cerca de 500 adolescentes de ambos os sexos, forneceu dados que foram analisados inicialmente segundo uma escala composta de mais de 280 itens e, após tabulações segundo critérios diversos, permitiram, igualmente, o estudo das variáveis idade, sexo do autor e sexo da figura, bem como a verificação dos traços comuns e não comuns para o grupo de adolescentes, sujeitos da investigação.

É de observar, entretanto, que a tese não se limita ao estudo cuidadoso de amostras de adolescentes brasileiros através da técnica do desenho da figura humana, mas representa principalmente importante subsídio para melhor conhecimento dessa técnica psicológica em si mesma, de suas possibilidades e limitações e da caracterização das cautelas que devem ser tomadas por parte do psicólogo que a utiliza na exploração da personalidade.

O trabalho foi executado com zelo, paciência e segura base teórica, qualidades que se notam não apenas como decorrência da metodologia empregada e das múltiplas abordagens realizadas, mas também através da exaustiva análise comparativa dos resultados à luz da literatura especializada, o que elevou a bibliografia consultada a mais de 600 referências, a maioria das quais sobre o desenho em Psicologia ou, especificamente, sobre o desenho da figura humana.

É, pois, com especial satisfação que apresentamos este trabalho de Odette Lourenção van Kolck, destinado a ter ampla repercussão nos meios psicológicos, especialmente entre os psicólogos que buscam sólida fundamentação para as técnicas que empregam na sua atividade profissional.

ARRIGO LEONARDO ANGELINI
São Paulo, novembro de 1966.

A

UBIRAJARA

que nasceu no mesmo ano desta obra

e a

THEO

que assistiu ao nascimento de ambos

P R E F A C I O

Vem de longe nosso interêsse pelo estudo da personalidade através das técnicas projetivas, e em especial, da de Machover — Desenho da Figura Humana.

Desde o curso de Especialização em Psicologia Educacional, terminado em 1948, êsse interêsse foi se definindo e ganhando corpo. A experiência do Curso de Psicologia Clínica, realizado alguns anos depois, firmou uma orientação que contactos posteriores com a autora da prova sedimentaram e fundamentaram de maneira mais segura.

As atividades docentes e de pesquisa exercidas na Cadeira de Psicologia Educacional permitiram maior desenvolvimento nessa linha, acentuado ainda pela atuação prática à frente do Setor de Psicotécnica da Escola de Polícia, onde nos processos de seleção, dentre as técnicas projetivas incluídas, conta-se a do DAP.; e pela participação em trabalhos particulares de estudos de caso para diagnóstico diferencial ou para orientação profissional e vital.

Atualmente o regime de dedicação plena à docência e à pesquisa, levando-nos ao afastamento das duas últimas atividades mencionadas, permitiu, no exercício de nossas funções como assistente de Psicologia Educacional, a concretização da tese de doutoramento.

Aqui está a fase final de um trabalho que vem se concatenando há longos anos: desde a definição do interêsse, a busca da bibliografia especializada e os contactos com os especialistas, até o planejamento da pesquisa e a execução da mesma, possibilitada nos últimos três anos.

*

O presente trabalho aparece, nos capítulos que se seguem, apresentado em quatro partes.

cionados no capítulo anterior, também se tenham dedicado a essa tarefa.

Na simplicidade da solicitação — desenho de uma pessoa, e a seguir desenho de outra do sexo oposto — está grande parte do que nos levou a considerar o D.A.P. o exemplo da utilização do desenho da figura humana como técnica projetiva. O teste de Machover compreende, além dos desenhos mencionados, a solicitação de histórias sobre os mesmos, histórias essas que podem ser contadas como respostas a um questionário. Esta parte, porém, pode ser considerada complementar, e o estudo da projeção evidenciada nos desenhos chega a ser suficiente, principalmente quando a técnica é usada ao lado de outras, em um estudo de caso — situação que é a desejável em qualquer diagnóstico.

O uso do desenho da figura humana como veículo de projeção é que nos interessa abordar neste trabalho. Devemos de início, focalizar que o significado psicológico dêse fato tem suas bases no conceito de imagem corporal. O indivíduo ao atender à solicitação — “desenhe uma pessoa” — lança sobre o papel a imagem corporal que possui e que se torna veículo de expressão de sua personalidade.

Por imagem corporal, Schilder (1958) entende: “aquela representação que formamos mentalmente de nosso próprio corpo, isto é, a forma em que êle nos aparece”. E mais adiante acrescenta: “é a imagem tridimensional que todo mundo tem de si mesmo”; ... “pode ser chamada também esquema corporal, ou modelo postural do corpo”; ... “embora provenha dos sentidos, não é mera percepção; há nela, quadros e representação mentais, porém tão pouco é simples representação”; envolve aspectos de “catexe” corporal: tem íntimas relações com os movimentos ou motilidade em geral; assim como também se relaciona com o modelo postural dos outros. E talvez contenha muito mais do que a pessoa conscientemente saiba acerca de seu próprio corpo.

Essa formulação inicial de Schilder, revista por Fisher e Cleveland (1957) se resume em: “sistema de idéias e sentimentos que o indivíduo tem de sua estrutura física”. Ou mais

extensamente, em outra obra (Fisher e Cleveland, 1958, pág. X): “Imagem corporal é um termo que se refere ao corpo como experiência psicológica e focaliza as atitudes e sentimentos do indivíduo para com o seu próprio corpo. Diz respeito às experiências subjetivas com o corpo e à maneira em que foram organizadas tais experiências”. Hunter e Weber (1960, pág. 3) escrevem: “as pessoas tem uma imagem conceitual do corpo que é tanto consciente como inconsciente; muito dessa imagem está apoiada na percepção visual da conformação do próprio corpo; aspectos inconscientes de uma imagem corporal podem ser importantes desde que sejam emocionalmente orientados”.

Numerosos estudos são encontrados sobre o tema, principalmente nos E.U.A. Partamos de Murphy (1947), que analisa a origem do eu na primeira infância, com base nas primitivas imagens corporais, simples esquematizações que vão progressivamente se ampliando e desenvolvendo, à medida que aumenta a experiência da criança com o próprio corpo e com o meio exterior. As frustrações e as dores, assim como as satisfações que o recém-nascido vai experimentando, vão possibilitando a configuração de uma imagem do próprio corpo cada vez menos indefinida e vaga. E ao mesmo tempo, a percepção no ambiente que o rodeia, de figuras que se destacam em um fundo, cada vez de modo mais preciso, permite a diferenciação e individualização crescente. Assim, à medida que a criança se percebe, tem percepção das formas corporais, sons, etc. no mundo exterior. Como a figura da mãe é aquela que mais consistentemente está no âmbito perceptual da criança, tem-se motivo para acreditar que as “imagens mais precoces do eu são baseadas em grande medida na imagem materna, parcialmente por causa do importante papel que essa imagem ocupa na experiência da criança e parcialmente porque ela inclui uma face, que é o que falta na visão da criança de sua própria imagem, até que possa ela ver-se no espelho e integrar a própria face com o resto do corpo”. (Murphy, 1947, pág. 481).

A evolução do eu, acompanhando o desenvolvimento da imagem corporal, vai se processando durante a infância e ado-

lescência, predominantemente, mas não cessa durante toda a vida da pessoa. A imagem corporal está sempre em evolução, funcionando como um ponto de apoio para o conceito mais inclusivo do eu.

Vários pesquisadores se preocuparam com a relação da imagem corporal com inúmeras outras variáveis. Fisher e Cleveland (1956) por exemplo, interessados na natureza dos limites do corpo como um aspecto da imagem corporal, concluem que os “indivíduos diferem no grau em que concebem os limites do corpo como compactas barreiras defensivas. Alguns indivíduos concebem o exterior de seu corpo como uma parede impermeável, enquanto outros o vêem como permeável e facilmente penetrável”. Elaboram, então, êsses autores uma medida para essa dimensão da imagem corporal, derivando-a do Rorschach e denominando-a “barrier score”. Ela mostraria em que medida os limites externos da imagem corporal servem inconscientemente como barreira defensiva das ameaças do exterior e dos impulsos hostis e perturbadores do interior. Aplicando essa medida a vários aspectos específicos, Fisher e Cleveland (1955) encontram que pacientes com sintomas psicossomáticos envolvendo os limites exteriores do corpo (pele e musculatura estriada) são significativamente mais propensos a conceber os limites corporais como barreiras impermeáveis que os pacientes cujos sintomas envolvem o interior do corpo. Portanto: os característicos da imagem corporal desempenham significativo papel na escolha interior versus exterior dos sintomas psicossomáticos. Em pacientes com poliomielite, Fisher, Cleveland e Ware (1957, pág. 93) concluem: “aparentemente, indivíduos que concebem os limites de seu corpo como possuindo qualidades defensivas como as de uma barreira ou armadura são significativamente mais capazes de se adaptarem às circunstâncias que rodeiam as perdas físicas, que aqueles cujo conceito corporal não possui êsses aspectos”. Em indivíduos normais (Fisher e Cleveland, 1956, págs. 35-36) também o índice de imagem corporal manifesta um padrão consistente e significativo de relações com outras variáveis psicológicas: aqueles que “visualizam seus limites como

compactos e blindados manifestam um nível de aspiração mais alto, maior impulso para a auto-expressão e maior motivação para avanços competitivos do eu, que as pessoas com permeáveis limites da imagem corporal. O indivíduo **blindado** dedica-se a estabelecer-se agressivamente no mundo como uma entidade distinta; quer que sua identidade seja claramente diferenciada da dos outros e trabalha àrduamente para isso". Pode-se pensar que sua atitude para com as tarefas e sua habilidade de tolerar tensões sejam caracteristicamente diferentes, assim como a de expressar a cólera mais exteriormente que interiormente. As pesquisas desses autores apóiam estas hipóteses. (Fisher e Cleveland, 1956).

Todos esses estudos focalizam a importante influência que a imagem corporal de um indivíduo exerce sobre seu comportamento. Quanto mais definidos os limites da imagem corporal de uma pessoa, tanto maior sua capacidade de entrar em contactos íntimos e expressivos. Baseado nisso pode-se esperar que tais pessoas darão evidência de maior interesse e expressividade sexual, que os sujeitos de limites indefinidos; o que é comprovado por pesquisas de Fisher e Cleveland (1958a).

A relação entre a imagem corporal e o padrão de reatividade fisiológica foi mais investigada por Fisher só (1959, 1960, 1960a e 1961), ou com outro colaborador (Fisher e Cleveland, 1958; Fisher e Ambrose, 1958; Fisher e Fisher, 1959), permitindo-se chegar à conclusão de que as atitudes do indivíduo para com os vários setores do seu corpo podem influenciar a reatividade fisiológica desses setores. Foi demonstrado que essa afirmação se aplica à relativa reatividade do exterior versus interior do corpo; do lado direito versus lado esquerdo do corpo; da área da cabeça versus área não cabeça; da frente do corpo versus costas. Pôde-se também concluir que "as relações: imagem corporal-reatividade corporal encontradas em adultos são o fruto final de um anterior processo de desenvolvimento, com aspectos previsíveis". (Fisher, S. e Fisher, R. L., 1959, pág. 401).

Eigembrode e Shipmann (1960), entretanto, investigando a medida em que o "barrier score" diferenciaria pacientes

com doenças psicossomáticas internas e externas, não chegaram a diferenças estatisticamente significantes, concluindo que êsse “score” só poderá ser um instrumento de medida eficiente quando ambigüidades da teoria forem esclarecidas.

Estamos, pois, em campo controvertido de pesquisa, o que é acentuado por Mac Connell e Dasten (1961, pág. 455) ao concluírem: “atitudes para com a gravidês parecem ser significativamente relacionadas à maneira com que a mulher aprecia o próprio corpo e ao grau de invulnerabilidade dos limites da imagem corporal, como refletida nos “barrier scores”.

Outro conjunto de estudos se refere ao aspecto da “catexe” corporal (“body cathexis”). Jourard e Secord (1953, 1954, 1955 e 1955a) escrevem: é nossa tese que “as atitudes do indivíduo para com seu corpo são de crucial importância para uma teoria compreensiva da personalidade; pequena atenção, porém, tem sido dada a êste assunto pelos psicólogos. Os presentes trabalhos se referem a uma variedade desta atitude, isto é, à catexe corporal. Ela significa o grau de sentimento de satisfação ou insatisfação com as várias partes e processos do corpo. Se essa variável (“body cathexis”) é importante para a teoria da personalidade, é necessário demonstrar sua relação com outras variáveis que são reconhecidas como significantes. Por razões que não cabe discutir aqui, catexe corporal é considerada integralmente relacionada com o auto-conceito, embora identificáveis como aspectos separáveis”. Na primeira pesquisa (1953) concluem: 1) sentimentos a respeito do corpo são proporcionais aos sentimentos sobre o eu; 2) baixa catexe corporal é associada com ansiedades sob a forma de preocupação autística indevida com dor, doença ou danos corporais; 3) baixa catexe corporal é associada com sentimentos de insegurança envolvendo o eu.

Das outras pesquisas afirmam: O tamanho do corpo é um determinante importante da catexe pelo corpo. No sexo masculino, o tamanho grande aparece correlacionado com catexe positiva (portanto, é aparentemente uma qualidade desejada entre os homens), enquanto no sexo feminino, com exceção do busto, o tamanho pequeno parece ser desejável.

A catexe corporal, isto é, o grau dos sentimentos de um indivíduo para com o próprio corpo, em suas relações com a catexe do eu (“self cathexis”) foi pesquisada também por Johnson (1956) com as seguintes conclusões: 1) é comprovada a relação significativa entre catexe corporal e catexe do eu; 2) atitudes para com o corpo e atitudes para com o eu são estáveis por um período de tempo; 3) há correlação inversa moderada entre atitude para com o corpo e o número de sintomas somáticos relatados: mulheres apresentaram catexe corporal mais baixa que os homens e relataram um maior número de sintomas (é possível que a importância social do corpo feminino torne as mulheres mais críticas a respeito do próprio corpo e mais preocupadas com sua aparência e funcionamento).

Dillon (1962 e 1962a), pesquisando no campo da imagem corporal, elaborou um instrumento para medir diretamente o tamanho do corpo percebido, a fim de pôr à prova conclusões de Werner Wapner e Comalli (1957). Relataram estes autores que seus sujeitos super-estimaram o tamanho de suas cabeças porque não puderam claramente separá-las do que as circundava, isto é, a falta de limites claros entre a percepção da cabeça e da circunvizinhança levou a uma super-estimação da primeira. Esta indefinição de limites pode ser estendida para o corpo todo; os limites entre o corpo e aquilo que o rodeia podem ser entendidos como uma faixa e não uma linha de separação; e isto leva a erros na avaliação das dimensões do próprio corpo. Com base em suas pesquisas Dillon concorda com estas afirmações.

Cleveland (1960) em pesquisa relacionada a êsse problema, conclui: “os resultados indicam que os esquizofrênicos sofrem uma perda na precisão da imagem corporal o que dá em resultado o conceito do próprio corpo como um balão ou algo cheio de ar” (pág. 304).

Bender e Keeler (1952) já haviam estudado a formação da imagem corporal em crianças esquizofrênicas, usando os desenhos da figura humana, com a conclusão de que elas “mostram, em particular, uma dificuldade em determinar a periferia do próprio corpo ou os limites de sua personalidade ou li-

mites do eu (“ego boundaries”). Há uma indefinição e confusão da zona entre o próprio corpo e o mundo exterior”. Acrescentam terem notado, especialmente que: “os orifícios do corpo foram acentuados e deslocados e os limites do corpo receberam tratamento inadequado” nos desenhos das crianças estudadas.

Montague (1956, pág. 372) escreve a êsse respeito: “não é surpreendente que o objeto (ou tema) mais freqüentemente desenhado seja a forma humana, pois as crianças esquizofrênicas estão continuamente empenhadas em esforço para experimentar ativamente os problemas concernentes ao desenvolvimento profundamente perturbado de suas próprias imagens corporais”.

A necessidade de estabelecer limites bem definidos da imagem corporal tem sido considerada prelúdio para uma reorganização total do ego. Muitos programas de tratamento incluindo fisioterapia, hidroterapia, e cosméticos, têm buscado implicitamente reforçar a periferia do corpo do paciente, através da máxima estimulação dessa área. Reich (1957) em outra linha de ação, também acentua a importância de reforçar os limites corporais no tratamento da esquizofrenia e de sérias neuroses.

A respeito de como a imagem corporal se projeta no desenho da figura humana, escreve Machover (1956, pág. 349): “Quando alguém se dispõe a desenhar uma pessoa deve, necessariamente, referir-se a tôdas as imagens de si próprio e de outras pessoas que povoam sua mente. Desde que a organização do eu em termos de foco central e atitudes é essencialmente seletiva, isto é, desde que é um produto de experiências, identificações, projeções e introjeções, segue-se, naturalmente, que a imagem composta que constitui a figura desenhada está intimamente ligada ao eu em tôdas suas ramificações. Constituem uma legião o número de pessoas individualmente conhecidas por nós, e no processo de criação da figura humana, alguns determinantes conscientes e outros subconscientes estão trabalhando para nos levar a uma representação do corpo fluentemente unida. Determinantes morfológi-

cos e de idade e sexo constituem as fontes mais gerais das quais obtemos aspectos pertinentes a nós mesmos. Imagens de estereótipos culturais e sociais contribuem também para a nossa concepção de uma pessoa... E, combinando com elas, as imagens decorrentes de nossa própria e privada experiência, única para nós mesmos. Tôdas essas imagens se entremesam ou se incorporam para produzir a complexa e sutil projeção do eu. Em um nível mais inconsciente são adicionados os símbolos que têm significado universal”.

A medida em que isso realmente se passa, é discutida por bom número de pesquisadores. Silverstein e Robinson (1956 e 1961), por exemplo, procurando testar a suposição básica do desenho da figura — representação da imagem corporal do sujeito — pesquisam com crianças afetadas por poliomielite crônica e a seguir com outras sem a doença e chegam a resultados negativos. Já Pellerin, Duché e Horinson (1960) em seu trabalho com crianças hospitalizadas para intervenções cirúrgicas, concluem à pág. 469, que os desenhos, entre os quais o da figura humana, dão, “uma expressão viva e plástica dos estados ligados às insuficiências e más formações, ao mesmo tempo que representam as modificações que se produziram na cinestesia e no psiquismo em seguida à intervenção cirúrgica”. Bodwin e Bruck (1960) encontram que o DAP é uma medida válida do auto-conceito; Kamano (1960) conclui que os dados de sua pesquisa apóiam a hipótese de que os desenhos da figura humana representam a percepção de si mesmo por parte do desenhista.

A pesquisa da questão — é o desenho da figura humana sensível a mudanças na imagem corporal como fruto da idade? — fornece outra série de dados para o problema do valor do DAP. Lakin (1956) estudando desenhos de crianças institucionalizadas e crianças normais conclui que os dados permitem afirmar a validade da proposição de que as variáveis centrais do conceito do eu e da imagem corporal são refletidas no desenho da figura humana. Na mesma direção Lorge, Tuckman e Dunn (1958, pág. 56), comparando figuras humanas desenhadas por adultos jovens e mais velhos, chegam aos seguin-

tes resultados: contrastando com os desenhos dos mais jovens, os das pessoas mais velhas “são caracterizados pela falta de integração e não completamento, falta de proporção, planura (falta de tri-dimensão), bizarrice, evidência de coordenação motora inadequada, e dificuldade na identificação do sexo”. E concluem que os dados “apóiam a hipótese de que os desenhos das pessoas mais velhas mostram crescente perda da integridade”. Reconhecem, porém, que a amostra usada não é representativa dos adultos jovens e mais velhos da população.

Outros pesquisadores focalizam o problema sob outro ângulo: o da influência da habilidade artística. Whitmyre (1953), estudando desenhos de pacientes psiquiátricos e veteranos “normais”, conclui, à pág. 424: “parecem indicar realização artística e não mostrar qualquer relação consistente com o nível de ajustamento pessoal”. Mas, Bieliauskas e Bristow (1959) com estudantes do “college” chegam à conclusão, à pág. 59, de que “o treino artístico não interfere com a projeção da personalidade no desenho”.

O estudo crítico do DAP se enriquece ainda de outros trabalhos. Holtzman (1952, pág. 148) escreve: “uma análise intensiva dos característicos dos desenhos (DAP de estudantes do “college”), usando 12 juízes treinados, em uma série de experimentos, para examinar certas medidas objetivas, revelou ausência de variações que pudessem ser atribuídas à personalidade, sexo ou aparência física do examinador. Diferenças altamente significantes encontradas podem ser atribuídas ao sexo do sujeito que se submeteu ao teste”.

Aplicando o DAP e o Teste Viso Motor de Bender, além do “Metropolitan Achievement Test”, em crianças no início da escola primária, Koppitz e outros (1959) concluem que ambos os testes podem prever a realização do primeiro grau da escola elementar, mas que êsse poder aumenta quando são usados juntos. Koppitz (1960) pesquisa o efeito da atitude dos professores (rígidos e autoritários versus permissivos e brandos) na realização, de crianças do primeiro ano primário, no Bender e no DAP. Encontra que: as realizações quando avaliadas em termos de testes de desenvolvimento não são signifi-

cantemente influenciadas pelas atitudes do professor, mas quando analisadas em função de aspectos emocionais parecem refletir as atitudes dos professores. Tolor e Tolor (1955 e 1955a) encontram que professores e psicólogos foram capazes de discriminar crianças do curso elementar em função da popularidade maior ou menor de cada uma, através da análise dos desenhos da figura humana. Gunsburg (1955) tomando os DAP de um débil mental, no curso de um estudo completo do caso, verificou que marcadas mudanças qualitativas na concepção estereotipada da figura humana podem ser consideradas expressão inconsciente da vida emocional do paciente. E afirma que um investigador deve ser extremamente cuidadoso ao aceitar desenhos como estimativa da inteligência, pois eles são muito vulneráveis ao efeito de distúrbios emocionais.

Nichols e Strumpfer (1962) põem em dúvida a validade do DAP, porém, insistem na necessidade de maiores investigações. Swensen (1957) em extensiva pesquisa na literatura a respeito do desenho da figura humana, encontrou certa confirmação de algumas hipóteses de Machover em relação a tendências de grupo, mas pequenas evidências do valor do DAP para diagnósticos individuais. Conclui, porém, que o DAP pode ser usado como um recurso para uma classificação rudimentar e como um indicador grosseiro do nível de ajustamento. Stoltz e Coltharp (1961) concluem de pesquisas com desenhos (DAP) de crianças do quarto grau escolar: “os psicólogos foram capazes de predizer a inteligência a um grau estatisticamente significativo, mas incapazes de predizer ajustamento social ou emocional” (pág. 45). Mas já Arbit e outros (1959, pág. 327) apontaram que “muitas vezes os julgamentos demandados nas pesquisas diferem daqueles empregados no uso clínico, e que maiores relações devem ser buscadas entre os dois, se se quiser avaliar propriamente a técnica”. E afirmam que os dados de sua pesquisa apóiam o argumento de que a integração da personalidade, como variável “universal” pode ser avaliada através do DAP. Apontam em seu abono, o estudo de Abbee e Hamlín (1949) em que as classificações de ajustamento, feitas pelos clínicos correlacionaram signifi-

cantemente com os níveis de ajustamento pessoal avaliados nos desenhos das figuras humanas.

Blum (1954) conclui: “a técnica de Machover, DAP, apresenta validade altamente questionável mas prova não ser pior que qualquer dos outros procedimentos de avaliação da personalidade” (pág. 125).

Como vemos, as pesquisas sobre o valor do DAP chegam a resultados nem sempre concordantes. Da confrontação feita, entretanto, podemos concluir que a técnica de Machover sofre restrições que se aplicam com igual razão a outros procedimentos de avaliação da personalidade, o que não a invalida como tal. Reconhecemos que se fazem necessárias maiores investigações, mas os dados já disponíveis nos permitem considerá-la uma técnica merecedora de atenção.

Com a pesquisa que passaremos a relatar esperamos contribuir para melhor uso da prova. Não nos propomos a investigar sua validade, mas chegaremos a alguns dados para a **validação de conteúdo e de constructo**, assim como traremos elementos para melhorar a **precisão**.

Tendo-se em mira as sérias dificuldades metodológicas para a determinação da precisão e da validade das técnicas de estudo da personalidade, e, em especial, a das projetivas, parece-nos que, apesar de modesta, esta será uma contribuição para determinar o valor do DAP como procedimento de medida psicológica.

SEGUNDA PARTE

PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA PESQUISA

A — A PESQUISA

B — RESULTADOS

A — A PESQUISA

I — Objetivos

Das considerações expendidas nas páginas anteriores, resalta a importância que assume para nós o Desenho da Figura Humana como técnica de exploração da personalidade.

De origem norte-americana, essa técnica vem sendo empregada em nosso meio desde alguns anos. Temos conhecimento de **alguns** trabalhos que buscaram determinar critérios para o seu uso em situações específicas, como o diagnóstico diferencial (Freitas Júnior, 1956, 1957 e 1958; Arruda, 1957 e 1958); de **um** que apresenta os resultados do estudo de um caso patológico (Mattos Saldanha e Prolla, 1961) e **outro** que procura verificar o significado psicológico do desenho da figura humana em crianças débeis (M. J. de Carvalho, 1960); e por último de **dois outros** que focalizam a expressão gráfica de um traço psicológico determinado no DAP (Zausmer, 1961; Lourenção van Kolck, 1961).

Freitas Jr. (1956, 1957 e 1958), aplicando o DAP a um grupo de adultos, de idades de 18 a 30 anos, examinados simultaneamente por outros testes e selecionados do ponto de vista médico-psiquiátrico como normais, neuróticos ou deprimidos, e a grupos de doentes psiquiátricos com indiscutíveis sinais de deterioração (dementes orgânicos, esquizofrênicos e epiléticos), chegou a estabelecer um “escore” de deterioração para uso em exames psicotécnicos. Esse “escore” serviria para uma identificação rápida e naturalmente “grosseira” dos casos indiscutivelmente anormais. Relata o autor haver desprezado tudo o que pudesse levar a impressões vagas ou a diagnósticos impregnados de subjetivismo, e afastado os aspectos projetivos do teste, para abordar apenas as distorções ou deteriorações da praxia construtiva, no sentido de Kleist,

distorções essas que anunciam, precocemente, processos deteriorativos e marcham paralelas a êstes, de um modo absolutamente objetivo. Esse “escore”, antes de elaborado em sua forma final, foi comparado com respostas a um questionário sumário e outras provas, através de estudos de correlação. Uma vez definido o “escore”, o estudo prosseguiu no sentido da determinação das médias nos grupos de normais e nos de anormais, chegando-se a diferenças estatisticamente significantes. O “escore” foi sintetizado em uma fôlha mimeografada em que aparecem, esquematizadas, as representações gráficas dos sinais e seus respectivos valores. A soma de todos os pontos alcançados por um desenho medirá a deterioração: quanto mais alta a nota, tanto mais dispráxico o desenho. Comenta ainda o autor que a experiência com o “escore”, no exame de motoristas, tem demonstrado eficiência.

As pesquisas de Arruda (1957 e 1958) também se voltam para a determinação de critérios para diagnóstico diferencial, restritos, porém, à esquizofrenia e baseados no uso de uma técnica apenas aproximada à de Machover. Um grupo de normais e outro de esquizofrênicos foram solicitados a desenhar uma figura humana e o próprio corpo; a seguir, pediu-se-lhes que respondessem a um questionário, previamente elaborado. As produções de dez outros enfêrmos (epiléticos, melancólicos e orgânicos) também foram analisadas. Afirmamdo que verificara não ser o desenho da figura humana e do próprio corpo decisivo para o diagnóstico da esquizofrenia, chegou, entretanto, o autor a estabelecer uma série de traços típicos do desenho de esquizofrênicos. Comenta que alguns dêsses traços, a despeito da reduzida freqüência com que se apresentaram, são quase patognômicos da esquizofrenia. O pequeno grupo de outros enfêrmos mostrou-se mais rico em seus desenhos mas não se constituiu em objeto de estudo estatístico por seu reduzido número.

No segundo conjunto de trabalhos brasileiros, citado acima, encontramos: 1) — Mattos Saldanha e Prolla (1961) que apresentam o estudo de um caso de pseudo-hermafroditismo com utilização do desenho da figura humana, na técnica de

Machover, complementada por outras técnicas projetivas como Rorschach, Wartegg, Koch, Rosenzweig e por entrevistas; estudo êsse em que o DAP vem extensamente analisado, trazendo inclusive a reprodução dos desenhos feitos pelo sujeito em estudo.

2) A investigação de M. J. de Carvalho (1960) que, em uma amostra ao acaso de 200 sujeitos da população total de 800 débeis mentais matriculados em 1959 em classes especiais do Departamento de Educação do Estado de São Paulo, analisa os desenhos da figura humana nas técnicas de Goodenough e de Machover, e conclui pela artificialidade da separação: inteligência-personalidade e pelo valor do DAP no diagnóstico psicológico da debilidade mental em todos os seus aspectos.

A pesquisa de Zausmer (1961) pertence ao último grupo apontado. A autora estuda as expressões da agressividade latente e manifesta no desenho de adolescentes do sexo feminino de um recolhimento de menores abandonados e/ ou infratores.

Nós mesmos, em trabalho anterior (Lourenção van Kolck, 1961) focalizamos a expressão da homossexualidade no DAP, discutindo, com base em casos definidos clinicamente como homossexuais, e em outros não considerados como tais, o significado do desenho, em primeiro lugar, da figura do sexo oposto e de outros sinais de indefinição do papel sexual.

Como podemos ver desta rápida apresentação dos trabalhos publicados em nosso meio, o desenho da figura humana tem sido pouco explorado como objeto de pesquisa no Brasil, apesar de tantas e tão variadas investigações se realizaram em outros países, notadamente nos E.U.A. Além do mais, vemos que os trabalhos acima comentados são limitados a campos muito restritos, focalizando mais a prova em grupos patológicos, “anormais”, ou pelo menos excepcionais, e sob ângulos bem específicos.

Pode-se notar que os autores estão mais preocupados em usar a prova, e para isso procuram determinar critérios de diagnóstico diferencial ou definir melhor a expressão de certos traços psicológicos, que propriamente interessados no es-

tudo da técnica em si. Nesse conjunto de trabalhos sentimos a falta de pesquisas que, em sujeitos “normais”, busquem estabelecer os aspectos típicos da prova e procurem focalizá-la de forma mais ampla e completa. Essas pesquisas podem se estender e derivar depois para aspectos específicos; são, porém, imprescindíveis, inclusive para o uso mais adequado dos resultados obtidos com as investigações aqui relatadas. A compreensão do significado dos itens do DAP em débeis mentais, esquizofrênicos, epiléticos, etc. ,só poderá ser completa quando possuírmos elementos para compreender bem os característicos do desenho da figura humana em indivíduos normais.

Consciente dessa necessidade, propusemo-nos a contribuir com pequena parcela: o estudo do DAP em adolescentes de quatro cidades brasileiras, adolescentes êsses não pertencentes a grupos selecionados clinicamente, mas tomados ao acaso e, como tais, representativos da população das quatro cidades.

Voltamos nossa atenção para os adolescentes por vários motivos:

1) é antigo nosso interêsse pela compreensão do comportamento e personalidade dos adolescentes de nossa época e cultura; 2) do ponto de vista educacional, além da criança, o adolescente é mais importante que o adulto, freqüentemente fora do processo de escolaridade; 3) o desenho da figura humana é mais rico em dados sôbre a personalidade quando feito por adolescentes que por crianças: nestas, como ocorre nos desenhos em geral, o da figura humana é mais indicativo do nível evolutivo em que se encontra o autor e relativamente poucas informações traz sôbre a personalidade do mesmo.

Esta nossa pesquisa naturalmente será de tipo exploratório, pois busca fornecer os primeiros elementos para a caracterização do desenho da figura humana em adolescentes brasileiros. Muitas das conclusões e implicações decorrentes poderão ser verificadas em pesquisas posteriores, de outro tipo e natureza.

Sendo assim tão amplo o âmbito desta pesquisa, devemos apontar para ela um objetivo geral e vários objetivos específicos correlatos.

O primeiro será: **Estabelecer os aspectos característicos do desenho da figura humana feito por adolescentes de alguns Estados do Brasil, comparando-os com aqueles resultantes de estudos realizados em outros países.**

O resultado dessa elaboração nos permitirá oferecer ao estudioso e usuário da prova aspectos mais seguros para seu trabalho. A alegação de diferenças culturais entre os indivíduos para os quais a técnica foi elaborada e aqueles que estão sendo por ela examinados, não mais procederá, uma vez que esta pesquisa permita verificar os aspectos típicos da realização de nossos adolescentes.

Atenderão êles à solicitação do desenho da figura humana, sem grandes problemas e rejeições? A prova é fácil de ser aplicada ou haverá necessidade de motivação especialmente conduzida? Haverá conveniência de modificações nas condições de aplicação para atender a aspectos peculiares da população brasileira? Adolescentes desenharão a figura toda ou insistirão em ficar apenas em parte dela? Os desenhos feitos poderão ser examinados segundo a linha básica de K. Machover? Ou será necessário elaborar outro esquema que possibilite melhor abordagem? Que aspectos do desenho poderão ser realmente encontrados em indivíduos pertencentes a grupos não selecionados da população brasileira?

Estas perguntas prendem-se ao objetivo acima enunciado e expressam as dúvidas iniciais que nos puseram em campo para começar a presente pesquisa.

Os objetivos específicos que nortearam nosso trabalho foram os seguintes:

a) **Determinação dos traços do desenho que poderiam ser considerados comuns ao grupo estudado e daqueles que, por serem não comuns, passariam a “sinais individuais”.**

A interpretação de desenhos projetivos, de maneira geral, coloca sempre êste problema: vários aspectos da realização em exame são mais próprios da fase evolutiva em que se encontra o

autor que de condições psicológicas peculiares, a êle restritas. O uso dêsses aspectos é significativo, porém, de maneira diferente daquêles que comprovadamente são devidos a peculiaridades individuais.

Enquanto os primeiros podem denunciar a posição em que se encontra o sujeito dentro dos padrões de sua etapa evolutiva, os segundos colocarão em foco os aspectos essencialmente característicos da realização individual. A ausência dos primeiros deverá chamar a atenção, enquanto que, com os segundos, a presença é que será mais detidamente considerada.

O psicólogo, ao interpretar os desenhos da figura humana feitos por adolescentes, poderá notar logo de início, por exemplo, os sinais comuns expressando-os através de observações como: “sinais de tais e tais traços ou problemas próprios da adolescência”; deter-se um pouco mais na verificação daquêles que, pela própria ausência, denotam uma certa discrepância do padrão geral próprio da fase; e a seguir, examinar mais acuradamente o significado daquêles “sinais individuais” que estarão pondo o sêlo pessoal na realização do adolescente. Êstes últimos, sem dúvida terão mais valor para o diagnóstico, embora os primeiros também assumam importância bastante grande.

b) Crítica ao significado psicológico atribuído aos aspectos do desenho da figura humana.

A presente pesquisa, pelo tipo que a caracteriza — grande amostragem e estudo mais em extensão que em profundidade — não possibilita uma verificação completa da validade das interpretações do desenho da figura humana, porém um esboço poderá ser feito se se tomar em consideração o que diz Osterrieth (1953, pág. 340).

Desde que tenhamos obtido os sinais comuns à realização gráfica própria de um certo nível de desenvolvimento, poderemos usá-los quer para verificar a significação dada a êles, quer para estabelecer interpretações novas. Pois, se os sinais comuns são reveladores das características psicológicas do ní-

vel a que se referem e “se é verdade que conhecemos mais a psicologia, a mentalidade dos níveis de idade que a dos indivíduos”, podemos, partindo dos traços básicos da adolescência, verificar quanto dos aspectos correspondentes está presente nos desenhos. Se os sinais comuns por nós encontrados forem aqueles cujo significado psicológico coincide com os característicos do comportamento do adolescente, podemos inferir a adequação das interpretações propostas. No caso de discrepância, porém, a conclusão não será tão imediata. Duas hipóteses deverão ser consideradas: 1) dúvida quanto à validade da interpretação psicológica dos itens do desenho; 2) existência de diferenças de abordagem, entre os psicólogos clínicos e os estudiosos de psicologia da adolescência, na caracterização dos fenômenos considerados, dada a grande complexidade dos mesmos. Isto não permitirá que se conclua efetivamente sobre a validade da interpretação.

Por esses motivos não propomos aqui uma verificação definitiva, mas sim um esboço de crítica que poderá nortear futuros trabalhos orientados para pesquisas feitas mais em profundidade, com pequenas amostras.

c) Estudo das diferenças de realização em função da idade.

Parece-nos importante considerar a influência que a passagem dos anos terá sobre a realização gráfica: aqui, porém, se nos apresenta uma questão preliminar: haverá diferenças de realização ano por ano, ou na adolescência se podem notar tais diferenças só a intervalos mais longos, de 2 a 3 anos, por exemplo? Que diferenças serão essas e qual seu possível significado?

Sabemos que, na seqüência evolutiva do ser humano, a infância se caracteriza por modificações tão rápidas e variadas, que a passagem de um ano e menos ainda, de 6 meses e mesmo um mês ou uma semana, introduz variações dignas de estudo; enquanto que, já na idade adulta, dois a três anos, ou mais, podem passar sem que, comparativamente, se apresentem transformações características. Na adolescência pode-

mos esperar um ritmo tal de desenvolvimento que torne mais conveniente considerar os fatos em termos de adolescência inicial, média e final. Quais são êsses fatos, em se tratando do desenho da figura humana?

d) Estudo da realização em função do sexo do autor, visando apresentar elementos para a determinação da masculinidade-feminilidade através do desenho.

Goodenough (1926), Machover (1949) e outros apontaram diferenças características nos desenhos feitos por meninos e meninas. A técnica de Machover, principalmente nos trabalhos de seus seguidores, vai mais adiante, chegando a inferências sobre a maior ou menor masculinidade revelada no desenho e conseqüente indício de homossexualismo do autor. Inúmeras pesquisas, conduzidas experimentalmente, têm posto em cheque essas inferências chamando a atenção para o cuidado necessário em tal campo.

Formamos grupo com aquêles que consideram por demais complexo êste conjunto de fatos e fenômenos: masculinidade-feminilidade e homossexualismo-heterossexualismo não são pares intercambiáveis, e a inversão sexual também não pode entrar aí, simplesmente pela presença de um determinado aspecto do par. Inferir, de característicos feminóides do desenho de um rapaz, sua inversão sexual e, conseqüentemente, sua homossexualidade é algo que não podemos aceitar sem que outros elementos, resultantes de técnicas e abordagens confluentes, venham fornecer mais dados seguros para a conclusão.

A nosso ver, mesmo a própria determinação da masculinidade-feminilidade de uma figura humana desenhada não está posta em termos precisos de uma escala, pelo menos para o nosso meio.

Como êste é um dos aspectos em que a influência cultural se faz sentir de forma inequívoca e inegável, parece-nos necessário determinar a escala de avaliação própria ao brasileiro.

Esta pesquisa buscará fornecer os primeiros elementos para essa determinação: quais os traços que no desenho são, de maneira geral, apresentados por rapazes ou por môças, isto é,

que podem ser considerados como característicos masculinos e femininos do desenho. As implicações que se poderão estabelecer a seguir, serão verificadas em pesquisas posteriores, de tipo diferente desta que assim se apresenta, neste ponto, como exploratória e inicial.

e) Estudo da diferenciação sexual das figuras humanas desenhadas.

- Uma vez que a técnica da prova exige o desenho de figuras humanas dos dois sexos, dados muito importantes resultam do tratamento dispensado a cada uma. O indivíduo, ao desenhar, poderá apresentar os dois sexos de maneira muito semelhante, diferenciando-os em traços mais evidentes e secundários como: comprimento e “jeito” dos cabelos, peças rudimentares do vestuário, etc.; ou poderá se esmerar na representação de figuras bem diferentes, marcadamente masculinas ou femininas.

Sabemos que neste ponto nos deparamos novamente com as citadas influências dos padrões culturais e que o adolescente brasileiro poderá apresentar realização diferente da dos norte-americanos e europeus. Necessário se torna pois, estabelecer em que consiste essa realização, mas de maneira tal que a própria apreciação não seja a resultante dos padrões de julgamento do psicólogo, padrões evidentemente viciados pela cultura a que pertence.

Explicando melhor: se fôssemos julgar, em cada par de desenhos, o nível da diferenciação sexual das figuras masculina e feminina, em termos quantitativos ou mesmo qualitativos, estaríamos introduzindo o fator pessoal da apreciação em função de conceitos do masculino e feminino, de raízes profundas e inconscientes, fruto de toda uma vida de experiências e contactos com um ambiente que valoriza êsses fatos de forma determinada.

E' verdade que o esbôço de uma escala de apreciação poderia diminuir êsse risco de preconceitos no julgar; preferimos, porém, o caminho mais simples e objetivo da verificação das diferenças seguindo item por item do roteiro geral. Em vez de incluir neste um aspecto a mais: o da diferenciação

sexual entre as figuras, o que exigiria maior esforço no exame de cada desenho, além do inconveniente subjetivismo mencionado, deixamos para a fase do tratamento dos dados êste interesse pelo problema. Da análise das diferenças estatisticamente significantes entre o desenho da figura masculina e o da feminina, resultará um quadro genérico de como é desenhada cada uma delas e portanto, de como os adolescentes, em conjunto, concebem uma e outra.

A diferenciação sexual dos desenhos poderá ser estudada em conjunto com os traços característicos do desenho feito por rapazes e por moças, completando o quadro para o estabelecimento de uma escala de avaliação da masculinidade-feminilidade.

II — Escolha da amostra

Neste ponto devemos esclarecer que nos pareceu digna de ser aproveitada a oportunidade surgida com a pesquisa planejada e dirigida por Arrigo Leonardo Angelini, professor catedrático de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., em integração com o projeto mais amplo do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, confiado a Bertram Hutchinson.

Estudamos a possibilidade e conveniência da coleta dos desenhos da figura humana nos adolescentes que constituiriam a amostra de Angelini. Além das facilidades de aplicação da prova, contaríamos com outros possíveis dados como nível sócio-econômico-cultural da família, e escolaridade, nível mental, interesses e motivação dos adolescentes, pois a investigação citada pretendia estudar as Características Sócio-Psicológicas gerais das crianças e adolescentes de populações urbanas.

Os sujeitos de nosso estudo seriam então os adolescentes do grupo a ser investigado por Angelini, em um total aproximado de mil indivíduos, de idades entre 12 e 18 anos, extraídos da amostra de famílias do estudo de Hutchinson (1962).

Êsse pesquisador começou por escolher as cidades que seriam objeto da investigação: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo

Horizonte, Juiz de Fora, Volta Redonda, Americana, Curitiba e Londrina. Não foram tomadas ao acaso, pois quatro delas são capitais de estados e as restantes oferecem características especiais.

Não constituem pois, e nem pretendem constituir, nas palavras de Hutchinson (1962, cap. II, pág. 5), uma amostra das cidades do país, pois seria muito difícil projetar um método de amostragem que chegasse a apontar oito cidades como estatisticamente representativas de tôdas as cidades dos estados do Rio, São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Um número muito maior de cidades deveria ser selecionado e a pesquisa não poderia ser concretizada por limitações financeiras facilmente compreensíveis.

Os critérios para a escolha das cidades foram então outros que não os estatísticos: as capitais dos estados em questão, como os maiores centros urbanos e que maior atração oferecem às migrações rurais e as quatro restantes, como ilustração de cidade de tipo único na região. Americana, por exemplo, apesar de relativamente pequena, foi escolhida por ter apresentado na década passada uma taxa de crescimento urbano que é fora do comum, mesmo no Brasil; Juiz de Fora por ser uma cidade tradicional, com um centro industrial em crescimento; Londrina, relativamente nova e com interêsses predominantemente agrícolas e Volta Redonda, de desenvolvimento determinado pela siderurgia nacional. Afirma ainda Hutchinson que não há bases lógicas ou estatísticas para generalizar-se dessas cidades para as áreas urbanas em geral, mas que, entretanto, há considerável base empírica para tais generalizações, uma vez que as condições dentro das cidades selecionadas não apenas são muito semelhantes entre si, como também apresentam analogia com as condições observadas em áreas urbanas através do mundo.

As capitais e cidades foram limitadas aos quatro estados mencionados em razão também de fatores financeiros. A relativa proximidade geográfica, favorecendo o acesso dos entrevistadores, veio acentuar o aspecto significativo das qua-

tro capitais como centros urbanos; enquanto outras, também significativas como tais, não entraram no estudo.

Devemos aqui lembrar que êsses mesmos fatores financeiros se fizeram sentir depois, durante a coleta de nosso material, determinando grande redução: quatro cidades não puderam ser estudadas. A coleta teve de ser interrompida e como a ordem havia sido: São Paulo, Americana, Rio e Belo Horizonte, estas quatro constituíram as fontes do material analisado neste trabalho. Neste ponto, reportando-nos às considerações de Hutchinson, podemos considerá-las centros urbanos típicos do país.

Escolhidas as cidades, o passo seguinte foi selecionar a amostra dentro de cada uma (Hutchinson, 1962).

Com relação ao Rio e São Paulo, tornou-se necessário uma limitação geográfica através da seleção de distritos dentro dos quais a amostra seria obtida. Essa seleção foi feita com o objetivo de se conseguir uma distribuição da amostra tão vasta quanto financeiramente possível, incluindo, ao mesmo tempo, em suas devidas proporções, as várias secções sociais ou ecológicas da população da cidade. O número de entrevistas a ser feito em cada distrito seria proporcional à sua contribuição para a população total. No caso de São Paulo, partindo dos sub-distritos que formam o município, 16, dos quarenta bairros existentes, foram selecionados para um total de 1.000 entrevistas. No Rio, por causa do maior tamanho e menor número, os distritos selecionados foram menos numerosos; mas a redução possível na dispersão da amostra não parece causa suficiente para suscitar problemas quanto à validade do material.

Para as demais cidades foram adotados outros processos. Passamos a relatar aqui apenas aqueles usados com as duas que interessam a esta pesquisa. Em Americana, de início tomou-se toda a cidade: o entrevistador foi instruído no sentido de selecionar os informantes em cada rua da área urbana, partindo do centro da cidade para a periferia. Este processo funcionou satisfatoriamente, dando em resultado uma amostra bem dispersa. Em Belo Horizonte, por causa da falta de dados referentes às populações dos distritos da cidade e pelo fato de ser esta muito

grande para permitir entrevistas em tôdas as ruas, um nôvo procedimento foi tentado. As ruas foram selecionadas sistematicamente, a intervalos determinados, de uma lista que se apresentava como a mais completa e atualizada. Obtiveram-se 73 ruas que, uma vez observadas no mapa geral da cidade, demonstraram satisfatória situação geográfica, com maior concentração na área central, menor na suburbana e satisfatória nas áreas industriais. Aconteceu, porém, que êsse plano da cidade, embora oficialmente aprovado, continha alguns erros, que tornaram necessário substituir algumas das ruas selecionadas, mas êste fato não parece ter prejudicado a amostra de modo significativo.

A êsse estágio preliminar de escolha das cidades e áreas dentro delas, seguiram-se os mais complexos da seleção dos indivíduos que constituíram os sujeitos da pesquisa.

Dentro de cada distrito escolhido no Rio e em São Paulo, o número total de ruas continuava muito grande para que as entrevistas fôsem feitas sem muita perda de tempo em viagens improdutivas. Foi planejado então um roteiro para cada distrito de forma a se garantir o acesso a sujeitos provindos das principais áreas sócio-econômicas. O entrevistador foi instruído para seguir rigorosamente êsse roteiro e escolher para a entrevista uma casa em cada grupo de cinco. Instruções precisas foram dadas sôbre como passar de uma rua para outra e casos de “bêco sem saída” e de vilas. Prédios de apartamentos seriam considerados como ruas e um apartamento em cada grupo de cinco deveria ser visitado; habitações nos fundos de uma casa seguiriam o mesmo princípio que o dos apartamentos. Pensões seriam consideradas como casa; mas hotéis, hospitais, quartéis, prisões, escolas, conventos, etc. seriam omitidos completamente. Nas outras cidades, uma vez que não foi necessário o roteiro de distrito, o entrevistador recebeu instruções sôbre como escolher as casas e a seguir, dentro delas, os indivíduos a estudar.

Foi feito assim um levantamento da amostra de famílias das cidades mencionadas. Dessa amostra é que passamos a extrair aquela que seria objeto de nosso estudo. Hutchinson

prosseguiu com sua pesquisa voltada principalmente para adultos e nós interessados em crianças e adolescentes, passamos a cuidar do planejamento da ação de nossas pesquisadoras.

Em cada cidade tomamos as famílias, selecionadas pelo procedimento descrito, e após cuidadoso exame separamos aquelas que possuíam indivíduos entre as idades de 7 e 18 anos, com mãe viva (detalhe necessário à pesquisa de Angelini). Dêse conjunto de famílias, através de sorteio, escolhemos ao acaso, 250 em cada cidade.

De cada família sorteada tínhamos o enderêço completo, além de outros dados já colhidos na pesquisa mencionada. Acontece, porém, que algumas modificações na vida familiar poderiam ter ocorrido, pois um espaço de vários meses se intercalava entre o levantamento das famílias e o início da ação de nossas aplicadoras. Poderia dar-se o caso, como de fato ocorreu, de sujeitos, anotados como adolescentes, já ultrapassarem os 18 anos quando procurados para nossa pesquisa; ou então, de haver a família mudado sem deixar enderêço ou outras indicações; ou recusar-se agora a responder mais perguntas, pois já se cansara de tanta solicitação; ou ainda suceder que fatôres vários tivessem afastado, temporária ou definitivamente, os sujeitos procurados. Para superar as dificuldades dêsse tipo, em cada cidade, ao lado do primeiro sorteio, foi realizado um segundo para organização de uma reserva: famílias a serem procuradas nos casos de emergência, os quais a prática apontou como pouco freqüentes.

As listas das famílias, ordenadas em função da localização geográfica em cada cidade, foram sendo entregues às entrevistadoras à medida que a coleta do material ia se desenvolvendo. Cada entrevistadora recebeu então uma lista principal e uma de reserva, com instruções bem precisas sôbre como usar ambas.

O contrôle exercido durante todo o trabalho de coleta nos permite afirmar que êste processo funcionou satisfatôriamente.

Hutchinson (1960 e 1962) argumenta amplamente, apresentando os motivos que o levaram a adotar êsse procedimento para escolha da amostra.

Crítica a deficiência das listas de registros da população, seja para fins de alistamento eleitoral, seja para carteiras de identidade, etc.; a ineficiência do uso de listas telefônicas para escolha das famílias e a ausência de um bom inventário da população, o que não permitiu dar aos entrevistadores iniciais uma lista dos indivíduos a serem pesquisados. Para não deixar por conta dos entrevistadores todo um processo de seleção, para o qual não se podia esperar que estivessem preparados ou motivados suficientemente para afastar os vícios — além de que erros poderiam ocorrer apesar do esforço pessoal para evitá-los — foi adotado o procedimento acima descrito. Apesar da escolha final permanecer a cargo do entrevistador, neste procedimento é possível o mesmo tipo de controle que o da lista amostra pré-organizada. E, de acordo com os estudos comparativos feitos por Hutchinson (1962, cap. II, págs. 11-20) entre a amostra colhida e os dados do censo de 1950 pode-se concluir que, de maneira geral, ela foi satisfatória. As distorções encontradas não foram grandes; tendo em vista as condições em que foi feita a escolha, bem como o fato de que dados do censo nem sempre são comparáveis com os da amostra, e que não deve ser desprezada a possibilidade de outros erros na coleta do material de amostras específicas da população, as amostras tomadas são provavelmente tão satisfatórias quanto é possível na presente conjuntura.

Devemos acrescentar que, na parte que nos coube todo o cuidado foi tomado para garantir a “randomização” da amostra. Podemos ser argüídos pelo fato de não termos tomado todas as famílias focalizadas na pesquisa de Hutchinson, mas lembramos que o aspecto financeiro não pode ser desprezado e que com esta sub-amostra poderíamos obter número suficiente para os propósitos de nossa pesquisa.

III — Sujeitos

Os sujeitos desta pesquisa foram indivíduos de ambos os sexos, de idades entre 12 e 18 anos, de quatro cidades brasileiras: São Paulo, Americana, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

As idades cronológicas foram tomadas no sentido de idade completa, isto é, a idade de 12;0;0 a 12;11;29 foi considerada como 12 anos e assim por diante. Ponderamos as críticas a êsse sistema e ao outro, em que as idades são contadas do meio do ano anterior até o meio do ano seguinte, e optamos por êste.

O planejamento previra coleta de material em oito cidades, com um total aproximado de mil casos, mas pelos motivos já expostos, foi necessário reduzir o número das cidades para quatro e alguns fatores circunstanciais levaram a um total de 494 casos.

A amostra que resultou da coleta está exposta na tabela I.

Pode-se constatar que, a partir da idade de 13 anos, há uma progressiva diminuição no número de casos e que só nas idades de 14 e 16 anos o número do sexo feminino ultrapassa o masculino; no conjunto, porém, pequena diferença se apresenta a favor dêste último. O número total de casos não é idêntico para tôdas as cidades, sendo, porém, muito aproximado, exceção feita de Americana.

Dado o processo de amostragem adotado, podemos considerar êsses detalhes como resultantes naturais da situação.

Um exame inicial dos desenhos levou ao afastamento de 19 casos pelos seguintes motivos:

1.º) Recusa a desenhar as duas figuras

3 do sexo feminino, em São Paulo.

2 do sexo feminino, em Americana.

2 — um do sexo masculino e um do feminino, no Rio de Janeiro.

2.º) Recusa a desenhar uma delas:

1 do sexo masculino, em São Paulo.

1 do sexo masculino, em Americana.

2 — um do sexo masculino e um do feminino, no Rio de Janeiro.

Total das rejeições — 11.

3.º) Desenho desintegrado:

1 do sexo masculino, em Americana.

4.º) Figurinha de Preisler ou desenho pedagógico:

3 do sexo feminino, em São Paulo.

5.º) Não aproveitáveis por muito incompletos:

1 do sexo feminino, em Americana.

2 do sexo masculino, no Rio de Janeiro.

1 do sexo masculino, em Belo Horizonte

Dessa forma, a distribuição da amostra com que trabalhamos é a apresentada na Tabela II.

Como dissemos anteriormente, os sujeitos desta pesquisa seriam submetidos a outras provas psicológicas, ao mesmo tempo em que seriam colhidos dados a respeito da escolaridade de cada um e da situação sócio-econômica da família. Utilizando-nos dessa coleta, podemos caracterizar melhor o grupo estudado, focalizando-os sob os ângulos do nível sócio-econômico do pai e da escolaridade do adolescente.

O “status” sócio-econômico dos sujeitos, indicado pelas ocupações dos pais, analisadas de acôrdo com os níveis ocupacionais de Hutchinson (1960) pode ser visto na Tabela III.

Como se vê, há uma concentração nos níveis 3, 4 e 5; 68,7% dos pais dos adolescentes estudados, exercem atividades profissionais como: escriturário, bancário, bibliotecário, despachante, viajante comercial, dono de pequeno estabelecimento comercial (exs. do nível 3); contra-mestre, mestre de obras, balconistas (exs. do nível 4); alfaiate, tecelão, mecânico, carpinteiro, etc. (exs. do nível 5). As ocupações manuais semi-especializadas e não especializadas, como por exemplo, garção, pedreiro, cozinheiro, trabalhador agrícola, aparecem a seguir, com 16,6%; mais à distância, vêm cargos de gerência e direção (gerente de fábrica, de banco e comercial, professor, contador, etc.) e profissões liberais e altos cargos administrativos (médico, advogado, jornalista, fazendeiro, diretor superintendente de companhia, etc.).

Pode-se concluir por uma predominância dos “status” médio e inferior, no referente ao prestígio social da ocupação paterna, o que possivelmente reflete a situação geral da população das cidades estudadas: grandes centros urbanos, capitais

de estado ou importante cidade industrial. Chama atenção a inexistência de famílias sem atividade profissional definida e o fato das ocupações manuais semi-especializadas e não especializadas se apresentarem com percentagem menor que a dos três níveis anteriores.

A **escolaridade** do grupo estudado pode ser vista na Tabela IV.

Para uma visão de conjunto rápida, os vários ramos do ensino médio foram englobados sob a denominação de Médio apenas, e o grau assinalado mostra o nível atingido. Assim, 3a. série ginásial será: Médio — 3.º ano; 2.º clássico ou 2.º científico: Médio — 6.º ano; 1.º Normal; Médio — 5.º ano; 2.º Comercial Básico: Médio — 2.º ano. As poucas dúvidas que surgiram puderam ser resolvidas com consultas à articulação dos cursos de nível médio.

A tabela mostra incidência um pouco maior no 4.º ano primário. Esse fato, porém, deve ser entendido como resultante da confluência de dois fatores: 1.º) certo número de adolescentes de 15 a 18 anos não prossegue os estudos após a conclusão do primário; 2.º) existe entre os sujeitos grande número de adolescentes justamente em idade de ainda estar cursando o 4.º ano primário. Chamamos atenção para a tabela II, que mostra a concentração dos sujeitos nas idades menores: 89 com 12 anos e 100 com 13 anos, idades que ainda podem ser encontradas entre os alunos do 4.º ano primário. A queda no 5.º ano primário parece corresponder a uma situação de fato: reduzido número faz o 5.º ano, ou o curso de admissão, durante todo um ano. A seguir, a distribuição parece atender à tabela II, assim como refletir o fenômeno da diminuição progressiva do número daqueles que seguem os estudos até o final do curso médio.

Buscando caracterizar um pouco mais o grupo, focalizaremos os **interesses** expressos no inventário elaborado por Angelini, A. L. e Angelini, H. R. C. (1960), para uso em nosso meio. Os campos compreendidos se referem a nove áreas de atividades profissionais: Ciências Físicas (C. F.), Ciências Biológicas (C. B.), Cálculos (C.), Atividades Persuasivas (P.), Atividades

Burocráticas (B.), Atividades Sócio-Humanitárias (S.), Literatura (L.), Artes Plásticas (A.), Música (M.).

As distribuições por frequência das áreas que se colocaram em primeiro e segundo lugar, podem ser vistas nas tabelas V e VI

Elas nos mostram que nossos adolescentes escolhem como campo de interesse, em primeiro lugar, e de maneira destacada, as Ciências Físicas, seguindo-se de perto Atividades Sócio-Humanitárias, Ciências Biológicas e Música. No segundo posto da preferência se destacam: Ciências Biológicas, Atividades Sócio-Humanitárias, Literatura, Ciências Físicas, Cálculo, Artes Plásticas e Música. Em conjunto: Ciências Físicas e Ciências Biológicas, Atividades Sócio-Humanitárias, Música, Literatura, Artes Plásticas e Cálculo são as áreas de interesse mais pronunciado dos adolescentes estudados. Atividades Burocráticas e Persuasivas, principalmente estas, são muito pouco cotadas.

O exame dos quadros em função do sexo nos leva a outras observações: 1) enquanto os rapazes se concentram de forma definida no campo das Ciências Físicas como primeiro lugar na preferência, as moças, embora escolhendo mais Atividades Sócio-Humanitárias e Música, apresentam maior dispersão e variedade; 2) no segundo plano de escolha, para os rapazes destacam-se as Ciências Biológicas e Físicas e para as moças Atividades Literárias, Sócio-Humanitárias e Artes Plásticas; 3) em conjunto, os rapazes revelam maior preferência por Ciências Físicas e Biológicas; as moças, por Atividades Sócio-Humanitárias e Artísticas (Literatura, Música e Artes Plásticas).

Os resultados analisados tanto em função do grupo todo como em relação aos dois sexos concordam, em linhas gerais, com os de Angelini (1957) que utilizou outro inventário ("Interest Schedule" de Thurstone) em pesquisa com adolescentes ginásianos da capital paulista. Podemos considerá-los característicos dos interesses atuais da adolescência e concluir que, nesse particular, o grupo estudado é expressivo da adolescência das grandes cidades.

IV — Coleta do material

A aplicação da prova do desenho da figura humana foi feita em condições individuais e no próprio domicílio do adolescente.

As aplicadoras, graduadas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da U.S.P., algumas cursando especialização, foram treinadas para a coleta do material, após explicações sobre a natureza da prova e da pesquisa a ser feita.

Receberam por escrito as instruções que vêm no apêndice III, conjuntamente com o material necessário que consistiu sempre de papel sulfite cortado em tamanho ofício, lápis Johann Faber n.º 2, borracha e apontador ou “gillette”. Recomendou-se-lhes que seguissem à risca as instruções. Para tal deveriam, depois de assegurar um lugar cômodo para o adolescente sentar e desenhar, livre de interrupções e distrações, colocar a sua frente uma folha do papel, com a dimensão maior perpendicular ao eixo do corpo; após fornecer-lhe lápis, borracha e apontador ou “gillette”, pedir o desenho de uma árvore e a seguir o de uma figura humana, em outra folha colocada na mesma posição que a anterior. Após marcar o número 1 no verso dessa folha, solicitariam o desenho de uma figura humana do sexo oposto ao da desenhada antes.

Vários pormenores foram recomendados especialmente: deixar o adolescente trabalhar o tempo que quisesse; responder sempre a perguntas sobre detalhes dizendo apenas: “como quiser” ou “à vontade”, com exceção do referente à necessidade de completamento da figura (onde se deveria insistir na “Figura de corpo inteiro”) e de ausência de desenho esquemático ou tipo “figurinhas de Preisler”. Algumas informações complementares constaram ainda das instruções: como fazer no caso de relutância do adolescente para desenhar e no de dúvidas quanto ao sexo da figura desenhada em primeiro lugar.

Como se cuidava de obter do adolescente o desenho de figuras humanas, para evitar possíveis reações diante da aparente dificuldade da tarefa (para, por assim dizer, “quebrar o gelo”) e ao mesmo tempo, colher mais uma prova psicológica

para futuros estudos, foi solicitado em primeiro lugar o desenho de uma árvore. Na prática clínica, essa maneira de proceder tem provado sua utilidade: após desenhar a árvore o adolescente aceita, como prosseguimento da tarefa, fazer a figura humana. Pelo que pudemos inferir dos contactos com as aplicadoras, realizados regularmente para análise dos problemas surgidos na coleta, bem como pelas conclusões a que chegamos com a presente pesquisa, verificamos que a situação funcionou satisfatoriamente.

Pode-se discutir a influência da inclusão do “teste da árvore”, assim como o fato de os desenhos serem solicitados ao lado de outros testes e questionários. Lembramos, porém, que essa influência foi constante para todos os sujeitos, uma vez que as provas foram aplicadas na mesma ordem em duas sessões, em dias distintos.

Insistiu-se em que o fato de se solicitar o nome do sujeito não visava a identificação completa do adolescente, mas apenas facilitar os primeiros trabalhos, evitando as perdas resultantes da separação das folhas dos desenhos do conjunto das provas. À medida que o material ia sendo entregue pelas pesquisadoras, procedíamos imediatamente à classificação do mesmo, escrevendo no verso da folha os números correspondentes ao sujeito e acrescentando o sexo, a escolaridade e a idade.

A informação relativa ao tempo gasto com os desenhos, apesar de solicitada pelas instruções, nem sempre constou do material colhido. Compreendendo as dificuldades das aplicadoras e não considerando essencial a nossos propósitos essa informação, resolvemos eliminar êsse aspecto da pesquisa. Observações do autor sobre o desenho feito apareceram em alguns casos, mas a dificuldade de controlar êsse aspecto em uma situação como a já descrita para o trabalho da aplicadora, levou-nos a deixar de lado também essa informação complementar.

De maneira geral, a aplicação foi boa e o entusiasmo, dedicação e boa vontade das aplicadoras, ao lado do bom nível cultural e intelectual, contribuíram para que essa fase da pesquisa se realizasse a contento.

V — Tratamento dos dados

Como pretendíamos seguir a linha de Machover, e também atingir os objetivos propostos, preparamos, em primeiro lugar, uma forma de registro dos dados a serem observados nos desenhos.

Partindo da enumeração, tão completa quanto possível, dos aspectos a serem estudados em um desenho da figura humana, chegamos a uma lista de 286 itens. Para experimentá-la fizemos uma tabulação-pilôto, tomando, de cada uma das quatro cidades, vinte e cinco desenhos ao acaso. Nesse trabalho fomos resolvendo dúvidas iniciais, verificando a necessidade de agrupar melhor alguns itens, modificar, retirar ou acrescentar outros, de tal forma que um estudo cuidadoso nos levou à elaboração de uma lista final de 278 itens. Adotando o código “0” para aqueles casos que iriam ser afastados da análise (000 = recusa a desenhar; 00 = desenho desintegrado e 0 = figurinha de Preisler ou desenho pedagógico) e, a seguir a série natural dos números inteiros para a enumeração feita, chegamos à codificação que se pode ver no apêndice I.

A fim de garantir objetividade na análise dos desenhos, planejamos em relação a alguns itens recursos de avaliação ou de verificação, os quais podem ser encontrados nos apêndices IV e V, e que são respectivamente: para o tamanho relativo da figura, itens 10 a 19; para sua localização na folha, itens 20 a 29.

Em seguida, passamos à análise dos desenhos em função dessa lista codificada de itens. Procedemos à análise, em cada desenho do par, pela verificação da presença dos itens enumerados e anotação do número correspondente em um lugar determinado, de preferência na extremidade inferior direita da folha de papel. Assim cada folha passou a apresentar, no final desta fase, uma série de números seguindo a ordem natural, série essa que esgotava as possibilidades de análise do desenho.

O passo seguinte foi a tabulação e organização dos quadros estatísticos. Planejou-se o trabalho com agrupamento de itens de acordo com as categorias que vêm especificadas no apêndice II, categorias essas que presidiram à elaboração da

lista-código, como expressão dos aspectos essenciais a serem estudados em um desenho da figura humana. Para algumas categorias previu-se inclusive a necessidade de agrupar ainda mais os itens para facilidade de tabulação e organização dos quadros. Estudou-se então o tipo de tabulação a ser feito: por cidade, idade e sexo do autor para as categorias I e II, para as duas figuras em conjunto; por cidade, idade e sexo do autor e sexo das figuras, para as categorias de III a XIII; por cidade, por grupo de idade e sexo do autor, e sexo das figuras, para as outras.

As tabelas finais conteriam, porém, apenas os dados das quatro cidades em conjunto e conforme a complexidade e dispersão do fato seria êle apresentado em função da idade do autor, ano por ano, ou dos grupos de idade: 12 a 14 e 15 a 18 anos. De início, pareceu-nos que as categorias referentes a dados gerais do desenho, isto é, as de I a XIII mais XXVIII e XXX, poderiam ser focalizadas ano a ano nas idades com que iríamos operar; e que as outras categorias, que dizem mais respeito a aspectos muito detalhados da figura, deveriam ser analisadas em função dos grupos de idade. O trabalho posterior nos mostrou que em alguns pontos do primeiro caso havia necessidade de modificar o planejado, como por exemplo, no referente às categorias III, IV, VII e VIII em que a incidência diminuta do fenômeno não possibilitou a distribuição por idades.

Assim as tabelas VII e VIII, apresentam os itens analisados em função da idade do autor, ano a ano, e de seu sexo. Já as três seguintes trazem análise em termos do sexo do autor e da figura desenhada; e as demais, em função do sexo e grupo de idade do autor e sexo da figura desenhada.

A análise em função das cidades onde o material foi colhido, não nos parece deva ser, por ora, objeto de atenção. Embora o passo inicial para a elaboração dos quadros e tabelas tenha sido de cidade por cidade, abandonamos essa análise principalmente naquelas áreas em que os itens são numerosos. Quando êstes atingem a 10 ou mais, a dispersão é tão grande que

em cada cidade contamos sempre com sub-totais muito reduzidos.

Um interesse especialmente dirigido para o estudo das diferenças regionais poderá levar a um aproveitamento dos dados referentes a cada cidade; restringimo-nos, porém, neste ponto, àquêles objetivos propostos no início da pesquisa.

Vencidas as dificuldades do planejamento de tabelas que contivessem todos os dados necessários, passamos à consideração do tipo de porcentagem a ser empregado. Optamos pelo cálculo das porcentagens sempre em relação ao grupo específico a que se referem e não ao total dos desenhos, a não ser, é claro, quando a relação seria feita com êsse total. Pareceu-nos que êsse processo, sem introduzir desvantagens específicas, facilitaria a análise das tabelas.

Para essa análise seria necessário ainda, uma vez calculadas as porcentagens, estabelecer a significância daquelas diferenças que pudessem interessar, isto é, as que expressassem diferenças de realização entre os grupos de idade e de sexo do autor e em função do sexo da figura. A consulta à estatística nos levou a considerar como significativa a diferença que, examinada pelo processo adequado (Garrett, 1962, págs. 35-37), se apresentasse ao nível de confiança de 5%. Se bem que a exigência de 1% seja feita por muitos pesquisadores, parece-nos suficiente a apontada, pois, segundo Garrett (1962), pode-se admitir, com razoável segurança, que há uma diferença real na incidência do fenômeno nos dois grupos considerados quando se atinge o nível de confiança de 5%.

O problema da significância das porcentagens em si também nos preocupou, levando-nos a maiores consultas para estabelecimento de nosso plano de trabalho: dado que os totais a que as porcentagens se refeririam seriam predominantemente de números acima de 100, poderiam ser considerados significantes (Garrett, 1962).

Superados êsses problemas, procedemos à análise das tabelas em termos dos aspectos mais característicos para o grupo como um todo, assim como, quando possível e conveniente, em função da idade e sexo do autor e do sexo da figura de-

senhada. Os resultados a que chegamos são apresentados no capítulo B desta Segunda Parte.

Seguiu-se o trabalho de discussão e interpretação desses resultados, comparações com outros estudos da mesma natureza, críticas e conclusões, o que vem relatado na Terceira Parte. Analisamos os resultados gerais das tabelas e estudamos o significado psicológico atribuído por Machover e outros pesquisadores aos itens do desenho da figura humana. Em seguida, após a caracterização psicológica dos adolescentes estudados, procuramos estabelecer os traços comuns e não comuns ao grupo e ensaiar uma crítica à interpretação psicológica do desenho da figura humana. Finalmente, abordamos as diferenças entre os grupos de idade, entre os desenhos feitos por rapazes e por moças, e, por último, entre os desenhos das figuras masculina e feminina. Atendemos assim aos objetivos propostos e chegamos às conclusões gerais que constituem o capítulo A da Quarta Parte.

B — RESULTADOS

Considerando-se os vários itens da codificação adotada e as categorias estudadas nos desenhos das figuras humanas, os resultados a que chegamos podem ser expressos nas tabelas e análises que se seguem.

Lembramos que as duas primeiras tabelas se referem a itens resultantes de uma relação entre as duas figuras do par e por isso a análise se faz em função do sexo do autor e de sua idade, ano a ano. Entretanto, como se pode verificar facilmente, essa distribuição da frequência do item ano por ano não trouxe resultados compensadores. Foi então retirada das três tabelas seguintes, uma vez que a reduzida incidência do item focalizado não justificaria distribuição por idade; e nas demais tabelas, a variável “idade” aparece em termos de grupos: 12 a 14 anos e 15 a 18 anos. Assim, as tabelas a partir da XI, apresentam os itens de uma dada categoria, distribuídos em função do sexo e grupo de idade do autor e sexo da figura. As análises se atêm aos aspectos característicos do grupo co-

mo um todo e aos dos sub-grupos determinados pelo sexo e idade do autor e sexo da figura desenhada.

Devemos lembrar ainda, como foi relatado no capítulo anterior, que, em cada tabela, as porcentagens se referem aos sub-grupos estabelecidos para a análise. Como em quase tôdas as tabelas os totais de cada um dêsses grupos permaneceram constantes, podemos ver no quadro I os sub-grupos empregados e os totais respectivos, em relação aos quais foram calculadas as porcentagens.

Quadro I

Idade	12 — 14 anos			15 — 18 anos			Totais		
Sexo do autor	M	F	T	M	F	T	M	F	T
Totais	270	256	526	214	210	424	484	466	950

Os sub-grupos: figura do sexo masculino e figura do sexo feminino contaram quase sempre com o total de 475 cada um, uma vez que a análise dêste aspecto foi feita apenas em relação aos totais das figuras de cada sexo. Nas tabelas XX, XXVII, XXXV, XXXVI, XXXVIII, XXXIX, XL e XLI, os totais referentes aos sub-grupos variaram, porque a elevada incidência de omissões do item considerado determinou a necessidade de estabelecer as porcentagens em relação aos números de desenhos que apresentassem o item e não aos totais de indivíduos do sub-grupo.

Em cada tabela, dada a dificuldade criada pela existência do sexo do autor do desenho e do sexo da figura desenhada, adotamos como norma o seguinte código:

M — sexo masculino do autor

F — sexo feminino do autor

♂ — figura do sexo masculino

♀ — figura do sexo feminino

As primeiras tabelas trarão êsse esclarecimento para familiarizar o leitor, mas nas seguintes a legenda constará ape-

nas do significado de cada item da análise, uma vez que na tabela só aparecem os números designativos.

Cabe-nos ainda, repetindo o discutido no capítulo anterior, lembrar que as diferenças de porcentagens, mencionadas a seguir, são sempre apenas aquelas que apresentaram significância estatisticamente determinada, ao nível de confiança de 5%, pelo menos.

Partindo dos primeiros itens focalizados e seguindo de perto a numeração atribuída a cada um na codificação adotada, apresentamos a seguir as tabelas e respectivas análises, referentes a cada categoria considerada.

Na Terceira Parte dêste trabalho focalizaremos a discussão e interpretação dêsses resultados.

I — Ordem das Figuras do Par

A tabela VII indica que 79,3% dos adolescente, praticamente 4/5 portanto, desenharam em primeiro lugar a figura do próprio sexo. No conjunto dos casos, moças e rapazes apresentaram o fenômeno em igual porcentagem; em função dos grupos de idade não aparecem diferenças estatisticamente significantes. A análise das diferenças, ano para ano, aponta como significativa apenas a queda que se verifica aos 18 anos na porcentagem do desenho da figura do próprio sexo em primeiro lugar.

II — Tamanho Relativo das Duas Figuras do Par

Como se pode ver na tabela VIII, 45,0% dos adolescentes desenharam a figura masculina menor que a feminina, enquanto 32,6% fazem ambas de igual tamanho e 22,3% apresentam a figura masculina maior. Os rapazes, em comparação com as moças, fazem mais freqüentemente a figura masculina maior e menos, a masculina menor. A idade dos autores não se associa a diferenças significantes, quer se considerem os grupos de idade, quer as variações ano a ano.

III — Completamento das Figuras

Apenas 3,5% dos adolescentes desenharam a figura incompleta, isto é, sem os membros ou sem o tronco, abandonando

a execução e considerando-a acabada (tabela IX). O sexo e a idade dos autores e o sexo da figura desenhada não são acompanhados de variações significantes.

IV — Posição da Fôlha

Na tabela X verificamos que apenas 4,7% dos adolescentes estudados usaram a fôlha em posição diferente daquela em que foi apresentada. Tendo sido colocada diante deles com a dimensão maior perpendicular ao eixo do corpo, raramente foi mudada substancialmente, isto é, colocada com a dimensão maior paralela à mesa. O sexo da figura, assim como sexo e idade dos autores, não introduzem variações significantes.

V — Postura das Figuras

Em um conjunto de 950 desenhos, apenas 2 apresentaram a figura humana em outra postura que não “em pé”; uma figura feminina aparece sentada e outra masculina está ajoelhada. Feitas, respectivamente por adolescentes de São Paulo e de Belo Horizonte, ambos do sexo masculino, não se prestam a maiores estudos dado o reduzido número. Podemos concluir que adolescentes solicitados a desenhar a figura humana representam-na de pé.

VI — Movimento das Figuras

Apenas 6,2% dos adolescentes desenharam a figura humana em movimento aberto. Em face da diminuta incidência do fenômeno, não foi possível estudá-lo em função da idade, mas aspectos interessantes aparecem com relação ao sexo do autor e ao da figura: rapazes desenharam mais freqüentemente “em movimento” que as moças; ambos atribuem movimento, com maior freqüência, à figura masculina (tabela XI).

VII — Tamanho em relação à fôlha

Nesta categoria já podemos ver que os itens são mais numerosos e a tabela se torna mais complexa. Como se tratava de avaliar o tamanho dos desenhos em relação à fôlha do papel, várias proporções foram estabelecidas de maneira a for-

necer melhor discriminação. Para avaliação usou-se o crivo de papel vegetal, já mencionado e constante do apêndice II.

A tabela resultante (XII) nos mostra que 22,0% dos desenhos são do tamanho de $1/8$ da fôlha; 19,7% são de $1/16$; 14,8%, $1/4$ da fôlha; 13,8%, $1/6$; 10,8%, $1/32$; 8,5%, $1/3$; 4,7%, metade; 4,1%, $1/64$. Desenhos do tamanho de $2/3$ da fôlha, de fôlha tôda ou quase e de $1/128$ apresentam-se em porcentagens muito reduzidas.

O fenômeno apresenta alguma variação com a idade e sexo do autor: no grupo de 15-18 anos, considerado em relação ao de 12-14 anos, aparecem um pouco mais os tamanhos $1/3$ e $1/4$ e um pouco menos $1/16$ e $1/32$; moças desenhavam mais freqüentemente figuras de metade da fôlha e de $1/64$, e menos de $1/8$. O sexo da figura se mostra associado a certa variação: a figura feminina ocupa com maior freqüência a metade e $1/6$ da fôlha que a figura masculina.

Para possibilitar conclusões mais rápidas e imediatas, adotamos como critério considerar **muito grande** o tamanho da fôlha tôda ou quase; **grande**, $2/3$ e metade da fôlha; **médio**, o de $1/3$, $1/4$ e $1/6$ da fôlha; **pequeno**, o de $1/8$, $1/16$ e $1/32$ e **muito pequeno**, o de $1/64$ e $1/128$ da fôlha.

Conclusão — Os desenhos estudados apresentaram predominantemente tamanhos médios e pequenos. São raros os muito grandes, os grandes e os muito pequenos. A idade e o sexo dos autores introduzem algumas variações: as dimensões do desenho crescem à medida que aumenta a idade dos sujeitos, ao mesmo tempo que se verifica maior freqüência de tamanhos pequenos nos desenhos dos rapazes.

VIII — Localização na Fôlha

Para estudar a localização do desenho na fôlha de papel, planejamos dividi-la em quadrantes, numerando-se, de 1.º a 4.º, a partir do superior direito, seguindo o movimento dos ponteiros do relógio. Para os casos dos desenhos não se enquadrarem perfeitamente em determinado quadrante, ampliamos as

possibilidades de localização: centro, quando a figura se apresenta na região central; à esquerda, quando localizada entre o 3.º e o 4.º quadrantes; à direita, quando entre o 1.º e o 2.º; na metade superior, quando entre o 4.º e o 1.º; na metade inferior, quando entre o 2.º e o 3.º quadrantes; e em diagonal, quando entre o 1.º e o 3.º, ou entre o 2.º e o 4.º quadrantes. O crivo de papel vegetal, usado para a avaliação e constante do apêndice III, permite clara visão do processo adotado.

A tabela XIII, resultante dessa análise, nos mostra que no conjunto dos desenhos a localização se distribui da seguinte forma: 35,5% no 4.º quadrante (superior-esquerdo); 23,2% no centro da fôlha; 17,4% à esquerda da fôlha e 12,4% na metade superior da mesma. As demais localizações apresentam baixas porcentagens: 3,4% para o 1.º quadrante (superior direito); 2,7% para a metade inferior; 2,3% para o 3.º quadrante (inferior esquerdo); 2,1% para a metade direita; 0,5% para a disposição em diagonal e 0,3% para o 2.º quadrante (inferior direito).

Em função do sexo e idade do autor o fenômeno apresenta algumas variações significantes: os rapazes usam um pouco menos freqüentemente o 4.º quadrante e um pouco mais a esquerda da fôlha; o grupo de 15-18 anos ocupa com maior freqüência o centro e a esquerda, e em menor porcentagem o 1.º e 4.º quadrantes. O sexo da figura introduz pequena variação: a figura masculina aparece mais freqüentemente na metade inferior da fôlha que a figura feminina.

Conclusão — Os desenhos das figuras humanas localizam-se predominantemente no quadrante superior esquerdo e no centro da fôlha, assim como na metade esquerda e na metade superior, embora em menor grau. Podemos falar em: orientação do centro para a esquerda e para o alto da fôlha. O quadrante inferior direito praticamente não é usado, aparecendo com porcentagem inferior à da disposição diagonal na fôlha. O sexo e a idade do autor introduzem algumas variações.

IX — Perspectiva das Figuras

O propósito de abarcar os vários tipos de perspectiva apresentados pelas figuras humanas levou-nos a estabelecer nesta categoria os sete itens seguintes: figura tôda de perfil; cabeça de perfil em corpo de frente; cabeça e pés de perfil; só pés de perfil; figura tôda de frente; figura tôda de costas; confusão no perfil, isto é, erros sérios no perfil do rosto, como olhos de frente em rosto de perfil.

Na tabela XIV pode-se ver que 37,0% dos desenhos são figuras de frente com pés de perfil; 26,3% apresentam a figura tôda de frente; 17,3% põem na figura de frente, cabeça e pés de perfil; 13,4% mostram a figura tôda de perfil. Figura de frente mas com cabeça de perfil apresenta baixa porcentagem (3,9%), assim como confusões no perfil (1,8%). A figura tôda de costas aparece com porcentagem muito baixa (0,2%).

Em relação ao sexo dos autores podemos ver que as mulheres desenhavam, em porcentagens um pouco mais elevadas, a figura tôda de frente ou só com a cabeça de perfil, e em porcentagens menos elevadas a figura tôda de perfil ou com cabeça e pés de perfil. À medida que a idade cresce aumenta um pouco a freqüência da figura tôda de perfil e das confusões no perfil, assim como diminui a das figuras com pés de perfil e das que apresentam cabeça e pés de perfil. Em relação ao sexo das figuras não aparecem diferenças significantes.

Conclusão — Adolescentes, em geral, desenhavam a figura humana preferentemente de três formas: tôda de frente, com os pés de perfil ou com cabeça e pés de perfil. Uma certa porcentagem, que aumenta com a idade, desenha a figura tôda de perfil. O sexo e a idade dos autores introduzem algumas variações, mas o mesmo não se dá com o sexo da figura desenhada.

X — Tema dos Desenhos

Para a interpretação dos desenhos da figura humana é fundamental verificar-se o tema escolhido pelo autor: figura mais

jovem ou mais velha que ela, ou de idade aproximada. O estereótipo, isto é, a representação de uma figura padronizada e típica, como “cow-boy”, palhaço, “amigo da onça”, jogador de futebol, índio, marinheiro, bandido, “bonequinho Esso”, militar, chinês, bailarina, noiva, etc., constitui um fenômeno especial nesta categoria, por possuir significado próprio (como será discutido na Terceira Parte deste trabalho), diante do qual a verificação da idade da figura, além de se tornar difícil, deixa de ser necessária.

Os quatro itens considerados nesta categoria são exclusivos entre si. Já o quinto, que se pode ver no apêndice IV sob o número 46 — figura com título — seria adicional a qualquer dos quatro citados; todavia, como não foi encontrado em nenhum dos desenhos estudados, pode ser desde agora abandonado.

A tabela XV, que expressa os resultados da análise dos quatro itens descritos acima, nos mostra que 59,8% dos desenhos representam figuras de idade aproximada à do autor e 33,8% figuras mais velhas que êle. Figuras mais jovens e estereótipos aparecem com porcentagens muito reduzidas.

Em relação à idade dos autores, o fenômeno apresenta clara variação: com o aumentar da idade, cresce o número de figuras de idade aproximada e diminui o de figura mais velha; mas com relação ao estereótipo e à figura mais jovem não se apresentam diferenças significantes.

Em relação ao sexo dos autores, vemos que as moças apresentam uma diferença grande em face dos moços: acentuam bem mais a figura de idade aproximada, diminuem a incidência da figura mais velha; aumentam a da figura mais jovem e reduzem os estereótipos.

O sexo da figura se mostra vinculado a variação significativa com relação aos estereótipos, que se apresentam com maior freqüência na figura masculina; e à figura mais velha, que aparece mais freqüentemente na feminina.

Conclusão — Adolescentes desenhavam de preferência figuras de idade aproximada à sua, ou mais velha. A idade e o

sexo dos autores introduzem variações significantes; com o aumentar da idade, manifesta-se preferência pela figura de idade aproximada, sendo que nas moças aparece mais claro o fenômeno, apesar da incidência da figura mais jovem. O estereótipo e a figura mais velha apresentam maior variação relativamente ao sexo da figura.

XI — Espessura de Linha e Consistência do traçado

Diante da grande dificuldade que apresentaria um julgamento objetivo das qualidades e dos tipos da linha empregada no traçado do desenho, pareceu-nos conveniente separar os dois aspectos: espessura da linha e consistência do traçado, e buscar para cada um dêles os itens mais objetivamente caracterizáveis. Assim, para a espessura da linha optamos por três itens: linha grossa, média e fina; para a consistência do traçado destacamos quatro itens: traçado contínuo, interrompido, trêmulo e de avanços e recuos.

Com referência à grossura da linha, devemos acrescentar que dada a quase impossibilidade de fixar, e depois avaliar em milímetros as grossuras correspondentes aos três itens, usamos o critério de comparar cada uma delas com a espessura do traçado que seria deixado pelo lápis n.º 1 (linha grossa), pelo de n.º 2 (linha média) e pelo de n.º 3 ou 4 (linha fina), quando usados com a pressão normalmente exercida ao escrever. É verdade que se trata de um julgamento arbitrário, mas como foi realizado sempre pela mesma pessoa, pôde-se afastar o risco de grandes variações e garantir uniformidade de critério.

Como se depreende da tabela XVI, 67,7% dos desenhos são feitos com linha de grossura média; 22,0% com linha grossa e 10,2% com linha fina. O fenômeno não apresenta variação significativa relativamente à idade dos autores, mas alguma diferenciação em função do sexo: as moças em relação aos rapazes usam menos freqüentemente linha grossa e um pouco mais a fina e a média. O sexo da figura não introduz variação significativa.

Pode-se ver também que 53,9% dos desenhos apresentam traçado feito de avanços e recuos; 40,5% têm traçado contínuo e apenas 4,6% das figuras são feitas com traços interrompidos e 0,9% com traço trêmulo. Em relação ao sexo dos autores, não aparecem variações significantes; com a idade, porém, já se produz clara diferenciação: no grupo de 15-18 anos cai a porcentagem do traçado contínuo e aumenta a dos avanços e recuos, bem como a do trêmulo. O sexo da figura não introduz modificações significantes.

Conclusão — Adolescentes desenharam a figura humana, em geral, com linha predominantemente de espessura média e traçado de avanços e recuos. A idade introduz variações significantes em relação à consistência do traçado, o sexo dos autores em relação à grossura da linha, mas o sexo da figura não se associa a variações significantes em nenhum desses aspectos.

XII — Linha de solo e outros Complementos

O desenho de uma figura humana assume significados diferentes conforme se apresente a figura isolada na folha de papel ou integrada em certo contexto.

Essa integração pode ser assinalada apenas por uma linha de solo, que fornece uma base simples; pode também evidenciar-se por algo que forneça um apoio definido à figura, como um poste de iluminação, um ponto de ônibus ou uma mesa a que se encoste ou cadeira em que se apóie; pode ainda ampliar-se para um enquadramento da figura em uma janela, elevador ou mesmo um quadro; finalmente pode chegar à representação de uma cena ao redor da figura, com inúmeros outros elementos da situação em que ela se acha integrada.

Verificamos que êsses quatro aspectos ocorrem no material estudado, e de forma não mutuamente exclusiva, com exceção da linha do solo e enquadramento da figura, pois esta última, de maneira geral, tira a possibilidade da primeira. Para os demais, dado que na interpretação os significados se acumulavam, foi anotada a incidência de cada um independentemente dos outros.

A tabela XVII nos revela que apenas 7,0% dos desenhos apresentam linha do solo, sem diferenças significativas em reação ao sexo e à idade dos autores; enquanto que as porcentagens da figura em cena (1,0%), de apoio para a figura (0,9%) e de figura enquadrada (0,1%) são muito baixas para justificar uma análise pormenorizada.

XIII — **Transparência, Articulações e Linha Média**

Embora constituindo itens distanciados na enumeração usada para código, como se pode ver no apêndice I (transparência, item 54, articulações, item 247 e linha média, item 270) foram êsses três aspectos agrupados para a análise, dado o significado que assumem na interpretação do desenho da figura humana, como será indicado na Terceira Parte dêste trabalho.

A tabela XVIII, relativa a êsses três itens, mostra-nos que 20,9% dos desenhos apresentam **transparências** tais como: cabelos através do chapéu, membros ou tronco através da roupa e outros aspectos menos comuns. O fenômeno pode ser observado tanto na figura masculina como na feminina. A idade e o sexo dos autores não introduzem variações significantes.

Articulações, isto é, joelho, punho, articulações dos dedos, aparecem muito pouco nos desenhos estudados (7,2%); são mais freqüentes nas figuras desenhadas pelos rapazes que naquelas feitas pelas moças; nas do grupo 15-18 anos se apresenta maior incidência que nas do grupo de 12-14 anos. O sexo da figura não aparece associado a diferenças significantes.

A **linha média**, expressa por botões, gravata ou linha simples, aparece em 30,6% dos desenhos; duas vezes mais na figura masculina que na feminina e com freqüência um pouco mais elevada nas das moças que nas dos rapazes. A idade do autor não introduz variação significativa.

XIV — **Tamanho relativo da Cabeça**

O tamanho da cabeça, elemento importante para a interpretação dos desenhos da figura humana, deve ser avaliado em

relação à figura como um todo. Adotamos para esta categoria sete itens que a tabulação-pilôto mostrou serem os indicados para abranger toda a variedade dos casos. Esses itens, que no apêndice I aparecem sob os números de 59 a 65 inclusive, são: cabeça correspondente a $1/8$ do tamanho da figura; a $1/7$ da figura; a $1/6$ da figura; a $1/5$; a $1/4$; a $1/3$ e à metade da figura. A omissão da cabeça foi incluída como item 66, mas não tendo sido encontrada, foi desde logo excluída da análise.

A tabela XIX nos permite ver que 26,4% e 26,1% dos desenhos apresentam cabeça de tamanho que corresponde, respectivamente, a $1/5$ e $1/4$ da figura, seguindo-se o tamanho correspondente a $1/6$ (18,0%) e a $1/3$ da figura (12,2%). Tamanhos iguais a $1/7$ e a $1/8$ da figura se apresentam em 9,7% e 6,3% dos casos, respectivamente. Cabeça tomando a metade da figura aparece em 1,2% apenas.

Com relação ao sexo dos autores, podemos notar pequenas variações: as moças desenhavam com maior freqüência que os rapazes a cabeça igual a $1/4$ da figura e, com menor freqüência que estes, a cabeça correspondente a $1/3$ da figura. Com a idade também ocorrem variações: no grupo 15-18 anos acentua-se a incidência do tamanho correspondente a $1/6$ da figura e diminui a dos tamanhos iguais a $1/4$ e à metade. Em função do sexo da figura encontramos pequenas diferenças: a figura masculina apresenta com freqüência um pouco maior a cabeça correspondente a $1/3$ e à metade.

XV — Cabelos

No desenho da figura humana os cabelos ocupam posição de destaque e podem ser focalizados sob vários aspectos: a própria presença ou ausência, o tamanho ou comprimento, os detalhes da apresentação e o fato de receberem sombreamento ou borradura. Cada um desses aspectos assume significado de maior ou menor importância para a interpretação, e por isso foram eles analisados por nós sob os números de 67 a 77 inclusive, na codificação apresentada no apêndice I.

Com referência ao tamanho ou comprimento, devemos ainda informar que os itens: cabelos compridos, médios e curtos se

referem a uma apreciação relativa ao tamanho da cabeça e comprimento do pescoço tomados em conjunto, não sendo possível fixar em centímetros e milímetros o tamanho correspondente a cada item. Acrescentando-se a isso o fato de que essa relação varia com o sexo, podemos ter uma idéia da dificuldade de avaliação dêste aspecto. Para uniformidade de julgamento, adotamos os seguintes critérios: na figura masculina, cabelos médios são aqueles que, em nossa época e cultura, correspondem ao comprimento comum dos cabelos no homem; compridos os que ultrapassam êsse tamanho e curtos os que se apresentam apenas no alto da cabeça. Para a figura feminina já o critério foi outro: consideramos médios os cabelos de comprimento um pouco abaixo da orelha, quase cobrindo o pescoço todo; compridos, os que atingiam os ombros e mesmo os ultrapassavam, e curtos, os que chegavam apenas até as orelhas.

Êstes critérios podem ser argüidos de arbitrários; constituíram, porém, um esforço em busca de objetividade. E os julgamentos resultantes, tendo sido feitos sempre pela mesma pessoa, tendem a ser uniformes.

Na tabela XX podemos ver os resultados do estudo desta categoria. Procederemos à sua análise focalizando cada um dos aspectos mencionados.

Presença e tamanho ou comprimento: 87,3% dos desenhos trazem cabelos, sendo que 40,9% apresentam-nos de comprimento médio, 27,8% compridos e 18,5% curtos.

O sexo e a idade dos autores não introduzem variações significantes, mas o sexo da figura desenhada, como se poderia prever, é fator importante: predominam na figura feminina os cabelos compridos e na masculina os médios e curtos.

Detalhes — 63,5% dos desenhos trazem cabelos abundantes e 21,3% escassos. O sexo dos autores não se mostra vinculado a variação significativa; com a idade já se pode ver que aumenta um pouco a incidência dos cabelos abundantes. O sexo da figura influi bastante, pois a feminina apresenta maior porcentagem de cabelos abundantes que a masculina.

Cabelos destacados da cabeça aparecem em 17,3% dos casos, com definida predominância na figura masculina. Cabelos bem penteados e cuidados aparecem em 37,0% dos desenhos e desordenados em 8,6% apenas. Na figura feminina notam-se êsses dois aspectos mais freqüentemente que na masculina; os rapazes desenharam cabelos desordenados com maior freqüência que as moças e o grupo de 15-18 anos mais cabelos penteados.

Sombreamento ou borradura e omissão — 71,4% das figuras apresentam sombreamento ou borradura no cabelo, predominantemente na parte interna. A idade dos autores não introduz variação significativa, mas o sexo influi: rapazes fazem mais freqüentemente que as moças borradura dentro da cabeleira. A figura feminina recebe borradura com maior freqüência no interior e menor no contôrno, mas em conjunto apresenta maior incidência dêsse traço que a masculina.

12,7% dos adolescentes omitem o cabelo, sendo que o fato ocorre proporcionalmente mais na figura masculina.

XVI — Rosto

Certos aspectos do rosto devem ser focalizados antes de se entrar na consideração dos olhos, orelhas, nariz e bôca. O contôrno do rosto, borrado ou não, a existência de linhas extras ou pintura e o sombreamento da parte interna do mesmo constituíram os itens que estudamos nesta categoria de análise introdutória do rosto.

A tabela XXI, resultante dêsse estudo, nos permite ver o seguinte:

Pintura ou linhas extras no rosto (além da barba e bigode) aparecem apenas em 4,6% dos desenhos; são um pouco mais freqüentes nos desenhos dos rapazes que nos das moças e nos do grupo de 15-18 que nos de 12-14 anos. O sexo da figura não introduz variação significativa.

Contôrno borrado, confuso ou sombreado aparece em 50,4% dos desenhos, sendo mais freqüente nos desenhos feitos por rapazes e nos do grupo de 15-18 anos. O sexo da figura não se associa a variação significativa.

Sombreamento ou borradura dentro do rosto só aparece no grupo de 15-18 anos, com porcentagem muito reduzida. **Omissão do rosto** só se encontra no grupo de 12-14 anos, também com porcentagem diminuta. Ambos aspectos só se evidenciaram na figura masculina; entretanto, como as diferenças de porcentagem não são significantes, podemos atribuir o fenômeno ao acaso.

XVII — Bigode e Barba

Os itens referentes a êstes aspectos são apresentados, na codificação que se vê no apêndice I, bem distanciados dos do rosto; mas, serão aqui analisados em seguida a êstes, dada a natural correlação que apresentam. Barba e bigode foram separados da categoria anterior — onde poderiam ser colocados junto aos itens das linhas extras ou mesmo do sombreamento no interior do rosto — por se constituírem em aspectos bem mais expressivos e característicos e por apresentarem significado especial para a interpretação dos desenhos da figura humana.

Na tabela XXII podemos ver que os adolescentes estudados desenharam bigode e barba apenas na figura masculina, como seria de esperar; e em porcentagem muito reduzida (respectivamente 7,1% e 2,1% dos desenhos da figura masculina). O fenômeno não apresenta variação significativa em relação ao sexo e à idade dos autores.

XVIII — Olhos

Os olhos, como elementos de especial valor para a interpretação dos desenhos de figuras humanas, foram analisados por nós sob vários aspectos: presença e tamanho, detalhes de apresentação e sombreamento ou borradura.

Com referência ao tamanho, devemos esclarecer que por se tratar de uma avaliação relativa ao conjunto do rosto, não foi possível estabelecer critérios fixos de medida, o mesmo acontecendo com o tamanho do nariz, da boca e das orelhas, que abordaremos mais adiante. A classificação em grandes,

médios e pequenos resultou sempre de uma comparação entre o tamanho relativo do traço considerado e o do rosto. Como foi realizada sempre pela mesma pessoa, esperamos ter garantido boa uniformidade de julgamento.

A tabela XXIII nos permite ver os resultados dessa análise.

Presença e tamanho — 99,4% dos desenhos trazem olhos, sendo que 52,9% apresentam-nos de tamanho média, 26,3% grandes e 19,1% pequenos. O sexo da figura não introduz variação significativa. Com a idade aumenta um pouco a porcentagem do tamanho médio, diminuindo a do pequeno. Com relação ao sexo dos autores, algumas variações se podem notar: moças desenham, com freqüência ligeiramente maior, olhos grandes e apresentam menos omissão dos olhos.

Detalhes — 74,6% dos olhos têm sobrancelhas, 51,8% têm pupilas e 11,7% pestanas. As moças desenham êstes detalhes mais freqüentemente que os rapazes; o grupo de 15-18 anos apresenta incidência um pouco maior de pestanas que o de 12-14 anos. O sexo da figura não se liga a variação significativa. Apenas em uma figura (masculina) foram desenhados óculos. 35,0% dos olhos estão de perfil, de forma correta. Não foi encontrado um olho só em figura, ou melhor, em rosto de frente.

Sombreamento ou borradura e omissões — 34,5% e 23,3% dos desenhos apresentam borradura ou sombreamento, respectivamente dentro dos olhos e em seu contorno. Omissão dos olhos só ocorre em 1,6% dos casos, com maior freqüência nos desenhos dos rapazes que nos das moças. O sexo da figura não introduz variação significativa, mas a idade e o sexo dos autores influem: com o aumentar da idade, acentua-se a incidência do sombreamento no contorno dos olhos; homens omitem mais freqüentemente os olhos e os desenham com mais sombreamento no interior que as mulheres.

Em resumo — Adolescentes apresentam com baixa freqüência omissão dos olhos nas figuras humanas. Desenham, de preferência, olhos de tamanho médio, com pupila, predo-

minantemente com sobrelanceiras e às vèzes com pestanas. Nos desenhos das moças e nos do grupo mais velho, êstes detalhes se evidenciam mais. Com pequenas exceções os olhos são desenhados de perfil, quando a cabeça assim está. Sombreamento ou borradura interna ou no contôrno são encontrados em pouco mais da metade dos desenhos, e com maior incidência nas figuras feitas pelos rapazes e pelo grupo de 15-18 anos.

XIX — Nariz

Com referência ao nariz, também elemento de importância para a interpretação, os desenhos foram analisados segundo vários itens que, na codificação apresentada no apêndice I, se distribuem do n.º 93 ao 101, inclusive. Da mesma forma que na categoria anterior, êsses itens podem ser agrupados nos aspectos: presença e tamanho, detalhes e sombreamento ou borradura, que são focalizados a seguir, como resultados da análise da tabela XXIV.

Presença e tamanho — 96,1% dos desenhos apresentam nariz, sendo que 52,8% mostram-no de tamanho médio, 22,5%, pequeno e 20,7% grande. As moças em comparação com os rapazes, desenham mais freqüentemente nariz pequeno e menos nariz grande. A idade dos autores não introduz variações significantes; o mesmo acontece em relação ao sexo da figura.

Com respeito ao sentido da classificação em tamanho grande, médio e pequeno, aplicam-se aqui as considerações expendidas na categoria XVIII — Olhos.

Detalhes — 23,6% dos narizes desenhados apresentam narinas, com freqüência um pouco mais alta nos desenhos das moças que nos dos rapazes. 35,3% dos desenhos mostram nariz de perfil, de forma correta, isto é, em cabeça de perfil, enquanto que 9,5% têm nariz de perfil em rosto de frente.

Sombreamento ou borradura e omissão — 13,0% e 34,7% dos desenhos apresentam borradura ou sombreamento, respectivamente dentro do nariz e em seu contôrno; 3,9% omitem essas partes do rosto. A idade dos autores tem certa influência:

no grupo de 15-18 anos aumentam as porcentagens de borradura e sombreamento. As moças fazem um pouco mais frequentemente borradura interior e menos no contôrno; em conjunto apresentam êsse traço com menor freqüência que os rapazes. A figura feminina recebe porcentagem um pouco maior de sombreamento dentro do nariz e um pouco menor no contôrno, que a figura masculina. As omissões são um pouco mais freqüentes na figura masculina que na feminina.

Conclusão — Adolescentes omitem pouco o nariz e o desenham, em média de tamanho proporcionado ou médio, com certa incidência de narinas; apresentam-no, em geral de perfil quando a cabeça se acha nessa posição, mas, em alguns casos desenham-no também assim quando a cabeça está de frente. Quase metade dos desenhos apresenta borradura ou sombreamento interior do nariz ou em seu contôrno. Os rapazes, em relação às moças, apresentam maior incidência de omissão, assim como de nariz grande e borrado no contôrno. No grupo de 15-18 anos aparece maior freqüência de borradura ou sombreamento que no grupo de 12-14 anos. A figura feminina mostra incidência um pouco mais elevada de sombreamento interior e um pouco mais baixa de borradura no contôrno que a figura masculina, ao mesmo tempo que apresenta menor índice de omissão do nariz.

XX — Bôca

No desenho da figura humana a bôca apresenta inúmeros e importantes aspectos de sentido próprio para a interpretação da prova. Buscamos abranger todos êles mediante a lista de itens que, na codificação exposta no apêndice I, vai do número 102 ao 117 inclusive. O item 116 — bôca no lugar do nariz — entretanto, não foi encontrado nos desenhos estudados e pode ser eliminado.

Para a análise das tabelas XXV e XXVI, resultantes do exame dos desenhos de nossos adolescentes com referência à bôca, agrupamos êsses itens nos seguintes conjuntos: presença

e tamanho, formato e disposição, detalhes, sombreamento ou borraduras e omissões. Estes são os resultados dessa análise:

Presença e tamanho — 97,1% dos desenhos apresentam boca, sendo que 43,1% a trazem de tamanho médio, 30,0% grande e 23,8% pequeno. O grupo de 15-18 anos desenha boca pequena com frequência ligeiramente superior à do grupo de 12-14 anos. O sexo do autor não introduz variações significantes. Os tamanhos grande, médio e pequeno foram avaliados da forma descrita na categoria XVIII — Olhos.

Formato e disposição — 28,5% dos desenhos apresentam boca voltada para cima, tipo boca de palhaço; 11,8% boca para baixo, ou côncava; 19,1% boca cerrada e 34,0% boca de perfil. Apenas ligeira variação se nota com referência ao sexo do autor: rapazes desenhavam com frequência ligeiramente mais alta que as das moças, a boca de perfil e a voltada para baixo.

Detalhes — Apenas 6,9% e 1,7% dos desenhos apresentam, respectivamente, dentes e língua, cigarro ou qualquer outro objeto entre os lábios. Dentes aparecem mais frequentemente no grupo de 12-14 anos e nos desenhos dos rapazes.

Enquanto 10,0% das figuras têm lábios grossos 4,3% apresentam lábios finos e 14,0% lábios em forma de “arco de Cupido”, em um total de 28,3% de figuras com lábios. O grupo de 15-18 anos desenha com maior frequência lábios em “arco de Cupido” que o grupo de 12-14. As moças fazem menos frequentemente que os rapazes lábios finos e mais em “arco de Cupido” e grossos. A figura feminina apresenta maior incidência de lábios em “arco de Cupido”.

Sombreamento ou borradura e omissões — 27,5% e 30,7% dos desenhos mostram sombreamento ou borradura dentro e no contorno da boca respectivamente. O fenômeno aumenta com a idade, mas varia pouco com o sexo dos autores e também com o sexo da figura desenhada. Apenas 2,9% dos desenhos apresentam omissão de boca.

Em resumo — Adolescentes pouco omitem a boca ao desenhar a figura humana. Fazem-na, de preferência, do tama-

nho médio ou grande, mais freqüentemente boca voltada para cima que para baixo, e com certa incidência de borradura ou sombreamento. Dentes aparecem em poucos desenhos e objetos entre os lábios se verificam ainda em menor porcentagem. Pouco mais de 1/4 das bocas apresentam lábios; quando isso acontece, predominam os lábios em “arco de Cupido”, principalmente na figura feminina. As moças desenhavam com menos freqüência boca voltada para baixo, dentes e lábios finos e com maior incidência, lábios grossos e em “arco de Cupido”. No grupo de 15-18 anos é ligeiramente mais freqüente a boca pequena, com lábios em “arco de Cupido” e, em geral, com maior incidência de lábios e de sombreamento ou borradura e menor freqüência de dentes.

XXI — Orelhas

As orelhas, embora de significado menos ricos que os olhos, boca e nariz, como será discutido na Terceira Parte deste trabalho, devem ser cuidadosamente analisados nos desenhos das figuras humanas. Reservamos para tal estudo alguns itens da codificação adotada — os de número 120 a 130, inclusive — com os quais buscamos abranger todos os aspectos importantes do desenho das orelhas. Êsses itens, para análise da tabela XXVII, foram agrupados nos seguintes conjuntos: presença e tamanho, detalhes e sombreamento ou borradura.

A seguir apresentamos os resultados dessa análise.

Presença e tamanho — 41,8% dos desenhos mostram orelhas. Foram omitidas, portanto, em pouco mais da metade das figuras, e de maneira mais acentuada nas femininas. Enquanto 58,6% das orelhas desenhadas são de tamanho médio, 28,2% são grandes e 13,0% pequenas. O grupo de 15-18 anos desenha orelha pequena em porcentagem menor que o de 12-14 anos. A figura feminina recebe mais freqüentemente orelhas pequenas e as masculinas orelhas de tamanho médio. Para avaliação dos tamanhos grande, médio e pequeno foi usado o critério descrito na categoria XVIII — Olhos.

Detalhes — 24,9% das orelhas apresentam-se bem detalhadas, com indicação de lóbulo, cavidade interior, etc. Essa atenção ao detalhe é mais acentuada na figura masculina e nos desenhos dos rapazes. Forma estranha ou distorção na forma aparece em 18,1% das orelhas, principalmente nos desenhos feitos por moças. Brincos são observados em 4,9% das figuras femininas, às vezes mesmo na ausência das orelhas. O índice de incidência de brincos é pouco maior nos desenhos do grupo de 15-18 anos, em relação ao de 12-14 anos, e no das moças em comparação com os rapazes. Enquanto 14,0% dos desenhos apresentam uma orelha só, em cabeça de perfil, 0,3% mostram uma orelha em cabeça de frente. Os rapazes, em relação às moças, desenhavam com maior freqüência uma só orelha nas figuras humanas.

Sombreamento ou borradura — 43,0% das orelhas desenhadas apresentam borradura ou sombreamento no contorno (27,2%) ou no interior (15,6%). O fenômeno se verifica de maneira mais acentuada no grupo de 15-18 anos, nos desenhos dos rapazes e nas figuras masculinas.

Em conclusão — Adolescentes pouco colocam orelhas nas figuras humanas. Nota-se essa omissão principalmente na figura feminina e nos desenhos das moças. É pouco freqüente uma orelha só e quando ocorre se trata, em grande maioria, de cabeça de perfil. As orelhas são, em geral, de tamanho médio e com sombreamento ou borradura. As desenhadas por rapazes apresentam um pouco mais freqüentemente sombreamento e detalhes e menos distorção da forma. As moças colocam com maior freqüência brincos nas figuras femininas. Estas recebem mais freqüentemente orelhas pequenas, enquanto as masculinas, menos orelhas médias, com detalhes e sombreamento. O grupo de 15-18 anos apresenta maior porcentagem de sombreamento no contorno e de brincos e menor incidência de orelha pequena.

XXII — Pescoço

Os característicos do pescoço em um desenho da figura humana constituem ponto importante para a interpretação. As

dimensões. os detalhes que apresenta e o fato de aparecer sombreado ou borrado no interior ou no contorno são os aspectos focalizados na análise das tabelas XXVIII e XXIX, resultantes do exame dos desenhos de nossos adolescentes.

Presença e dimensões — 94,1% dos desenhos apresentam pescoço, com muito pequena incidência de omissões, portanto. Enquanto 50,0% dos desenhos têm pescoço de tamanho médio, 33,0% apresentam-no comprido e 12,0%, curto. As moças desenhavam um pouco mais freqüentemente pescoço comprido e menos pescoço curto, que os rapazes. A idade do autor e o sexo das figuras não são acompanhados de variações significantes. Enquanto 48,7% dos desenhos têm pescoço de grossura média, 23,6% o mostram delgado e 22,8%, grosso. Moças desenhavam em maior porcentagem pescoço delgado e com menos freqüência pescoço grosso; o grupo de 15-18 anos apresenta maior incidência de pescoço de grossura média e menor de delgado. O sexo da figura não introduz variações significantes.

Detalhes — 66,5% dos desenhos apresentam uma linha separando o pescoço da cabeça e 11,0% mostram decote em V. Há uma incidência um pouco maior do primeiro na figura masculina em relação à figura feminina. As moças desenhavam, mais freqüentemente que os rapazes, uma linha separando o corpo da cabeça; o grupo de 15-18 anos, em relação ao de 12-14 anos, mostra mais elevada incidência de decote em V. Colar aparece em 5,9% das figuras femininas. Sexo e idade do autor não aparecem ligados a variações significantes. Apenas 1,7% das figuras masculinas apresentam pomo de Adão; dentro desta diminuta porcentagem pode-se ver que o grupo de 15-18 anos bem como o dos rapazes, o desenhavam mais freqüentemente que o de 12-14 anos e as moças. Distorção na forma aparece em 0,7% dos desenhos.

Sombreamento ou borradura e contorno duplo — 2,7% e 39,4% dos desenhos mostram sombreamento ou borradura no interior e no contorno do pescoço, respectivamente. Os rapazes e o grupo de 15-18 anos apresentam maior porcentagem de sombreamento, principalmente no contorno, que as moças e o

grupo de 12-14 anos. O sexo da figura não introduz variações significantes.

Contorno duplo aparece apenas em 1,3% e omissões em 4,8% dos desenhos, sem diferenças significantes quanto ao sexo e idade do autor e sexo da figura.

Conclusão — Adolescentes quase sempre põem pescoço nas figuras humanas. Fazem-no, em média, de comprimento e grossura médios ou proporcionados e predominantemente na forma comum. A maioria desenha uma linha separando o pescoço da cabeça. Apenas uma pequena porcentagem desenha decote em V. Quase metade dos desenhos apresenta borradura ou sombreamento no pescoço, enquanto o contorno duplo é raro. Detalhes — como colar na figura feminina e pomo de Adão na masculina — são raros. Sexo e idade dos autores introduzem pequenas variações.

XXIII — Tronco

Nesta categoria são muito numerosos os aspectos a estudar, uma vez que além da conformação geral e do sombreamento ou borradura, assumem valor próprio as várias partes do tronco, como ombro, tórax, cintura, cadeiras e nádegas, seios e genitais. Êstes aspectos integram os itens que, na codificação exposta no apêndice I, aparecem sob os números de 146 a 176, inclusive.

Apresentamos a seguir a análise das tabelas XXX, XXXI e XXXII que trazem os resultados do exame, sob êsse ponto de vista, dos desenhos em estudo.

Presença e conformação — 99,7% dos desenhos possuem tronco, sendo que 31,4% apresentam-no de forma oval ou elíptica; 23,0% como um duplo trapézio; 18,4% de forma quadrangular; 10,6% retangular; 8,2% triangular e 4,8% em formato redondo. Os rapazes, em relação às moças, desenhavam com maior freqüência tronco oval e redondo e em menor porcentagem o duplo trapézio. O grupo de 15-18 anos apresenta maior incidência de oval e duplo trapézio que o grupo de 12-14 anos. Na figura feminina se observa mais freqüentemente a forma de duplo trapézio e na figura masculina mais as formas qua-

drangular e oval. Enquanto 55,2% dos desenhos mostram linhas arredondadas, 41,7% apresentam-nas angulosas. Os rapazes e o grupo de 15-18 anos fazem mais freqüentemente linhas arredondadas; as moças e o grupo de 12-14 anos mais angulosas. O sexo da figura não se associa a variações significantes.

Distorções na forma aparecem em 2,8% dos desenhos, sendo um pouco menos freqüentes no grupo de 15-18 anos em relação ao de 12-14 anos, e nos desenhos das moças em relação aos dos rapazes.

Lacuna no traçado do tronco, predominantemente na parte inferior, aparece apenas em 1,1% dos desenhos. Omissão do tronco e apresentação só da parte superior do mesmo são muito raros.

Ombros — 12,1% dos desenhos destacam-se pelos ombros grandes e 1,2% por ombros pequenos e mirrados. Os rapazes desenharam um pouco mais freqüentemente ombros pequenos que as moças. A figura masculina mostra maior incidência de ombros grandes que a feminina.

Cadeiras ou nádegas — Apenas 2,2% das figuras apresentam cadeiras ou nádegas avantajadas. Apesar do reduzido índice, pode-se ver que a figura feminina apresenta êsse traço com freqüência um pouco mais elevada que a masculina.

Seios — São desenhados em 20,6% das figuras femininas, com incidência um pouco maior nas figuras de frente que nas de perfil. O grupo de 15-18 anos desenha-os mais freqüentemente que o grupo de 12-14 anos. Apenas 0,7% dos desenhos apresentam mamilo em destaque, às vezes sem o delineamento dos seios e mesmo na figura masculina. Sexo e idade do autor e sexo da figura não introduzem variações significantes.

Genitais — Apenas 2,2% dos desenhos mostram a região genital assinalada ou os órgãos genitais delineados. A figura masculina acusa maior freqüência dêsse traço que a figura feminina.

Cintura — 64,0% das figuras apresentam a cintura desenhada, fazendo-a, com maior incidência sob a forma de cinto comum ou de um simples traço. Cintura bem apertada apa-

rece em 8,2% das figuras, em especial na feminina e nos desenhos das moças. Os rapazes, menos freqüentemente que as moças, põem cintura em seus desenhos; o grupo de 15-18 anos o faz com freqüência um pouco menor que o de 12-14 anos. A figura feminina apresenta índice mais alto de incidência de cintura que a masculina.

Sombreamento ou borradura — A tabela XXXII revela que 84,7% dos desenhos apresentam o contorno do tronco sombreado, borrado ou confuso, sendo que a maior incidência se verifica nos ombros e no tórax. As cadeiras ou nádegas mostram pouco sombreamento. O contorno do tronco todo borrado aparece apenas em 3,0% das figuras. A borradura no contorno em conjunto, aparece mais freqüentemente no grupo de 15-18 anos e na figura masculina. Nos detalhes pode-se observar freqüência um pouco mais alta de contorno sombreado no tórax da figura masculina e nas cadeiras da feminina. Embora no conjunto não se apresente diferença entre rapazes e moças, estas fazem menos freqüentemente o tronco todo borrado.

Sombreamento ou borradura interna aparece em 20,7% dos desenhos, sendo que predominantemente na cintura. Nos seios o sombreamento aparece em 4,8% dos desenhos e no tórax, abdômem e genitais a incidência é bem baixa; menor ainda é a da borradura em todo o tronco. O fenômeno, de maneira geral, não apresenta variação significativa em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura desenhada. Contorno duplo do tronco (ou do tórax ou das cadeiras) aparece apenas em 0,9% dos desenhos e pêlos no peito em 1,0%; o primeiro traço desenhado por rapazes e o segundo predominantemente na figura masculina.

XXIV — Braços

Para análise dos braços nos desenhos das figuras humanas, planejamos os itens que se podem ver no apêndice I, distribuídos do n.º 177 a 196, inclusive.

As dimensões: comprimento e grossura, tal como as do pescoço, foram estabelecidas por um critério comparativo com o resto do corpo, principalmente o tronco. Assim, os braços seriam classificados como longos quando atingissem a altura dos joelhos; médios, quando chegassem até o meio da coxa e curtos, quando não ultrapassassem os quadris. Seriam também considerados finos ou delgados, médios e grossos em relação ao tamanho do tronco.

Dada a impossibilidade de obter medidas objetivas, buscamos garantir a uniformidade do julgamento, adotando a cautela da avaliação realizada sempre pela mesma pessoa.

A posição dos braços foi abrangida por vários itens, a presença e número deles por outros, assim como o sombreamento ou borradura e detalhes tais como pulseira, enfeite, punho com botão, bolsa no braço, etc.

As tabelas XXXIII e XXXIV apresentam os resultados da análise dos desenhos em função dos aspectos mencionados.

Número e posição — 96,8% das figuras humanas têm braços. Enquanto 39,3% apresentam-nos pendentes ao longo do corpo; 20,6% os mostram estendidos para o ambiente; 15,6% e 15,2%, respectivamente, voltados para a frente e para trás do corpo; apenas 2,3% trazem um para cima e outro para baixo; 1,9% um para trás e outro para a frente e 1,6% mostram ambos flexionados para cima.

As moças desenham mais freqüentemente que os rapazes os braços voltados para trás do corpo; o grupo de 15-18 anos oferece menor incidência de braços estendidos para o ambiente que o grupo de 12-14 anos; a figura feminina apresenta em porcentagem um pouco maior os braços voltados para trás do corpo.

As omissões dos dois braços (3,2%) são mais freqüentes que a de um braço nas figuras de frente (0,4%). Nas de perfil, a omissão de um braço alcança a porcentagem de 4,3%, mas em se considerando os casos em que a perspectiva da figura sugerir a presença de um só braço, podemos afirmar ser muito pequena a incidência da omissão dos braços. Ela ocorre um pouco mais freqüentemente nos desenhos dos rapazes.

Detalhes — 4,3% dos desenhos apresentam pulseira ou outro detalhe no braço. No grupo de 15-18 anos, em comparação com o de 12-14, diminui um pouco a incidência desse traço, mas o sexo do autor ou da figura não introduzem diferenças significantes.

Dimensões — A tabela XXXIV permite ver que 57,0% dos desenhos trazem braços curtos, 29,0%, médios e 10,5% longos. As moças e o grupo de 15-18 anos desenhavam mais frequentemente braços de comprimento médio que os rapazes e o grupo de 12-14 anos; neste se encontram com maior frequência braços curtos. O sexo da figura não é acompanhado de variações significantes.

Enquanto 6,1% dos desenhos têm braços grossos e 34,6%, braços de grossura média, 49,2% apresentam braços finos, porcentagem essa que aumenta com a dos braços desenhados com uma só linha (6,8%). O grupo de 15-18 anos, em relação ao de 12-14 anos, desenha com maior frequência braços grossos e de grossura média e, com menor incidência, braços finos. O sexo do autor e o sexo da figura não introduzem variações significantes.

Sombreamento ou borradura — 60,0% dos desenhos apresentam sombreamento ou borradura no braço, seja no contorno (55,0%), seja no interior (4,9%). O grupo de 15-18 anos faz mais sombreamento nos braços que o de 12-14 anos. O sexo do autor e o da figura não se associam a variações significantes.

XXV — Mãos e dedos

As mãos, elemento de especial interesse para a interpretação dos desenhos de figuras humanas, foram analisadas em nosso trabalho sob vários aspectos: presença e tamanho, sombreamento ou borradura e pormenores de execução dos dedos.

Com referência ao tamanho devemos repetir o que já foi relatado para outras categorias: os itens mãos grandes, médias e pequenas exprimem uma comparação das mãos com o resto do corpo, principalmente com o braço. Como não nos pareceu

viável o estabelecimento de medidas fixas, buscamos conservar a uniformidade necessária mediante julgamento por uma única pessoa.

A análise das tabelas XXXV e XXXVI, resultantes do estudo dos vários itens referentes a mãos e dedos, é apresentada a seguir.

Presença — 70% dos adolescentes colocam mãos nas figuras humanas que desenhavam. A ausência de mãos se verifica com um índice de certo valor, sendo interessante observar que nesse grupo a colocação atrás das costas alcança porcentagem superior à da simples omissão, vindo depois, em ordem decrescente, mãos aos bolsos e atrás de objetos. As moças omitem a mão um pouco mais freqüentemente que os rapazes, principalmente com referência à colocação atrás das costas; o mesmo acontece com o grupo de 15-18 anos em relação ao de 12-14 anos. Nas figuras femininas há freqüência um pouco mais alta de colocação atrás das costas e nas masculinas de colocação nos bolsos.

Tamanho — 45,3% das mãos são de tamanho médio; 28,2% pequenas e 26,4% grandes. Moças desenhavam mais freqüentemente mãos pequenas e menos grandes; o grupo de 15-18 anos quando comparado com o de 12-14 anos, bem como a figura feminina em relação à masculina, apresentam menor porcentagem de mãos grandes.

Detalhes — Apenas 0,3% das figuras e 0,4% das mãos apresentam luvas.

Sombreamento ou borradura — 57,3% das mãos apresentam sombreamento ou borradura, quer no contorno (45,3%), quer no interior (12,0%). O fenômeno se apresenta um pouco mais acentuado nos desenhos dos rapazes e do grupo de 15-18 anos. O sexo da figura não introduz variações significantes.

Dedos — Os dedos aparecem em 89,0% das mãos, sendo que em 15,3% delas se apresentam como elementos exclusivos, isto é, dedos sem indicação de outras partes da mão, saindo diretamente do braço. Este fenômeno aparece em porcentagem um pouco mais alta no grupo de 12-14 anos que no grupo de 15-18 anos.

A mão sem dedos, isto é, como punho cerrado, aparece em 17,4% das figuras, sem variações significantes em função do sexo e da idade do autor ou do sexo da figura. Enquanto 23,4% das mãos apresentam dedos compridos, 21,6% mostram dedos como garras ou pontudos, 14,9% dedos “como palitos”, 13,4% dedos “em pétala”, 10,5% dedos arredondados e 5,3% dedos encerrados por uma linha. Pequenas variações se podem notar com relação ao sexo e à idade dos autores: moças desenham mais vezes dedos pontudos ou como garras e menos dedos encerrados por uma linha, compridos e arredondados; o grupo de 15-18 anos apresenta dedos como “palitos” em menor frequência que o grupo de 12-14 anos. O sexo da figura não se associa a variações significantes.

Apenas 2,0% das mãos apresentam um número de dedos maior que o normal, mas 21,9% mostram um número menor que cinco. A porcentagem de número menor que o normal diminui com a idade, enquanto aumenta a de número maior. O sexo do autor e o da figura não são acompanhados de variações significantes.

Unhas aparecem em 7,7% das mãos, sendo que o fenômeno não varia significantemente com o sexo e a idade do autor nem com o sexo da figura desenhada.

XXVI — Pernas

Para o estudo das pernas nos desenhos das figuras humanas, à semelhança do que já foi descrito para as outras partes do corpo, destacamos alguns aspectos como: presença, dimensões e sombreamento ou borradura.

A presença não foi analisada apenas em um item, mas desdobrada em cinco para possibilitar melhor consideração do tipo de ausência das pernas: diferenciar omissão de uma perna da de ambas, assim como distinguir a simples omissão do fato mais complexo da ausência de pernas por não caberem no papel ou por estar a figura com traje comprido.

Com respeito às dimensões, cabe afirmar que representam sempre avaliações relativas. Os itens: pernas longas, médias e

curtas, assim como finas, médias e grossas, se referem à uma relação entre o tamanho da perna e o resto da figura, principalmente o tronco e os braços.

Apresentamos a seguir a análise da Tabela XXXVII, resultante do exame dos desenhos em estudo.

Presença — 97,0% das figuras humanas apresentam pernas. Omissão simples das pernas se verifica apenas em 0,8% dos desenhos, já que alguns casos são de pernas ausentes ou só iniciadas por não caberem no papel (1,2%); além disso algumas figuras femininas são apresentadas em traje comprido, portanto com pernas ocultas (0,9% dos desenhos ou 1,8% das figuras femininas). O sexo e a idade dos autores não introduzem variações significantes.

Dimensões — 48,5% dos desenhos trazem pernas curtas; 38,5% de comprimento médio e apenas 9,9% compridas ou longas. As moças desenhavam mais freqüentemente pernas de comprimento médio e menos pernas curtas que os rapazes, o mesmo acontecendo com o grupo de 15-18 anos em relação ao de 12-14 anos. A figura masculina recebe pernas de comprimento médio com freqüência um pouco mais elevada que a feminina.

Enquanto 45,1% apresentam pernas de grossura média, 42,5% têm pernas finas (porcentagem esta acrescida de 6,2% de pernas feitas com uma só linha) e apenas 9,9% pernas grossas. O grupo de 15-18 anos desenha menos vezes que o de 12-14 anos, pernas finas e mais, as de grossura média; a figura feminina recebe mais freqüentemente pernas finas e a masculina mais as de grossura média.

Sombreamento ou borradura — 53,3% dos desenhos apresentam sombreamento ou borradura nas pernas, predominantemente em seu contôrno (50,2%). O fenômeno ganha intensidade no grupo de 15-18 anos e aparece mais nos desenhos dos rapazes e na figura feminina.

Conclusão — Adolescentes quase sempre desenhavam pernas nas figuras humanas; são predominantemente curtas e de largura média, podendo ser curtas e finas, assim como médias tanto em comprimento quanto em grossura. Em geral recebem borradura ou sombreamento no contôrno. As moças fazem mais

freqüentemente pernas de dimensões médias, enquanto os rapazes mais pernas curtas, e com maior incidência de sombreamento; o grupo de 15-18 anos apresenta índice mais elevado de pernas com dimensões médias e borradas, enquanto no de 12-14 se encontra maior porcentagem de pernas curtas e finas. A figura feminina apresenta mais freqüentemente pernas finas e com sombreamento; enquanto a masculina, mais pernas de dimensões médias.

XXVII — Pés e dedos

No desenho da figura humana, os pés assumem significativos específicos conforme o tamanho, a posição, o fato de estarem sombreados ou borrados e os detalhes que apresentam, entre os quais a presença de dedos e unhas.

Para abranger êsses vários aspectos, incluímos na análise dezessete itens, que podem ser vistos no apêndice I, sob os números 230 a 246, inclusive.

O tamanho se expressa por uma avaliação relativa às dimensões do resto do corpo, e em especial das pernas. Não sendo conveniente aos propósitos desta pesquisa estabelecer medidas fixas, buscamos garantir a necessária uniformidade de julgamento com a sua realização feita sempre pela mesma pessoa.

As tabelas XXXVIII e XXXIX trazem os resultados do exame dos pés e dedos nos desenhos estudados. A análise dessas tabelas vem a seguir.

Presença e tamanho — Em 90,7% das figuras encontramos pés, sendo que 45,2% dêles são pequenos, 41,5% de tamanho médio e 13,6% grandes. Moças fazem mais freqüentemente pés pequenos e rapazes pés de tamanho médio e grande; a figura feminina apresenta incidência um pouco maior de pés pequenos. A idade do autor não introduz variações significantes.

Posição — 74,0% dos pés estão desenhados de perfil; 25,6% de frente e apenas 0,2% de costas. Os rapazes fazem mais freqüentemente pés de perfil que as moças, as quais, por sua vez, desenhavam com maior freqüência pés de frente. A idade do

autor e o sexo da figura não se vinculam a variações significantes.

Sombreamento ou borradura e Omissão — 61,7% dos pés são sombreados ou borrados, predominantemente no contôrno (53,3%).

O grupo de 15-18 anos borra o contôrno dos pés com maior freqüência que o grupo de 12-14 anos. O sexo do autor e o da figura não introduzem variações significantes no conjunto.

A omissão dos pés é da ordem de 9,3% devendo-se porém lembrar que 3,0% das figuras não apresentam pernas, o que dará 6,3% de figuras com pernas mas sem pés. O índice de omissão dos pés aumenta no grupo de 15-18 anos, em relação ao de 12-14 anos, e nos desenhos das moças em comparação com os dos rapazes. Na figura feminina o aumento da omissão corresponde ao índice de pernas ocultas em traje de noite (0,8%).

Detalhes:

Sapatos — 87,9% dos pés aparecem calçados, seja por sapatos bem detalhados, com indicação de salto ou de cordão, botões, etc. (40,2%), seja em sapatos esboçados apenas com as linhas mais fundamentais e simples (47,6%).

As moças desenhavam mais freqüentemente sapatos sem detalhes e menos sapatos com detalhes; o grupo de 15-18 anos apresenta menor incidência de sapatos sem detalhes. No conjunto dos sapatos, porém, não aparecem diferenças significantes em relação ao sexo e à idade do autor. O sexo da figura não exerce influência.

Dedos — 11,3% dos pés mostram dedos, sendo que 4,8% dêles aparecem em figura completamente nua; 4,7% em figura vestida de forma comum, mas sem sapatos e apenas 1,5% em figura de traje esporte (“short”, maiô, etc.). 0,2% das figuras (apenas dois casos) deixaram ver os dedos no pé, com sandália aberta. O grupo de 15-18 anos desenha mais freqüentemente dedos no pé; o sexo do autor não se associa a variações significantes. A figura masculina apresenta com maior

freqüência dedos em figura nua e em figura de traje esporte; a feminina os mostra mais freqüentemente quando se trata da figura com roupa comum, mas sem sapatos; entretanto, no conjunto dos pés com dedos não aparecem diferenças significantes associados à variável sexo da figura.

Unhas — Apenas 0,8% dos pés trazem unhas nos dedos. O sexo e a idade do autor e o sexo da figura desenhada não introduzem variação significativa.

Pés representados apenas por uma linha — Sòmente 0,6% das figuras mostram pés traçados por uma só linha, um pouco mais freqüentemente na figura feminina que na masculina.

XXVIII — Roupas e Acessórios ou Complementos

O fato da figura estar vestida e quais os complementos ou acessórios que acompanham a roupa, constituem elementos de importância para a interpretação dos desenhos.

Para abranger todos os pormenores da análise do vestuário, agrupamos os itens — que no apêndice I se distribuem do número 248 ao 269 inclusive — em aspectos como: presença e tipo de roupa, detalhes da roupa, complementos ou acessórios e sombreamento ou borradura.

Nas tabelas XL e XLI, cuja análise vem a seguir, vemos os resultados do estudo desta categoria nos desenhos de nossos adolescentes.

Presença e tipo de roupa — 84,0% das figuras humanas apresentam-se vestidas, sendo que 73,6% delas com traje comum completo, isto é, calça e camisa ou paletó para o sexo masculino e saia e blusa ou vestido inteiriço para o feminino; 18,5% mostram traje comum incompleto, a saber só calça ou só saia; 3,1% têm traje esportivo, como “short”, maiô, calça comprida para a mulher, etc.; 3,1% vestem uniformes ou fantasias, como roupa de jogador de futebol, palhaço, “cow-boy”, marinheiro, macacão de trabalho, etc. e 1,5% traje de noite, isto é, vestido comprido.

As moças desenhavam mais freqüentemente que os rapazes traje comum completo e vestido de noite e menos traje co-

num incompleto e uniforme ou fantasia; o grupo de 15-18 anos, em relação ao de 12-14 anos oferece porcentagem mais elevada de traje completo e mais baixa de incompleto. A figura feminina apresenta mais freqüentemente que a masculina o traje comum completo e menos o traje comum incompleto e o uniforme ou fantasia.

Detalhes da roupa — Vestidos bem decotados aparecem em 9,5% das figuras femininas vestidas ou 8,4% das figuras femininas em geral; mais freqüentemente nos desenhos das moças, que nos dos rapazes.

Calças com vinco são encontradas em 5,0% das figuras masculinas vestidas, e vistas nas calças em 22,2%. Ambos os casos são mais freqüentes no grupo de 15-18 anos, mas, vistas nas calças aparecem mais freqüentemente nos desenhos das moças. Gravatas são vistas em 7,4% das figuras masculinas vestidas; com freqüência um pouco maior nos desenhos das moças.

21,0% das figuras vestidas apresentam bolsos e 34,3% botões nas roupas. Botões aparecem um pouco mais freqüentemente nos desenhos feitos por moças que nos dos rapazes. A figura feminina apresenta, em relação à masculina, menor incidência de botões e freqüência nitidamente inferior de bolsos em suas roupas. Meias aparecem em 4,0% das figuras vestidas; são desenhadas com freqüência ligeiramente mais elevada por rapazes que por moças.

Complementos ou Acessórios — Chapéu ou boné aparece em 4,9% dos desenhos, só excepcionalmente desacompanhado de roupa, e predominantemente na figura masculina. Sexo e idade do autor não se associam a variações significantes.

5,7% das figuras apresentam adôrnos como flores, lenços, laços ou broches na roupa, fita no cabelo, etc. A incidência é maior no desenho das moças e na figura feminina.

5,1% das figuras apresentam-se com objetos na mão: guarda-chuva, bolsa, pasta, jornal, flores, luvas, revólver, etc. O fenômeno não sofre influência do sexo e idade dos autores nem do sexo da figura desenhada.

Sombreamento ou borradura e omissão — 59,8% das figuras vestidas apresentam sombreamento ou borradura na roupa, seja no interior da blusa ou paletó (9,1%), na saia ou calça (20,0%) ou na barra da saia ou calça, predominantemente (28,1%).

Rapazes borram o interior da roupa mais freqüentemente que as moças; a figura feminina apresenta maior porcentagem de borradura na roupa que a masculina. A idade do autor não introduz variação significativa.

Em 60,7% das roupas observamos contôrno borrado, com alguns casos de contôrno duplo englobado. O sombreamento do contôrno da roupa aparece um pouco mais freqüentemente no grupo 15-18 anos. O sexo do autor e o da figura desenhada não se ligam a variações significantes.

Omissão da roupa aparece em 16,0% dos desenhos, sendo que é maior a porcentagem nos dos rapazes e na figura feminina.

Conclusão — Os adolescentes estudados, em maioria, desenhavam figuras humanas vestidas, predominantemente com traje comum completo. Trajes esportivos, uniformes ou fantasias, bem como vestido comprido em figura feminina, são raros. Algumas variações podem ser notadas em relação ao sexo e idade dos autores e ao sexo da figura desenhada.

Encontram-se alguns detalhes na roupa: mais freqüentemente botões; com certa incidência, bolsos e calças com vistas; e mais raramente, vestido bem decotado na figura feminina, gravatas e calças com vinco na masculina, e meias em uma ou outra.

Chapéu ou boné, principalmente na figura masculina e adornos na feminina, assim como objetos na mão em ambas, são encontrados em alguns desenhos.

Figuras nuas são desenhadas também, mais freqüentemente do sexo masculino e por rapazes. Sombreamento ou borradura aparece no interior da roupa ou em seu contôrno, às vezes em ambos, sendo que com freqüência ligeiramente mais elevada nos desenhos feitos por rapazes e na figura feminina.

TERCEIRA PARTE

DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

- A — ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS DAS
TABELAS E VISÃO GERAL DO SIGNIFICA-
DO ATRIBUÍDO AOS TRAÇOS DO DESENHO
DA FIGURA HUMANA
- B — CARACTERIZAÇÃO PSICOLÓGICA DOS ADO-
LESCENTES ESTUDADOS
- C — ANÁLISE DOS RESULTADOS ESPECÍFICOS
DAS TABELAS

A — ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS DAS TABELAS E VISÃO GERAL DO SIGNIFICADO ATRIBUÍDO AOS TRAÇOS DO DESENHO DA FIGURA HUMANA

No capítulo anterior examinamos os resultados das tabelas e chegamos a inferências que merecem ser retomadas para discussão e interpretação.

Em relação a cada categoria estabelecida para estudo, vamos considerar agora a inferência geral, resultante da análise das tabelas, e compará-las com os dados de outras pesquisas, feitas em nosso país ou no estrangeiro. Sempre que possível procuraremos reportar-nos a dados objetivos, mas pretendemos avançar para uma discussão do significado psicológico atribuído à categoria e ao item considerado.

Começando pela inferência da tabela VII, discutiremos as demais seguindo a ordem em que foram apresentadas no capítulo B da Segunda Parte. Nessa ordem será feita exceção para as categorias “Postura da Figura” e “Movimento das Figuras”, que no referido capítulo foram apresentadas, sob os números V e VI, antes das categorias “Tamanho em Relação à Fôlha” e “Localização na Fôlha”, por se constituírem em tabelas de tipo aproximado às das categorias III e IV.

I — Ordem das Figuras do par

A figura do próprio sexo é predominantemente desenhada em primeiro lugar, sem influência significativa da idade e do sexo do autor. (Inferência resultante da análise da tabela VII, cat. I do cap. B da Segunda Parte).

Este resultado concorda com a constatação genérica de Karen Machover (1949) e as conclusões de vários pesquisadores, entre os quais Butler e Marcuse (1959, pg. 302) que afirmam:

“Crianças com menos de 8 anos têm tendência igualmente forte para desenhar qualquer sexo, mas crianças acima dessa idade respondem como o adulto, desenhando primeiro seu próprio sexo”. E ainda Bieliauskas (1960, págs. 34-35) que conclui: “...em geral ambos os sexos em tôdas as idades (5 a 15 anos) preferem desenhar uma pessoa de seu próprio sexo; esta tendência parece aumentar com a idade, particularmente a partir dos 9 anos”.

Passando à interpretação do fato, entretanto deparamos com vários problemas. Dentro da suposição básica de Machover (1949) de que a pessoa desenha de certo modo a si própria, e que a figura resultante é a expressão de sua imagem corporal (em um desenvolvimento das idéias de Schilder), conclui-se que o desenho do próprio sexo em primeiro lugar é indício de identificação com o papel sexual característico do sexo a que pertence o indivíduo. Aliás, na pág. 108 do trabalho acima citado, Machover afirma: “Alguns sujeitos se acham tão identificados com o sexo oposto que se mostram incapazes de desenhar sua própria imagem sexual”; e mais adiante: “Do ponto de vista da identificação sexual presume-se como mais normal desenhar em primeiro lugar o próprio sexo. Do ponto de vista empírico, é de interêsse notar que há evidência de certo grau de inversão sexual nos registros dos indivíduos que desenharam primeiro o sexo oposto...”.

Ocorre, porém, que êste problema tem sido objeto de numerosas pesquisas que nos aconselham a usar tais dados com grande cautela.

Alguns pesquisadores, tendo realizado estudos com sujeitos portadores de desvios no comportamento sexual, concluíram: “...considerável dúvida se coloca quanto ao postulado de que o sexo da pessoa desenhada em primeiro lugar pode servir de índice da identificação sexual do sujeito, ou como evidência de conflitos psicosssexuais ou inversão sexual”. (Hammer, 1954, pág. 170). E ainda: “E’ corroborada, neste estudo, a conclusão geral alcançada por Brown e Tolor de que não há evidência convincente de que a adequacidade da identificação ou do ajustamento psicosssexual se reflita na escolha do sexo

no desenho de figuras humanas". (Fisher, G. M., 1959, pág. 49). Brown e Tolor (1957, pág. 210), ademais, acrescentam no final de sua pesquisa: "Até o presente, a única conclusão é de que a base ou a significação do desenho da figura do sexo oposto em primeiro lugar é desconhecida". Já Frank (1955) afirma que os resultados de sua pesquisa apóiam a suposição de Machover de que o fato de desenhar em primeiro lugar uma pessoa de sexo oposto indica um problema de identificação sexual. Granick e Smith (1953), entretanto, não encontraram relação entre o sexo da figura desenhada em primeiro lugar e as notas obtidas em uma escala da masculinidade-feminilidade.

Devemos lembrar que se firmou, como hipótese básica da técnica, que o sexo da primeira figura desenhada reflete a identificação do sujeito com o papel sexual, a preferência de papel e a orientação sexual.

A nosso ver, várias idéias diferentes estão imbricadas aqui, nem tôdas elas pertinentes. Por exemplo, a aceitação de que o sexo da primeira figura desenhada expressa a identificação com um papel sexual não implica na conclusão de que desenhar em primeiro lugar o sexo oposto seja indicativo de inversão sexual, com todo o quadro característico do homossexualismo. Deve ser feita uma distinção entre inversão sexual (adoção dos padrões básicos de comportamento típicos do sexo oposto) e homossexualismo (atividade sexual entre dois membros do mesmo sexo). Ademais, êstes são aspectos de um problema demasiadamente complexo para ser denunciado por um único elemento. Veremos mais adiante, quando da análise das diferenças nos desenhos feitos por rapazes e moças, que o problema volta a se colocar.

Insistimos, com Hammer (1954 a, pág. 59), que se deve chamar a atenção para "o fato de que nenhum sinal isolado é, de e por si mesmo, indicação conclusiva de alguma coisa".

Além do mais, convém lembrar que a idéia de analisar o sexo da primeira figura humana desenhada decorre da hipótese de que a imagem corporal do indivíduo tende a ser projetada em seu desenho e que êste será um índice de identifica-

ção sexual. Vários estudos, porém, têm mostrado que: 1) outro pode ser o significado do desenho da figura humana e 2) outras variáveis podem influenciar o aparecimento, em primeiro lugar, da figura do próprio sexo ou do sexo oposto.

Com referência ao primeiro ponto, o desenho pode ser, segundo Buck (1948), uma forma de percepção do eu, um tipo de aspiração do eu, um reflexo do que a pessoa gosta ou aborrece ou ainda daquilo para com o que se sente ambivalente. Ou segundo Levy, S. (1959, pág. 260): "...o desenho pode ser uma projeção do auto-conceito, uma projeção de atitudes para com alguém do ambiente, uma projeção da imagem ideal do eu, um resultado de circunstâncias externas, uma expressão de padrões de hábitos, uma expressão da tonalidade emocional, uma projeção das atitudes para com o examinador e a situação, uma expressão de suas atitudes para com a vida e a sociedade em geral. E' usualmente uma combinação de tudo isto".

Em relação ao segundo aspecto, Buck (1948a), discutindo o assunto, menciona como variáveis: preocupações momentâneas ou outras condições temporárias do sujeito, fantasias românticas, grande relação afetiva com o progenitor do sexo desenhado, bem como variações nas instruções dadas ao administrar-se a prova. Nós mesmos (Lourenção van Kolck, 1962), estudando em profundidade vários casos clínicos, encontramos como variáveis relacionadas ao desenho do sexo oposto em primeiro lugar: em um dos casos, fixação ao pai; em outro, relação problemática com o pai (por ex.: receio inconsciente de agressão por parte dêle); e, em um terceiro, intensa preocupação com um filho menor, do qual estava a paciente separada.

Estamos, pois, diante de assunto muito vasto e controvertido; tendo em mente que representa um dos vinte e oito aspectos por nós abordados na análise dos desenhos da figura humana, devemos resumir nossas considerações da seguinte forma: os estudos mencionados demonstram a necessidade de ceticismo e cautela na interpretação do significado do sexo da primeira pessoa desenhada e sugerem a conveniência de outras pesquisas cuidadosamente planejadas e executadas.

II — Tamanho relativo das duas figuras do par

A figura masculina menor que a feminina é desenhada com freqüência um pouco maior do que ambas de igual tamanho. A figura masculina maior que a feminina é pouco comum. As moças desenhavam mais freqüentemente que os rapazes a figura feminina maior e menos, a figura masculina maior. Quanto ao desenho de ambas as figuras de igual tamanho, não aparecem diferenças significantes entre os sexos (Tab. VII, categ. II, cap. B, Segunda Parte).

Sôbre êste ponto as poucas pesquisas ou trabalhos que encontramos para confronto fornecem dados dificilmente comparáveis aos nossos.

Assim, por exemplo, Machover (Machover, Witkin e outros, 1954, pág. 523), em sua escala sumária de itens do desenho da figura humana ("Short Scale of Figure-Drawing Items"), menciona sob o n.º 41 FM: "Desenho do sexo oposto igual em tamanho ou menor que o do próprio sexo. (Embora seja natural para os homens fazerem a mulher menor e não natural para as mulheres fazerem menor o homem, empiricamente êste item sugere atitude depreciativa para com o sexo oposto, tanto no homem como na mulher)". Os dados de nossa pesquisa caíam dentro do procedimento não natural para ambos os sexos, pois os homens desenhavam o outro sexo maior ou em igual tamanho, e as mulheres o próprio sexo maior ou igual. A seguir a interpretação sugerida, diríamos que nossos rapazes não têm atitude depreciativa para com o sexo oposto, o mesmo não ocorrendo com as moças.

Parece-nos, porém, interessante adicionar outros pontos à interpretação. Machover (1949), analisando alguns casos, diz à pág. 140: "A fixação materna e a confusão do papel sexual encontram expressão na figura feminina marcadamente maior no maior número de detalhes nela posto..."; e à pág. 167: "A figura maior, com cabeça proporcionalmente maior que a do varão, com área maior para os cabelos e traços finos, aquilinos: mais autoridade, domínio social, virilidade e afirmação

pessoal para a mulher — fenômeno comumente observado em desenhos de adultos infantis (do sexo masculino)”.

E' verdade que para a interpretação um dado apenas não basta; além do fato da figura feminina ser maior, é preciso que ocorram vários outros aspectos característicos para se concluir da maior importância a ela atribuída, como também se pode depreender de Levy (1959, pág. 267), em um exemplo: "...a figura masculina é muito menor e menos móvel e tem braços mais curtos que a feminina". Mas o tamanho da figura é ponto importante para se inferir da valorização a ela atribuída.

Podemos portanto dizer que os sujeitos de nosso estudo valorizam mais a figura feminina, possivelmente a imagem materna; e o sexo feminino o faz em maior grau, o que é compreensível, porque à imagem materna somam a própria.

III — Completamento das figuras

A figura humana é desenhada completa, isto é, os adolescentes estudados só a consideram acabada quando apresenta os aspectos essenciais: cabeça, tronco, braços e pernas. Muito raros são os casos de omissão do tronco ou de sua parte inferior, raros os de omissão dos dois membros e inexistente o de omissão da cabeça. (Tab. IX, cat. III, cap. B, Segunda Parte).

A omissão no desenho da figura humana tem significado especial, de maior ou menor gravidade segundo a extensão e a região do corpo em que se verifica e o fato de se encontrar associada a outros aspectos característicos.

Machover (1949, pág. 104), entre os indicadores de conflito, assinala: "uma significativa omissão da mão, pernas ou pés é importante"; em outro livro (1956, pág. 352) escreve: "O conflito pode ser expresso de várias maneiras. Um indivíduo pode mostrar-se relutante em desenhar, **desenhar somente partes do corpo...**". Utsugi e Ohtsuki (1950) verificaram que delinqüentes juvenis mostram desvios como omissão das mãos e pernas.

Gunsburg (1952), estudando a deficiência mental através do desenho da figura humana, encontra entre as indicações patológicas, em um total de 7, a de n.º 6 (à pág. 285): “Desorganizações e omissões — êste sinal é notado quando o desenho contém verdadeiros erros na organização espacial... ou a omissão de partes vitais como a boca ou os braços. Êste último sinal pode ter uma significação neurótica que será discutida mais adiante”. E na pág. 292: “Particularmente convincentes são os desenhos onde a omissão de partes importantes da figura humana não é somente o resultado de simples esquecimento, mas é devida a um processo inconsciente de supressão e de um encobrimento ou eclipse de zonas de tensão carregadas de conflito”.

Kahn e Giffen (1960), discutindo os sinais denunciadores de neuroses e psicoses no Desenho da Figura Humana, ao lado de outras técnicas de diagnóstico, dizem à pág. 109: “**Omissões** são muito freqüentes entre histéricos que têm reações de conversão. Os desenhos de pacientes portadores de depressão neurótica são quase sempre pequenos, projetando inferioridade e reduzida emoção. A **omissão dos braços** sugere isolamento ou sentimentos de extremo abandono por parte de pacientes deprimidos”. E à pág. 93 encontramos como: “Indicadores de Esquizofrenia no DAP: Omissão de partes importantes como braços, mãos, pernas e cabeça...”. Os próprios autores advertem, porém, que o DAP só será um instrumento útil nas mãos de psicólogos bem treinados que não tirarão conclusões apressadas e que o usarão em conexão com outros testes.

Shontz (1956, pág. 293) em DAP de hemiplégicos encontrou, como sinal de distúrbio do conceito do corpo, o incompletamento, isto é, a omissão de uma ou mais das seguintes partes: cabeça, tronco, braço(s) ou perna(s). Conclui que os resultados dêsse estudo apóiam a hipótese de que distúrbios da imagem corporal aparecem freqüentemente em concomitância com a hemiplegia.

Freitas Jr. (1957), entre os sinais de deterioração que encontrou ao estudar os DAP de esquizofrnicos, paralíticos gerais e epiléticos, apresenta, à pág. 76 e segs., entre outros: au-

sência de olhos, nariz e bôca; ausência de um dos braços; ausência de uma ou duas pernas; ausência de uma ou duas mãos. Atribuindo valor próprio a cada um dos sinais, chega a uma nota que permite situar o autor do desenho entre normais ou em um dos grupos patológicos estudados.

Nessa revisão rápida dos estudos sôbre a omissão pode-se ver como, junto a outros elementos também importantes, a ausência de partes do desenho ou o seu não completamento, pode ter um significado que vai desde sinal de conflito até indicação de psicose. Convém lembrar, porém, que os desenhos aqui estudados apresentaram omissões da bôca, olhos ou mãos sem que por isso fôssem considerados não completos. Nosso objetivo neste ponto foi verificar, como um dado inicial, se os adolescentes desenhavam a figura humana incluindo as quatro grandes áreas do corpo: cabeça, tronco, braços e pernas. Se uma dessas áreas era completamente omitida, a figura era considerada incompleta (cf. Levy, 1959, pág. 261). O estudo das omissões de partes menores como bôca, mãos, etc., será feito quando da discussão do respectivo item, pois possuem sentido próprio.

Já o significado da recusa a completar o desenho, segundo Hammer (1954a), é o de um ato direto de negativismo por parte daquêle que desenha. A recusa a tentar desenhar seria ainda mais flagrante.

Nossa pesquisa aponta 3,5% de figuras incompletas das 950 desenhadas pelos adolescentes estudados. A recusa a tentar desenhar às vêzes uma das figuras, às vêzes ambas, apresentou-se apenas em 11 casos, isto, 2,1% do total dos sujeitos procurados para a pesquisa. Podemos, portanto, inferir que êsses adolescentes em geral não apresentaram expressão direta de negativismo.

IV — Posição da fôlha

Da análise da Tab. X, da categoria IV, do capítulo B da Segunda Parte, podemos inferir que:

A posição do papel, com a dimensão maior vertical ao eixo do corpo, é respeitada; raras vezes é mudada para a horizontal.

Repetindo as palavras de Machover (1949, pág. 38): “Em um sentido, a figura desenhada é a pessoa e o papel corresponde ao ambiente”, ou então (1956, pág. 348): “Em termos gerais, o desenho de uma pessoa representa a expressão do eu, ou o corpo no ambiente”. De técnicas expressivas como PMK (Psicodiagnóstico Miocinético, do prof. Mira y Lopez, 1956) e da obra de Caligor (1960), também se pode inferir que o papel representa o ambiente do indivíduo. Isso parece mais claro nas palavras de Edelweiss (1961, pág. 1368) a propósito do teste da árvore: “A fôlha é o espaço disponível, dentro do qual o indivíduo se manifestará de certo modo, mediante o desenho. A realidade exterior é a fôlha de papel sôbre a qual o sujeito se debruçará...”.

Nosso propósito foi verificar como os sujeitos reagiam à imposição de uma forma do ambiente, pois o papel era sempre colocado com a dimensão maior vertical ao corpo, mas nenhuma observação se fazia sôbre a necessidade de respeitar essa posição. Um ajustamento do papel para a posição mais comum da escrita, isto é, orientar a parte inferior um pouco para a esquerda, não foi considerado modificação básica de posição. Esta se daria apenas no caso da colocação do papel “deitado”, isto é, com a dimensão maior paralela à borda da mesa.

Este tratamento pode ser considerado como uma forma de reação e de oposição ao ambiente. Hammer (1954a) escreve à pág. 46: “Recusa a aceitar a fôlha na posição apresentada é uma tendência que tem sido observada entre indivíduos negativistas, como manifestação da rejeição de sugestões. Por ex., tais indivíduos parecem sentir que é um sinal de fraqueza aceitar as instruções literalmente, e são, aparentemente compelidos a virar a página, mesmo que assim alterem a relação dimensional vertical-horizontal ideal e tornem a própria tarefa mais difícil. Esta conclusão está de acôrdo com o que os clínicos têm observado em outras técnicas projetivas e parece re-

presentar a mesma reação que a tendência para virar as pranchas no Rorschach”.

Pela reduzida incidência da mudança da posição da fôlha em nossa pesquisa, podemos ver que os adolescentes estudados não revelaram reação de oposição ao ambiente.

V — Tamanho em relação à fôlha

Na categoria VII do cap. B da Segunda Parte, em consequência da análise da Tab. XII, podemos inferir que:

Os tamanhos das figuras desenhadas variam entre 1/4 e 1/32 da fôlha (em ordem decrescente de incidência: 1/8, 1/16, 1/4, 1/6 e 1/32). São raros os desenhos muito grandes e os muito pequenos. As figuras se tornam um pouco maiores com o aumentar da idade e há uma incidência um pouco maior de tamanho pequeno no desenho dos rapazes em comparação com o das moças.

Muitos estudos pudemos encontrar relacionados com o tamanho da figura. Focalizaremos em primeiro lugar os apresentados por Levy (1959, págs. 270-273), pela implicação mais direta com nosso trabalho: “A relação entre o tamanho do desenho e o espaço disponível pode mostrar paralelo com a relação dinâmica entre o sujeito e o seu ambiente ou entre o sujeito e as figuras paternas. Se o desenho é a projeção do auto-conceito, então o tamanho sugere a maneira pela qual o sujeito está respondendo às pressões do ambiente. Se a figura é pequena... sentimentos de inferioridade. Se a figura é grande... sentimento de expansão e agressão... Uma palavra é necessária sobre o significado de grande e pequeno. O desenho médio de uma figura completa mede aproximadamente 7 polegadas, ou 2/3 do espaço disponível (fôlha de 8,5 por 11 polegadas)”.

Como vimos no cap. B da Segunda Parte, nosso critério para classificação dos tamanhos coloca êste, de 2/3 do espaço disponível, no grupo dos grandes, ocorrendo com porcentagem bem reduzida.

Continuando, afirma Levy: “Se os desenhos não são expressão do auto-conceito, duas outras possibilidades devem ser consideradas: ou o desenho é uma projeção da imagem ideal do eu (imagem desejada) ou é uma projeção da imagem dos pais. No último caso, um desenho grande indica que o pai é forte, capaz, seguro, ou é ameaçador, agressivo, punitivo. Usualmente se torna óbvio no contexto qual dessas interpretações é apropriada... Se as figuras são interpretadas como projeções da imagem ideal do eu, então um desenho grande pode ser interpretado como a maneira pela qual o sujeito está reagindo a sentimentos de inadequação — com fantasias compensatórias”.

Em Machover (1956, pág. 359) encontramos: “O tamanho da figura refere-se ao envolvimento pela fantasia, ao grau de auto-consideração realística ou de expansibilidade do sujeito”.

Hammer (1958b, pág. 64) se expressa quase da mesma forma ao dizer do significado do tamanho nos desenhos projetivos, acrescentando: “Desenhos minúsculos são apresentados por sujeitos com sentimentos de inadequação e talvez com tendências ao isolamento. Por outro lado, desenho muito grande, que tende a exercer pressão contra as margens da página, denota sentimento de constrição por parte do ambiente, e — isto é digno de nota — concomitante ação ou fantasia super compensatória...”

Precker, também verificou que o tamanho exagerado pode ser considerado evidência de agressividade ou de descarga motora. Zimmerman e Garfinkle também concluem que a falta de restrição no tamanho dos desenhos se correlaciona com a agressividade e uma tendência para soltar esta agressividade no ambiente”.

A êste respeito, porém, queremos citar a pesquisa de Goldstein e Raw (1957) sobre a validade da interpretação dos sinais de agressividade no desenho da figura humana, que chega à seguinte conclusão, à pág. 171: “A pressão da linha e o tamanho da figura não se sustentam como sinais válidos para a interpretação da agressão... Parece ter-se formado aqui uma dicotomia: resultados não significativos foram encontrados naquelas áreas que medem a agressão na forma de tensão grafo-

motora e resultados significativos nas áreas nas quais a agressão é expressa simbolicamente”.

Hammer (1958b, pág. 65), entretanto continua: “Em relação ao tamanho pequeno, Traub e Lembke, que independentemente estudaram os desenhos de crianças arrojadas e tímidas, observaram que desenhos extremamente pequenos estavam associados a sentimentos de inferioridade”. Waehner (1946) relata que crianças cujos desenhos livres eram muito pequenos, foram, na base de outro critério, consideradas ansiosas, acanhadas, inibidas ou altamente auto-controladas.

Forno (1960) comentando a técnica de Buck — Desenho de uma casa, uma árvore e uma pessoa — escreve à pág. 55: “Tamanho do desenho em relação à fôlha do papel: o desenho ocupa tôda a fôlha: é a expansão: êste modo de representação sugere: frustração, descontentamento, incapacidade ou impotência; o desenho ocupa uma porção muito pequena da fôlha: é a constrição: sentimento de inaptidão, de isolamento, de rejeição”.

Halpern (1956), estudando o Teste giestáltico viso-motor de Bender, escreve à pág. 334: “O tamanho das figuras também deve ser avaliado. Figuras muito pequenas parecem revelar uma tendência a voltar-se para o eu e a inibir tanto a espontaneidade como a extraversão. Tais indivíduos receiam liberar suas emoções ou dar-lhes expressão direta. Em contraste, estão as produções... que algumas vêzes cobrem muitas áreas do papel e mostram uma falta geral de contrôle e de inibição”.

Biedma e D’Alfonso (1955), à pág. 40 e 56: Significação Psicológica da Dimensão: “Superfície grande: imaginação, confiança em si, expansividade, energia e vitalidade, falta de prudência. Superfície pequena: análise, objetividade, senso de observação, auto-domínio, prudência e paciência, falta de confiança em si”.

Caligor (1960, pág. 64), percorrendo sôbre a altura da figura: “+ + (25,4 cms ou mais) reflete uma acentuação excessiva do próprio eu e uma infravalorização do ambiente. A relação com o meio é lábil-impulsiva, algumas vêzes agressivamente impulsiva, com um freqüente agigantamento de si mes-

mo, exaltação e euforia. Acontece haver propensão a uma fantasia excessiva com projeção reiterada; ...E' freqüente um critério da realidade diminuído (por exemplo: conhecimento inadequado e deformado do ambiente). O indivíduo possui um auto-domínio interno precário em um ambiente que é para êle agressivo... — — (7,6 cms ou menos) reflete uma supervalorização do meio e uma diminuição do próprio eu. O indivíduo percebe o mundo circundante como ameaçador e o próprio eu como inadequado. Frequentemente trata de evitar a estimulação do ambiente ou dela retrair-se. Muitas vêzes existem tendências regressivas, imaturas e infantis... ou se trata de pessoas deprimidas”.

Alschuler e Hatwick (1951, pág. 89) verificaram que “as crianças que desenham figuras pequenas ou trabalham com massas restritas em seus desenhos tenderam como grupo a mostrar, mais acentuadamente que o grupo total, isolamento ou afastamento e comportamento emocionalmente dependente”.

Zuk (1960), ao pesquisar desenhos de figuras geométricas feitos por crianças, escreve: “Os resultados mostraram que o tamanho é uma função, pelo menos em parte, da idade mental; crianças e adultos, quanto mais amadurecidos mentalmente, mais se aproximam das dimensões do modelo. Crianças mentalmente menos maduras desenham consistentemente figuras menores que os outros grupos”. Prosseguindo a pesquisa com o DAP (Zuk, 1962), encontrou confirmação do fato.

Kahn e Giffen (1960, pág. 93) apontam entre os sinais de esquizofrenia no DAP... “**desenhos grandes** com ênfase na linha pesada, nos tipos grandiosos e floridos da doença”. Mas Reznikoff e Nicholas (1958), experimentando a validade de uma lista de itens indicadores da paranóia, lista essa organizada na base dos estudos de Machover, de Holzberg e Wexler e da experiência clínica dos autores, chegaram à conclusão de que o tamanho das figuras não diferencia significativamente o grupo paranóico do não paranóico.

Como podemos ver da apresentação dos estudos referentes ao tamanho dos desenhos da figura humana e seu significado psicológico, apesar da crítica que alguns pesquisadores

fazem a determinados aspectos da interpretação, há certa concordância entre os autores citados.

Lembrando que 52,5% dos desenhos por nós estudados apresentaram tamanhos pequenos e 38,8% tamanhos médios, enquanto apenas 4,5% eram muito pequenos e 5,8% estavam entre os muito grandes e grandes, podemos afirmar, com base nas interpretações expostas, que, em geral, nossos adolescentes revelaram sentimento de inadequação, inferioridade, isolamento e rejeição.

VI — Localização na fôlha

A análise da Tab. XIII, na categ. VIII do cap. B da Segunda Parte, nos mostra que:

As figuras se localizam predominantemente no quadrante superior esquerdo e no centro da fôlha e, em grau menor, na metade esquerda e metade superior. Portanto, orientação do centro para a esquerda e para o alto da fôlha. As moças usam um pouco mais freqüentemente o quadrante superior esquerdo e menos a esquerda da fôlha, que os rapazes; o grupo de 15-18 anos, com freqüência um pouco maior o centro e a esquerda, que o grupo de 12-14 anos.

Os estudos sobre a localização dos desenhos na fôlha são numerosos. Iniciaremos novamente por Levy (1959, pág. 273): “Há cinco possibilidades gerais de localização. O desenho pode estar na metade superior, na metade inferior, no lado esquerdo, no lado direito ou no centro da fôlha”.

Preferimos em nosso trabalho estender para dez as possibilidades de localização para enquadrar os casos mais variados, que de fato ocorreram. Algumas localizações, como quadrante inferior direito e diagonal na fôlha, apareceram em pouquíssimos casos; outras como: à direita, quadrante inferior esquerdo, metade inferior e quadrante superior direito também apareceram poucas vezes e foram consideradas raras. Na experiência de Levy (1959, pág. 276), igual fato se deu com a localização no lado direito da página (raramente ocorre): “Nos poucos exemplos em que isso foi observado, varia-

das interpretações têm sido feitas. O único fator comum parece ser na direção de negativismo ou rebelião”.

Com referência ao significado da localização na metade superior da fôlha, Levy distingue o fato quando ocorre no desenho das crianças ou no dos adultos. No primeiro caso, o sentido seria de objetivos altos que a criança procura atingir e no segundo, teríamos adultos não seguros de si mesmos, sentindo-se no ar. Os desenhos no lado esquerdo da página denunciariam acanhamento e introversão. Os da parte inferior da página indicariam estabilidade e calma e eventualmente depressão, enquanto os do centro denunciariam pessoas adaptativas, auto-dirigidas e centradas em si mesmas. Lembra Levy, entretanto, que nenhuma interpretação deve ser feita fora do contexto, mas apenas quando encontrar apoio em outros dados do desenho e se enquadrar na configuração total da interpretação.

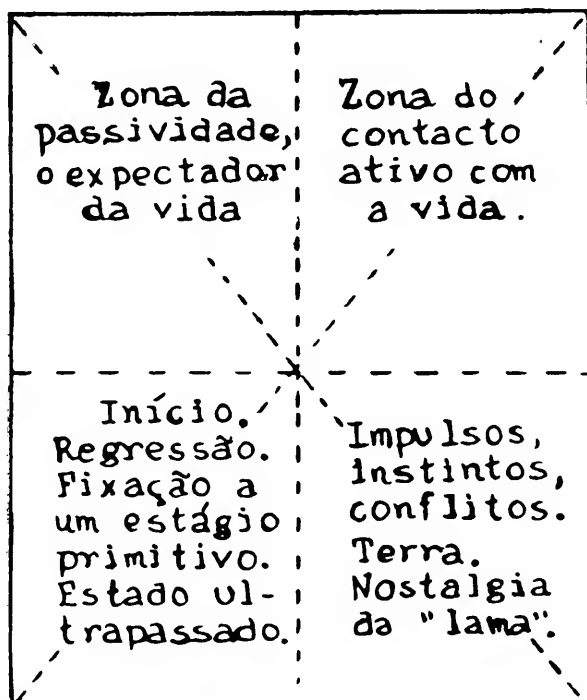
Halpern (1956, pág. 334), discorrendo sobre o teste de Bender, afirma que “a maneira como o indivíduo coloca a figura no papel também pode revelar muito sobre sua orientação geral em relação ao ambiente”. O mais freqüente parece ser começar do centro da fôlha para baixo e depois para a metade superior. Alguns começam pela extremidade superior esquerda e vêm para baixo; outros colocam de tal maneira as figuras que parecem aderir às margens do papel. Em cada um desses casos, outros dados correlatos sugerem o significado mais provável.

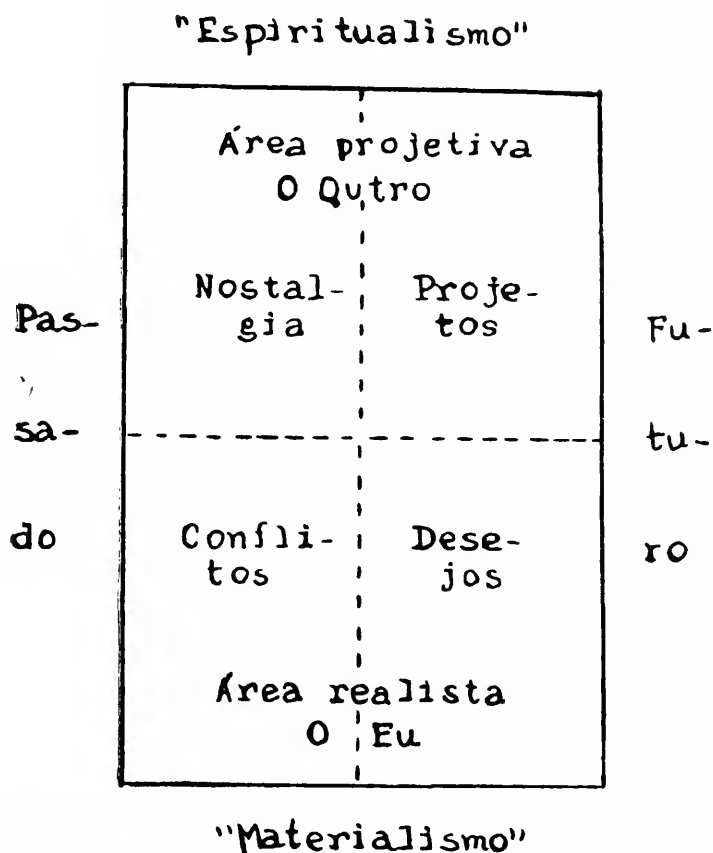
Forno (1960, pág. 56), tratando da situação do desenho em relação à fôlha do papel, afirma que mais freqüentemente êle ocupa o centro da página, mas que pode estar próximo a uma das margens laterais ou à margem superior ou inferior, na metade direita ou esquerda e pode mesmo transbordar da fôlha, sobretudo na margem superior ou nas laterais. Se o desenho está próximo a uma das margens laterais, indica ou sensibilidade exagerada ou sentimento de insegurança; se está no alto da fôlha, tendência ao devaneio e à fantasia; quando próximo ao bordo inferior, tendência à depressão, sentimento de insegurança ou impotência, regressão infantil; se transborda da fôlha, sinal de fantasia ou sentimento de impotência. O espaço

à esquerda da fôlha, representaria o passado, o polo maternal, o desenvolvimento emocional; o espaço à direita, o futuro, o polo paternal, o desenvolvimento intelectual.

Alguns autores resumem em gráficos elucidativos as idéias do significado das zonas do papel ou do espaço utilizado. Vamos nos reportar aos seguintes:

1) O simbolismo do espaço adotado por Koch (1958, pág. 33), na base do esquema de Grünwald, o qual fornece a estrutura de localizações que podem ser combinadas entre si:





Apesar das variações que encontramos nos estudos mencionados e em outros que seria demasiado extenso citar aqui (Alschuler e Hatwick, 1951; Biedma e D'Alfonso 1955 e Honroth-Zarza, 1960), podemos procurar sintetizar as principais idéias dos vários autores. Acrescentamos, porém, que não é nosso objetivo, neste ponto, criticar a validade de cada uma das interpretações propostas, e que a síntese que se segue é expressão da concordância evidenciada quanto ao significado de cada zona, agora adaptada ao esquema de localização utilizado em nossa pesquisa. Teremos, então:

1.º quadrante (superior direito) = contacto ativo com a realidade, rebelião e ataque, projetos para o futuro;

2.º quadrante (inferior direito) = força dos desejos, impulsos, instintos, obstinação e teimosia;

3.º quadrante (inferior esquerdo) = conflitos, egoísmo, regressão, fixação a estágio primitivo;

4.º quadrante (superior esquerdo) = passividade, atitude de expectativa diante da vida, inibição, reserva e nostalgia.

Metade superior (parte superior do eixo vertical da fôlha) = espiritualidade, misticismo; energia; objetivos muito altos, possivelmente inatingíveis; satisfação na fantasia; "estar no ar".

Metade inferior (parte inferior do eixo vertical) = materialismo; fixação à terra e ao inconsciente; orientação para o concreto; insegurança e inadequação com depressão.

Metade inferior (parte inferior do eixo vertical) = matreversão, altruísmo, atividade, socialização, relação com o futuro, progresso, comportamento equilibrado e estável.

Metade esquerda (do eixo horizontal) = introversão, egoísmo, predomínio da afetividade, do passado e do esquecido, comportamento impulsivo.

Centro = segurança, pessoa centrada em si mesma e auto-dirigida; emotividade; comportamento emocional e adaptativo.

Em geral os pesquisadores concordam em que o quadrante superior esquerdo é muito empregado por aqueles a quem se solicita um desenho, como ocorreu em nossa pesquisa. Muitos, porém, põem em dúvida o significado psicológico dado ao fato.

Taylor (1960), Dennis (1958) e Dennis e Raskin (1960), por exemplo, investigando este ponto, chegam à conclusão de que hábitos de escrita são mais responsáveis pelo uso do 4.º quadrante, que aspectos da personalidade. A localização do desenho dependeria em parte do fato do indivíduo, ao escrever, começar do topo esquerdo ou direito da fôlha. Haveria uma transferência de hábitos de escrita para o desenho, e a localização deste sofreria efeito desses hábitos aprendidos, em geral, bem cedo, na escola primária.

Nesse sentido, as pesquisas de Werder e Noller e de Jolles (apud Hammer, 1958b, pág. 70) concluem que as crianças mais

jovens, na escola elementar, preferem o quadrante superior esquerdo e que à medida que passam do 1.º para o 8.º grau, gradualmente deslocam seus desenhos em direção ao centro da página, que é a localização normal para crianças do 8.º grau.

Aplicando a síntese de interpretação apresentada acima aos dados de nossa pesquisa, podemos concluir que os adolescentes estudados revelaram, através da localização dos desenhos na fôlha: inibição, reserva, atitude de expectativa diante da vida, emotividade, predomínio da afetividade e do passado, egocentrismo, ao mesmo tempo que energia, objetivos elevados, orientação para o espiritualismo e misticismo, com possibilidade de segurança e de comportamento emocional e adaptativo.

VII — Postura das Figuras

A figura é, quase sempre, desenhada de pé. Apenas duas figuras, em 950 desenhos, foram apresentadas uma sentada e outra ajoelhada. Vide Categ. V, do cap. B da Segunda Parte.

Este resultado parece não concordar com a expectativa oferecida pelo estudo da técnica de Machover, não por indicações exatas da incidência do fato em grupos normais ou não normais, que não aparecem nas obras consultadas, mas pelas informações constantes de certos trechos, tais como (Machover, 1949, pág. 70). “A pessoa que se acha obrigada a guardar o leito, o deprimido, o desiludido ou o indivíduo fisicamente impossibilitado pode mostrar resistência a desenhar os pés e ainda as pernas, e pode algumas vezes compô-las de tal forma que resulte na figura de uma **pessoa sentada**”. Ou à pág. 99: “As pernas podem estar flutuando no espaço, e tôda a figura pode achar-se em **posição inclinada**, dando a impressão indefinida de flutuação e estabilidade precária: comum em alcoólicos crônicos...”.

Levy (1959, pág. 276) afirma: “Ocasionalmente o desenho pode representar uma pessoa sentada ou inclinada, sendo en-

tão freqüentemente indicativo de baixo nível de energia, falta de impulso, ou exaustão emocional”.

Ocorre, porém, que o desenho da figura humana em outra posição que não a de pé, é mais difícil pois se trata de integrar os elementos de um personagem em uma ordem não habitual, uma vez que o desenho automatizado pela criança é o do homem em pé (Wallon e Lurçat, 1958, pág. 202).

Guiando-nos pelas interpretações citadas, verificamos que nossos adolescentes ou não expressam baixo nível de energia, depressão e falta de impulso ou apresentam um tipo de realização mais própria da criança.

VIII — Movimento das figuras

Da análise da Tab. XI, na Categ. VI do cap. B da Segunda Parte, podemos inferir que:

A figura é predominantemente estática. Apenas 6,2% dos adolescentes desenharam a figura em movimento, sendo que os rapazes o fazem um pouco mais freqüentemente que as moças; ambos os sexos, todavia, apresentam êsse traço com maior freqüência na figura masculina.

Devemos esclarecer que, para objetividade de avaliação dos desenhos colhidos, anotamos apenas os movimentos explícitos das figuras, embora na técnica de Machover o movimento contido também valha como elemento de interpretação. Essa autora (1949) escreve à pág. 64: “As crianças e os jovens, mais do que os outros, mostram movimentos em seus desenhos — movimentos funcionais e movimentos abortados pertencentes a elaborações da fantasia... O movimento, como expressão da fantasia nos desenhos tende a diminuir com a idade, da mesma forma que a efetiva mobilidade do comportamento do indivíduo...” E à pág. 91: “A figura pode estar posando, caminhando, em combate, dando algo a alguém, orando ou saudando alguém. A maioria dos desenhos obtidos em um hospital de adultos ou população clínica é **estática** ou quando muito retrata uma pessoa que está “dando um passeio”. A ação é mais comum nos desenhos dos pré-adolescentes do sexo mas-

culino. As moças mostram marcada preferência pelas figuras em exibição... O fato de que a fantasia e a ação são mais comuns nos desenhos dos rapazes corrobora a observação de que as moças são mais realistas, práticas e orientadas para as exigências sociais, enquanto os rapazes acariciam fantasias de poder e aventuras". Não querendo discutir a legitimidade dessa afirmação, lembramos apenas que em nossa pesquisa, quanto ao movimento, houve uma diferença significativamente válida a favor dos rapazes e da figura masculina, apesar da reduzida porcentagem de movimento explícito nos desenhos.

Hammer (1958b, pág. 71) vem ao nosso encontro quando escreve: "Movimento é ocasionalmente indicado nos desenhos projetivos, e mais freqüentemente no das crianças".

Waehner (1946) observou que adolescentes bem dotados produzem com maior freqüência desenhos incluindo movimento; depressivos apresentam-no raramente; tipos esquizóides e esquizofrênicos produtivos empregam muitos elementos de movimento; os de baixo nível mental são os que o desenham com menor freqüência. Conclui, por um lado, que sem sombra de dúvida, a inteligência tem papel na produção da figura humana em movimento e que, por outro, fatores de personalidade também influem, pois a maior parte dos estudantes que não apresentou figuras em movimento não tinha boas relações com outras pessoas, quer por serem êles muito passivos, quer muito agressivos e incontrolados nos contactos pessoais, provavelmente como efeito de um narcisismo prejudicial.

Neste sentido, a pesquisa de Arruda (1958) confirma a incidência de movimento (inclusive com alguma perda da verticalidade) em 77% dos casos de esquizofrênicos estudados. Depois de afirmar que, como técnica para diagnóstico diferencial, o desenho da figura humana não é decisivo, e que muitos dos característicos destacados como típicos do grupo estudado também podem ser encontrados em indivíduos com outra psicopatologia e ainda em pessoas normais, o autor mencionado acrescenta, todavia, que não há dúvida de que "certos traços são quase patognomônicos da esquizofrenia (especialmente no desenho da figura humana) não importando que sua freqüência

seja reduzida: os desenhos de figuras hermafroditas... as formas em movimento...". Kahn e Giffen (1960, págs. 93-94), porém, não colocam o movimento entre os indicadores da esquizofrenia no DAP, apesar de mencionarem que Machover (1949) aponta também outros sinais, entre os quais: desenho esquemático e movimento bloqueado.

Denner (1954), pesquisando a representação da ação nos desenhos de figuras humanas de crianças de 4 a 14 anos, verificou que aos 4 anos apenas algumas representam espontaneamente um movimento no primeiro desenho, mas que por volta de 10-11 anos o número se torna grande, pois nesta idade as crianças animam sua personagem já no primeiro desenho. Explica ela que uma personagem sem movimento é uma abstração para o adulto e como o desenho da criança tende, em sua evolução genérica, a uma representação cada vez mais realista, integra a representação do homem em um todo vivo. E acresce ainda o fator social da influência das revistas de quadrinhos e dos livros ilustrados que se faz sentir de forma nítida precisamente nesta idade. Entre os adultos, diz a autora, encontramos também o desenho dinâmico, executado com maior ou menor felicidade segundo as aptidões.

Assis Pacheco (1952), comparando o movimento no Rorschach e em desenhos livres de crianças de 7 a 12 anos e meio, encontrou correlação positiva do movimento nos desenhos com o movimento animal, mas não com o humano no Rorschach. Isto parece corroborar a observação de Waehner (1946, pág. 40) de que "os elementos de movimento no desenho e na pintura são diferentes dos do Rorschach, mais amplos e parcialmente mais formais", e também a de que as crianças se sentem mais à vontade diante do conteúdo animal.

Podemos concluir que se, no plano de interpretação dos desenhos, o movimento em geral indica atividade, dinamismo, capacidade mental e adaptação, no caso da figura humana, não é tão simples interpretar seu significado. Entretanto, com base na concordância que podemos encontrar entre os pesquisadores citados, e lembrando a restrição introduzida em nosso estudo pelo fato da objetividade de julgamento nos levar a con-

siderar apenas os movimentos explícitos, inferimos que nossos adolescentes não revelaram muita fantasia e ação em seus desenhos, mas, por isto mesmo, não se enquadram entre aqueles que apresentam traços esquizóides.

IX — Perspectivas das figuras

A perspectiva da figura pode ser: tôda de frente, com os pés de perfil, com a cabeça e os pés de perfil e ainda, tôda de perfil. Outras posições como: só a cabeça de perfil e figura tôda de costas são raras. Confusões no perfil, isto é, erros sérios no perfil do rosto são raros também. Algumas variações se produzem com relação à idade e ao sexo dos autores, porém o sexo da figura não influi significativamente. Vide Tab. XIV, na categ. XIX, cap. B, da Segunda Parte.

De acôrdo com Machover (1956, pág. 359) a “perspectiva indica o grau de auto-exposição, o lado que a pessoa apresenta ao mundo. A apresentação de perfil, considerada como evasiva, é geralmente uma característica masculina. A de frente, com sua implicação de exibicionismo, ingenuidade e comunicabilidade social é favorecida pelas mulheres ou pessoas socialmente dependentes como as crianças. Perspectiva torcida pode ser vista em indivíduos que virtualmente se orientam, ao mesmo tempo, em direções diferentes”.

Alguns de nossos dados estão concordes com as afirmações apontadas atrás; por exemplo: os rapazes em relação às moças desenharam, com freqüência um pouco maior, a figura tôda de perfil ou com cabeça e pés de perfil, quase totalmente de perfil, portanto, ao passo que as moças fizeram mais freqüentemente que os rapazes a figura tôda de frente e aquela com a cabeça de perfil apenas. Neste ponto, entretanto, os comentários de Machover (1949, pág. 100) discordam de nossa conclusão. Escreve ela: “A cabeça de perfil, com todo o corpo de frente, se vê com freqüência no sexo masculino, principalmente adolescentes e rara vez é encontrada nos desenhos das moças. A postura resultante é forçada e irreal. Usualmente se toma como indicação de inquietude social, de algu-

ma falta ou culpa em relação aos contactos sociais, talvez certo grau de desonestidade, e sem embargo, com tudo isso, existe um impulso de exhibir o próprio corpo, o que impede a execução de um perfil consistente”.

E acrescenta: “Ocasionalmente se desenha a cabeça de perfil, o tronco de frente e as pernas de perfil. Interpretam-se literalmente tais distorções na perspectiva como um sinal de escassos discernimento e perspectiva do sujeito. A manipulação mais patológica da perspectiva se vê na confusão do perfil do rosto, na elaboração dos traços da cabeça: mais comumente a fronte e o nariz estarão de perfil e os olhos e a boca de frente. Os olhos e a boca são, mais estritamente falando, orifícios, e não têm valor de projeção como o nariz, e talvez sejam mais fáceis para desenhar de frente. Mais ainda, os olhos e a boca são ontogênicamente mais infantis no desenvolvimento da habilidade pictórica. Este tipo confuso de tratamento se encontra em culturas primitivas. Na coleção do autor, esta confusão ocorre em deficientes de baixo grau, em casos orgânicos com bases esquizóides que se acentuaram, e com frequência em esquizofrênicos. O negro do sul, sem escolaridade e de inteligência deficiente, que teria apreciado distorções de percepção, pode oferecer esta confusão de tratamento da cabeça sem ser psicótico”.

Neste sentido, Kahn e Giffen (1960, pág. 93) apontam como um dos indícios da esquizofrenia a confusão do perfil da face, tais como dois olhos ou boca e nariz colocados no centro de um rosto de perfil.

Machover (1949), porém, a seguir acrescenta algo que em nossa pesquisa não se verificou, pois apesar de alguma diferença ter-se apresentado não foi considerada estatisticamente significativa: “As figuras masculina e feminina de um par de desenhos, apresentam-se freqüentemente em perspectivas diferentes. Muitos rapazes desenharam o próprio sexo de perfil, enquanto traçam a mulher de frente”. E acrescenta uma interpretação, que, entretanto, se lhe afigura como uma das áreas menos seguras e a exigir investigações posteriores.

Forno (1960, pág. 56), analisando vários aspectos do desenho da Casa, Árvore e Pessoa, declara que a pessoa pode estar de perfil ou de frente. O perfil absoluto (um só braço e uma só perna) indicará uma recusa a apreender a realidade, uma tendência a voltar-se sobre si mesmo. Hammer (1954a) considera êsse fato como provavelmente patológico, sugerindo reação paranóica; e mais: o desenho da pessoa completamente de costas indicaria uma severa condição paranóica, enquanto a apresentação parcialmente de costas seria uma indicação mais suave dessa condição.

Wallon e Luçart (1958, pág. 200) afirmam: "O perfil supõe na criança a possibilidade de abstrair uma parte do corpo como representação do conjunto". Essa dificuldade é agravada pelo fato de que no homem, em contraste com os outros animais, há menos elementos representativos no perfil por causa da posição vertical. Quando o homem é desenhado sentado, então o perfil se faz mais fácil e, por isso, mais freqüente. Segundo a experiência desses autores, ao solicitar-se a uma criança o desenho de uma pessoa sentada, ela a representa mais freqüentemente de perfil. Nas tentativas para desenhar de perfil a figura em pé, são os elementos móveis que, antes dos demais, indicam a orientação: primeiro os pés, depois os braços, a seguir a cabeça e por último o corpo.

Segundo esta indicação, devemos concluir que os adolescentes pesquisados ainda estão vencendo dificuldades no desenhar o perfil: já põem os pés e a cabeça de perfil, já fazem perfil todo, mas traçam muitas figuras de frente.

Passando, agora, para o plano da personalidade, de acordo com as interpretações mencionadas, podemos inferir que os nossos adolescentes são exibicionistas, ingênuos e socialmente dependentes, mas também revelam inquietude social e culpa em relação aos contactos sociais; em suma: mescla de impulso para exhibir o corpo e atitude de fuga ou evasão.

X — Tema dos desenhos

A análise da Tab. XV, na categ. X do cap. B, da Segunda Parte, nos permite concluir que:

As figuras desenhadas são, de preferência, de idade aproximada à do autor, ou mais velha que ele. Figuras mais jovens e estereótipos são raros. Com o aumentar da idade dos autores, cresce o número de figuras de idade aproximada, diminuindo o das mais velhas. As moças, em relação aos rapazes, acentuam com frequência bem maior a figura de idade aproximada, com diminuição da porcentagem da mais velha; aumentam um pouco a frequência da figura mais jovem e reduzem a dos estereótipos. O sexo da figura só influi significativamente com relação aos estereótipos (que se apresentam com maior frequência na figura masculina) e com a figura mais velha (mais freqüente na feminina).

Machover, S. (1947), espôso da sistematizadora do DAP, à pág. 132 afirma: “E’ raro que os adultos espontâneamente desenhem a figura de uma criança, em resposta à ordem: “Desenhar uma pessoa”. Ao fazê-lo, Kathy simboliza a nostalgia da infância, a dependência e a auto-indulgência, uma fuga das responsabilidades adultas, um retraimento do desafio a suas capacidades inerentes e um derrotado abandono de aspirações uma vez alcançadas... a expressão motora espontânea liberada leva implicação projetiva de um desejo de identificação com a infância”.

Machover (1956, pág. 350) escreve: “Quando o desenho é marcadamente diferente da raça, sexo e idade do sujeito, pode ser presumida alguma dificuldade na identificação normal. Assim quando... uma mulher de idade faz uma figura relativamente jovem, quando uma pessoa jovem desenha uma mais velha... fica patente uma instabilidade de papel na esfera em que ocorre o fato”.

E é ainda Machover (1949, pág. 91) quem diz: “Outro tratamento de importância é a projeção de uma figura, na qual o conjunto das características gráficas é marcadamente mais jovem ou mais velha que o sujeito. Se a figura do próprio sexo é mais jovem, pode-se supor alguma fixação emocional a essa idade ou desejo de voltar à juventude. Se é mais velha, pode indicar uma identificação com a imagem do progenitor (do próprio sexo)”.

Poderíamos ver em nossa pesquisa uma identificação maior com os indivíduos da própria idade e com os mais velhos, possivelmente os pais; com o crescer da idade, haveria uma integração cada vez maior com a própria imagem; as moças estariam mais identificadas com a própria idade e com a figura mais jovem, enquanto os rapazes se mostrariam mais identificados com imagens mais velhas; o que daria em resultado certa imaturidade por parte das moças.

Com referência ao estereótipo, que aparece em pequena porcentagem em nossa pesquisa, encontramos nos estudos de Machover (1949, pág. 90): “Quando se seleciona um caráter estereotipado tal como o soldado, o vaqueiro (“cow-boy”), o policial, o “gangster”, pode-se supor com elevada probabilidade que até certo grau a identificação se acha em nível de fantasia”.

Levy escreve (1959, pág. 282): “Quando o indivíduo desenha figuras “aéreas” ou representações abstratas, êsse fato pode ser interpretado como indicativo de evasão, o que é frequentemente característico das pessoas inseguras e dubitativas. Se as figuras são palhaços, caricaturas ou têm aparência de idiota, o indivíduo está expressando seu desprezo e hostilidade para com as pessoas. Isto é encontrado frequentemente em adolescentes que se sentem rejeitados e inadequados. Bruxas ou tipos similares são desenhados por indivíduos hostis e que expressam seus sentimentos extrapunitivamente”.

Gunsburg (1952) comenta que em rapazes com sentimento de inferioridade social a tentativa de compensação pode resultar em desenhos de homens pequenos ou de palhaços e espantalhos, por efeito de um esforço inconsciente para deformar a realidade.

Os adolescentes por nós estudados, em especial os rapazes, desenhavam palhaço, vaqueiro (“cow-boy”), índio, marinho, chinês, jogador de futebol, bandido, o bonequinho de propaganda da Esso, o “amigo da onça”, bailarina, noiva, militar (tipo Napoleão); apresentam maior freqüência as figuras de índio, “cow-boy” e bailarina.

Bardet e outros (1950), aplicando o teste de Goodenough em Dakar e Kombole, verificaram que o personagem de “cow-boy”, também derivado para o tipo do “Zorro”, é muito freqüente; e em Dakar apenas, igualmente freqüente o do jogador de futebol.

Vemos, portanto, que certos estereótipos são encontrados em culturas diferentes, naturalmente sob efeito da influência dos veículos de divulgação como cinema, rádio, televisão e imprensa.

Quanto aos estereótipos, podemos inferir que nossos adolescentes não se afastam daquilo que se espera para sua idade e experiência, e que a reduzida porcentagem do fenômeno parece indicar pequena incidência de refúgio na fantasia como resposta aos problemas de relacionamento pessoal.

XI — Espessura da linha e consistência do traçado

Como vimos na análise da Tab. XVI, na categ. XI, do cap. B, da Segunda Parte: **A linha usada nos desenhos é predominantemente de grossura média e o traçado é de tipo avanço-recuo e contínuo.** A linha grossa é um pouco mais freqüente que a fina; o traçado interrompido e o trêmulo são raros. As moças fazem com freqüência um pouco maior que os rapazes, linhas de grossura média e fina. Com o crescer da idade, aumenta um pouco a freqüência do traçado avanço-recuo e do trêmulo, diminuindo a do contínuo.

Os estudiosos do desenho projetivo freqüentemente se referem à fôrça ou pressão com que a linha foi feita e ao tipo de traçado empregado, fornecendo, porém, poucas indicações precisas sôbre a forma de julgar êsses aspectos. Diante da dificuldade de verificação objetiva de várias das qualificações propostas, preferimos limitar-nos, como já foi exposto em capítulo anterior, aos sete itens de nosso esquema: a grossura da linha correspondendo à pressão com que foi executada e a consistência do traçado ao que será visto mais adiante como linha quebrada, interrompida, etc.

Resta-nos esclarecer que neste item da grossura da linha e consistência do traçado não consideramos a borradura ou sombreamento que se poderia apresentar. Frequentemente mais local que geral, a borradura, por seu significado específico como denunciadora de conflitos, foi analisada em item à parte, sempre em função da área em que se apresentou.

Machover (1949, pág. 102) escreve: “A pressão, a solidez e a firmeza da linha usada no desenho são consideradas mais basicamente características que alguns dos outros traços formais. A linha pode ser débil, indistinta ou grossa; pode ser sólida, quebrada, ou reforçada; pode ser fina ou grossa”.

Levy (1959, pág. 281) tece também considerações sobre o traçado, que deve ser considerado com referência à pressão, direção, continuidade, angulosidade e ritmo. A pressão se relaciona com o nível de energia: grande energia e ambição dariam linhas firmes e pesadas; baixo nível de energia, linhas leves e finas. Indivíduos decididos e rápidos fariam um traçado contínuo de linhas retas; o traçado interrompido de linhas curvilíneas seria sinal de indecisão e lentidão, enquanto aquele formado de pequenos traços indicaria ansiedade e incerteza. Quando o contorno da figura é claro, com linha grossa e contínua, pode expressar o isolamento do indivíduo e sua necessidade de proteger-se das pressões externas.

Machover (1949, págs. 102 a 104) também insiste em que a linha do contorno do corpo representa a parede entre o indivíduo e o ambiente e pode refletir o grau de limitação, vulnerabilidade, sensibilidade e isolamento do sujeito. Os alcoólicos, esquizóides crônicos, paranóides e aqueles que sofrem de temor de despersonalização podem traçar linhas grossas e pesadas como barreira entre eles próprios e o ambiente. O neurótico ocasionalmente faria linhas grossas, pela mesma razão que o deficiente orgânico: o lápis fica compulsivamente aderido ao papel como forma de afirmação de contacto. O esquizofrênico ou maníaco, agudamente excitado, faria linhas muito grossas, por excesso de agressão motora.

Kahn e Giffen (1960, pág. 93 e 108) apontam, entre os sinais de esquizofrenia no desenho da figura humana: “...de-

senhos grandes com ênfase na **linha pesada**, nos tipos **grandiosos e floridos da doença**"; e entre as manifestações neuróticas: "**rasuras, sombreamento e refôrço da linha**".

Buck, citado por Hammer (1958b, pág. 66), verificou que linhas pesadas, desenhadas com grande fôrça, foram usualmente produzidas por pacientes orgânicos. Entretanto, sujeitos extremamente tensos às vêzes também desenhavam esse mesmo tipo de linha.

Reznikoff e Nicholas (1958) concluíram que, entre os 25 indicadores de paranóia no desenho da figura humana, estudados em sua pesquisa, a ênfase na linha pesada ocorreu com freqüência significativamente mais elevada no grupo paranóide.

Goldstein e Raw (1957), pesquisando a expressão da agressividade no desenho da figura humana, chegaram à conclusão de que a linha pesada não é um sinal válido de agressão.

Machover (1949 e 1956), continuando seu estudo sobre o tipo de linha, refere-se à linha confusa, freqüentemente fragmentada, que quase sempre contrasta com traços de agressão contidos no desenho, o que significa inibição dos impulsos agressivos no contacto social. Uma linha quebrada ou trêmula, com pressão ligeira, é encontrada muitas vêzes em alcoólatras esquizóides (não paranóides, porém). Uma linha essencialmente contínua, como se o lápis raramente tivesse sido tirado do papel, sugere falta de sensibilidade, medo de empreendimentos, falta de vida e de qualidade rítmica.

Buck, ainda citado por Hammer (1958b, pág. 66), indica que linhas quebradas ou indecisas, ou linhas que se tornam contínuas apenas porque foram reforçadas, usualmente exprimem insegurança ou ansiedade. O mesmo fato é expresso por Machover (1955, pág. 43), ao comentar os desenhos da figura humana de um caso em estudo: "As linhas dos desenhos são hesitantes, leves, quebradas e em muitos lugares, retraçadas. O movimento expressivo refletido nas linhas parece ser o resistir de atitudes de insegurança e timidez na apresentação do eu".

Para melhor analisar nossos desenhos, vamos reunir os dados dos trabalhos expostos com os de Biedma e D'Alfonso (1955), Forno (1960), Halpner (1956), Honroth-Zarza (1960) e Mira y López (1956), que seriam por demais extensos para citar aqui. Queremos, porém, deixar expresso que esta síntese é feita sem objetivo de crítica à validade das interpretações propostas e, portanto, não implica em aceitação completa das mesmas interpretações. Teremos, então:

linha grossa ou pesada — energia, vitalidade, iniciativa, decisão, constância, confiança em si, possivelmente agressividade e hostilidade para com o ambiente, falta de adaptação, esforço para manter o equilíbrio da personalidade (a ênfase na linha pesada levaria à suspeita de psicose);

linha fina — insegurança, timidez, sentimento de incapacidade, falta de confiança em si e de energia, mas também personalidade hipersensível e artista;

linha de grossura média — meio termo entre êsses dois extremos;

traçado contínuo — decisão, rapidez, energia, esforço dirigido, auto-afirmação, mas também falta de sensibilidade e de vida, medo de iniciativas (quando muito contínuo, como se o lápis tivesse ficado aderido ao papel);

traçado tipo avanços-recuos — emotividade, ansiedade, falta de confiança em si, timidez, insegurança, hesitação ao encontrar novas situações, mas também sentido artístico e plástico, intuição, sensibilidade;

traçado interrompido — incerteza, temor, angústia e possivelmente tendências psicóticas;

traçado trêmulo — medo, insegurança, sensibilidade; e se presente em todo o desenho: intoxicação do eixo nervoso, por alcoolismo ou fadiga extrema; traços involutivos.

Não podemos deixar de mencionar, entretanto, que frequentemente o desenvolvimento da técnica do desenho leva à utili-

zação do traçado que chamamos de avanços-recuos, e que as crianças, de maneira geral, fazem mais freqüentemente o traçado contínuo, com linha firme e pesada.

Com referência a esta categoria: espessura da linha e consistência do traçado, entre os adolescentes estudados muitos revelaram nos desenhos certa emotividade, ansiedade, insegurança e falta de confiança em si, enquanto outros já denunciaram decisão, energia, vitalidade e auto-afirmação.

XII — Linha do solo e outros complementos

Os desenhos raramente apresentam linha do solo, figura com apoio, enquadrada ou em cena, isto é, freqüentemente as figuras humanas aparecem isoladas, sem complemento fora do corpo desenhado. Vide Tab. XVII, na Categ. XII, do cap. B, da Segunda Parte.

A respeito dêstes aspectos, Levy (1959, pág. 282) escreve que freqüentemente são incluídos nos desenhos elementos tais como linha para representar o solo ou uma grade ou um muro para apoiar o corpo, o que pode ser interpretado como expressão da necessidade de apoio ou auxílio. Acrescenta que os indivíduos compulsivos são facilmente identificáveis por seus desenhos porque são incapazes de traçar uma figura apenas e prosseguem adicionando detalhes em toda a área do papel.

Machover (1956, pág. 360) diz: “Tema ou cena de fundo é raramente ativa nos desenhos adultos. Quando aparece tema ou indicação de movimento nesses desenhos, coloca-se o problema de uma vida de fantasia muito absorvente. Muitas vezes tais desenhos apresentam uma abundância de detalhes que reflete um fluxo de pensamento super-idealizado. O fundo, que é visto freqüentemente em desenhos de crianças, pode aparecer nos adultos sob a forma modificada de uma linha para apoiar ou uma base para fazer pose ou ainda uma linha de solo para segurança no andar. Adolescentes podem desenhar parada de ônibus, sinalização de rua, ou tema e cena de transportes, como expressão de seus transitórios estados mentais”.

Devemos lembrar que, em nosso trabalho, nos casos muito raros em que as figuras humanas estavam integradas em cenas, apareceram situações semelhantes às mencionadas acima. Em geral há concordância entre nossa pesquisa e os estudos citados; não, porém, no que se refere à frequência dos fatos estudados neste item; é verdade que as informações aqui são muito vagas, tais como: muitas vêzes e freqüentemente, mas devemos frisar que nossos dados indicam êstes aspectos como raros ou muito raros.

A interpretação dêsse fenômeno tem sido objeto de estudos de vários pesquisadores.

Alguns, em desenhos de crianças, relacionam o fato com movimento ou dinamismo: crianças muito imaginativas já aos 5 ou 6 anos podem dinamizar a figura, integrando-a em uma cena na qual possa representar um papel tão importante quanto o movimento para explicar a ação; é o caso de um menino de 12 anos e 8 meses que desenha um homem esperando alguém na rua e tôda a cena explica a atitude do personagem e leva a compreender de que se trata (Denner, 1953, pág. 297).

Outros, como Honroth-Zarza (1960, pág. 70), consideram a ausência de base ou solo, no desenho de um cogumelo, como indicativo de “falta de segurança, instabilidade psíquica em busca de apoio orientador”. O traço grosso, exageradamente marcado no solo, expressaria uma tendência ao primitivismo dos instintos.

No teste da árvore (Koch, 1958), a linha do solo tomada como expressão de existência imediata (terra), apresenta inúmeros aspectos e deve ser interpretada conforme esteja localizada atrás do tronco, em continuação a êle ou em tórno dêle, ou ainda seja inclinada ou em semi-círculo. Já a colocação da árvore em uma paisagem (o que seria correspondente à integração da figura humana em uma cena) é tomada como um índice, em sua generalidade expressando propensão ao sonho, contemplação, vida imaginativa, fuga da realidade, insegurança mental, indecisão, influenciabilidade, perda do senso da realidade, obsessão.

E voltando à figura humana, em Machover (1949, pág. 98) encontramos: "...insegurança na base expressada por... linha na parte inferior"; ou à pág. 163: "Depois de completar as pernas e os pés, o sujeito acrescenta chão ou solo (apoio para a segurança ao caminhar)...". Hammer (1954a) escreve: a linha do solo é empregada pelo indivíduo para estruturar seus desenhos e serve para prover estabilidade ao todo, como compensação de secretos sentimentos de insegurança.

A nos guiarmos pelas interpretações aqui analisadas, poderíamos inferir que nossos adolescentes, em geral, não apresentam sinais de sentimento de insegurança, nem de vida imaginativa muito absorvente ou de grande fantasia e propensão ao sonho.

XIII — **Transparências, articulações e linha média**

A Tab. XVIII, na Categ. XIII do Cap. B, da Segunda Parte, nos mostra que:

A figura humana pode apresentar a **sua linha média** verticalmente marcada por botões, gravata ou linha simplesmente; eventualmente pode mostrar **transparência** de algumas de suas partes, como por exemplo, do chapéu deixando ver os cabelos, da gravata permitindo ver a camisa, da manga mostrando o braço, etc.; mas raramente traz as **articulações** assinaladas. A linha média é um pouco mais freqüente na figura masculina que na feminina, e nos desenhos feitos pelas moças; articulações aparecem com freqüência um pouco maior na figura feminina feita pelos rapazes. Com referência à transparência, não há diferenças significantes entre os grupos de idade e sexo do autor, bem como de sexo da figura.

A respeito destes aspectos, Machover (1956) escreve à pág. 359: "Ênfase na linha média da figura, quer em uma fileira de botões que pode ser adicionada depois de pronto o desenho, quer em uma linha-eixo do corpo, indica preocupação com o corpo e sentimentos de inadequação e de dependência. A ênfase acentuada denuncia proporções patológicas. Atenção indevida ou excessiva às articulações sugere extrema preocupação so-

mática, enquanto a apresentação de órgãos internos é geralmente evidência de ilusões ou enganos somáticos”. E à pág. 353: “A forma de expressão de conflito mais patológica é a transparência. Vemos aí o pensamento ídeo-plástico e concreto da infância e da mentalidade primitiva. Seu equivalente no comportamento é o julgamento pobre. Se está confinada a uma área funcional específica do desenho de um adulto, a falta de julgamento se refere a essa parte. Entretanto, quando é característica do desenho todo, indica profundo distúrbio na capacidade de julgar que, se não é consistente como o Q. I. e o desenvolvimento cultural do sujeito, pode significar esquizofrenia”.

Levy (1959, pág. 279) também menciona a importância das articulações e transparências quando escreve que se o cotovelo ou outras articulações são delineadas, o sujeito é ou um compulsivo, e nesse caso outros aspectos do desenho o confirmarão, ou é um indivíduo dependente e incerto que necessita de indícios de percepção familiar para sentir-se seguro. Se é desenhada a anatomia interna, o sujeito é quase seguramente esquizofrênico ou maníaco. Arruda (1958) coloca a transparência dos órgãos e músculos no conjunto dos sinais da esquizofrenia, o mesmo ocorrendo com Kahn e Giffen (1960); êstes acrescentam ainda, ao abordar as manifestações neuróticas no D.A.P., que pessoas obsessivo-compulsivas podem dar atenção especial à linha mediana da figura. Montague (1956) encontrou em figuras humanas feitas por crianças esquizofrênicas, transparências com representação dos órgãos internos (especialmente os relacionados com o tubo digestivo), ou de objetos introjetados.

Dentro do fenômeno “transparência” devemos distinguir, como frisa Machover (1949, pág. 80), o delineamento de partes do corpo através de roupas do desenho dos órgãos internos.

Em nossa pesquisa não encontramos exemplos do segundo caso. As transparências notadas foram do tipo mencionado pela autora: contôrnio do corpo da mulher através da saia, ou pernas do homem através das calças (indicadores de problemática sexual), braços através da linha do corpo (julgamento muito

pobre), cabelo sob o chapéu (conduta sexual primitiva do sujeito), etc.

Essas transparências, desde que não generalizadas, não têm um sentido patológico tão grave quanto o desenho da anatomia interna; representam, porém, uma deficiência na evolução, pois são características do desenho de crianças pequenas. Quando mantidas em desenhos de crianças de mais de 8 anos, podem ser consideradas indício de deficiência mental, se corroboradas por outros sinais. “Entre adultos, esta característica pode indicar uma ausência muito inquietante de senso de realidade e constituir um indício de patologia, se fôr encontrada em conjunção com outros sinais.” (Gunzburg, 1952, pág. 284).

Neste aspecto das transparências, articulações e linha média da figura, os adolescentes estudados algumas vezes revelaram preocupação com o corpo e sentimentos de inadequação e dependência, e eventualmente também pobreza de julgamento e certa deficiência no senso da realidade.

XIV — Tamanho relativo da cabeça

O tamanho da cabeça varia, predominantemente, entre $1/4$, $1/5$ e $1/6$ da figura tôda. Entre os tamanhos menos frequentes os menores ($1/7$ e $1/8$) são mais numerosos que os maiores ($1/3$ e metade da figura). Com o crescer da idade, nota-se tendência para desenhar cabeças mais aproximadas do tamanho normal; as moças desenhavam cabeças um pouco mais proporcionadas e, de modo geral, a figura masculina recebe cabeça grande, mais frequentemente que a feminina. Vide Tab. XIX, da Categ. XIV no Cap. B, da Segunda Parte.

Machover (1961, pág. 13) apresenta como tamanho normal para a cabeça: entre $1/6$ e $1/7$ da figura, ou melhor, menos de 16% da figura. Em Hurlock (1956) lemos que, por ocasião do nascimento, a cabeça ocupa 22% do comprimento total do corpo; com o desenvolvimento, enquanto o tamanho da cabeça dobra, o da estatura aumenta três vezes. Em um adulto de 6 pés, a cabeça mediria 8 ou 9 polegadas (isto é, entre $1/8$ e $1/7$ do comprimento total).

De maneira geral, nossos adolescentes desenharam com mais freqüência cabeças grandes, em relação ao tamanho normal. Este fato não é estranho; Machover (1949, pág. 40) assinala que "...cabeças desproporcionalmente grandes são um traço comum nos desenhos"; e que "geralmente as cabeças recebem ênfase, exceto nos desenhos de indivíduos neuróticos, deprimidos ou socialmente inadaptados".

A cabeça é o centro importante para a localização do próprio eu; junto com as feições faciais, expressa também as necessidades sociais e o contacto; é a parte do corpo consistentemente mais exposta, e a forma como é tratada projeta as aspirações intelectuais e o controle dos impulsos.

Se a cabeça é marcadamente grande, o sujeito pode ser muito agressivo, ter aspirações intelectuais, ou sofrer de dores de cabeça ou outros sintomas somáticos (Machover, 1959, pág. 277). Mas também, segundo a mesma autora, pode se tratar de frustração das aspirações intelectuais, de deficiência mental, de dependência infantil, e mesmo de indício de paranóia e narcisismo.

Mogar (1962), ampliando uma pesquisa sobre os indícios de ansiedade no desenho da figura humana, verificou que somente o tamanho grande da cabeça em relação ao da figura pode ser considerado como expressão de ansiedade; mas que também a inteligência apresenta correlação com o tamanho da cabeça.

Crianças pequenas desenharam cabeças grandes; Machover sugere que, por causa da dependência social das crianças a cabeça expressaria, nesse caso, mais o problema das interrelações pessoais que a concentração da atividade do eu, como se dá no desenho de adolescentes e adultos.

A omissão da cabeça não foi encontrada entre nossos adolescentes, o que parece concordar com os dados de Machover (1949), quando à pág. 42 escreve: "Uma criança oferecerá uma cabeça como uma pessoa completa; entretanto nunca fará um tronco isolado, pescoço, braços ou pernas como representação de uma pessoa completa". A omissão da cabeça, segundo Kahn

e Giffen (1960), seria indicativo de esquizofrenia, como já mencionamos na Categ. III, dêste capítulo.

Da consideração dos tamanhos relativos das cabeças desenhadas por nossos adolescentes, em face das interpretações aqui apresentadas, podemos inferir que certa importância é atribuída à cabeça, não, porém, de forma exagerada. Predominam as cabeças um pouco maiores que o normal, mas as muito grandes são vencidas, em frequência, pelos tabaninhos menores. Podemos, portanto, concluir que nossos adolescentes denotam certa preocupação com os contactos sociais e com o contrôlo dos impulsos e algumas aspirações intelectuais.

XV — Cabelos

Como vimos na análise da Tab. XX, na Categ. XV do Cap. B, da Segunda Parte: **Os cabelos são de comprimento médio ou longos, abundantes, em geral nem bem cuidados nem desordenados, mas em média sombreados ou borrados, principalmente em seu interior.** A omissão dos cabelos é pequena, principalmente na figura feminina, onde recebem tratamento especial: são mais compridos, abundantes, cuidados e penteados, ao mesmo tempo que também mais desordenados, destacados da cabeça e borrados, que os da figura masculina. Tanto moças como rapazes, de modo geral, dão mais atenção a êste aspecto no desenho da figura feminina.

Para Machover o cabelo desempenha importante papel na esfera do simbolismo sexual; relaciona-se com necessidades sensuais e talvez indiretamente com a vitalidade sexual. Como projeção sexual, é mais primitivo e infantil que o nariz, a gravata e mesmo os característicos sexuais primários. Afirma, como argumento, que a púbere está constantemente preocupada com o cabelo, assim como com os outros pêlos do corpo. Ênfase no cabelo, encontrada freqüentemente em desenho de adultos infantis ou em regressão, é expressão de preocupação sexual, de intenso desejo de virilidade; em outros casos pode ser indício de pujança viril.

Pode-se relacionar cabelo desordenado com desordem sexual e cabelo bem penteado, ondulado e muito cuidado com preocupação em deslumbrar e seduzir (freqüentemente encontrada em adolescentes do sexo feminino). O cabelo destacado da cabeça seria expressão de um caráter regressivo ou esquizóide.

O sombreamento vigoroso do cabelo pode significar conflito de virilidade. Cabelos cobrindo grande área da cabeça indicariam a extensão das lutas pela virilidade, enquanto cabelos excassos expressariam uma virilidade insegura e débil. A ausência do cabelo no caso de um delinqüente juvenil (Machover, 1955) serviu para expressar passividade ressentida, isolamento e vacuidade. Levy (1959) afirma que indivíduos narcisistas ou homossexuais dão grande atenção e cuidado ao cabelo.

Devemos, porém, lembrar aqui a influência do estereótipo social do feminino que parece estar-se denunciando no desenho dos cabelos da figura dêsse sexo, em nossa pesquisa; rapazes e moças desenharam com maior freqüência cabelos compridos e de comprimento médio, abundantes e bem cuidados, conferindo-lhes maior atração sexual segundo os padrões de nossa cultura. Interpretando, entretanto, no plano da personalidade, segundo as idéias acima apontadas, podemos inferir que nossos adolescentes revelam certa problemática sexual, com sinais de vitalidade sexual e possíveis conflitos nessa área.

XVI — Rosto

A análise da Tab. XXI, Categ. XVI, do Cap. B, da Segunda Parte nos permite ver que:

O **rosto** em geral apresenta **contôrno** borrado, confuso ou sombreado. Pintura ou linhas dentro do rosto, além dos traços fisionômicos e sombreamento na superfície do mesmo são raros. Os rapazes e o grupo de 15-18 anos fazem, com freqüência um pouco maior que as moças e o grupo de 12-14 anos, contôrno borrado e pinturas no rosto. É muito rara a omissão do rosto, isto é, do conjunto de traços faciais. Omissão dos olhos,

bôca, nariz ou orelha isoladamente pode ocorrer, como veremos mais adiante.

Os estudos a respeito dêste item não são abundantes. Machover (1949) considera a importância da cara, ou rosto, dizendo ser ela a parte mais expressiva do corpo, o centro mais importante de comunicação, o traço social do indivíduo. “Aquele que deliberadamente omite os traços faciais, mostrando ao mesmo tempo um delineamento cuidadoso e agressivo do contorno e detalhes de outras partes da figura, é um indivíduo evasivo com respeito às relações interpessoais, pois êsse tratamento do rosto é uma expressão gráfica da tendência a evitar o problema. A superficialidade, a cautela e a hostilidade podem caracterizar os contactos sociais de tal indivíduo... Sujeitos tímidos e fugidios muitas vezes obscurecerão significativamente os traços faciais, enquanto traçam com fôrça o contorno do rosto (importância do próprio eu e forte tendência à participação social, porém, egocêntricamente bloqueada)”.

Mais adiante, Machover acrescenta: “Quando se adicionam linhas extras para dar significado expressivo especial ao rosto, geralmente se acham presentes outras evidências, altamente desenvolvidas, de elaboração intra-psíquica. Essas linhas mais freqüentemente se acham na área naso-labial e na testa. Com ênfase dêste tipo se tenta dar profundidade e amadurecimento ao rosto”.

Levy (1959, pág. 277) menciona que “se a cabeça e a face estão confusas, o sujeito pode ser extremamente tímido e acahnado”.

Richey e Spotts (1959) chegaram à conclusão de que a execução evidenciada pela criança no desenho da face se relaciona com a popularidade da mesma (criança) e que é melhor índice de popularidade que a execução no desenho do corpo.

Machover (1949), à pág. 45, analisa também o significado da expressão facial, afirmando ser esta “uma das características que se podem julgar diretamente com considerável confiança”. Apesar disso não nos resultou viável uma avaliação segura dos desenhos neste particular. Dada a grande dificuldade de

critérios objetivos para determinar a expressão facial, preferimos omitir este dado da análise de nossos desenhos.

Os outros dados colhidos, porém, são suficientes para o estudo da personalidade de nossos adolescentes: eles nos permitem observar a importância conferida ao rosto e fazem notar que através do sombreamento do contorno se expressa a preocupação com os contactos sociais, possivelmente com forte tendência à participação social, bloqueada, entretanto, por certo egocentrismo.

XVII — Bigode e barba

Como vimos na análise da Tab. XXII, na Categ. XVII, do Cap. B, da Segunda Parte: **Barba e bigode são raros nos desenhos dos adolescentes estudados.**

Como parte do pêlo, barba e bigode têm também significado sexual, na técnica de Machover. Frequentemente são associados com uma luta pela virilidade naqueles que têm sentimentos de inadequação sexual ou dúvidas sobre a masculinidade.

Além disso, Machover (1949, pág. 50) chama a atenção sobre o fato de que o significado da barba decorre mais da simbologia do estereótipo social que de outro papel funcional concreto. Por exemplo, barba reforçada em figura de perfil pode ser considerada como compensação de debilidade, indecisão e temor de responsabilidade e interpretada como indício de forte impulso para parecer socialmente enérgico e dominante.

E' interessante lembrar esse aspecto do papel do estereótipo social, pois, a pequena incidência de barba e bigode nas figuras humanas de adolescentes de nossos dias forçosamente estará também sofrendo a influência do desuso atual desses complementos da elegância masculina. A barba, principalmente, é hoje objeto de atenção curiosa quando aparece em rosto jovem. Também nos desenhos, ela poderá expressar o desejo de chamar a atenção e ser diferente.

Parece-nos, porém, estranho que a frequência de barba e bigode seja tão reduzida nos desenhos estudados. Em se tra-

tando de sinais de afirmação sexual, poderíamos esperar que, apesar da influência cultural, aparecessem em maior intensidade entre os adolescentes, pois a força do estereótipo não deveria sobrepujar a do simbolismo.

XVIII — Olhos

Da análise da Tab. XXIII, na Categ. XVIII, do Cap. B, da Segunda Parte resulta que:

Os **olhos** da figura humana são de tamanho médio, com pupila, sobrancelhas e, às vêzes, pestanas. Nos desenhos das moças e nos do grupo mais velho êstes detalhes se evidenciam mais. Os olhos são desenhados de perfil acompanhando a cabeça e apresentam sombreamento ou borradura interna ou no contôrno, principalmente nos desenhos dos rapazes e do grupo de 15-18 anos. A omissão é rara.

Machover (1949) escreve que uma parte considerável da função de comunicação social que se atribui à cabeça se acha concentrada nos olhos do indivíduo. Em outra obra (1956) acrescenta: “êles são um órgão básico para o contacto com o mundo exterior e constituem o ponto principal de concentração para o sentimento do próprio eu e a vulnerabilidade do mesmo. Olhos grandes podem absorver o mundo visualmente, enquanto olhos pequenos e fechados podem excluí-lo. Os olhos podem ser o receptáculo da incerteza, perplexidade ou medo. O tratamento gráfico do olho varia talvez tanto como sua própria função... Olhos grandes e mais elaborados costumam ser desenhados com maior freqüência por moça que por rapazes. Indicariam curiosidade, dependência do ambiente e experiência sociais e possível libidinização da estimulação visual. Pestanas podem dar “sex-appeal” ao olho”.

Sobrancelhas aparecem também nos desenhos. Embora o seu significado não esteja bem esclarecido para Machover, podem ser relacionadas com o do pêlo em geral. Sobrancelhas cuidadas refletiriam refinamento pessoal enquanto a sobrancelha grossa revelaria personalidades primitivas, ásperas e não inibidas.

A omissão da pupila, como porção do olho que vê, se dá no desenho de indivíduos egocêntricos e histéricos que nunca usam o olho como um instrumento de discriminação objetiva. O oposto pode ser visto no agudo sinal de uma pupila sem a órbita do olho, o que denotaria a penetrante cautela e o limitado campo de visão da personalidade paranóide, onde o olho é usado primariamente como instrumento de defesa e tudo que é visto tem um significado circunscrito e auto-referente (Machover, 1949 e 1956).

Levy (1959) considera que quando os olhos são grandes e os da figura masculina têm pestanas, o sujeito é quase seguramente um homossexual. A presença da pestana, porém, individualmente não tem validade como sinal de homossexualidade, concluíram Grams e Rinder (1958).

“Se os olhos são grandes no contorno, mas as pupilas estão ausentes ou omitidas, o sujeito está expressando culpa em relação a tendências escotofílicas ou “voyeurísticas”. Quando os olhos são grandes e têm olhar fixo ou denotam espanto, o clínico deve investigar a possibilidade de tendência paranóicas”. (Levy, 1959, pág. 278).

A respeito da relação entre olho e paranóia encontramos, entre outros, o estudo de Reznikoff e Nicholas (1958) que na lista dos sinais da doença incluíram: 1) cuidadoso detalhe das pestanas; 2) cuidadoso detalhe das sobrancelhas; 3) ênfase na linha do contorno dos olhos (refôrço); 4) sombreamento dos olhos; 5) dois olhos em cabeça de perfil; 6) olhos representados por círculos; 7) olhos representados por pontos; 9) olhos representados por traços; 10) olhos que não vêm, olhos sem pupilas; 11) detalhes não usuais e ou articulação do olho, e 12) olhos ausentes. Dêsses itens, mais os 14 restantes (referentes à orelhas, roupa, pressão da linha, tamanho da figura e da cabeça, sombreamento de outras áreas) resultaram válidos apenas a ênfase no contorno dos olhos e na linha pesada do desenho, mas mesmo assim os autores advertem que, em um conjunto de 25 testes de significância estatística, as duas diferenças obtidas podem ser devidas ao acaso.

Kahn (1960, pág. 93), porém, apresenta entre os indicadores da esquizofrenia: o “tamanho exageradamente grande ou a ênfase de qualquer parte do desenho, tais como orelhas, nariz e especialmente olhos”. E, à pág. 19, entre as manifestações neuróticas: “pacientes histéricos são propensos a fazer desenhos que parecem vazios, com olhos fechados ou sem pupila”.

Freitas Júnior (1957) pesquisando em Recife, encontrou entre os sinais de deterioração a ausência de olhos, que recebeu o mais alto escore, ao lado de mais outros três itens.

Em nossas pesquisas encontramos confirmação do fato apontado por Machover de que as moças, em relação aos rapazes, costumam desenhar olhos mais elaborados, o que confere a elas maior curiosidade, dependência do ambiente e possível desejo de sedução. Em face, porém, da presença da pupila, sobrancelha e, às vezes, pestanas nos desenhos de ambos os sexos, corroborada pela omissão rara dos olhos, podemos inferir que nossos adolescentes expressam a importância do olho como ponto de contacto com o meio exterior, revelando, também, através do sombreamento ou borradura, a problemática que se lhes coloca nesse plano.

XIX — Nariz

Como podemos ver na análise da Tab. XXIV, na Categ. XIX, do Cap. B, da Segunda Parte:

O **nariz** desenhado por nossos adolescentes é de tamanho médio, às vezes com narinas; de perfil quando a cabeça assim está, mas, algumas vezes, de perfil em rosto de frente. Metade deles apresenta sombreamento ou borradura. Os rapazes desenhavam, com maior freqüência que as moças, nariz grande e borrado no contorno, assim como omitem mais freqüentemente o nariz. No grupo de 15-18 anos aparece maior incidência de borradura que no grupo de 12-14 anos. Na figura feminina diminui a omissão do nariz e o sombreamento, em conjunto.

O nariz pode retratar um estereótipo social ou ser interpretado como símbolo fálico. “Se o nariz é aquilino ou grande e inclinado, o sujeito está expressando rejeição e desprezo. Se o desenho é uma projeção do auto-conceito, então êstes sentimentos estão dirigidos para o eu; se o desenho é projeção do não-auto-conceito (“non-self-concept”), então êstes sentimentos são dirigidos para os outros”, diz Levy (1959, pág. 278). E acrescenta: “O nariz especialmente grande está usualmente associado a sentimento de impotência sexual. Os melancólicos involucionais usualmente desenhavam nariz extremamente grande. Adolescentes que estão tentando agressivamente estabelecer seu papel masculino quase invariavelmente desenhavam nariz grande”. Nossos dados não entram em choque com esta informação; todavia, a diferença entre rapazes e moças com relação ao desenho do nariz grande é pequena, embora estatisticamente significativa.

Machover (1956) afirma que o nariz é menos importante que os olhos e mais que as orelhas na organização estética da face e carrega o peso do simbolismo sexual. Desde que é um órgão que se projeta para fora, no meio do corpo, como o pênis, recebe freqüentemente atenção no homem com conflitos sexuais. E’ primariamente um símbolo masculino. De acôrdo com nossos estereótipos sociais um nariz grande é masculino e afirmativo ou dogmático.

O tratamento do nariz que denuncia conflito pode envolver sombreamento, cruzamento de linhas ou corte de uma parte dêle como uma espécie de castração. Pudemos verificar, como apontamos, sombreamento ou borradura; entretanto, os dois outros indicadores de conflito não foram encontrados nos desenhos estudados por nós.

A omissão do nariz, no estudo citado de Freitas Júnior (1957) é índice de deterioração, da mesma importância que a omissão dos olhos.

Narinas assinaladas com alguma ênfase podem ser consideradas como um acento específico de agressividade, uma vez que essa interpretação encontre apoio em outros aspectos do

desenho. Esta afirmação de Machover (1949) foi comprovada na pesquisa de Goldstein e Rawn (1957), que concluíram: os detalhes específicos do desenho (entre eles a ênfase nas narinas), quando considerados em conjunto, mostraram claramente os componentes agressivos. Nas áreas em que a agressão é expressa simbolicamente, os índices são válidos como sinais interpretativos.

As narinas, entretanto, principalmente quando desenhadas como única indicação do nariz, também podem sugerir infantilidade, sensibilidade de temperamento, **auto-afirmação** e provocação ou desprezo (Machover e outros, 1954, pág. 520).

O nariz desenhado de perfil em rosto de frente, encontrado em nossa pesquisa com uma porcentagem que atinge quase 10%, parece significar certa persistência da maneira infantil de representar êsse traço fisionômico. É mais fácil para a criança representar a projeção do nariz em rosto de frente desenhando-o de perfil, freqüentemente aproveitando a linha de uma das sobrancelhas.

Neste particular podemos inferir que alguns dos adolescentes estudados revelaram certa persistência de traços infantis, o que é corroborado pela presença de narinas. Um grande número, praticamente metade dos adolescentes, apresenta sinais de conflitos ou dificuldades na área sexual, e até certo ponto podemos dizer que alguma agressividade está associada a essa problemática sexual.

XX — Bôca

Da análise da Tab. XXV e XXVI, na Categ. XX, do Cap. B, da Segunda Parte resulta que:

A **bôca** é de tamanho médio ou grande; é mais freqüente o tipo: bôca voltada para cima que a variedade voltada para baixo; às vezes apresenta-se cerrada; há certa incidência de borradura ou sombreamento. Algumas bôcas apresentam lábios; nesse caso predominam aqueles em “arco de Cupido”, principalmente na figura feminina. Dentes e língua ou outro

objeto entre os lábios são raros, assim como omissão da boca. As moças desenham, com um pouco mais de freqüência que os rapazes lábios grossos e em “arco de Cupido” e um pouco menos, boca para baixo, dentes e lábios finos. No grupo de 15-18 anos em relação ao de 12-14 anos, aumenta um pouco a porcentagem de boca pequena, lábios em geral e sombreamento na boca, ao passo que diminui a incidência de dentes.

Machover (1956) diz ser “a boca uma área erógena e de freqüente expressão de conflito, pois é um órgão de fixações precoces que levam a numerosas formas sublimadas de concentração. Ênfase na boca pode estar associada com dificuldades de alimentação, distúrbios da fala, linguagem indecente, crises de mau humor, intemperança, alcoolismo e formas sutis de sadismo verbal. Podem estar representadas gráficamente em bocas côncavas e dependentes ou de tipo agressivo mais compensatório. Com certa freqüência a boca pode ser projetada como zona erótica e sensual. A ênfase, gráficamente, pode ser: tamanho ou forma especiais, refôrço, sombreamento ou borradura e omissão quando olhos e nariz estão presentes”.

Acrescenta Machover (1949 e 1954) que a boca côncava e oralmente receptiva (por nós denominada boca tipo para baixo) é encontrada em desenhos de indivíduos infantis e dependentes, e que funcionalmente este tipo de boca é primariamente passivo, achando-se sempre aberto para a recepção de alimentos. Do ponto de vista evolutivo do grafismo, é mais normal em crianças que em adultos. A boca de linha para cima, dando o efeito de um palhaço a fazer caretas (em nossa pesquisa, boca de tipo para cima) observa-se freqüentemente nos desenhos dos meninos, e interpreta-se, na dependência de outros aspectos do desenho, como esforço para ganhar aprovação ou ainda como afeto não apropriado. A boca expressa por uma linha grossa entrecortada comunica agressão, e pode ser associada com personalidade verbalmente agressiva, supercrítica e, algumas vezes, sádica. Em rosto de perfil, a boca pode estar representada por uma linha simples, com marcada expressão de tensão, como se estivesse cerrada e apertada con-

tra algo (observado em desenhos de indivíduos que tiveram experiências ativas de “fellatio”). Algo semelhante, porém com menos tensão na linha, pode também ser encontrado, com outra significação (por exemplo, em um paciente que havia perdido a fala depois de uma operação da laringe). Bôca comprida (grande, denominamos em nossa pesquisa) dá testemunho de problemas orais.

Podem aparecer detalhes nos lábios. Algumas vezes êstes se expressam com uma linha bem sensual e podem ser interpretados dessa maneira. Lábios elaborados como “arcos de Cupido”, em combinação com outros traços de excessivo cosmético na figura, são observados em desenhos de moças precoces. Lábios “em arco de Cupido”, assim como bôca cônica, sugerem dependência oral em um nível imaturo. Lábios finos, não sensuais, indicam repressão ou falta de manifestação de aspectos das atitudes sexuais. Lábios grossos na figura masculina são considerados sinal de efeminação e aparecem com outros traços que expressam afetação e narcisismo. O tratamento dos lábios, assim como outros aspectos da figura masculina em geral, difere bastante do da figura feminina.

Nossos dados corroboram estas afirmações apenas no referente a lábios em “arco de Cupido”, que aparecem com mais freqüência no desenho de moças. No tocante aos outros detalhes do tratamento da bôca, algumas diferenças se apresentam, mas não são estatisticamente significantes.

Machover (1949) acrescenta, à pág. 47: “Bôca bem detalhada, com dentes à vista, no desenho de um adulto é considerado índice de infantilidade e agressão oral; muitas vezes se observa nos desenhos de esquizofrênicos simples ou tipos histericos. As crianças e os deficientes de baixo grau poderão apresentar êsse tratamento da bôca, mas nos esquizofrênicos a agressão oral implicada é mais de natureza evoluída que regressiva. Ocasionalmente, até a língua é indicada, intensificando a concentração oral em um estágio primitivo e adicionando um sinal erótico”.

Uma linha entre os lábios como um palito de dentes, um cigarro ou cachimbo, acentuaria a concentração erótico-oral.

A omissão da boca, quando os olhos e o nariz estão presentes, significa culpabilidade em relação à agressão oral, com tendências sádicas, e se encontra em indivíduos patologicamente deprimidos. Pode também ser apresentada por asmáticos.

Levy (1959) considera que a inclusão de dentes na boca indica agressão oral e sadismo, uma vez que outros traços do desenho corroborem essa interpretação. Quando a boca é indicada por uma única linha, o indivíduo pode ser verbalmente agressivo; quando é oval ou cheia e fechada, indivíduo dependente e erótico-oral; quando os lábios são cheios e sensuais na figura masculina, o sujeito pode ser um efeminado ou homossexual.

Várias destas afirmações vêm sendo pesquisadas. Goldstein e Rawn, por exemplo, em estudo já citado, concluem que a boca representada por linha cerrada e dentes detalhados, ao lado de outros traços, é expressão simbólica de agressividade. Freitas Júnior, também em trabalho já citado, coloca a omissão da boca entre os indícios de deterioração, do mesmo tipo que a do nariz e olhos. E Gunzburg (1952) verifica que omissões de partes vitais como a boca ou o braço são indicações de deficiência mental, além da significação erótica que podem ter. Mas Grams e Rinder (1958), pesquisando os sinais de homossexualidade no desenho da figura humana, entre os quais incluíram a presença de sombreamento nos lábios, não encontraram validade para nenhum deles, quer individual, quer coletivamente.

Voltando aos dados de nossa pesquisa e utilizando as idéias de interpretação analisadas nesta categoria, vemos que os adolescentes estudados revelam alguns problemas com relação à área da boca. Parecem expressar conflitos no plano erótico-sensual, assim como certa dependência oral pouco evoluída.

XXI — Orelhas

Resulta da análise da Tab. XXVII, na Categ. XXI do Cap. B, da Segunda Parte que:

As orelhas são pouco desenhadas. Quando aparecem são de tamanho médio ou grande, às vezes bem detalhadas; mui-

tas vêzes apresentam sombreamento ou borradura, principalmente no contôrno. E' pouco freqüente uma orelha só, o que ocorre predominantemente em cabeça de perfil. Os rapazes fazem um pouco mais freqüentemente sombreamento e detalhes nas orelhas e apresentam menor número de omissões que as moças; estas põem, com maior freqüência brincos na figura feminina, a qual por sua vez apresenta mais freqüentemente omissão da orelha, mais incidência de orelhas pequenas e menor de sombreamento. O grupo de 15-18 anos desenha mais orelhas detalhadas, com sombreamento e brincos e apresenta menor incidência de omissão que o grupo de 12-14 anos.

A orelha, segundo Machover (1956, pág. 355) “apesar de ser um órgão menos predominante e estético, ocupa sem dúvida um papel importante na vigilante economia do corpo... Distúrbios ou distorções no tratamento da orelha podem significar algo, desde suave sensibilidade a criticismo social até paranóia sistematizada, na dependência do grau da irregularidade. Distorções grosseiras na forma da orelha, deslocamento acentuado ou detalhes excêntricos e “atividade” da orelha são usualmente mais patológicos que a ênfase pelo tamanho ou refôrço”.

Em outra obra, Machover (1949, pág. 55) acrescenta que a atenção especial dispensada à orelha também se observa em indivíduos surdos; mas é mais freqüentemente o indivíduo paranóico, com sua cautela, suspeitas e desconfianças que põe ênfase na orelha, com um tratamento um pouco diferente daquele dado por pacientes com alucinações auditivas. O indivíduo esquizóide com vagas idéias de referência, freqüentemente dá ênfase também à orelha. Muitas vêzes, o indivíduo com conflitos homossexuais projetará idéias de referência e reações paranóicas na ênfase específica da orelha. O indivíduo suscetível à ofensa e resistente à autoridade pode mostrar moderada acentuação da orelha.

Como se trata de um órgão que pouco se nota no contacto face a face, principalmente por estar, na maior parte das vêzes, oculta pelos cabelos na figura feminina, considera-se menos significativa a omissão da orelha que a de uma outra par-

te mais ativa do corpo. Deve-se também lembrar que a estabilização do desenho da orelha se apresenta mais tarde, no desenvolvimento do grafismo infantil, que a de outros traços fisionômicos.

Em nossa pesquisa pudemos observar grande porcentagem de omissão da orelha, principalmente na figura feminina, confirmando a influência social do padrão feminino de penteado.

A omissão da orelha na figura masculina, onde o penteado convencional deixa-a à mostra, é considerado por Machover (1954) como sinal de indiferença em relação ao sexo masculino e sua aparência, principalmente se ocorre no desenho feito por moças.

Levy (1959) escreve que a orelha raramente é detalhada e que ênfase na orelha indica a possibilidade de perturbação orgânica na área auditiva, de alucinações auditivas em indivíduos paranóides ou de uma incapacidade auditiva.

Kahn e Giffen (1960) colocam entre os indicadores de esquizofrenia: tamanho grosseiramente exagerado ou ênfase de qualquer parte do desenho, tais como: **orelhas**, nariz, e especialmente olhos.

Outras pesquisas, porém, não corroboram as interpretações sugeridas pelos autores mencionados. Grams e Rinder (1958), por exemplo, verificaram que o desenho de uma orelha grande ou traçada com linha pesada, ou com muitos detalhes, não é indício válido de homossexualidade. A pesquisa de Reznikoff e Nicholas (1958) leva à conclusão de que sinais como: orelhas desproporcionalmente grandes; refôrço, isto é, ênfase no contôrno; desenho de orelhas quando nenhuma devia estar presente; sombreamento; orelhas mal situadas em relação aos outros traços da cabeça; ausência; orelhas com articulação ou/e detalhes não usuais, não permitem diferenciar grupos paranóides dos não paranóides e nem distinguir os pacientes nas sub-categorias: suave, moderada e marcada paranóia.

Interpretando os dados de nossa pesquisa em função do que há de concordância nos esquemas de interpretação aqui

apontados, podemos inferir que nossos adolescentes algumas vezes denotam sensibilidade à crítica, e à ofensa pessoais. A grande frequência de omissão da orelha, no caso da figura feminina, parece refletir a influência de estereótipo social; no da masculina, porém, pode significar sinal de indiferença à aparência do sexo masculino. O fato da rara incidência de orelhas detalhadas, concordando com os dados de Levy (1959), pode ser visto como expressivo da ausência de sinais de maiores perturbações ou problemas relacionados com o setor auditivo.

XXII — Pescoço

No Cap. B da Segunda Parte deste trabalho, analisando as Tabs. XXVIII e XXIX, na Categ. XXII, concluímos que:

O **pescoço** é de dimensões médias ou proporcionadas ao tamanho do corpo, e predominantemente na forma comum. Muitas vezes apresenta uma linha que o separa da cabeça e algumas vezes decote em V. E' comum sombreamento ou borradura no contôrno e raro o contôrno duplo, assim como o pomo de Adão na figura masculina e colar na feminina. As moças desenham um pouco mais freqüentemente que os rapazes pescoço comprido e delgado e linha separando-o da cabeça; e com menos freqüência sombreamento ou borradura. O grupo de 15-18 anos, em relação ao de 12-14 anos, apresenta maior incidência de pescoço de grossura média, decote em V, pomo de Adão e sombreamento.

O pescoço é apontado por Machover (1956, pág. 356) como de "grande importância na interpretação do desenho por causa de sua posição estratégica no corpo. Funcionalmente, serve como ligação entre os impulsos instintivos (vindos do corpo) e o contrôle exercido pelo cérebro. Desde que êsse contrôle, particularmente nas culturas coercitivas, é, em muitos indivíduos, um problema central de integração do eu, o pescoço se torna uma freqüente área de expressão de conflitos".

Pescoços longos refletem um super-contrôle repressivo e sugerem, como diz Levy (1959), que o sujeito está encontrando dificuldade em controlar e dirigir as forças instintivas; mas também podem indicar sintomas somáticos nessa área. Indivíduos que têm dificuldade em engulir, “globus histéricus” ou perturbações digestivas psicogênicas podem desenhar figuras com pescoços extremamente longos. Indivíduos esquizóides ou esquizofrênicos freqüentemente desenharam figuras com pescoços exagerados.

Machover (1949) também indica que o pescoço comprido e freqüentemente fino, resultante de severa separação entre o corpo e a cabeça, é observado principalmente nos desenhos dos esquizóides e ainda dos esquizofrênicos. Pessoas excessivamente morais, que se distinguem pelo ostentoso controle sobre os impulsos, são associadas a pescoço alto e delgado (ou longo e fino), enquanto que ao pescoço curto e grosso se associa mau humor, obstinação e conduta antes guiada pelos impulsos que pelo intelecto.

Acrescenta ainda a autora, à pág. 61, que: “ocasionalmente uma linha horizontal e específica, separando a cabeça e o pescoço, aparece sem explicação alguma por parte do sujeito; uma forma de conseguir essa separação é o desenho de um colar bem ajustado”, um colarinho com laço de gravata ou outro adorno semelhante. Estes detalhes contribuem para acentuar a separação entre a função de controle da cabeça e a vida de impulsos do corpo; sendo que o colar, o colarinho ou a gravata ainda dão mais ênfase ao pescoço e representam uma forma específica de controle racionalizado. A linha do decote em V também pode ser desenhada. Em um caso estudado por Machover (1949, pág. 18), o traçado escuro dessa linha sugere fixação sexual sobre os seios, com tendências “voyeurísticas” ou escotofílicas, em concordância com outros detalhes da figura.

O pomo de Adão é relativamente raro. Tem sido observado mais nos desenhos dos rapazes, como expressão inconsciente de masculinidade ou de forte desejo de virilidade. A ênfase do pomo de Adão restringiu-se, na experiência de Ma-

chover (1949), a indivíduos sexualmente débeis, que mostram pouca diferenciação entre as características próprias do homem e da mulher e que se acham perplexos acêrca do próprio papel sexual. Ocasionalmente foi atribuído à figura feminina (conferindo virilidade à mulher). Na experiência de Kahn e Giffen (1960) um pomo de Adão proeminente é algumas vêzes visto em desenhos de pacientes histéricos.

A omissão do pescoço significaria libertar-se do contrôle, e seria um sinal de imaturidade, pois representa uma forma ainda infantil de desenho da figura humana. Wallon e Lurçat (1958) informam que o pescoço está entre os detalhes frequentemente omitidos pela criança. E explicam que a individualização do pescoço é difícil porque as ações de que êle é sede não são individualizadas em si mesmas, mas combinadas às da cabeça e às do tronco.

Em geral, os dados de nossa pesquisa apóiam as constatações dos autores citados, no referente à incidência dos seguintes fenômenos: pescoços não extremados em suas dimensões, sem distorções na forma, mas apresentando sombreamento ou borradura predominantemente no contôrno, como sinal de conflito nessa área. Muitas vêzes, presença da linha separatória entre cabeça e corpo; algumas vêzes decote em V; raramente colar na figura feminina e pomo de Adão na masculina (nenhuma vez apareceu na figura feminina). A omissão do pescoço foi rara.

Com base nas interpretações propostas podemos concluir que os adolescentes estudados denotam certos problemas no tocante ao contrôle dos impulsos, sendo que, muitas vêzes, sentem necessidade de acentuar a separação entre a cabeça, com sua função de contrôle, e o corpo com sua vida de impulsos.

XXIII — Tronco

Da análise das Tabs. XXX, XXXI e XXXII, na Categoria XXIII, do Cap. B, da Segunda Parte, pudemos concluir que:

O **tronco** é sempre desenhado nas figuras humanas dos adolescentes estudados. Apresenta forma oval, de duplo-trapézio,

quadrangular, retangular, triangular ou em trapézio e redondo, com predomínio das três primeiras. As linhas arredondadas e as angulosas quase se equilibram em freqüência. Poucos desenhos trazem ombros grandes; raros são os ombros pequenos, as cadeiras avantajadas e os genitais assinalados. Seios na figura feminina aparecem em vários desenhos; o mamilo assinalado é muito raro, mas não se apresenta apenas na figura feminina. Distorção na forma e lacuna no traçado da parte inferior do tronco são raras. A linha da cintura é notada na maioria das figuras, com predomínio na feminina e no desenho das moças. O sombreamento principalmente no contôrno, é muito comum, porém não do tronco como um todo e sim em suas partes: o ombro recebe mais sombreamento no contôrno, e a cintura no interior. Os rapazes, em relação às moças, desenhavam mais freqüentemente tronco oval, linhas arredondadas, distorção na forma e ombros pequenos; e com menos freqüência, a cintura. O grupo de 15-18 anos apresenta maior incidência de tronco de formato oval e de duplo-trapézio, linhas arredondadas, seios e borradura no contôrno, e menor porcentagem de distorção da forma e cintura. A figura feminina em vários pontos recebe tratamento diferencial da masculina, principalmente com referência ao formato duplo-trapézio, que a caracteriza.

Oferecendo base às nossas conclusões, Machover (1949) afirma que o tronco raramente é omitido nos desenhos dos adultos. Crianças muito pequenas podem colocar apêndices ligados diretamente à cabeça, mas com a evolução do grafismo o tronco passa a ser desenhado. Entre os adultos, aqueles que padecem de complicações de caráter evolutivo e esclerótico de vez em quando omitem o tronco da figura masculina, enquanto borram o da feminina, expressando repúdio do próprio corpo e agressão à mulher. Em indivíduos de escassa cultura, esse mesmo fato foi interpretado como rigidez e narcisismo. Outro tipo de tratamento se observa naqueles que resistem fechar a parte inferior do tronco; nossa pesquisa aponta como muito raro este fato, que se interpreta como indício de preocupação sexual.

Quanto ao formato, Machover fala em oval, quadrado ou circular, acrescentando que a figura redonda tem sido interpretada como menos agressiva, menos desenvolvida, mais feminina, submissa e narcisista, enquanto aquela que apresenta ângulos é considerada mais masculina, crítica e agressiva, em correspondência a princípios de movimentos expressivos que pertencem a toda classe de projeções criadoras. A esse respeito, Halpern (1956, pág. 333), escreve que linha redonda “mostra impulsividade emocional enquanto a angulosa denota um esforço para controle, encobrendo perturbações e conflitos, bem como um sentimento de insegurança”. Já Waehner (1946), como resultado de pesquisa com crianças e adolescentes, coloca entre os indícios de introversão o predomínio das formas curvas; as angulosas ou com pontas agudas seriam sinais de agressividade e extraverson. Em nossa pesquisa preferimos separar de um lado o formato específico do tronco e de outro o uso de linhas arredondadas ou angulosas, por nos parecerem necessárias estas duas ordens de considerações, frequentemente abordadas em conjunto, por outros autores.

Wallon e Lurçat (1958) encontram o ovóide como a mais freqüente forma no desenho de crianças, e como um esquema geral utilizado em diferentes níveis. De início, o oval sumário da criança pequena, com braços e pernas irradiando do tronco; em um estágio mais evoluído, a indicação de vestimenta pode aparecer sobre o tronco ovóide, introduzindo formas retangulares, que a seguir substituem a oval. A saia da figura feminina vai assumindo forma de trapézio, e o tronco se apresenta como um retângulo fino terminado por um trapézio.

Nossa pesquisa apontou muitas dessas formas infantis: a oval pura, a retangular, a quadrangular, a redonda e a triangular ou em trapézio simples. O duplo trapézio já nos parece mais evoluído, apesar de bem esquematizado. Devemos, porém, observar que nem sempre o formato oval apresentado foi o que chamamos aqui oval puro, isto é, um ovóide claramente desenhado. Frequentemente a categoria oval foi aplicada a troncos que, em sua conformação geral, se aproximam de uma elipse. Para os formatos retangular e quadrangular a

mesma aproximação foi empregada, mas já o duplo trapézio e o triangular foram encontrados em sua forma pura. Distorções na forma, isto é, formas estranhas foram raras.

Analisando as várias partes do tronco, Machover (1956) observa que ênfase no tórax, ombros largos e musculosos expressam preocupação com o poder físico. Pode-se tratar de um adolescente frágil, sub-alimentado, efeminado, que está compensando; ou pode ser um verdadeiro auto-retrato da “beleza corporal”. Como uma fase do desenvolvimento, êste tratamento não é incomum na adolescência. Uma ênfase exagerada indicaria um grau patológico de concentração de interesse no corpo. Na figura feminina, a área do tórax é primariamente relacionada ao desenvolvimento dos seios. Ênfase destes é encontrada em desenhos de rapazes infantis e oralmente privados, que estão presos a uma figura materna dominante. Seios grandes desenhados por moça, são interpretados como identificação com mãe dominante. De maneira geral, a ênfase nos seios sugere que a feminilidade está sendo usada agressivamente. No desenho de rapazes, quando a ênfase dos seios é combinada com a focalização das nádegas ou quadris, ou quando saltos altos ou outros aspectos femininos e de “dandy” são encontrados na vestimenta da figura masculina, pode-se pensar em homossexualidade. Ênfase na linha das cadeiras na figura feminina, quando aparece no desenho do próprio sexo, sugere interesse pela maternidade; mas quando homens dão ênfase às cadeiras no desenho do próprio sexo, estão implicados problemas homossexuais. A forquilha da calça, na figura masculina é outra área onde as atitudes sexuais podem ser expressas.

Hammer (1954a) aponta à pág. 44: “Ênfase nos seios da figura feminina implica em dependência materna, em erotismo oral, em constrangimento em relação ao próprio busto ou mesmo em necessidade de alimentação e criação; uma interpretação diferencial dependerá da constelação inteira”. E acrescenta sobre o significado dos ombros nitidamente quadrados: atitudes hostis e super-defensivas, enquanto o dos ombros pequenos ou delgados é o de sentimentos de inferioridade e/ou inadequação.

Pode-se dar ênfase à região sexual, seja desenhando mesmo esses órgãos ou seja sombreando ou borrando a área. São formas de expressão de conflitos ou distúrbios, naturalmente de intensidade variável conforme o tipo e extensão. Gunzburg (1952), por exemplo, afirma que “o fato de desenhar os órgãos sexuais masculinos e femininos é um índice praticamente invariável de patologia, encontrado freqüentemente entre doentes psicóticos e os epiléticos”.

Freitas Júnior (1957) coloca entre os sinais de deterioração a representação dos genitais; Kahn e Giffen (1960) vêm em seu apoio, incluindo entre os indicadores da esquizofrenia a presença de órgãos sexuais, especialmente quando o resto do corpo está totalmente ou parcialmente vestido.

Favez-Boutonier (1959), estudando a expressão da sexualidade no desenho de crianças, considera que para compreender o fato é necessário situá-lo dentro da vida da criança, isto é, levar em conta sua idade e as circunstâncias em que se verificou, procurando ver principalmente em que categoria pode êle ser colocado: se expressão crua e às vezes grosseira (como por exemplo: desenho dos órgãos sexuais sobre o corpo nu, ou quando vestido, através da vestimenta; representação do ato sexual); se expressão realista, porém já socializada (por exemplo: vestuário e forma do corpo, etc.); se mais alegórica e simbólica (onde a interpretação se torna mais difícil e delicada). Feitas estas reservas, afirma que existem, porém, **dois casos extremos que são “anormais”**, estando o normal equidistante de ambos: 1) os desenhos que representam cruamente os órgãos sexuais no corpo nu ou vestido: quando se trata de cópia, a partir da idade escolar; quando se trata de criação, a partir dos 5 anos (aí a persistência do desenho dos órgãos sexuais torna-se um sinal de inadaptação que se pode atribuir tanto a um atraso afetivo, como a uma oposição agressiva ao meio, e que pode estar em relação com um conflito familiar aberto ou latente). 2) O outro caso extremo é a ausência de toda e qualquer alusão à vida sexual, através de semelhança entre as figuras feminina e masculina, recusa a desenhar personagem de um dos sexos, etc.

Vemos, pois, a necessidade do cuidado no interpretar estes aspectos do desenho, principalmente quando constatamos que Grams e Rinder (1958) concluem sobre a não validade, como índice de homossexualismo, da “falha no desenhar a forquilha das calças” (área genital) e do “desenho nu dos órgãos genitais”.

Com referência à linha da cintura, que foi notada na maioria dos desenhos por nós estudados, Machover (1949 e 1956) observa que, muitas vezes, ela aparece como a única representação da roupa e que especificamente serve para dividir o tronco em zonas, separando o “superior” do “inferior”. O superior é a área do peito, no homem com seu sentido de força física e na mulher com o da alimentação da criança, ambos valorizados; enquanto o inferior refere-se às funções sexuais, com as pernas compartilhando da significação. A ênfase na linha da cintura, através do sombreamento, traço muito forte, ou cinto elaborado indicaria regressão na esfera sexual. Uma cintura excessivamente apertada, parecendo “cinturita”, sugere controle precário que pode encontrar saída em explosões. Para Hammer (1954a) a ênfase na linha da cintura implica em forte conflito entre expressão e controle dos impulsos sexuais.

Reportando-nos aos dados de nossa pesquisa, com referência ao tronco, vemos que alguns pontos confirmam expressamente a experiência de Machover, enquanto outros não representam completa discordância. Os vários aspectos abordados, interpretados em função das idéias expostas nesta categoria, indicam que os adolescentes estudados de certa maneira conservam esquemas infantis de representação do tronco, e que, no plano da personalidade, parecem ter problemas com a expressão e controle dos impulsos sexuais, revelando-se preocupados com a separação do corpo em duas zonas, assim como com a beleza corporal. Em resumo, podemos falar em certa concentração de interesse no corpo.

XXIV — Braços

A análise das Tabs. XXXIII e XXXIV, na Categ. XIV, do Cap. B, da Segunda Parte nos mostra que:

Os braços são, de preferência, curtos e finos, ou em menor proporção, de dimensões médias; apresentam-se pendentes ao longo do corpo, estendidos para o ambiente, voltados para a frente do corpo ou voltados para trás do mesmo; freqüentemente apresentam sombreamento ou borradura no contorno e raramente são omitidos. As moças desenham mais freqüentemente braços de comprimento médio e voltados para trás do corpo e apresentam menor incidência de omissão dos braços que os rapazes. O grupo de 15-18 anos faz, com maior freqüência que o grupo de 12-14 anos, braços de dimensões médias e com mais sombreamento, e menos freqüentemente, braços estendidos para o ambiente.

Na expressão de Machover (1956, pág. 357) “os braços, com as mãos, são órgãos primariamente extensivos, com os quais podemos dominar o ambiente físico. Estão relacionados com o contacto com os objetos e as pessoas, e seu significado psicológico se refere principalmente ao desenvolvimento do eu e à adaptação social. No tratamento dos braços e mãos podemos colher informações sôbre aspectos da personalidade como: aspirações, confiança, eficiência, agressividade e, possivelmente, culpa com referência às relações pessoais ou à atividade sexual. Quando os braços são longos e com indicação gráfica de poder, sugerem ambição; se longos e fracos podem significar amplos horizontes, porém sem manipulação do ambiente. Braços curtos e finos ou fracos refletem frustração, falta de ambição e inadequação no contacto”.

Raznikoff e Tomblen (1956) pesquisando os sinais diferenciais do desenho de pacientes orgânicos, esquizofrênicos e neuróticos, concluem que braços e pernas fracos, isto é, pequenos e curtos são prevalentes no grupo de pacientes orgânicos. O braço como uma linha apenas, que em nossa pesquisa aparece como raro, é considerado por Freitas Júnior (1957) como sinal de deterioração.

Machover (1955), relatando o caso de um delinqüente juvenil, comenta que, em um desenho da figura humana, os braços poderosos foram cortados súbitamente como para conter abruptamente o fluxo dos impulsos.

Em geral, diz Machover (1949 e 1956), a direção e fluência das linhas dos braços se relacionam com o grau e a espontaneidade da extensão dentro do ambiente. Braços pendentes ao longo do corpo expressam inatividade; estendidos para o ambiente sugerem urgência de participação social; voltados para a frente do corpo expressam um misto de evasão e contacto.

A omissão dos braços, segundo Machover (1949, pág. 67), “nunca deve ser tomada como descuido casual. Os braços aparecem muito cedo nos desenhos das crianças” e quando são omitidos por adolescentes e adultos podem significar extrema depressão, esquizofrenia ou, mais ocasionalmente, grande sentimento de culpa. Gunzburg (1952), considerando a omissão dos braços como um sinal de patologia e Freitas Júnior (1957) vendo nela indício de deterioração, corroboram a importância atribuída ao fato. Kahn e Giffen (1960), que colocam a omissão dos braços junto aos demais indicadores da esquizofrenia, também afirmam que essa omissão sugere quer afastamento, quer sentimento de extremo desamparo ou abandono no paciente deprimido.

Os adolescentes estudados raramente omitiram os braços nos desenhos da figura humana. Podemos inferir que, em geral, não apresentam sinais de extrema depressão nem de deterioração especialmente do tipo esquizofrênico. Todavia as dimensões reduzidas preferentemente dadas aos braços sugerem frustração, inadequação no contacto, e possível falta de confiança na própria eficiência. As posições dos braços parecem indicar uma mescla de inatividade, disposição para o contacto, urgência na participação social e atitude de fuga do contacto. O sombreamento ou borradura acentua a idéia central que resulta desta análise: conflitos e dificuldades no relacionamento com o ambiente.

XXV — Mãos e dedos

No Cap. B, da Segunda Parte deste trabalho, vemos que da análise das Tabs. XXXV e XXXVI, na Categ. XXV, resulta a seguinte conclusão:

As mãos são de tamanho médio, apresentam sombreamento ou borradura particularmente no contôrno, e às vêzes são omitidas, predominando, neste caso, a colocação atrás das costas (inferida pela orientação dos braços para trás do corpo). Os dedos são desenhados predominantemente no número exato, compridos e pontudos ou como garras; podem também ser “como palitos”, “em pétala”, arredondados e encerrados por uma linha; dedos sem mão e punho cerrado também aparecem, mas todos êstes seis últimos detalhes são pouco comuns. Raramente se vêem unhas e, mais raramente ainda, luvas. Pequenas variações podem ser observadas em relação ao sexo e à idade dos autores.

As mãos, junto com os braços, são órgãos de contacto e manipulação como vimos atrás. Levy (1959) opina que mãos exageradamente grandes podem significar comportamento compensatório de sentimentos de insuficiência manipulatória, dificuldades de contacto ou inadequação. Quando as mãos apresentam muito sombreamento (interior) o sujeito pode estar expressando ansiedade com referência à manipulação ou à atividades de contacto, ou sentimento de culpa por masturbação. Mão no bôlso, segundo Machover (1949), seria expressão de evasão, sendo encontrada freqüentemente em delinqüentes ou em adultos psicopáticos. Ênfase no contôrno da mão, através de sombreamento ou de linhas imprecisas mas borradas, pode significar falta de confiança nos contactos sociais, na produtividade ou em ambos.

A ausência das mãos não parece ter o mesmo significado patológico apontado para outras omissões. Machover (1949) afirma que o traço mais freqüentemente omitido é o das mãos, seguindo-se depois o dos pés; e procura refutar a explicação de dificuldade, alegada por aquêles que não desenhavam estas partes do corpo; a omissão da mão seria indicativa de problemas de contacto e adaptação social e de manipulação. Woods e Cook (1954), porém, afirmam que “a forma de representação das mãos no desenho da figura humana é uma função do nível de eficiência no desenho” e que limitações na interpretação são impostas por esta relação. Informam êles que indivíduos com me-

nor habilidade para o desenho tendem a desenhar braços sem mãos, ou a orientar os braços para trás das costas. Entretanto, Utsugi e Ohtsuki (1955), em pesquisa já citada, verificaram que delinquentes juvenis mostram desvios em seus desenhos como omissão das mãos; e Freitas Júnior (1957) coloca entre os sinais de deterioração a omissão das mãos, isto é, ausência visível em braço que fica sem terminação.

Entre os adolescentes estudados por nós, a ausência das mãos atingiu, praticamente, 30% dos desenhos, mas devemos lembrar que nesse grupo estavam quatro tipos: mãos atrás das costas, nos bolsos, atrás de objetos e omissão simples. Este último fato poderá ter um significado mais grave, pois se trata de um não completamento visível e não racionalizado, muitas vezes ocorrido porque o braço foi omitido (no total de 7,5% de omissão simples das mãos, 3,2% foram devidas à omissão dos braços).

Os dedos das mãos, segundo Machover (1949 e 1956), são extremamente importantes, pois são os pontos reais de contacto, e sua significação na economia funcional do corpo não pode ser subestimada. Em geral, os dedos aparecem nos desenhos das crianças antes das mãos. Em um adulto, o desenho dos dedos sem a palma da mão, freqüentemente em dimensões simples e feitos com grande pressão do lápis, em combinação com outros sinais agressivos e primitivos da figura, expressará agressão infantil. Os dedos podem variar em sua expressividade. Podem ser desenhados em “pétala”, em uma arredondamento infantil, expressando pouca habilidade manual e infantilidade; podem ser como “palitos”, primitivamente agressivos; ou longos como lanças (por nós denominados compridos e pontudos ou como garras) com qualidades agressivas. Podem estar encerrados por uma linha, que corta as possibilidades de contacto e que se interpreta como expressão de agressividade reprimida. O punho cerrado também sugere repressão da agressividade. Indivíduos ambiciosos e agressivos, com disposições aquisitivas podem desenhar mais de cinco dedos em cada mão — fato comum em desenhos de crianças; e indivíduos com senti-

mento de culpa por efeito de masturbação podem alongar muito ou cortar (castrar) um dedo.

Unhas cuidadosamente delineadas sugerem tratar-se de indivíduo compulsivo (contrôle obsessivo da agressividade) ou de expressão de dificuldades com relação ao conceito corporal, como em incipiente esquizofrenia.

Várias pesquisas foram feitas para verificação destas linhas de interpretação. Assim Goldstein e Raw (1957) encontram que dedos pontudos como espeto ou lança e punho cerrado são expressões simbólicas da agressividade, ao lado de alguns outros detalhes específicos da figura humana. Reznikoff e Tomblen (1956) concluem que dedos “em pétala” ou como garatuja funcionam como sinais diferenciais no desenho de pacientes orgânicos, em relação a grupos de esquizofrênicos e neuróticos. Kahn e Giffen (1960) informam que obsessivo-compulsivos, tendendo a acentuar os detalhes, entre outros aspectos incluíram unhas nos dedos da mão.

Reznikof e Nicholas (1958), dentre os vinte e cinco sinais da paranóia que pesquisaram, não encontraram como válido: dedos como lança ou garra. Entretanto, parece-nos que essa idéia de que os dedos como lança ou garra significam paranóia não está claramente expressa nos escritos de Machover. É verdade que em sua obra de 1949, à pág. 69, a autora menciona a concomitância, no desenho, de traços paranóides com êsse tipo de dedos; mas em publicações posteriores o problema se coloca de forma diferente, sem alusão direta à paranóia.

Reportando-nos agora aos dados de nossa pesquisa vemos que, em face das interpretações aqui discutidas, os adolescentes estudados revelam, pelo sombreamento e omissão das mãos, problemas no plano da manipulação e do contacto, possivelmente com sentimentos de culpa e ansiedade. Os detalhes dos dedos sugerem não só agressividade, muitas vezes reprimida, mas também certa infantilidade e reduzida habilidade manual. Curioso é assinalar que, embora incluída na codificação geral dos itens, a castração de um dedo não foi encontrada. Em realidade, aspectos muito peculiares ou não se apresentaram ou

se revelaram em diminutas porcentagens, nos desenhos estudados.

XXVI — Pernas

Da análise da Tab. XXXVII, na Categ. XXVI, do Cap. B, da Segunda Parte, resultou que:

As **pernas** são curtas e finas ou de dimensões médias e recebem borradura ou sombreamento no contorno. A ausência de pernas é rara, sendo que a omissão simples é muito rara, já que o grupo de pernas ocultas em traje comprido e não desenhadas ou incompletas por não caberem no papel sobrepuja a simples omissão. As moças desenhavam com maior frequência pernas de dimensões médias, enquanto os rapazes mais frequentemente fazem pernas curtas e com sombreamento; o grupo de 12-14 anos oferece maior incidência de pernas curtas e finas e o de 15-18 anos apresenta mais vezes dimensões médias e borradura. A figura feminina apresenta em maior porcentagem pernas finas e sombreadas, enquanto a masculina tem mais frequentemente pernas de dimensões médias.

Machover (1949 e 1956) afirma que as pernas também representam contacto com o ambiente, além da função de manter a estabilidade espacial do corpo. Elas compartilham, com os braços, da potencialidade de contacto e com a região inferior do tronco, da esfera sexual, e além disso tomam toda a responsabilidade de suportar e equilibrar o próprio corpo e tornar possível a locomoção. As pernas, e especialmente os pés, são fonte de conflito e dificuldade em muitos desenhos. Sombreamento, refôrço, rasuras no contorno das pernas são considerados manifestações de conflito ou de exagerada consciência sexual.

Indivíduos que sofrem perturbação sexual aguda podem recusar-se a desenhar o corpo abaixo da linha da cintura ou então apenas indicar com poucas linhas essa região das pernas. Outras vezes, adultos afetivo-sexualmente imaturos racionalizam sua recusa a desenhar as pernas, fazendo um tipo

de traçado em que uma saia comprida cortada por uma linha no meio dá idéia de calça.

Levy (1959) considera que quando as pernas e os pés são desenhados em primeiro lugar e recebem maior atenção que o resto do corpo, o indivíduo pode estar expressando desânimo ou depressão.

A omissão simples das pernas é considerada por Kahn e Giffen (1960) indicativo de esquizofrenia, por Freitas Júnior (1957) sinal de deterioração e por Gunsburg (1952) de deficiência mental, além das implicações neuróticas que pode ter. Este último autor menciona o caso de um adolescente pertencente ao grupo dos deficientes mentais estudados, que desenhava um tronco bem feito, mas sem braços e pernas porque estes membros, inconscientemente, se tinham tornado inúteis para ele, como efeito de frustrações sérias no plano afetivo-emocional.

Machover (1949) declara ainda que pernas pequenas e frágeis em corpos grandes, expressam o sentimento de deficiência ou declínio de indivíduos com transtornos no desenvolvimento ou então em idade senil. Resznikoff e Tomblen (1956) concluíram que pernas pequenas e fracas (assim como os braços) são características dos desenhos de pacientes orgânicos. Hammer (1954a) afirma que pernas muito longas para o resto da figura refletem necessidade de autonomia e que pernas como as de pau são feitas por indivíduos que se sentem inadequados para conseguir independência pessoal.

Acrescenta Machover que a figura feminina, com referência a pernas, recebe tratamento especial, pois na mulher as pernas adquiriram uma significação sexual específica. No desenho elas recebem mais tratamento de conflito, isto é, rasuras, sombreamento, refôrço ou mudança no tipo da linha. Os dados da presente pesquisa corroboram de certa forma esta afirmação.

Em conjunto, considerando-se as duas figuras desenhadas por nossos adolescentes, os detalhes das pernas, em função das interpretações aqui analisadas, expressam sentimento de deficiência, possivelmente no plano sexual, assim como problemas ou dificuldades de equilíbrio e de locomoção.

XXVII — Pés e dedos

Os pés são de tamanho pequeno ou médio, desenhados predominantemente de perfil, com contôrno sombreado ou borrado, e com sapatos detalhados ou em suas linhas mais simples. O desenho dos dedos é pouco comum e das unhas muito raro. A omissão dos pés é pouco comum. As moças desenhavam mais frequentemente que os rapazes pés pequenos e de frente e omitiam um pouco mais os pés. No grupo de 15-18 anos, em relação ao de 12-14 anos, cresce a incidência de borradura e omissão e diminui um pouco a freqüência dos pés calçados. A figura feminina aparece mais vêzes com pés pequenos que a masculina (Inferência resultante da análise das Tabs. XXXVIII e XXXIX, na Categ. XVII, do Cap. B, da Segunda Parte dêste trabalho).

Em concordância com êsses desenhos Machover (1949) diz que o pé se destaca mais na figura masculina que na feminina e que as moças tendem a desenhar pés pequenos enquanto os rapazes, em geral, desenhavam pés relativamente grandes. Êsse tratamento gráfico diferencial parece referir-se a problemas de segurança geral no caminhar.

Comenta Machover (1956), ademais, que o pé toca o chão e pode ser estendido, em contacto com ambiente horizontal, além do eixo do corpo. Por tocar a terra, pode ser envolvido em idéias de fobias de germens, que são frequentemente associadas com sexualidade e sentimento de culpa. Como um órgão extensivo e proeminente no corpo, o pé tende a assumir algumas conotações sexuais. Nos desenhos, o simbolismo do pé é freqüente no adulto impotente e no adolescente ainda não sexualmente desenvolvido. A análise do fetichismo, das anedotas correntes e dos significados subjetivos atribuídos pelos sujeitos examinados, testemunha o simbolismo sexual do pé. Além do mais, o pé tem implicações agressivas, pois um passo é um ato de afirmação que envolve os movimentos de todo o corpo.

Pés e mãos são as áreas mais comuns de expressão de conflitos, continua Machover. Como extremidades e ponto de contacto, êles suportam o pêso da culpa, insegurança e medo, reações que, em nossa cultura têm invadido quase tôdas as

personalidades. Os pés podem ser borrados ou sombreados, encurtados, encurtados ou distorcidos em sua forma, expressando insegurança no caminhar e no “estar no mundo”, assim como inadequação sexual no rapaz.

A omissão dos pés, de igual modo, exprime a insegurança do passo e da adaptação sexual. Não parece ser um fato comum nos desenhos; entretanto não recebe a carga de significado patológico que várias das omissões até aqui estudadas apresentaram. Hammer (1954a, pág. 44), por exemplo, declara que a “falta dos pés, ou pés que são omitidos, porque em imaginação foram estendidos além da margem inferior do papel, podem refletir necessidade de autonomia e independência que o sujeito sente não poder satisfazer”. Dentre as poucas omissões de pés encontradas em nossa pesquisa, 14,0% foram do último tipo mencionado.

Os dedos dos pés, em contraste com os das mãos, aparecem raramente; algumas vezes, em sandálias abertas ou chinelas de banho; normalmente não são desenhados em uma figura vestida. Neste último caso, segundo Machover (1949), podem ser considerados como um acento de agressividade quase de natureza patológica.

Goldstein e Raw (1957) concluíram que dedos dos pés em figura vestida constituem um sinal válido de agressividade, ao lado de outros detalhes do desenho, expressões simbólicas da agressão.

Nossa pesquisa aponta como pouco comum o desenho dos dedos dos pés em geral; sendo que, nesse grupo, a predominância se distribui entre aqueles que aparecem em figura nua e em figura com traje comum, mas sem sapatos. Dedos do pé em figura com traje esporte ou de praia foram raros, mas convém notar que raro é o traje esporte na indumentária da figura desenhada; sandália aberta é ainda mais rara.

Interpretando êstes e os demais aspectos do desenho dos pés, segundo os esquemas aqui propostos, podemos notar que nossos adolescentes revelam insegurança no caminhar e no “estar no mundo”. Parece que, realmente, os pés se consti-

tuem para êles em área de expressão de conflitos a suportar o pêso da culpa, da insegurança e do medo.

XXVIII — Roupas e acessórios ou complementos

A análise das Tabs. XL e XLI, na Categ. XXVIII, do Cap. B, da Segunda Parte dêste trabalho nos permitiu concluir que:

As figuras humanas apresentam-se **vestidas**, predominantemente com traje comum completo, muitas vêzes com botões e eventualmente com outros detalhes e acessórios como bolsos, vistas e mesmo vinco nas calças, gravatas, meias, chapéu, adornos e objetos na mão. Sombreamento ou borradura aparece no contôrno ou no interior da roupa, mais freqüentemente, porém, em uma das partes como, por exemplo, na saia ou na calça e, mais especificamente, na barra das mesmas. Omissão da roupa é pouco comum. Algumas variações se notam de acôrdo com o sexo e a idade do autor e o sexo da figura desenhada.

Machover (1949 e 1956) lembra que a imagem corporal pode ser estendida, alterada e acrescentada por meio da roupa, e que o significado da vestimenta desenhada na figura é similar àquêle que se atribui à das pessoas reais. E' interpretada como necessidade de aparência e de uma "fachada" social, já que a função básica de proteção do corpo é um dos menores incentivos, em nosso mundo civilizado. A roupa representaria o nível de superfície da personalidade, seja no sentido de como a pessoa atualmente é em aparência, seja no de como gostaria de aparecer aos outros; será então, no desenho, o aspecto socialmente convencional e sublimado. Conflitos expressados na roupa seriam usualmente menos profundos que aquêles manifestados no corpo pròpriamente.

Segundo Levy (1959) muitos desenhos são vestidos. Quando as figuras aparecem nuas, com os órgãos sexuais em destaque, o sujeito pode estar expressando rebelião contra a sociedade (figuras paternas) ou pode estar consciente de conflitos

sexuais (por exemplo: indivíduos com elementos de “voyeurismo”). Se a figura que expressa o auto-conceito é nua e recebe grande atenção, o sujeito estará expressando narcisismo pelo corpo; por outro lado, se ela está cuidadosamente vestida a interpretação será no sentido de narcisismo social ou pela roupa. Ambas as formas de narcisismo são encontradas em indivíduos infantis e egocêntricos.

Em Machover (1956) lemos também que são raros os nus oferecidos em resposta à ordem “desenhar uma pessoa”, e que, de início, devem ser diferenciados das simples formas geométricas não elaboradas. (Esta diferenciação foi feita em nossa pesquisa, logo no começo, pois um dos primeiros itens da codificação é o da figurinha de Preisler ou desenho pedagógico; êstes desenhos, em número reduzido, foram separados dos demais, de tal forma que todo nosso estudo se refere a figuras humanas não de tipo geométrico simples). Voltando à autôra citada, verificamos ainda que a frequência de nus em estudantes de arte nos leva a suspeitar que êsses sujeitos constituem um grupo psicologicamente selecionado. Nus são distintamente egocêntricos e individualistas. Crianças e adolescentes quase nunca produzem nus, uma vez que dependem muito do apoio social para definição do seu papel no ambiente. (Nossos dados oferecem uma porcentagem de nus de 16,0%, que pode ser considerada pouco comum, mas não rara e menos ainda muito rara).

Pode ocorrer um tipo de apresentação que se diferencia do nu simples: a roupa indicada apenas por cinto ou botões. Segundo Machover (1954), êsse fenômeno sugeriria falta de interesse pelas pessoas e talvez a negligência das defesas sociais.

A vestimenta de caráter infantil, considerada por nós sob o item traje incompleto, porque freqüentemente constituída pela indicação da saia ou da calça apenas, sugere hesitação no crescer, identificações infantis. Os outros tipos de vestuário também são examinados por Machover (1949): o traje de banho, por exemplo, expondo um corpo freqüentemente bem marcado pelo desenvolvimento muscular, seria indicação do narcisismo pelo corpo, mencionado atrás; assim como o traje

de noite ou o vestido bem decotado, para a figura feminina, principalmente quando os aspectos sexuais da roupa estão acentuados. O uniforme ou fantasia teria o significado próprio do estereótipo, já analisado.

Passando à consideração dos detalhes vemos que podem aparecer vários dêles. Meias, por exemplo, que em nossa pesquisa são raras, assinaladas sob a forma infantil na figura feminina, expressariam a identificação com um modelo infantil, corroborada por outros aspectos do desenho. Meias na figura masculina, ao lado de vinco nas calças, indicariam a preocupação com o vestuário que caracteriza os narcisistas pela roupa. O delineamento das vistas nas calças, como acentuação da zona genital, sugere preocupação com o problema da masturbação.

Botões, segundo Machover (1949), são encontrados mais freqüentemente nos desenhos feitos por rapazes que pelas moças, e mais no de crianças que no de adultos. (Nossos dados não corroboram esta afirmação, pois as moças desenharam com mais freqüência botões e principalmente na figura masculina, e a idade dos autores não introduziu diferenças estatisticamente significantes). Usualmente, indicam uma personalidade infantil, dependente e inadequada. Quando os botões são desenhados ao longo da linha média do corpo, podem revelar preocupações somáticas. Quando são desenhados cuidadosamente no punho da camisa (tivemos um exemplo, apenas, em nossa pesquisa) ou em outras áreas igualmente conspícuas, o sujeito provavelmente é obsessivo-compulsivo, o que poderá ser verificado também na presença de sulcos na roupa, cordão dos sapatos, etc.

Kahn e Giffen (1960), corroborando êste ponto, afirmam que obsessivo-compulsivos, como seria de esperar, mostram tendência a acentuar os detalhes: sapatos com ilhoses, cordões e laços, ênfase na linha mediana, bolsos, gravata e outros aspectos da roupa.

Bolsos, da mesma forma que botões, são comuns em desenhos de pessoas com dependência materna (Machover, 1949 e 1956). Podem ser usados por adolescentes como expressão de luta pela virilidade, que antagoniza com a dependência emo-

cional da mãe. Quando bolsos são colocados no peito da figura, são interpretados como sinais de privação oral e afetiva, privação essa que prolonga a dependência materna.

Gravatas, que constituem um dos poucos adornos da figura masculina, são geralmente consideradas, segundo Machover (1954 e 1956), símbolos de adequação sexual, expressa em nível social. Ausência de gravata, quando o traje está completo, inclusive com chapéu, sugere timidez no reconhecimento deste símbolo sexual socializado. Gravatas aparecem mais nos desenhos de adolescentes e adultos do sexo masculino. (Em nossa pesquisa, novamente as moças desenham-na um pouco mais freqüentemente que os rapazes, contrastando com a experiência de Machover). Levy (1959) acrescenta que grande cuidado e atenção dispensados à gravata, em uma figura efeminada por outros detalhes, sugerem a possibilidade do autor ser homossexual; e que uma gravata pequena pode expressar sentimentos reprimidos de inferioridade orgânica.

Adornos como flores, lenços, laços e broches na roupa, fita no cabelo, brincos nas orelhas, foram encontrados em nossa pesquisa, predominantemente na figura feminina (9,6% de adornos em geral e 4,9% de brincos, dão 14,5% de figuras femininas com êstes detalhes, em contraposição a 1,6% de lenços ou laços das masculinas). Significariam, segundo Levy (1959), preocupação sexual e natureza exibicionista.

Chapéu, de acôrdo com Machover (1956), aparece freqüentemente em desenhos de crianças, reunindo certo aspecto fálico à apresentação social. Cigarros, cachimbos, revólver e bengala ou guarda-chuva, são interpretados como símbolos de luta pela virilidade. Outros objetos na mão, como livros, jornais, flores, pasta e bolsa podem ser vistos como expressando necessidade de contacto com algo e sugerindo, em adição, necessidade de apoio (Machover, 1961). A acentuação dos acessórios, em detrimento dos itens essenciais da roupa, indicará pobreza no julgamento e no equilíbrio sociais.

A ênfase no contôrno da roupa, segundo Machover (1949) se refere ao conflito entre a modéstia e o exibicionismo, entre

o impulso e o temor de expor o corpo. Sombreamento da saia ou das calças, freqüentemente feito através de linhas breves sugere preocupação sexual inibida e fortuita. A ênfase na linha da bainha (da saia ou calça), através de sombreamento ou refôrço, indica um interêsse infantil em olhar a área sexual ou as pernas. Em nossa pesquisa, depois do contôrno borrado, apresentado por 60,0% das figuras vestidas, o sombreamento da barra foi o mais notado: apareceu em 28,0% das roupas.

A interpretação dêste e dos outros detalhes do vestuário, em nossa pesquisa, em função das idéias apresentadas nesta categoria, nos permite inferir que os adolescentes estudados revelam certos problemas com referência a sua aparência e necessidade de uma “fachada” social. Alguns dêles, através do desenho de figuras nuas, expressam egocentrismo e rebelião contra a sociedade. Os demais denotam, pelo tipo de vestuário, certa reminiscência infantil, algum narcisismo e exibicionismo, e pelos acessórios: alguns indícios de dependência materna, luta pela afirmação sexual, preocupação sexual com narcisismo e exibicionismo, insegurança e necessidade de apoio. O sombreamento de partes da roupa acentua a idéia do conflito presente na área da exposição do corpo e da curiosidade e preocupação sexuais.

B — CARACTERIZAÇÃO PSICOLÓGICA DOS ADOLESCENTES ESTUDADOS

Para termos uma idéia de alguns aspectos psicológicos peculiares à fração da população brasileira constituída pelos adolescentes, passaremos agora a caracterizar, do ponto de vista da personalidade e com base nos dados obtidos mediante o desenho da figura humana, o grupo de púberes e jovens estudados.

O capítulo anterior fornece os elementos necessários, uma vez que, após a comparação crítica de nossos dados com os resultados de outros estudos e pesquisas, pudemos chegar a algumas inferências em relação ao conseqüente significado psicológico dos itens analisados. Considerando as interpretações propostas e tomando os adolescentes como um grupo, sem nos

determos nas variações individuais, poderemos chegar a uma descrição psicológica dos principais aspectos do comportamento e da problemática de nossos jovens. Convém ressaltar que estaremos nos baseando apenas nas conclusões apresentadas nesse capítulo, isto é, nos dados resultantes da interpretação dos itens dos desenhos da figura humana.

Veremos, entretanto, que nos permitem chegar à seguinte caracterização do grupo considerado:

Revelando-se predominantemente identificados com o próprio sexo, nossos adolescentes valorizam a figura feminina, possivelmente a da mãe. Apresentam mesmo, sinais de dependência materna e de dependência social em geral.

Sentimentos de inadequação e inferioridade, falta de confiança na própria eficiência, sensibilidade à crítica e à ofensa pessoais prejudicam os contactos sociais, que se constituem em séria fonte de preocupações.

A tendência à participação social e mesmo a urgência nessa participação se vêem bloqueadas por certo egocentrismo e pela dificuldade do controle dos impulsos. A consequência aparece em atitudes de inibição, reserva e rejeição do ambiente, mesclada com decisão e desejo de afirmação pessoal. Em conjunto, podemos falar em inquietude social e possível sentimento de culpa em relação aos contactos sociais.

Esta descrição parece refletir bem alguns aspectos da problemática da adolescência, como fase de transição entre a infância e a idade adulta. Poderíamos considerá-los, pois, próprios da idade.

Entretanto, ao contrário do que se poderia esperar, nossas adolescentes de maneira geral não revelaram usar da fantasia como resposta aos problemas de relacionamento. Não apresentam sinais de propensão ao sonho ou de uma vida imaginativa muito absorvente. Este fato nos chama a atenção pela discordância com os dados da Psicologia da Adolescência e parece-nos indicar certa orientação mais realista de nossos sujeitos, assim como sugerir limitação de recursos interiores e intelectuais, possivelmente mal desenvolvidos ou bloqueados por fatores afetivo-emocionais.

Outro ponto em que se nota discordância é o referente à rebeldia e às atitudes de reação ao ambiente, que os autores especializados no estudo da adolescência apontam como característicos fundamentais da fase. Nossos adolescentes, em geral, não apresentam, de maneira direta, atitudes de negativismo e de oposição ao ambiente, deixando transparecer apenas certa forma de rebelião contra a sociedade, e ainda assim só em alguns casos e não abertamente expressa. Isto nos coloca problemas de compreensão e nos leva a algumas hipóteses:

1) pode tratar-se efetivamente de um característico deste grupo, que não manifestaria a agressividade própria da fase através das atitudes citadas, mas pela descarga natural em atividades musculares ou verbais;

2) pode ocorrer, porém, que, por parte dos autores considerados as interpretações mais adequadas não tenham sido dadas aos detalhes de realização no desenho da figura humana, detalhes êsses responsáveis por esta conclusão;

3) acontece ainda que possíveis diferenças de caracterização dos fenômenos — rebeldia e oposição ao ambiente — por parte dos psicólogos clínicos e dos especialistas em Psicologia do Desenvolvimento, e em especial da Adolescência, devam também ser consideradas.

Até certo ponto, estas observações se aplicam igualmente às considerações sobre a reduzida fantasia de nossos adolescentes. Êstes problemas serão retomados mais adiante, quando passarmos a um esboço crítico da interpretação psicológica do desenho da figura humana.

Voltando à caracterização de nossos adolescentes:

Manifestam êles emotividade e predomínio da afetividade, revelando problemas no controle dos impulsos sexuais e agressivos. Procuram valorizar a capacidade de controle racional e denotam certas aspirações intelectuais. Conservam, porém, alguns traços infantis na realização, certa deficiência no senso da realidade e pobreza no julgamento, ao lado de certa ingenuidade e dependência social, já mencionadas.

Vemos nesse conjunto alguns aspectos próprios da adolescência (a emotividade, a dificuldade no controle e a ênfase na intelectualidade), ao lado de outros (resquícios infantis), que parecem estar um pouco acentuados em nosso grupo de sujeitos. É possível que o fato de se tratar de uma amostra tomada ao acaso na população total das cidades estudadas e não apenas aquela que frequenta escolas, seja um dos mais fortes determinantes dessa situação. Os adolescentes considerados não gozaram, todos eles, dos benefícios do desenvolvimento intelectual propiciado por escolas primárias ou secundárias.

Por outro lado, no grupo em estudo, a agressividade parece se apresentar mais reprimida que livre em sua manifestação. Podia-se esperar maior índice de expressão da agressividade nos desenhos considerados. Aparecem sinais de certa agressividade somada à problemática sexual, que, esta sim, se denuncia intensa, em concordância com os dados da Psicologia da Adolescência. Sinais de vitalidade sexual se contrapõem a sentimentos de deficiência no plano sexual; conflitos se delineiam entre a necessidade de expor o corpo e a modéstia e atitude de fuga; a curiosidade sexual se opõe ao controle racional; certa luta pela afirmação sexual aparece em contraposição à dependência materna. Os conflitos no plano erótico-oral, com possível culpa em relação à oralidade, também se denunciam.

Revela-se uma preocupação em separar as duas zonas do corpo (a “inferior” e a “superior”) e, de maneira geral, podemos falar em concentração do interesse no corpo. O narcisismo se evidencia tanto através do interesse direto pelo corpo como da atenção dada à roupa. O exibicionismo, apesar do conflito mencionado, parece se fazer sentir muitas vezes.

Esses vários aspectos se nos afiguram como próprios da adolescência de uma cultura baseada em sistema repressivo como a nossa.

Em consequência de toda a problemática apontada, como efeito da ansiedade e do sentimento de culpa, não são de estranhar as dificuldades de equilíbrio e de locomoção, a gran-

de insegurança no caminhar e no “estar no mundo”, reveladas nos desenhos analisados.

Ao lado disso, porém, notam-se indícios de energia, vitalidade e orientação para a espiritualidade, para objetivos mais elevados e menos materiais.

E sem dúvida, a complexidade é a “beleza” da adolescência.

Convém assinalar ainda que os desenhos não apresentam, para o grupo em conjunto, sinais de extrema depressão nem de deterioração, especialmente a de tipo esquizofrênico.

Como vimos, aplicando aos nossos desenhos as interpretações dadas por vários autores aos detalhes de realização da figura humana, sem o intuito prévio de uma discussão da validade das idéias expostas, a não ser aquela possibilitada pelo confronto dos resultados de diversas pesquisas, pudemos chegar a uma caracterização psicológica que se aproxima bem do quadro descrito para a adolescência em geral. Algumas divergências, como analisamos, ou são feições peculiares ao grupo estudado, ou resultam de outros fatos a serem discutidos mais adiante neste trabalho.

De maneira geral, podemos dizer que êste resultado, se por um lado atesta o valor da prova de Machover como técnica de exploração da personalidade, por outro lado fala a favor de nossa escolha da amostra: ela é boa na medida em que revela os característicos da adolescência brasileira. Não deixamos, porém, de assinalar, que ambas as verificações são basicamente empíricas, ressentindo-se das limitações próprias.

C — ANÁLISE DOS RESULTADOS ESPECÍFICOS DAS TABELAS

I — Traços comuns e não comuns ao grupo de adolescentes estudados

Atendendo ao primeiro objetivo específico apontado para esta pesquisa, passemos agora à determinação dos traços do

desenho que podem ser considerados comuns ao grupo estudado e daqueles que, por serem não comuns constituiriam os “sinais individuais”.

Esta determinação é essencial para a interpretação dos desenhos, pois o significado para o diagnóstico da personalidade é bem diferente em um caso e outro. Ao interpretarmos um desenho da figura humana, podemos encontrar certos aspectos que parecem muito particulares, mas que se tornam um fato banal quando se verifica que os desenhos do grupo da mesma idade e sexo os apresentam com certa constância. Esses aspectos devem ser considerados “sinais comuns”, que sem dúvida são mais característicos do nível de evolução ou do sexo, que da personalidade própria do indivíduo. Sua presença é de certa forma normal, e será justamente pela ausência que deverão chamar a atenção do psicólogo. Já com respeito aos aspectos que, ao contrário, são pouco comuns, raros ou muito raros para a idade ou sexo considerados, a situação se coloca diferentemente: esses “sinais individuais” representam características peculiares ao autor do desenho e têm valor para o diagnóstico da personalidade.

Como primeiro passo para a diferenciação dos sinais comuns e dos individuais, colocou-se o problema do critério a adotar. Diante da ausência de dados quantitativos na maior parte dos estudos consultados para esta pesquisa, não contávamos com indicações precisas para comparações. Já nos referimos em capítulo anterior, quando da discussão e interpretação dos resultados gerais das tabelas, ao fato de encontrarmos apenas, nos autores especializados, referência a “raramente, freqüentemente, eventualmente”, etc. Nós também iríamos nos expressar assim, porém precisávamos fixar os critérios que nos levariam a esse ponto, a fim de garantir uniformidade de trabalho e principalmente fornecer ao interessado dados objetivos de análise.

O estudo de Machover (1949), que poderia ser tomado como ponto de referência, limita-se a apontar como características da adolescência, sem precisar as respectivas intensida-

des, os seguintes aspectos: bolsos, usados por adolescentes como expressão da luta pela virilidade em antagonismo com a dependência emocional da mãe; gravata como símbolo sexual; detalhes nos sapatos desenhados por moças; ênfase no nariz; cabelo despenteado na figura feminina e ênfase do cabelo e dos pêlos em geral; ombros acentuados; punho cerrado em sinal de rebeldia; pernas como foco de conflitos; pés pontiagudos; figura masculina de perfil e feminina de frente.

Como veremos adiante, alguns dêles são traços comuns em nossa pesquisa: detalhes nos sapatos e ênfase no nariz, nos cabelos ou pêlos em geral, e, de certa forma, nas pernas. Os demais, porém, podem ser vistos entre os pouco comuns e raros, com exceção do último que não foi verificado, pois a diferença não foi considerada estatisticamente significativa.

Percebemos, pois, que êste trabalho de Machover, neste particular, não se presta a comparações com o nosso. Apresenta dados procedentes de material diverso, colhidos sob uma abordagem também diferente, e, além do mais, não nos fornece indicações sobre os critérios para a consideração de um traço como característico no desenho de adolescentes.

Partindo da inexistência de tal critério, pelo menos até onde nos foi possível averiguar, propusemo-nos a elaboração de um próprio. Os dados a analisar estão expressos em porcentagens, mas sendo muito variados e referindo-se a conjuntos bem diferentes em sua composição, tivemos necessidade de estudar cuidadosamente a questão. Por exemplo, não bastaria estabelecer que acima de 30% o fenômeno seria considerado comum; no caso de serem duas apenas as alternativas (presença ou ausência do traço, por exemplo), ainda se justificaria tal critério; em se tratando, porém, de uma categoria composta de mais de cinco itens, êsse limite poderia ser muito alto; por exemplo, na categoria “perspectiva das figuras”, as possibilidades de variações, isto é, os itens, são em número de sete, portanto aí uma porcentagem mesmo inferior a 30, em um dos itens, poderia ser considerada comum. E que dizer se as possibilidades se ampliassem para dez ou mais...

Não podemos esquecer que a importância de uma porcentagem depende não só da magnitude da mesma, mas também da distribuição do fenômeno.

Tendo em vista êsses problemas procuramos, até certo ponto empiricamente, estabelecer o seguinte critério:

No caso de duas alternativas ou itens:

até 1% — muito raro
até 10% — raro
até 30% — pouco comum
acima de 30% — comum

No caso de três a cinco alternativas ou itens:

até 1% — muito raro
até 8% — raro
até 25% — pouco comum
acima de 25% — comum

No caso de seis a nove alternativas ou itens:

até 0,6% — muito raro
até 6% — raro
até 15% — pouco comum
acima de 15% — comum

No caso de dez ou mais alternativas ou itens:

até 0,5% — muito raro
até 5% — raro
até 10% — pouco comum
acima de 10% — comum

Esclarecemos que nos pareceu útil para usos posteriores diferenciar o comum do pouco comum, e êste do raro e do muito raro.

Acrescentamos também que, de modo geral, as avaliações são feitas em termos de porcentagens que se referem ao total dos desenhos apresentados ou do grupo específico considerado, como já foi explicado em capítulo anterior. Exceção apenas foi feita às categorias “orelhas”, “mãos”, “pés” e “roupa”,

em que a presença diminuta das mesmas levou ao uso de porcentagens relativas aos totais de orelhas, mãos, pés ou roupas desenhadas e não aos totais dos desenhos da figura humana.

Como resultado da aplicação dêste critério, chegamos aos seguintes dados:

a) Sinais comuns nos desenhos dos adolescentes estudados.

- 1 — **A figura do próprio sexo** desenhada em primeiro lugar.
- 2 — **A figura masculina menor** que a feminina ou de igual tamanho.
- 3 — **A figura humana desenhada completa.**
- 4 — **A posição do papel**, vertical ao eixo do corpo, respeitada.
- 5 — **Tamanhos** das figuras entre $1/4$ e $1/32$ da fôlha, isto é, nem muito grandes nem muito pequenas.
- 6 — **Localização** das figuras no quadrante superior esquerdo e no centro da fôlha, e em menor grau na metade esquerda e na superior. Em resumo: orientação do centro para a esquerda e para o alto da fôlha.
- 7 — **A figura desenhada em pé.**
- 8 — **A figura desenhada estática.**
- 9 — **Figura tôda de frente** ou apenas com os pés de perfil, ou ainda com a cabeça e os pés de perfil. Com referência a esta última, notam-se variações segundo a idade e o sexo do autor: para as moças e o grupo de 15-18 anos, ela é pouco comum. A figura tôda de perfil é comum para o grupo de 15-18 anos e para os rapazes.
- 10 — **Figuras de idade aproximada** ou mais velhas que o autor. A última, porém, não é comum para o grupo de 15-18 anos e para o sexo feminino.
- 11 — **Linha do desenho** de grossura média e traçado tipo avanços e recuos.

- 12 — **Ausência de linha do solo**, de apoio ou de enquadramento para a figura, que também não aparece integrada em uma cena.
- 13 — **Ausência de transparências**, articulações ou linha média.
- 14 — **Cabeça** de tamanho entre $1/4$, $1/5$ e $1/6$ da figura toda; tamanhos mais aproximados do normal mais freqüentes que os muito grandes ou muito pequenos.
- 15 — **Cabelos** de comprimento médio e longo, abundantes, cuidados ou penteados e sombreados ou borrados, principalmente no interior. Na figura feminina recebem tratamento especial: são mais compridos, abundantes, cuidados e borrados.
- 16 — **Rosto** com contôrno borrado ou sombreado.
- 17 — **Figura masculina** sem barba ou bigode.
- 18 — **Olhos** de tamanho médio ou grande, com sobranceiras e pupilas, sombreamento no interior e desenhados de perfil quando a cabeça está nessa posição.
- 19 — **Nariz** de tamanho médio, com borradura ou sombreamento no contôrno e de perfil quando a cabeça assim está. Os rapazes fazem nariz grande e as moças pequeno, como sinais comuns.
- 20 — **Bôca** de tamanho médio ou grande, com borradura ou sombreamento, tanto dentro como no contôrno.
- 21 — **Orelha** omitida, e principalmente na figura feminina. Pode ser omissão das duas em cabeça de frente ou de uma em cabeça de perfil. Quando aparece, a orelha é de tamanho médio ou grande e apresenta borradura no contôrno.
- 22 — **Pescoço** com dimensões médias ou então comprido e de grossura média, com formato comum, borradura ou sombreamento no contôrno e uma linha a separá-lo da cabeça. As moças e o grupo de 12-14 anos desenhavam pescoço delgado e os rapazes pescoço grosso, como sinais comuns.
- 23 — **Tronco** de formato oval e, ou duplo-trapézio na figura feminina, ou quadrangular na masculina. Pode

ser de linhas arredondadas ou angulosas. Apresenta ombros e cadeiras proporcionadas e cintura assinalada, mais freqüentemente por um cinto comum ou apenas um traço. Nota-se sombreamento ou borradura no contôrno de partes do tronco, principalmente no ombro e no tórax.

- 24 — **Braços** pendentes ao longo do corpo, estendidos para o ambiente ou voltados para a frente. A posição: braços voltados para trás do corpo só é comum nas figuras femininas feitas por moças. Os braços são curtos e finos ou de dimensões médias e trazem sombreamento no contôrno.
- 25 — **Mãos** de tamanho médio e, em menor porcentagem, pequenas ou grandes; com sombreamento ou borradura no contôrno e apresentando dedos no número exato, compridos e pontudos ou como garras. Dedos como “palitos” são comuns apenas para as moças e o grupo de 12-14 anos; para êste também são comuns os dedos em menor número que o normal.
- 26 — **Pernas** curtas e finas ou de dimensões médias e com sombreamento ou borradura no contôrno.
- 27 — **Pés** de tamanho pequeno ou médio, desenhados de perfil, com sombreamento ou borradura no contôrno e com sapatos detalhados ou em linhas simples. As moças também apresentam pés de frente como sinais comuns.
- 28 — **Figura vestida** com traje usual completo; muitas vezes, com botões e eventualmente com outros detalhes e acessórios. O sombreamento ou borradura aparece no contôrno ou no interior da roupa, freqüentemente, porém, em uma das partes e não na roupa tôda.

b) Sinais individuais, isto é, pouco comuns, raros e muito raros

- 1 — **A figura do próprio sexo** desenhada em segundo lugar (pouco comum).

- 2 — **A figura masculina maior** que a feminina (pouco comum).
- 3 — **Figura incompleta**, isto é, sem o tronco ou sem os dois membros (raro).
- 4 — **Mudar a posição do papel** (raro).
- 5 — **Tamanhos** grandes ou muito grandes (fôlha tôda, $\frac{2}{3}$ e metade da fôlha — raros; $\frac{1}{3}$ da fôlha — pouco comum) e muito pequenos ($\frac{1}{128}$ e $\frac{1}{64}$ — raros).
- 6 — **Localização** no quadrante inferior direito, em diagonal na fôlha, à direita, no quadrante inferior esquerdo, na metade inferior e no quadrante superior direito (todos raros).
- 7 — **Figura sentada** ou ajoelhada (muito raro) e deitada (não encontrada).
- 8 — **Figura em movimento**, principalmente no desenho feito por moças (raro).
- 9 — **Figura tôda de costas** (muito raro); confusões no perfil e só cabeça de perfil (raros); figura tôda de perfil, com exceção do grupo de 15-18 anos e dos rapazes (pouco comum). A figura de cabeça e pés de perfil é pouco comum nos desenhos das moças e nos do grupo de 15-18 anos.
- 10 — **Estereótipo** e figura mais jovem que o autor (raros). A figura mais velha é pouco comum apenas para o grupo de 15-18 anos e para as moças.
- 11 — **Traçado trêmulo** (muito raro) e interrompido (raro); linha fina e grossa (pouco comuns).
- 12 — **Figura enquadrada**, com apoio e em cena (muito raros); com linha de solo (raro).
- 13 — **Articulações** (raros); transparências e linha média (pouco comuns).
- 14 — **Cabeça** muito grande ou muito pequena, sendo que os tamanhos $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{7}$ da figura são pouco comuns e os de metade e $\frac{1}{8}$ da figura são raros.
- 15 — **Cabelos** desordenados, destacados da cabeça curtos, escassos e com borradura no contôrno (pouco comuns), assim como a omissão do item

- 16 — Omissão do **rosto** e sombreamento no interior do rosto (muito raros); pintura ou linhas extras no mesmo (raro).
- 17 — **Bigode e barba** na figura masculina (raros).
- 18 — Omissão dos **olhos** (raro); pestanas, olhos pequenos e contôrno borrado (pouco comuns).
- 19 — Omissão do **nariz** (raro), assim como nariz de perfil em rosto de frente; sombreamento no interior do nariz, presença de narinas, tamanhos: grande no desenho feito por moças e pequeno no desenho feito por rapazes (pouco comuns).
- 20 — Omissão da **bôca** (raro), assim como língua ou qualquer objeto entre os lábios, dentes e lábios finos; lábios grossos, em “arco de Cupido” e lábios em geral, bôca pequena, voltada para baixo ou para cima e bôca cerrada (pouco comuns).
- 21 — **Orelha**: uma, em cabeça de frente (muito raro); brinco (raro); orelha pequena, detalhada, com distorção da forma e borradura interior (pouco comuns).
- 22 — Distorção da forma do **pescoço** (muito raro); pomo de Adão na figura masculina, contôrno duplo do pescoço, borradura interior e colar na figura feminina (raros), assim como omissão do pescoço; decote em V, pescoço curto, pescoço grosso (com exceção dos desenhos feitos por rapazes) e o delgado só nos desenhos feitos por rapazes (pouco comuns).
- 23 — Omissão do **tronco** ou desenho só da parte superior (muito raros), assim como borradura no interior de todo o tronco, lacuna no tronco, contôrno duplo, mamilo e pêlos no peito; ombros pequenos, cadeiras grandes, genitais assinalados, distorção na forma do tronco, borradura no contôrno de todo o tronco, borradura no interior do tórax, do abdômem, dos genitais ou dos seios e tronco de formato redondo (raros); formato triangular e retangular do tronco, ombros grandes, cintura apertada, cintura borrada, cadeiras de contôrno borrado e seios (pouco comuns).

O formato quadrangular na figura feminina é pouco comum; e o duplo-trapézio na masculina é raro.

- 24 — Um **braço** em figura de frente (muito raro); braços flexionados para cima, um para trás outro para frente do corpo, um para cima outro para baixo, omissão dos braços, pulseira, sombreamento no interior, braços grossos e com uma linha apenas (raros); braços longos (pouco comum), assim como braços voltados para trás do corpo na figura masculina feita por rapazes.
- 25 — Luvras na **mão** (muito raro); dedos em maior número que o normal, colocação das mãos atrás de objetos, colocação nos bolsos, dedos encerrados por uma linha, unhas, omissão simples da mão e borradura interior (raros); punho cerrado, dedos arredondados, “em pétala” e como “palitos” (êste último com exceção do grupo de 12-14 anos e das moças), dedos sem mão, colocação atrás das costas, dedos em menor número (o último com exceção do grupo de 12-14 anos) e omissão das mãos em conjunto, isto é, abrangendo as quatro variantes (pouco comuns).
- 26 — Ausência de **pernas** em geral, borradura no interior e pernas de uma linha só (raros), sendo que a omissão simples das pernas é muito rara; pernas longas e grossas (pouco comuns).
- 27 — **Pés** de costas, dedos em sandália aberta, pés como uma linha só e unhas (muito raros); dedos do pé em figura de traje esporte, em figura nua e em traje comum mas sem sapatos, e sombreamento no interior do pé (raros); omissão dos pés, presença de dedos em geral, pés grandes e de frente (êste último com exceção dos desenhos feitos por moças) (pouco comuns).
- 28 — Figura feminina trajada com vestido comprido, sombreamento de tôda a **roupa**, uniforme ou fantasia, traje esporte, calças com vinco, meias, chapéu ou boné, objetos na mão, adornos e gravata (raros); vestido

bem decotado em figura feminina, sombreamento na saia ou calça, bolsos, calças com vistas, sombreamento na blusa ou paletó, traje comum incompleto e omissão da roupa (pouco comuns).

II — Crítica à interpretação psicológica dos desenhos da figura humana

O segundo objetivo específico proposto para nossa pesquisa foi o de realizar uma crítica ao significado psicológico atribuído, pelos vários autores especializados, aos aspectos do desenho da figura humana. Tínhamos em mira que, possuindo os sinais comuns da realização gráfica dos adolescentes, poderíamos usá-los para verificar a adequação das interpretações para eles apresentadas. Uma vez que os sinais comuns são reveladores das características psicológicas do grupo e que os traços fundamentais da adolescência estão suficientemente explorados e caracterizados na literatura psicológica, temos os elementos essenciais ao nosso trabalho. Propomo-nos verificar se os sinais comuns encontrados em nossa pesquisa são aqueles cujo significado psicológico, atribuído pelos vários autores, coincide com os aspectos do comportamento, problemática e personalidade dos adolescentes em geral.

Em caso positivo poderemos concluir pela adequação da interpretação proposta; em caso de discrepância, porém, a conclusão não será tão imediata. Podem se apresentar duas hipóteses: 1) a interpretação proposta para o item considerado não é a mais adequada; 2) dada a grande complexidade dos fenômenos abordados, diferentes caracterizações estão sendo feitas pelos psicólogos clínicos, de um lado, e pelos especialistas em Psicologia da Adolescência, por outro.

E' o que passaremos a ver em seguida.

Para tal, vamos tomar da caracterização geral da adolescência alguns traços básicos, embora cientes da impossibilidade de se fazer um quadro universal dessa etapa de desenvolvimento, bem como da conveniência em considerar os adolescentes, e não a Adolescência em geral. Lembramos, também,

que os dados disponíveis na literatura psicológica são predominantemente os que resultaram de estudos relativos à classe média e ao grupo mais favorecido social-econômica e educacionalmente e que focalizaram de modo especial os adolescentes que freqüentam escolas secundárias; além disso, essas pesquisas, em grande maioria foram feitas em outros países, de cultura diferente da nossa.

Um dos pontos de acôrdo nos vários estudos sôbre a adolescência é que o fato de ser ela, em nossas condições culturais, uma fase de transição entre dois momentos bem definidos da vida (a infância e a idade adulta), coloca o adolescente na marginalidade e indefinição, que geram insegurança e sentimentos de inferioridade e inadequação. A necessidade básica do adolescente é a de segurança, compreensão e apoio.

Êstes aspectos — insegurança, inferioridade e inadequação — podem ser vistos no desenho da figura humana: o primeiro, pela presença da linha do solo, pela ênfase nos pés (quer pelo sombreamento ou borradura, quer pelo aumento ou diminuição do tamanho e distorção da forma) ou pela omissão dos mesmos; e ainda pelo tipo de linha e consistência do traçado em geral: linha fina, traçados tipo avanços e recuos, interrompido e trêmulo e desigualdade na pressão da linha. Os últimos — inferioridade e inadequação — englobadamente, são denunciados pelo tamanho pequeno das figuras (em especial a do próprio sexo), acentuação da linha média, através de botões ou linha simples, braços e/ou pernas curtas e finas.

Nossa lista dos sinais comuns aos desenhos estudados aponta: ênfase nos pés através do sombreamento, principalmente no contôrno, e traçado de avanços e recuos, curiosamente acentuado nos desenhos do grupo mais velho. A valer a interpretação apontada, devemos concluir que a insegurança aumenta, à medida que o indivíduo avança do início para a fase média da adolescência, isto é, com a colocação mais efetiva e real dos problemas, principalmente aquêles referentes ao “estar no mundo”. Aos 15-16 anos o indivíduo possivelmente sente mais o impacto da marginalidade apontada e vive mais intensamente o drama da ausência de um lugar definido junto à coletivi-

dade adulta, uma vez que decididamente não é mais uma criança, o que aos 12-14 anos ainda poderia ocorrer.

Dos sinais considerados pelos autores como indicativos de insegurança, a presença de linha do solo ou de apoio para a figura e enquadramento da mesma, não presentes entre os traços comuns de nossa pesquisa, parecem carecer realmente de valor como tal. Aliás, a linha do solo, a nosso ver, é de significado ambíguo, pois poderá expressar justamente a segurança da pessoa que sente a terra sob os pés e que sabe onde pisa. A propósito, ver a discussão geral dos resultados das tabelas, no Cap. B, da Segunda Parte dêste trabalho, Categ. XII.

Dos sinais de sentimento de inferioridade e inadequação, encontramos em nossa lista: braços e pernas curtos e finos, que parecem se confirmar como expressivos, principalmente, da inadequação no produzir, e no colocar-se no mundo; e tamanho pequeno da figura (os tamanhos $1/8$, $1/16$ e $1/32$ da fôlha totalizam 52,5% dos desenhos) que com o aumentar da idade se torna um pouco maior, sugerindo um decréscimo do sentimento de inferioridade e inibição.

Outro aspecto característico da psicologia do adolescente, muito relacionado com o que acabamos de ver é o das dificuldades nos contactos sociais ao lado da intensa necessidade dos mesmos. A adolescência é a fase da sociabilidade por excelência, em que predominam os problemas de ordem social. A necessidade e busca dos contactos sociais ou a rejeição dêles pelas dificuldades encontradas, bem como as atitudes de fuga, são denunciadas, nos desenhos, pela posição dos braços e pela ênfase das mãos, sua omissão em geral ou colocação atrás das costas, em especial, e ainda pela disposição da figura: de perfil para a esquerda ou de frente. Nossos dados mostram: ênfase na mão pelo sombreamento principalmente no contôrno, fato que aumenta com a idade; e certa margem de omissão da mesma (traço quase comum, mas que, em se considerando a frequência relativamente baixa das omissões de partes do corpo, exceção feita às orelhas, pode ser tomado como característico). Os braços estendidos para o ambiente e voltados para a frente do corpo sobrepujam os voltados para trás do corpo, mas não al-

cançam a porcentagem dos pendentes ao longo do corpo; em todo caso, podemos ver nos primeiros a expressão da necessidade de contacto, que parece diminuir com o avançar da idade. A atitude de evasão das dificuldades no plano social aparece mais na posição dos braços para trás do corpo; a perspectiva da figura não parece denunciá-la, pois, em que pese a dificuldade do desenho de perfil (ver o Cap. B, da Segunda Parte dêste trabalho, Categ. IX), o conjunto formado pelas figuras: tôda de perfil, só a cabeça de perfil, cabeça e pés de perfil, não ultrapassa em porcentagem ao das figuras: tôda de frente e só pés de perfil. Parece, justamente, ser mais característico nos desenhos dos adolescentes estudados a expressão de exibicionismo e, de certa forma, narcisismo, que se pode ver no fato de exporem a figura de frente.

E' verdade que êsses dois traços são também apontados na adolescência. Como consequência do desenvolvimento afetivo-sexual, o período que se inicia com a puberdade traz, ao lado da reativação da situação edipiana, acentuação do narcisismo, exibicionismo e oralidade, com aspectos de sadismo e masoquismo (êste último com implicações relativas ao sentimento de culpa).

O narcisismo e o exibicionismo poderão ser identificados nos desenhos da figura humana, além do aspecto mencionado, pela preocupação com o corpo, sob o ângulo da beleza física ou com o vestuário e adornos; além disso, a ênfase no contorno da roupa expressará o conflito entre exibicionismo e modestia. A oralidade, principalmente em seus aspectos de sadismo verbal, tem expressão na ênfase da boca e na presença da língua, palito ou outro objeto entre os lábios. A reativação da situação edipiana poderá ser vista na importância atribuída à figura materna pelo rapaz e à paterna pela moça. Dêsses traços podemos encontrar nos desenhos considerados: certa preocupação (embora se pudesse esperar maior) com o vestuário e inclusive com o penteado, assim como com o corpo em sua expressão física; e boca grande, com sombreamento no contorno e no interior. De maneira geral, podemos aceitá-los como indicativos dos traços mencionados. Só a reati-

vação da situação edipiana não pode ser bem verificada neste estudo: o elemento que possuímos — tamanho relativo das figuras masculina e feminina — não confirma a hipótese; todavia, outros dados igualmente necessários para uma conclusão não puderam ser colhidos em uma pesquisa dêste tipo, pois dizem respeito ao tratamento diferencial que um mesmo sujeito dá às duas figuras do par.

A problemática sexual que se instala com o amadurecimento do aparelho reprodutor, de acôrdo com os autores especializados, assume nos desenhos da figura humana vários aspectos. A preocupação sexual, o desejo de virilidade no rapaz e de feminilidade na mocinha, ao lado do sentimento de inadequação sexual próprio da fase, aparecem através da ênfase no cabelo e no pêlo em geral, presença de adornos masculinos e femininos, omissão dos pés e ênfase no nariz. A preocupação com a masturbação tem sua expressão em: mãos nos bolsos, dedos encompridados, nariz como penis, vistas nas calças e presença de cachimbo ou cigarro aceso ou de revólver; o sentimento de culpa decorrente aparece refletido nos dedos castrados, nas mãos atrás das costas ou na omissão simples das mesmas; às vêzes se patenteia por omissão dos braços (indicando êste traço mais a depressão resultante da culpabilidade), acentuada borradura nas mãos, olhos grandes e borrados (culpa principalmente por “voyeurismo”) e omissão da bôca (culpa mais em relação à agressividade oral).

Os desenhos estudados revelam, dentre os traços do primeiro grupo: ênfase no nariz e no cabelo (sinais comuns) e omissão dos pés (pouco comum), parecendo confirmar êsses pressupostos de interpretação; entre os do segundo: dedos compridos (comum), nariz comprido (pouco comum, porém mais observado nos desenhos das moças), que podemos considerar como certa indicação do fenômeno, embora não seja a teòricamente esperada. Do último grupo, referente ao sentimento de culpa, aparecem como comuns aos desenhos estudados: a borradura nas mãos, se bem que principalmente no contôrno e mais nos desenhos dos rapazes, e os olhos grandes e borrados; e como pouco comum, mas ainda expressivo: a colocação das

mãos atrás das costas (fato que indica também a dificuldade de contacto, aliás possivelmente por esta mesma causa — sentimento de culpa). Os demais são raros em nossos desenhos; em conjunto, entretanto, podemos concluir que o sentimento de culpa decorrente da problemática afetivo-sexual se expressa nos desenhos dos adolescentes considerados.

A agressividade, intimamente relacionada com o conjunto acima focalizado, mas digna de um estudo em separado, também pode evidenciar-se nas figuras humanas, segundo Machover (1949), pelos seguintes detalhes: 1) tamanho grande da figura; 2) linha escura, traçada com forte pressão; 3) colocação da figura no centro da fôlha; 4) dedos em forma de “pali-to”, pontudos como garras ou muito compridos; 5) unhas e articulações detalhadas nos dedos das mãos; 6) mais de cinco dedos na mão; 7) narinas; 8) dedos do pé em figura vestida; 9) pés grandes (com implicações agressivas) e com sombreado forte; 10) bôca como uma linha cerrada e forte, e com dentes — expressão de agressividade oral; 11) punho cerrado e dedos encerrados por uma linha, como detalhes de repressão da agressividade.

Dêstes sinais, os de número 1 e 2, isto é, tamanho grande da figura e linha escura, traçada com forte pressão, não comprovaram validade na pesquisa de Goldstein e Raw (1957). A localização no centro da fôlha, por sua vez, como já foi discutido no Cap. B, da Segunda Parte dêste trabalho, Categ. VIII, expressaria mais especificamente a necessidade de auto-afirmação e de libertação pessoal, principalmente em relação à família no caso de adolescentes.

Restam, portanto, oito sinais. Nos desenhos por nós estudados só os de número 5, 6 e 8 são raros, ao lado de parte do n.º 10 (dentes) e parte do n.º 11 (dedos encerrados por uma linha); os demais variam entre comuns e pouco comuns constituindo em conjunto certa expressão da agressividade dos adolescentes considerados.

Essa agressividade pode, porém, assumir formas de oposição ao ambiente, negativismo e rebelião contra tudo e contra todos, como resultado da confluência dos vários problemas que

afligem o adolescente. A localização no quadrante superior direito, o uso da folha em posição diferente daquela em que foi colocada, a recusa a completar o desenho e, mesmo, a recusa a tentar desenhar são vistos, pelos autores especializados, como indícios dêsse fato, mas na pesquisa em curso apareceram apenas raramente.

Isto nos leva, de um lado, a duvidar da validade dos sinais apontados e de outro, a uma reflexão mais cuidadosa sobre o fenômeno, que pode ser passível de expressão direta, mas que também pode não ser tão característico dos adolescentes estudados.

A energia vital necessária às atitudes de oposição e rebeldia, expressa no desenho da figura humana em tamanho grande e em sua localização na parte superior da folha, de certa forma está presente nos desenhos considerados; mas sinais de dependência como botões, bolsos e linha média da figura também aparecem, é verdade que um pouco mais freqüentemente nos desenhos feitos por moças.

Tudo isso nos alerta para a complexidade dos traços e atitudes coexistentes no mesmo indivíduo e para a dificuldade de sua projeção simples e direta nos desenhos. Agressividade, rebeldia, negativismo e oposição ao lado de dependência afetiva; grande entusiasmo e idealismo ao lado de grande ceticismo, atitudes radicais, intransigentes e contraditórias — eis o adolescente, isto é, aquele que ainda não atingiu a moderação, prudência e equilíbrio da idade adulta.

Aquêle que está ainda com problemas de controle da vida emotiva e instintiva, pois a emotividade elevada e instável coloca em foco a necessidade de controlar os impulsos e de agir mais racionalmente em face das situações. Essa ênfase no controle racional, expressa no desenho da figura humana pelo tamanho grande da cabeça, pescoço comprido e presença de linha a separar a cabeça do pescoço, nos desenhos estudados se denuncia seguramente. O controle obsessivo-compulsivo da agressividade que, nos desenhos é manifestado pela ênfase nos detalhes da roupa, do sapato, das unhas da mão e até das do pé, parece ser algo presente em nossos adolescentes, pois dos

três indícios, apenas o último é raro nos desenhos estudados. Podemos falar de um aumento da obsessividade na adolescência, como consequência da imperiosidade dos impulsos e afetos desatados pela evolução afetivo-sexual.

Da análise feita, podemos concluir que a insegurança; os sentimentos de inadequação e inferioridade; a problemática sexual com seus aspectos de preocupação sexual, narcisismo e exibicionismo, sadismo e oralidade, atividades auto-eróticas e sentimento de culpa; as dificuldades de contato, a agressividade, oposição e dependência; a necessidade de controle dos impulsos e da emotividade, são evidenciados nos desenhos em estudo.

De maneira geral encontramos no grupo estudado, expressas nos desenhos da figura humana, as principais características apontadas pelos especialistas em Psicologia da Adolescência.

Podemos, portanto, concluir que, com pequenas exceções — analisadas no texto precedente — comprovaram-se como expressivos os sinais considerados evidenciadores de aspectos da personalidade.

Com base nas idéias apresentadas de início, concluímos pela adequação, em geral, das interpretações propostas pelos autores especializados, para os itens do desenho da figura humana.

III — Diferenças entre os grupos de idade

Como um dos objetivos específicos para a presente pesquisa, foi estabelecido o do estudo das diferenças de realização em função da idade.

Pareceu-nos importante considerar a influência que a passagem dos anos teria sobre a realização gráfica e nos deparamos com o problema da abordagem a adotar: se examinar as variações dos desenhos, ano a ano, ou considerá-las apenas em termos de dois grupos de idade.

Ao iniciar o trabalho, procedemos à tabulação dos dados dos desenhos idade por idade, em parte por se tratar de aspectos gerais presumivelmente mais simples que os especiais e, em

parte, por ser um início, que poderia nos sugerir qual o melhor processo a seguir. E de fato isto se deu: à medida que as tabelas e os quadros iam sendo organizados verificamos a pequena conveniência, e inclusive a inconveniência, da distribuição dos dados em função de cada idade, além do sexo do autor e do sexo da figura. A dispersão a que se chegava, principalmente na análise dos aspectos mais específicos do desenho, em que até 10 alternativas do mesmo fato se apresentavam, nos levou a concluir que um agrupamento em dois blocos de idade seria mais fecundo.

Assim convencionamos separar os desenhos, quanto à idade, em dois grupos: o de 12-14 anos e o de 15-18 anos. Tal separação foi determinada por dois motivos: um de ordem teórica, pois os três anos que compõem o primeiro grupo etário abrangeriam a adolescência inicial, mais exatamente, e os quatro últimos a adolescência média; outro de ordem prática: procuramos organizar grupos aproximadamente iguais quanto ao número de sujeitos, em face da concentração destes nas primeiras idades, decorrente de circunstâncias eventuais da coleta dos dados.

Devemos, porém, insistir no aspecto convencional desta separação, adotada para maior sistematização do trabalho. Não pretendemos situar dentro da adolescência dois grupos distintos; sabemos que o fator cronológico, principalmente a partir desse período da vida, não funciona eficazmente para a delimitação de momentos típicos e que deve ser usado mais como ponto de referência. Com Gesell (1958) aprendemos que o tempo cronológico não coincide com o tempo evolutivo. Além do mais, não há acôrdo entre os especialistas com referência às subdivisões dessa fase: para Hurlock (1955, pág. 4) seriam: pré-adolescência de 10 a 12 anos; adolescência inicial de 13 a 16 anos; adolescência final de 17 a 21 anos; para Cole (1945, pág. 6): pré-adolescência de 10 a 12 anos; adolescência inicial de 13 a 15 anos; adolescência média de 16 a 18 anos e adolescência final de 19 a 21 anos; para Bühler, Ch. (1947, pág. 36): pré-puberdade de 10 a 12 anos, puberdade e adolescência de 12 ou 13 a 18, 20, 21 ou 22 anos.

Outro reparo devemos fazer antes de passar à análise das diferenças apontadas pelas tabelas: é o de que os dados a serem considerados são sempre de um grupo em relação ao outro, e não indicativos da importância do fato dentro do mesmo grupo. Assim, se falarmos de “cabelos abundantes e penteados” nas figuras desenhadas pelo grupo de 15-18 anos, isso não significa que êsse aspecto seja o mais expressivo da realização básica dêsse grupo, mas que em relação ao grupo de 12-14 anos, com o qual está sendo comparado, o grupo de 15-18 anos oferece maior porcentagem de figuras com cabelos abundantes e penteados.

As diferenças encontradas foram sempre testadas estatisticamente e só foram consideradas para esta análise aquelas significantes ao nível de 5% pelo menos.

Dada a grande variabilidade dos elementos analisados, pois se trata de trinta (30) categorias em que muitas vezes apenas uma apresenta dez ou mais variações, dando um total de 279 itens, afigurou-se-nos muito difícil, senão impossível neste tipo de trabalho, a consideração da magnitude das diferenças encontradas. Seríamos levados a estabelecer tabelas de atribuição de importância, segundo a magnitude da diferença, mas também em função da distribuição do fenômeno. Isso resultaria em algo muito complexo, que pode facilmente ser substituído por uma consulta direta às tabelas apresentadas no Cap. B, da Segunda Parte dêste trabalho.

Assim, na caracterização que apresentamos a seguir, as diferenças são apontadas sem menção à magnitude das mesmas, reservando-se ao interessado a possibilidade de consulta rápida e imediata às tabelas correspondentes, para uma verificação complementar.

CARACTERÍSTICAS DOS DOIS GRUPOS DE IDADE

15-18 anos

1 — Tamanhos $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{4}$ da
fôlha — tamanhos mé-
dios portanto.

12-14 anos

1 — Tamanhos $\frac{1}{16}$ e $\frac{1}{32}$
da fôlha — tamanhos
pequenos, portanto.

- | | |
|--|--|
| 2 — Localização no centro e esquerda. | 2 — Localização no quadrante superior esquerdo e no superior direito. |
| 3 — Figura tôda de perfil e confusões no perfil. | 3 — Figuras: com os pés de perfil e cabeça e pés de perfil. |
| 4 — Figura de idade aproximada à do autor. | 4 — Traçado contínuo. |
| 5 — Traçado trêmulo e tipo avanços e recuos. | 5 — Cabeça de tamanho de 1/4 e metade da figura. |
| 6 — Articulações. | 6 — Cabelos escassos. |
| 7 — Cabeça do tamanho de 1/6 da figura. | 7 — Olhos pequenos. |
| 8 — Cabelos abundantes e penteados. | 8 — Dentes. |
| 9 — Rosto sombreado no contôrno e linhas extras no rosto. | 9 — Orelha pequena e omissão da orelha. |
| 10 — Olhos de tamanho médio; pestanas e sombreamento no contôrno. | 10 — Pescoço delgado. |
| 11 — Nariz sombreado, tanto no interior como no contôrno. | 11 — Tronco de formato quadrangular, retangular e redondo; linhas angulosas, distorção da forma e cintura assinalada. |
| 12 — Bôca pequena e sombreada, principalmente no contôrno, lábios em "arco de Cupido" e lábios em geral. | 12 — Braços curtos e finos; estendidos para o ambiente e com pulseira. |
| 13 — Orelha sombreada, principalmente no contôrno; brincos. | 13 — Mãos grandes; dedos em menor número que o normal, em forma de palitos e dedos saindo diretamente do braço (dedos sem mão) |
| 14 — Pescoço de grossura média, com sobreamento no contôrno principalmente; decote em V; pomo de Adão na figura masculina. | 14 — Pernas curtas e finas. |

- | | |
|---|------------------------------|
| 15 — Tronco de formato oval e duplo trapézio, linhas arredondadas; seios; sombreamento do ombro; borradura na cintura e nos seios. | 15 — Sapato sem detalhes. |
| 16 — Braços grossos e de dimensões médias; sombreamento principalmente no contôrno; voltados para trás do corpo e um braço em figura de perfil. | 16 — Traje comum incompleto. |
| 17 — Mãos de tamanho médio; sombreamento principalmente no contôrno; colocação atrás das costas, ausência de mãos em geral; dedos em maior número que o normal. | |
| 18 — Pernas de dimensões médias; sombreamento, principalmente no contôrno. | |
| 19 — Pés sombreados no contôrno; omissão dos pés; dedos no pé, em conjunto. | |
| 20 — Traje comum completo, sombreamento no contôrno da roupa; calças com vinco e com vistas. | |

Interessante será compararmos os resultados acima expostos com os apresentados por outros autores. Entre êstes, os de Machover poderão ser tomados como ponto de referência; devemos, porém, advertir que não se prestam a um confronto completo com os nossos, pois são apresentados de forma diferente, atendendo a outros objetivos e técnicas de abordagem. Além do mais, não trazem a indicação explícita do significado dos termos usados na comparação da realização de um grupo

com a de outro: não podemos saber, da leitura do trabalho, se o “mais” resulta da análise das diferenças estatisticamente entre os dois grupos ou se exprime a posição de maior importância do fenômeno dentro do grupo considerado.

Apesar dessas ressalvas, podemos ver em Machover (1961) que aos 15 anos, em relação aos 13 anos, os rapazes apresentam nas figuras humanas: maior incidência de tema e “background” (sombreamento em torno da figura, grades, cadeiras e até mesmo trem); cabelos mais freqüentemente sombreados; rara omissão das feições faciais; olhos maiores e mais freqüentemente com pupilas; boca menos receptiva e mais ativa; com maior incidência de lábios; nariz mais forte, com maior interesse agressivo; mãos e dedos mais trabalhados, com tratamento funcional maior e muitas vezes segurando alguma coisa; vestimenta mais elaborada e integrada no corpo, com aparecimento de trajes esportivos e roupas de trabalho com uso de gravata.

Comenta Machover que êsses aspectos evidenciadores do aumento do interesse pelo ambiente e pela atividade, vem a par do acréscimo da ansiedade, expressa em sombreamento mais ativo e postura mais precária. Mas o indício de preocupação corporal e pobre ajustamento, isto é, a transparência da roupa, diminui bastante, indicando mesmo a passagem do interesse pela organização somática para o empenho na exploração ambiental. Aos 17 anos os desenhos dos rapazes, em relação às idades anteriores, indicam que se está processando uma integração dêsses dois aspectos: concentração no corpo (eu) e ajustamento ao ambiente: “background” mais trabalhado, com tratamento mais amadurecido e integrado; indicações da roupa mais definidas, seguras e integradas; detalhes mais produtivos e numerosos.

Considerando aquêles pontos em que a comparação se faz possível, podemos ver que apenas em alguns nossa pesquisa oferece concordância: maior freqüência de lábios, roupa mais elaborada (possivelmente, uma vez que a natureza dos dados, aqui, é diferente) e sombreamento em geral. Com referência a êste último, fazendo exceção dos cabelos, nota-se pleno acôr-

do: o grupo de 15-18 anos apresenta mais sombreamento ou borradura que o de 12-14 anos. Se a interpretação dêsse fato for: ansiedade, então poderemos dizer com Machover que o grupo está pagando êsse preço pelo seu crescimento e desenvolvimento.

Êsse desenvolvimento pode ser visto nos desenhos do grupo de 15-18 anos através de vários pontos:

- 1) aumento da auto-afirmação e da definição do próprio papel social, simbolizadas pela localização do centro da página;
- 2) diminuição da introversão, do desejo de isolamento e fuga do ambiente, expressos pelo uso do quadrante superior esquerdo e da figura pequena;
- 3) a identificação se faz agora mais com figuras de idade aproximada e menos com pessoas mais velhas;
- 4) a socialização da sexualidade se denuncia mediante interesse maior pela aparência, revelado nos cabelos penteados e abundantes, olhos com pestanas, bôca mais de tamanho pequeno e bem cuidada, geralmente com lábios e, em especial, lábios em “arco de Cupido”, brincos nas orelhas, calças com detalhes e roupa mais completa e cuidada, enquanto o pomo de Adão, na figura masculina e os seios na feminina, um pouco mais frequentes, sugerem maior necessidade de diferenciação sexual nas figuras;
- 5) a diminuição do sentimento de inadequação, inferioridade e incapacidade e conseqüente inibição, expressa no aumentar do tamanho da figura e nas dimensões dos braços e das pernas, agora médios em vez de curtos e finos;
- 6) modificações na ênfase da agressividade, aparentemente mais no sentido de auto-afirmação e auto-direção, pelo uso do centro da fôlha e menor porcentagem de dentes e de dedos em forma de palito.

A expressão de insegurança, porém, conforme ficou ressaltado em páginas anteriores, aumenta com a idade; e o in-

terêsse no próprio eu parece converter-se em preocupação somática, pois as articulações, embora raras no conjunto dos desenhos, apresentam-se com porcentagem estatisticamente mais altas no grupo 15-18 anos. E, como vimos atrás, a ansiedade é maior nêste grupo que está enfrentando realmente os problemas e as dificuldades da luta por um lugar na coletividade adulta.

IV — Diferenças nos desenhos feitos por rapazes e por moças

Um dos objetivos propostos para a presente pesquisa foi o estudo da realização gráfica em função do sexo do autor.

Embora os psicólogos especializados, principalmente Godenough (1926) e Machover (1949) tenham se preocupado com as diferenças características nos desenhos feitos por um e outro sexo, seus trabalhos não fornecem dados direta e exclusivamente referentes à adolescência, nem trazem indicações explícitas sobre o critério usado para a determinação de tais características. Como veremos mais adiante, quando da discussão dos resultados que encontramos nêste particular, as comparações se dificultam, se não chegam a serem prejudicadas completamente.

Outros trabalhos serão também analisados aqui, para efeito dessa comparação; todavia podemos afirmar que, pela técnica de abordagem e pelo grupo a que se aplica, a presente pesquisa é original, especialmente em se considerando o meio brasileiro.

Lembramos que, a exemplo do sucedido no sub-capítulo anterior, os dados a serem apresentados se referem a diferenças estatisticamente significantes, não importando sua magnitude, entre as realizações de rapazes e de moças; não expressam pois, a distribuição da importância dos fenômenos dentro de cada grupo.

Para uma visão mais clara, êsses dados aparecerão no quadro seguinte expressos em termos de características masculinas e femininas.

Características Masculinas

- 1 — Figura masculina maior que a feminina.
- 2 — Figuras de tamanho pequeno.
- 3 — Localização à esquerda da fôlha.
- 4 — Figura em movimento.
- 5 — Figura tôda de perfil, e com cabeça e pés de perfil.
- 6 — Figura mais velha e estereótipo.
- 7 — Linha grossa no traçado da figura.
- 8 — Articulações.
- 9 — Cabeça de 1/3 da figura tôda.
- 10 — Cabelos desordenados e sombreados no interior.
- 11 — Sombreamento no contôrno e linhas extras no rosto.
- 12 — Sombreamento no interior do ôlho e omissão do ôlho.
- 13 — Nariz grande e sombreamento no contôrno; de perfil em cabeça de perfil.
- 14 — Bôca para baixo, lábios finos, dentes e bôca de perfil.
- 15 — Orelha detalhada e sombreamento no contôrno.
- 16 — Pescoço curto e grosso; sombreamento, principalmente no contôrno; pomo de Adão na figura masculina.

Características Femininas

- 1 — Figura masculina menor que a feminina.
- 2 — Figuras de tamanho grande ou muito pequeno.
- 3 — Localização no quadrante superior esquerdo.
- 4 — Figura estática.
- 5 — Figuras: tôda de frente e só cabeça de perfil.
- 6 — Figura de idade aproximada e mais jovem.
- 7 — Linha fina e de grossura média.
- 8 — Linha média na figura.
- 9 — Cabeça de 1/4 da figura tôda.
- 10 — Cabelos penteados ou cuidados.
- 11 — Olhos de tamanho grande.
- 12 — Pupilas, pestanas e sobrancelhas.
- 13 — Nariz pequeno, narinas e sombreamento no interior; de perfil em cabeça de frente.
- 14 — Lábios grossos e em "arco de Cupido".
- 15 — Distorção na forma da orelha; brincos e omissão da orelha.
- 16 — Pescoço comprido e delgado, linha separando o pescoço da cabeça.

- | | |
|--|--|
| 17 — Tronco de formato oval e redondo; linhas arredondadas, distorção da forma; ombros pequenos, sombreamento do contôrno de todo o tronco e contôrno duplo. | 17 — Tronco de formato duplo-trapézio; linhas angulosas; cintura desenhada, principalmente a assinalada por um traço apenas e a apertada como “cinturita”. |
| 18 — Braços: um em figura de perfil e omissão. | 18 — Braços de comprimento médio e voltados para trás do corpo. |
| 19 — Mãos grandes, sombreamento no interior; dedos encerrados por uma linha, dedos compridos e arredondados. | 19 — Mãos pequenas, colocadas atrás das costas e ausência da mão em geral; dedos pontudos ou como garras. |
| 20 — Pernas curtas e sombreamento no interior. | 20 — Pernas de comprimento médio. |
| 21 — Pés grandes e de tamanho médio; pés de perfil, sombreamento no interior; sapatos com detalhes. | 21 — Pés pequenos, pés de frente; omissão, sapatos sem detalhes. |
| 22 — Roupa: traje comum incompleto, uniforme ou fantasia; meias; sombreamento no interior da roupa e omissão da mesma. | 22 — Roupa: traje comum completo; vestido comprido e vestido decotado (ambos na figura feminina); gravata e vistas nas calças (na figura masculina); botões e adôrnos. |

Passando à discussão desses resultados, comparêmo-los inicialmente com os apresentados por Goodenough (1926, pág. 61). Verificamos certa concordância nos seguintes aspectos: nos característicos masculinos — a perspectiva e o movimento da figura e os detalhes do sapato; nos característicos femininos — olhos com sobancelha, pupila e pestana, cabelos bem penteados e cuidados, boca em “arco de Cupido”, narinas e pés pequenos. Podemos ver, porém, que a diferente caracterização dos itens, nos dois trabalhos considerados, dificulta a comparação, quando não a prejudica completamente. É o que se dá com os seguintes aspectos citados por Goodenough: calças com

base em forma de sino, cabeça maior que o tronco, comprimento dos braços não maior que o da cabeça, cabelos crespos ou encaracolados. Dos outros, não encontram confirmação em nossa pesquisa: característicos masculinos — acessórios como cigarro, cachimbo, guarda-chuva, etc., braços longos, calças transparentes e gravata; característicos femininos — indicação das maçãs do rosto. Os três primeiros (acessórios, braços longos e calças transparentes) não se denunciaram em nossa pesquisa, estatisticamente diferentes nos desenhos dos rapazes e das moças; o quarto (gravata) apareceu mais nos desenhos das moças e o quinto (maçãs do rosto), apesar de não ter sido diretamente pesquisado por nós, encontra correspondência nas linhas extras do rosto, que aparecem então como característica masculina.

Convém lembrar que êsse estudo de Goodenough se reporta a desenhos de crianças de 4 a 10 anos, obtidos com técnica diferente da usada por nós. A comparação deve ser tomada com essa ressalva, mas não pode ser omitida, uma vez que o trabalho de Goodenough é pioneiro e peça clássica no gênero.

Além do mais, poucos são os outros estudos acessíveis. O de Machover (1960), por exemplo, muito interessante e completo, pouco se presta a êste tipo de análise comparativa, por efeito da dificuldade criada pela diferença de abordagem e apresentação dos dados, além de se referir também ao período infantil. É verdade que os dados referentes aos 12 anos podem ser comparados com os desta pesquisa, mas não rigorosamente, pois as diferenças aqui analisadas dizem respeito ao grupo de 12-18 anos em conjunto, sem discriminação de idade e o estudo de Machover focaliza mais a evolução dos aspectos gráficos em função da idade, que propriamente as diferenças de realização entre os sexos. A comparação dos dados de Machover relativos aos 12 anos, com os nossos, ficaria falseada e sem sentido, uma vez que a autôra, ao caracterizar a realização do menino de 12 anos e depois a da menina de igual idade, faz sempre referência às idades anteriores, isto é, as diferenças são analisadas não de um sexo para outro, como em nossa pesquisa neste particular, mas de uma idade para outra dentro do mesmo sexo.

O estudo de Moya (1958, págs. 111-113), realizado com adultos, combinando dados de Goodenough e de Machover, permite-nos alguma comparação; mas também aí o esquema de trabalho, bem diferente do nosso, não possibilita análises mais completas. Podemos apenas verificar que entre as características masculinas, segundo Goodenough: cabeça e pés de perfil, “figura que caminha ou corre”, saltos no sapato, coincidem com os nossos, como já foi visto. Dos acrescentados pelo autor, na base da técnica de Machover, apenas a “figura em seu uniforme” pode ser considerado em concordância com os nossos dados, pois “mãos escondidas” para nós seria mais característico feminino, e “desenho dos órgãos genitais”, em nossa pesquisa não apresenta diferença entre os desenhos feitos por rapazes e por moças.

Pesquisas como a de Zausmer (1954) — feita em São Paulo, com crianças de 4 a 7 anos, e de Bardet e outros (1960) — em Dacar e Khombole, com crianças de 7 a 14 anos, oferecem alguns dados de comparação para o sexo feminino, que se denuncia mais fértil em características gráficas. Lembramos, porém, que a ressalva feita à comparação com os dados originais de Goodenough cabe também aqui.

Hornowski (1961), trabalhando com a prova de Goodenough aplicada no início da adolescência, conclue que o sexo feminino faz desenhos ligeiramente melhores que os do sexo masculino e que as diferenças mais marcantes entre os sexos são de natureza mais qualitativa que quantitativa. Como outros dados não são apresentados no rápido resumo, uma comparação que se anunciava promissora fica apenas em propósito.

Mas é o livro básico de Machover (1949) que nos oferece melhores perspectivas de comparação. Encontramos aí, como característicos do desenho feito por moças: 1) figura de frente; 2) cabeça maior; 3) olhos maiores e mais trabalhados; 4) tronco de linhas arredondadas; 5) braços mais curtos; 6) pernas mais curtas; 7) pés menores; 8) detalhes nos sapatos. E como características masculinas: 1) ação mais freqüente; 2) figura toda de perfil ou cabeça de perfil em corpo de frente; 3) tronco de linhas angulosas; 4) mãos em geral maiores; 5) pés com

mais sinal de conflito; 6) bolsos e botões mais freqüentes; 7) em conjunto, mais sinais de problemas.

Explica a autôra essa diferença de tratamento da figura humana pela exigência de expectativa social, variável para cada um dos sexos. Escreve, à pág. 43, que “enquanto as moças sòmente têm que ser bonitas e decorativas para chamar a atenção em sociedade, os rapazes se sentem compelidos a alcançar ràpidamente o maior desenvolvimento físico possível, o maior poder sexual, a maior habilidade como atletas, a fim de destacar-se em seu ambiente”. . . . “Mais se espera de um rapaz que de uma moça. A competição, com os formidáveis atributos paternos pela frente, tende a levar os rapazes ao desconcerto e à ansiedade e ainda à busca de apôio materno, precipitando problemas que, em geral, não atingem as moças nessa idade”. E em outro trabalho, corroborando êste ponto de vista, Machover (1960) fala da dificuldade de identificação do menino americano com os padrões masculinos, dificuldade que se reflete no desenho da figura humana. Escreve então: “Embora disponha de similar equipamento intelectual, a menina é, de longe, melhor ajustada que o menino. . . . A predominância da autoridade feminina e de modêlos de “ego feminino” no ambiente imediato, oferece à menina um modêlo funcional e forte, reforçado e consistente apôio para seu papel sexual. Aprendizagem, socialização e desenvolvimento é assim um processo natural, fácil e compensador. O menino, ao contrário, é confundido por inconsistentes solicitações a ser àsperamente masculino, independente e agressivo por um lado, e passivo e obediente às mulheres, por outro. Não tendo modelos ativos e funcionais de fôrça masculina adulta em sua experiência diária, os meninos buscam na fantasia estereótipos substitutivos como “cow-boys”, pilotos e mesmo um super-homem”.

É verdade que na sociedade brasileira a situação não se coloca de forma tão definida e poderíamos argumentar que os modêlos de identificação, para o sexo feminino, não são assim tão consistentes; o fato é que os estereótipos são um pouco mais freqüentes entre os rapazes de nossa pesquisa.

Convém lembrar, porém, que ocorreram em porcentagem muito pequena, e também que as observações de Machover se referem mais à idade escolar primária, pois por ocasião da puberdade poderia se dar uma reversão dos padrões menino-menina. Não temos elementos, no momento para verificar essa afirmação, neste aspecto específico.

Em relação aos demais característicos apontados por Machover, podemos verificar certa concordância com os nossos dados. A discordância aparece em cinco dos traços femininos: cabeça maior, detalhes do sapato, figura arredondada e pernas mais curtas (justamente, característicos masculinos, para nós) e braços mais curtos, que não constituem fato significativo em nossa pesquisa; e em quatro dos masculinos: figura mais angulosa, botões, cabeça de perfil em corpo de frente (todos mais característicos do desenho feminino, em nossa pesquisa) e bolsos, em que não encontramos diferença estatisticamente significativa entre rapazes e moças. O detalhe referente ao formato do tronco, frontalmente oposto nos dados aqui analisados, inicialmente pode ser explicado pelo fato de predominar entre os desenhos feitos por moças o esquema da representação do corpo pelo duplo-trapézio, enquanto nos dos rapazes é o formato oval que leva a dianteira. Esta explicação, porém, possivelmente não seja mais que uma tentativa de adiar a compreensão do fato, pois poder-se-á perguntar: por que usam estas moças o esquema do duplo-trapézio anguloso e não o formato oval e outras formas arredondadas?

Como pudemos ver, apesar da precariedade da comparação ressaltada no início desta análise, os dados encontrados por nós como característicos masculinos e femininos na realização gráfica de adolescentes, em especial da figura humana, se aproximam de certa forma dos apontados por Machover, principalmente em relação ao sexo masculino.

O rapaz brasileiro apresenta apreciável número de traços considerados típicos da realização masculina norte-americana, enquanto a moças se destacam por maior discordância. Influências culturais estarão agindo de maneira a podermos concluir que realmente não se verifica entre nós a situação

descrita por Machover de maior facilidade de identificação do elemento feminino com modelos consistentes e seguros no ambiente familiar? Parece-nos que essas influências não podem ser negligenciadas e que, de qualquer forma, a caracterização do masculino e do feminino através do desenho da figura humana necessariamente deve ser feita em termos sócio-econômico-educacionais próprios do grupo estudado.

Da caracterização resultante de nossa pesquisa poder-se-á partir para o estabelecimento de uma escala de sinais denunciadores da maior masculinidade ou feminilidade por parte dos autores dos desenhos. Faz-se mister, porém, completar êstes estudos com outro tipo de pesquisa, de orientação clínica e em pequenos grupos, para focalizar também o complexo problema da inversão sexual e orientação homossexual. Nosso trabalho, nêste particular, fornece dados introdutórios, mas imprescindíveis para o início de pesquisa nêsse campo.

V — Diferenças no desenho das figuras masculinas e femininas

O último objetivo específico proposto para nossa pesquisa foi o do estudo da diferenciação sexual das figuras humanas desenhadas.

Uma vez que a técnica da prova solicita o desenho de uma figura humana de cada sexo, possibilita-se uma série de dados interessantes como resultado do tratamento diferencial dado às figuras.

Podem estar nitidamente diferenciadas em função do sexo que representam, ou apenas apresentar os indícios mais evidentes e secundários de caracterização sexual, como peças básicas do vestuário, tratamento dos cabelos, etc.

Em muitos dos característicos de diferenciação a influência dos padrões culturais se faz sentir de forma decisiva e não podemos esquecer que estamos tratando de adolescentes brasileiros, sob ação de fatores culturais próprios.

Temos conhecimento de alguns estudos sobre a diferenciação sexual no desenho da figura humana, desenvolvidos nos

E.E.U.U., ou na França, mas, como se verá mais adiante, nem todos êles se referem à realização de adolescentes e, além do mais, apresentam técnicas de abordagem bem diferentes da nossa.

Lembramos que nossa análise foi feita tomando o conjunto das figuras masculinas e femininas e não um par de figuras de cada vez; e que as conclusões a que chegamos resultam da consideração das diferenças estatisticamente significantes — ao nível de 5%, pelo menos — entre os desenhos das figuras dos dois sexos. Como foi explicado nos sub-capítulos anteriores, a magnitude das mesmas diferenças não foi levada em conta e a caracterização a ser apresentada exprime o que a figura masculina apresenta com maior freqüência em relação à feminina e vice-versa, não podendo ser tomada como expressão da importância dos fatos dentro de cada grupo considerado.

Figura Masculina	Figura Feminina
1 — Menor que a feminina.	1 — Maior que a masculina.
2 — Localização na parte inferior da fôlha.	2 — Tamanho: metade e 1/6 da fôlha, portanto grande e médio.
3 — Em movimento.	3 — Estática.
4 — Estereótipo.	4 — Figura mais velha que o sujeito.
5 — Linha média.	5 — Cabelos compridos, abundantes, penteados ou bem cuidados, ao mesmo tempo que destacados da cabeça, desordenados e borrados em seu interior e no conjunto. Em suma, maior atenção voltada ao cabelo.
6 — Cabeça de tamanho grande, isto é, 1/3 e metade da figura.	6 — Nariz borrado ou sombreado no interior.

- | | |
|--|--|
| 7 — Cabelos de comprimento médio ou comum, curtos e escassos, borrados no contôrno e omitidos. | 7 — Lábios em “arco de Cupido”. |
| 8 — Barba e bigode. | 8 — Omissão da orelha, orelhas pequenas e com brincos. |
| 9 — Nariz sombreado no contôrno e omitido. | 9 — Colar no pescoço. |
| 10 — Orelhas de tamanho médio, detalhadas e borradas, principalmente no contôrno. | 10 — Tronco em forma de duplo-trapézio, cadeiras grandes, cintura assinalada, principalmente a apertada, seios, borradura no contôrno das cadeiras. |
| 11 — Linha separando o pescoço da cabeça, pomo de Adão. | 11 — Braços voltados para trás do corpo. |
| 12 — Tronco de formato oval e quadrangular, ombros grandes, genitais assinalados, contôrno do tórax sombreado ou borrado e pêlos no peito. | 12 — Mãos atrás das costas. |
| 13 — Mãos grandes e colocadas nos bôlsos. | 13 — Pernas finas e borradas, principalmente no contôrno. |
| 14 — Pernas de dimensões médias. | 14 — Pés pequenos, dedos em figura vestida com traje comum, mas sem sapatos. |
| 15 — Pés: dedos em figura nua e com traje esportivo. | 15 — Roupa: traje comum completo, adôrnos, vestido decotado e de noite, sombreamento no interior da roupa, em conjunto e principalmente na saia e na roupa tôda. |

- 16 — Roupas: traje comum incompleto, uniforme ou fantasia, bolsos e botões, chapéu, gravata e vistas nas calças, sombreamento ou borradura da calça e omissão da roupa.

Podemos ver da caracterização acima apresentada que, com exceção do tamanho, as figuras masculina e feminina revelaram os atributos próprios do sexo que representam.

Assim, na figura feminina vemos atributos considerados femininos: cabelos compridos, abundantes, penteados ou então destacados da cabeça, denunciando a maior atenção de que são alvo; omissão da orelha, por causa do penteado, ou então orelhas pequenas e, às vezes com brincos; lábios em “arco de Cupido”; tronco em forma de duplo-trapézio, muitas vezes com linhas arredondadas; cadeiras grandes e de contorno sombreado; cintura assinalada e, em especial, cintura bem apertada; seios; pés pequenos; adôrnos, colar no pescoço; vestido decotado e de noite, às vezes. As pernas é que parecem escapar a êsse conjunto, pois são mais características as finas, quando seria de se esperar as de grossura média e, mesmo, as mais grossas. Interessante é notar que outros aspectos completam êsse quadro e parecem refletir a atitude e os problemas, possivelmente inconscientes, dos adolescentes estudados, em relação à figura feminina: braços voltados para trás do corpo, menor incidência de omissão da roupa, apresentação mais freqüente de traje completo, menor porcentagem de movimentação na figura que, em geral, é mais velha que o autor e maior que a masculina.

A representação do sexo masculino de igual forma apresenta alguns detalhes que exprimem o estereótipo das diferenciações sexuais: cabelos de comprimento comum ao homem ou então mais curtos, escassos e algumas vezes omitidos; barba, bigode e pomo de Adão, às vezes; formato do tronco oval ou quadrangular, ombros grandes, pêlos no peito; mãos grandes; bolsos e botões na roupa, chapéu, gravata, vista nas calças, e,

às vezes, até vinco. Outros aspectos expressam a atitude e os problemas, nem sempre conscientes, do adolescente de ambos os sexos, em relação à figura masculina: cabeça grande, contorno do tórax sombreado, genitais assinalados, mãos nos bolsos, linha separando o pescoço da cabeça, traje comum incompleto e uniforme ou fantasia, maior incidência de omissão da roupa, linha média na figura, que, em geral, é menor que a feminina, porém mais dinâmica.

Procurando na literatura psicológica especializada análises semelhantes, deparâmo-nos com vários problemas.

A obra básica de Machover (1949), por exemplo, além de alguns trechos esparsos, que podem ser utilizados para uma comparação incipiente com nossos dados, pouco mais nos oferece. Encontramos à pág. 184, entre os sinais do masculino: “fôrça nos ombros e pomo de Adão”; às págs. 78-79: “Pernas mais sexuais e com mais sombreamento na figura feminina”; à pág. 49: “lábios mais trabalhados e em “arco de Cupido”, também na feminina”; e à pág. 72: “o pé se destaca mais na figura masculina que na feminina”.

Todavia, o capítulo que vai da pág. 107 à 109, denominado “Tratamento Diferencial das Figuras Masculina e Feminina”, aparentemente adequado a uma comparação com nosso estudo, na realidade não se presta a isso. A autôra discute aí as diferenças de tratamento que o mesmo sujeito dá às figuras masculina e feminina do par, enquanto em nossa pesquisa, como já foi assinalado, o tratamento dado ao material colhido foi completamente diferente. A análise de Machover, sem dúvida de grande importância quando se interpretam as produções de determinado sujeito, não foi feita por nós, pois levaria ao atendimento de objetivos que não nos havíamos proposto, dado o tipo de pesquisa definido no início dêste trabalho.

Em todo caso, das considerações tecidas por Machover nêsse capítulo, podemos mencionar algumas que fundamentam afirmações por nós apresentadas acima, com referência aos característicos das figuras masculina e feminina: “as atitudes do sujeito para com os sexos são consideradas o determinante básico no tratamento diferencial das duas figuras” (pág. 109);

e “freqüentemente os defeitos são projetados na figura do sexo oposto” (pág. 108). Outras, porém, nos levariam a um campo bem mais complexo em suas implicações. Por exemplo: “o tipo particular de tratamento em relação ao par de figuras desenhadas por um sujeito pode estar associado com o grau de identificação com o papel masculino e o feminino, que é característico do sujeito” (pág. 108), e “quanto maior a confusão das características sexuais nas figuras masculina e feminina de um par, mais se pode inferir do desajuste sexual do autor” (pág. 108).

Esse plano do ajustamento sexual de um indivíduo, em termos do grau de identificação com o masculino ou com o feminino, expresso pelo desenho da figura humana, além do aspecto aqui apontado por Machover — o tratamento diferencial das figuras masculina e feminina — abrange o fato da figura do próprio sexo ser feita em primeiro lugar ou não, bem como o respeito às características consideradas masculinas e femininas do desenho. Uma abordagem do problema através de cada um desses ângulos isoladamente resultará deficiente e insatisfatória. Para o estabelecimento de critérios de determinação do grau de masculinidade-feminilidade e possível homossexualismo ou outros problemas afetivo-sexuais, faz-se necessário um estudo de conjunto, em bases experimentais. Não nos parece possível, no tipo de pesquisa que empreendemos, chegar a completá-lo; entretanto, os dados aqui apresentados serão de proveito para o prosseguimento dos estudos nessa linha.

Outros trabalhos sobre a diferenciação sexual no desenho da figura humana, como o de Swensen (1955), também não se prestam a uma comparação completa com nossos dados. Feito com orientação diferente, na base de análise das duas figuras de cada par, apresenta as mesmas limitações comentadas em relação ao de Machover.

Swensen chega a construir uma escala de nove pontos para graduar a diferenciação sexual, escala que vai de pobre (níveis baixos) a excelente (limites superiores). Em outra pesquisa, Swensen e Newton (1955), aplicando essa escala de diferenciação sexual aos desenhos de crianças e adolescentes,

encontraram variação em função da idade e do sexo dos sujeitos. Assim: de 6 a 12 anos, as meninas tenderam a diferenciar os sexos significativamente melhor que os meninos, mas na idade de 13 anos a diferenciação sexual dos meninos alcançou-as e, a partir daí, não se notaram diferenças significantes.

Murphy (1957, pág. 88), pesquisando esse fato com adultos de nível educacional inferior ao dos sujeitos estudados por Swensen e colaborador, encontrou que “os sujeitos do sexo feminino diferenciaram a figura feminina da masculina mais adequadamente que os sujeitos masculinos, embora com pequena diferença na maturidade gráfica dos dois grupos”.

Cutter (1956), usando a escala de Swensen com psicopatas sexuais, concluiu ser ela uma medida de deficiências psicológicas gerais associadas ao grau de integração da personalidade. Verificou que, em termos de grandes síndromes clínicas: pacientes com desvios sexuais explícitos, isto é, homossexualidade e exibicionismo, receberam as melhores classificações da escala, enquanto os portadores de sérias desorganizações da personalidade, como os alcoólicos e os psicóticos em remissão colocaram-se nas piores e os neuróticos nas intermediárias. Esta conclusão, de que quanto mais claro ou evidente o desvio sexual tanto melhor a diferenciação entre as figuras desenhadas, contraria a opinião clínica prevalente e chama a atenção para a dificuldade do problema.

A pesquisa de Sipprelle e Swensen (1956) também fala a favor dessa dificuldade, pois, estudando adolescentes em tratamento psicoterápico, não encontraram relação significativa entre os ajustamentos sexuais dos pacientes e as características sexuais de seus desenhos de figuras humanas.

Haworth e Normington (1961) procuraram estabelecer uma escala de diferenciação sexual nos desenhos de crianças, que parece possibilitar um índice de desenvolvimento psico-sexual; afirmam, porém, que maiores investigações são necessárias para se determinar em que extensão a possibilidade de diferenciar entre os sexos das figuras desenhadas pode ser considerada uma medida de identificação com o papel sexual.

Ademais, Sherman (1948, págs. 170-171) questiona o valor da escala de Swensen, concluindo de sua pesquisa que: “1) não há diferenças significantes nas notas em diferenciação sexual obtidas por grupos de pacientes e não pacientes em um hospital psiquiátrico; 2) há uma relação significantes entre os graus de diferenciação sexual e as avaliações artísticas dos desenhos, o que sugere ser a escala mencionada mais uma medida da habilidade artística do que de uma variável básica da personalidade”.

Vemos, pois, que este é um aspecto do problema a exigir também maiores pesquisas. Outro é o focalizado por Gunsburg (1952) que, em estudos com deficientes mentais, conclui, à pág. 283: “É raro que o sexo feminino seja indicado, senão pelos cabelos longos, nos desenhos que obtiveram notas baixas. A maior parte dos desenhos feitos por deficientes de níveis baixos não apresentam nenhuma diferenciação entre os sexos. Uma qualidade de desenhos um pouco superior contém cabelos; mas se os traços fisionômicos, o peito ou os órgãos sexuais são indicados, constituem-se mais em sinal de dúvida da simples fraqueza de espírito. A indicação dos órgãos sexuais, é em si mesma quase de natureza patognômica e será discutida mais adiante. Nos desenhos feitos por verdadeiros deficientes não patológicos, raramente são encontrados seios e mamilos, e não mais que os índices de uma consciência sexual, tais como indecisão diante das regiões sexuais, bloqueio ou outras perturbações”.

Da análise comparativa desses vários trabalhos resulta bem clara a necessidade de novas pesquisas, que, partindo do levantamento realizado por nós, se proponham abordar os diversos ângulos do problema.

QUARTA PARTE

EPÍLOGO

- A — CONCLUSÕES**
- B — BIBLIOGRAFIA**
- C — SUMARIO**
- D — APÊNDICES**

A — CONCLUSÕES

Das considerações expendidas na primeira parte dêste trabalho, principalmente as que se referem ao desenho da figura humana como técnica projetiva, da análise dos resultados da pesquisa e, além do mais, da discussão e interpretação dêsses mesmos resultados, podemos chegar a uma série de conclusões que, apesar de identificáveis no texto, devem ser aqui resumidas. São as seguintes:

I — **O desenho da figura humana**, na técnica de Machover, mostra-se eficiente para estudo da personalidade de adolescentes brasileiros. A interpretação na linha básica de Machover compróva-se funcional para o grupo estudado.

II — É possível estabelecer os **traços comuns e os não comuns ou individuais** nos desenhos da figura humana feitos por adolescentes, os primeiros expressando mais a realização básica do grupo de idade e os segundos as peculiaridades próprias do autor do desenho e não as do grupo a que pertence. A caracterização dos sinais comuns e dos individuais constitue auxílio precioso para a interpretação da prova: os últimos oferecem maior valor para o diagnóstico da personalidade, mas os primeiros também trazem sua contribuição, com sentido diverso, que se torna necessário precisar claramente. Enquanto dos primeiros a ausência é que será objeto de maior preocupação, dos segundos a presença deve ser considerada e bem analisada. Uma relação dos traços comuns e dos individuais, encontrados na realização própria de determinado grupo, é pois essencial para o bom uso da prova. No cap. C da Terceira Parte, às págs. 171 a 177 pode ser consultada a relação a que chegamos com a presente pesquisa.

III — É importante determinarem-se também as **diferenças na realização do sexo masculino e do feminino**, em face do desenho da figura humana. O julgamento da “normalidade” de

uma realização, em função do sexo de seu autor, é necessário para a completa interpretação da prova. Será fácil determinar até que ponto um desenho de figura humana feito por um rapaz apresenta os característicos da realização básica de seu sexo, mediante consulta à relação apresentada às págs. 192 a 193 no Cap. C, da Terceira Parte dêste trabalho. Pode-se partir dessa caracterização para o estabelecimento de uma escala de sinais de masculinidade-feminilidade no desenho da figura humana.

IV — A diferenciação sexual das figuras humanas desenhadas, ponto também crucial na utilização completa da prova, pode ser verificada através da lista comparativa dos aspectos diferenciais da figura masculina e feminina a que chegamos com nossa pesquisa, e que pode ser encontrada no cap. C, da Terceira Parte, às págs. 199 a 201. Na análise do DAP de um adolescente, a maneira como a figura masculina e a feminina são tratadas fornece dados complementares sôbre a identificação com um papel sexual e os problemas correlatos. Esse estudo ficará facilitado com a consulta à nossa lista, que se apresenta como ponto de referência para a diferenciação sexual das figuras desenhadas por adolescentes.

V — Dentro da adolescência é conveniente separar os grupos: adolescência inicial, média e final, pelos aspectos típicos que apresentam. Em face das idades dos sujeitos estudados (de 11 a 18 anos) foi possível **estabelecer a realização típica no desenho da figura humana, para os dois primeiros grupos, apenas.** A consulta a essa caracterização, que se pode ver no cap. C, da Terceira Parte dêste trabalho, às págs. 187 e 188, permitirá uma interpretação mais ajustada à idade do autor do desenho.

VI — É possível, partindo do conjunto de traços comuns aos desenhos de figuras humanas feitos por adolescentes, chegar-se a uma **caracterização do grupo considerado.** Os resultados a que chegamos, expostos às págs. 164 e 167, no cap. C, da Terceira Parte, nos permitem usar uma técnica projetiva baseada em desenho para estudar o grupo como um todo. De

certa forma êsses resultados constituem prova da eficiência do DAP como técnica de exploração psicológica.

VII — A análise dos aspectos típicos do desenho da figura humana feito por adolescentes, quando considerada em relação com os traços básicos indicados pela Psicologia da Adolescência, nos permite chegar a **outro testemunho da eficácia da técnica de Machover**. Se temos, por um lado os traços típicos da realização de adolescentes e, por outro, conhecemos os aspectos característicos da personalidade e problemática da adolescência como fase da vida, podemos verificar até que ponto são encontrados, entre os primeiros, aqueles que expressam justamente a existência dos segundos. Como podemos ver às págs. 177 a 184, do cap. C, da Terceira Parte dêste trabalho, na realização gráfica do grupo considerado foi assinalada a presença de grande número de traços, cujo significado psicológico coincide com a problemática, comportamento e personalidade dos adolescentes.

VIII — Podemos concluir pelo **valor positivo da interpretação proposta por Machover e outros especialistas aos traços do desenho da figura humana**. Apesar de não podermos determinar a validade do DAP, em sentido estritamente estatístico, chegamos a resultados que falam a favor dêsse fato. Se por um lado, na base da realização gráfica de um grupo de adolescentes, chegamos a uma descrição psicológica que se aproxima daquela esperada para a fase evolutiva em questão, e se por outro lado, partindo da crítica à interpretação, encontramos na mencionada produção gráfica os traços indicativos ou expressivos da problemática do adolescente, podemos concluir que a interpretação proposta funciona bem, e que a prova atinge aquilo que pretende.

IX — **Várias diferenças de realização entre nossos adolescentes e aqueles estudados pelos autores especializados devem ser atribuídas à influência de padrões culturais**. Como vimos na conclusão anterior, a técnica de Machover funcionou eficientemente para o grupo estudado. Entretanto, as diferenças de realização apontadas nêste trabalho, mostram a necessidade do

estabelecimento de normas de interpretação próprias ao adolescente brasileiro. Essa exigência de aferição, peculiar aos testes psicológicos, encontra seu primeiro elemento nos resultados a que chegamos neste particular.

X — Partindo da realização típica evidenciada no desenho da figura humana, é possível chegar-se a **caracterizar psicologicamente os púberes e jovens na adolescência média**. Esses dois momentos diferentes na adolescência se revelam nos desenhos através de uma série de característicos que denotam o desenvolvimento psicológico do grupo da adolescência média em relação ao de púberes. As págs. 187 a 191, do cap. C, da Terceira Parte, além de fornecerem os aspectos típicos do desenho dos dois grupos, permitem ver a caracterização psicológica diferenciada dos dois grupos.

XI — Com base em várias das conclusões anteriores, podemos afirmar que os estudos de **Psicologia da Adolescência se beneficiarão do uso do DAP** como técnica exploratória da personalidade e da problemática pessoal. O desenho da figura humana poderá ser usado com proveito para o conhecimento de grupos determinados de adolescentes.

XII — A constatação de algumas divergências entre os estudos de Machover e as pesquisas de outros autores especializados nos leva a concluir pela **necessária atitude de cautela na interpretação do desenho da figura humana**. Essa atitude, aliás, é a recomendada para todo aquele que trabalha com testes psicológicos, em especial com os de personalidade. Várias vezes, no decorrer do cap. B, da Segunda Parte, chamamos atenção para o significado possivelmente múltiplo, em todo caso não unívoco, de um determinado traço constatado em um desenho da figura humana.

XIII — Com referência à **interpretação**, também podemos dar ênfase a **uma das ideais centrais da técnica**: a de que um traço não deve ser considerado isoladamente como indicador exclusivo de determinado fenômeno ou problema, mas analisado no contexto do desenho de que faz parte, para adquirir o sentido mais adequado.

XIV — Com respeito à **administração da prova**, podemos concluir que a técnica de coleta recomendada por Machover funcionou bem com os nossos adolescentes. Não apresentaram êles problemas para a execução dos desenhos solicitados; as rejeições e os desenhos inacabados foram raros. Não houve necessidade de motivação especialmente conduzida. A solicitação do desenho de uma árvore anterior ao de uma figura humana, se não nos permite concluir pela eficiência de sua inclusão, pelo menos nos leva a inferir de certo efeito facilitador. O reduzido número de rejeições fala a favor do fato, embora a pesquisa não tenha sido organizada para comprovação dêsse aspecto da aplicação do DAP.

XV — De igual maneira, a **coleta dos desenhos em situação individual, no próprio domicílio do adolescente**, levou a resultados satisfatórios. Não podemos concluir comparativamente com outras situações, pois nossos objetivos não se orientaram para êsse aspecto; a administração individual, porém, é a que se coaduna com o tipo da prova.

XVI — Apesar de, em consequência dos objetivos propostos, a orientação dada a esta pesquisa ser analítica, pois considera individualmente os traços do desenho da figura humana, procuramos sempre conservar em foco o sentido geral do conjunto desenhado. A interpretação aqui estudada foi aquela considerada “molecular” por muitos autores americanos, porque baseada nos itens ou detalhes do desenho. Entretanto, é a única viável para êste tipo de trabalho e aquela que é comunicável aos outros, pois a interpretação “molar” do desenho da figura humana, assim como a dos desenhos em geral, se constitui em algo tão subjetivo que dificilmente poderá ser transmitida sob forma pedagógica.

XVII — Vários dos problemas abordados quando da discussão e interpretação dos resultados da presente pesquisa nos levam a afirmar a **necessidade do prosseguimento dos estudos para o aperfeiçoamento da técnica do DAP**, e, em especial, de sua utilização com adolescentes brasileiros. Algumas das interpretações exigem melhor elaboração, outras comprovação.

experimental; ao mesmo tempo que se tornam necessárias pesquisas para o prosseguimento dos estudos destinados a elaborar critérios para identificação do grau de masculinidade-feminilidade através da figura humana.

B — BIBLIOGRAFIA

- ABT, L. E. e BELLACK, L. (eds.) — 1960 — *Projective Psychology*. Grove Press Books. New York, USA., XVI — 485 — XIV Pp.
- ALBEE, G. W. e HAMLIN, R. — 1949 — An investigation of the reliability and validity of judgements from drawings. *J. Clin. Psych.*, 5, 389-392.
- ALEXANDER, T. — 1962 — A study of perception and integration in normality and psychopathology: children's drawing of the human figure. *Amer. Psychol.*, 17, 6, 307 (Abstract).
- ALHADEFF, B. W. — 1959 — L'investigation psychologique en psychiatrie. Recherches théoriques et expérimentales dans le domaine de la pensée conceptuelle. *Rev. Psych. Appliquée*, 9.3, 125-169.
- ALLERHAND, M. E. — 1960 — Psychological assessment of the non-verbal child. *Monogr. Soc. Res. Child Develop.*, 25, 3, whole n.º 77, 49-57.
- ALMEIDA, R. M. — 1959 — Um estudo do status mental em um grupo de crianças nordestinas de idade escolar. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. S. Paulo*, 38, 35-55.
- ALPER, K. (MACHOVER, K.) e outros — 1942 — Physical, psychiatric and psychometric studies of post-encephalitic parkinsonism. *J. Nervous Mental Disease*, 96, 6, 652-662.
- ALSCHULER, R. A. e HATTWICK, B. W. — 1951 — *Painting and Personality*, 2 vols. Univ. Chicago Press, Chicago, U. S. A., VIII-263 + VI-590 Pp.
- AMES, L. B. — 1943 — The Gesell Incomplete Man Test as a differential indicator of average and superior behavior in preschool children. *J. Genet. Psych.*, 62, 217-274.
- AMES, L. B. — 1945 — Free drawings and completion drawing: a comparative study of preschool children. *J. Genet. Psych.*, 66, 161-165.
- ANASTACIO, M. M. — 1953 — The treatment of a neurotic preschool child. *Case Reports in Clinical Psychology. Kings County Hospital*, 3, 2, 92-103.
- ANASTASI, A. — 1954 — *Psychological Testing*. Macmillan Co., New York, U.S.A., XIII — 682 Pp.

- ANDREY, B. — 1954 — L'observation continue, ses buts, ses moyens. *Enfance*, 5, 397-429.
- ANGELINI, A. L. — 1957 — O papel dos interesses na escolha da profissão. *Fac. Filosofia, C. e Letras, U.S.P., Cad. Psicol. Educ.*, n.º 5, 170 Pp.
- ANGELINI, A. L. e ANGELINI, H. R. C. — 1960 — Inventário de Interesses. *Fac. Filosofia, C. e Letras, U.S.P., Cad. Psicol. Educacional*.
- ANGRILLI, A. F. — 1960 — The Psychosexual identification of preschool boy. *C. Genet. Psychol.*, 97, 329-340.
- ANSBACHER, H. L. — 1953 — The Goodenough Draw-a-Man Test and Primary Mental Abilities. *J. Consult. Psych.*, 17, 3, 176-180.
- ANZIEU, D. — 1960 — Les méthodes projectives. *Presses Univ. France, Paris*, 286 Pp.
- ARBIT, J. e LAKIM, M. — 1959 — Clinical psychologists diagnostic utilization of human figure drawings. *J. Clin. Psych.*, 3, 325-327.
- ARMON, V. — 1960 — Some personality variables in overt female homosexuality. *J. Project. Techn.*, 24, 3, 292-309.
- ARMSTRONG, R. G. e HAUCK, P. A. — 1961 — Sexual identification and the first figure drawn. *J. Consult. Psych.*, 25, 1, 51-54.
- ARNHOFF, F. N. — 1961 — Self body recognition in schizophrenia. *Amer. Psych.*, 16, 7, 347 (abstract).
- ARRUDA, E. — 1956 — O tema da árvore em Psiquiatria. Tese de concurso à Cátedra de Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil, 156 Pp.
- ARRUDA, E. — 1957 — Esquema Corporal y esquizofrenia (resumen). *Congress Report of the II International Congress of Psychiatry, Zurich, Suíça, Vol. III*, 216-219.
- ARRUDA, E. — 1957a — Tema del arbol y esquizofrenia (resumen). *Congress Report of the II International Congress of Psychiatry, Zurich, Suíça, vol. III*, 245-248.
- ARRUDA, E. — 1958 — Esquema Corporal y esquizofrenia. *Arq. Brasil. Psicotécnica*, 1-2, 58-61 + 1-15.
- ARRUDA, E. — 1961 — O teste de Koch em orgânicos e esquizofrênicos. *Bol. Mensal, Centro Est. Franco da Rocha, S. Paulo*, 8-9, 14-16.
- ARRUDA, E. — 1962 — Terapêutica pelas artes plásticas. In Arruda, E., *Terapêutica ocupacional psiquiátrica*, Rio de Janeiro, 148-181.
- ARRUDA, E. e FRANCHI, V. L. — 1958 — Tema da árvore e esquizofrenia. *Arq. Brasil. Psicotécnica*, 3, 1-24.

- ASSIS PACHECO, O. — 1952 — O símbolo do movimento na criança. *A criança Portuguesa*, 11, 1, 129-139.
- ATAIDE, S. — 1953-54 — Técnicas projetivas em psicoterapia infantil. *A criança Portuguesa*, 13, 285-312.
- AUPÈCLE, M. — 1955 — Performance éthiopiennes au Test de Goodenough. *Enfance*, 2, 169-185.
- AUPÈCLE, M. — 1958 — Dessins-robots. *Enfance*, 2, 145-150.
- AVILA, B. — 1940 — Antropometria e desenvolvimento físico. Vilani e Barbero. Rio de Janeiro, 227 Pp.
- BARDET, C. e outros — 1960 — Application du test de Goodenough à des écoliers africains de 7 a 14 ans. *Enfance*, 2, 199-208.
- BARBIERI, N. F. — 1962 — Le dessin de l'enfant: dessin de la famille — test de la projection contrôlée — test de l'arbre. Son utilité pour le diagnostique en neuro-psychiatrie infantile. *Rev. Neuropsychiat. Inf. d'Hyg. Mental de l'Enfance*, 10, 3-4, 167-178.
- BARKER, A. J., MATHIS, J. K. e POWERS, C. A. — 1953 — Drawing characteristics of male homosexual. *J. Clin. Psych.*, 9, 185-188.
- BARISON, F. — 1961 — Art et schizophrénie. *Evolut. Psychiat.*, 26, 70-92. (Abstract 2JQ70B, *Psychol. Abstracts*, 1962, 36, 2, 374).
- BARUCH, D. W. e MILLER, H. — 1950 — The use of spontaneous drawings in group therapy. *Amer. Psychol.*, 5, 9, 470 (Abstract).
- BASTIDE, R. e CESAR, O. — 1955 — Pintura, loucura e cultura. *Arq. Depart. Assist. Psicopatas. Est. S. Paulo, Brasil*, 21, 51-68.
- BAUMGARTEN, F. e TRAMER, M. — 1952 — *Kinderzeichnungen*, A. Francke, AG., Bern, Suíça, 64 + 8 Pp.
- BAUMSTEIN-HEISSLER, N. — 1955 — A propos du dessin: quelques opinions et travaux de psychologues soviétiques. *Enfance*, 4, 377-399.
- BECK, H. S. — 1955 — Study of the applicability of the H-T-P to children with respect to the drawn house. *J. Clin. Psych.*, 11, 60-63.
- BELL, J. E. — 1949 — *Projective Techniques*. Longmans, Green and Co., New York, U.S.A., XVI — 553 Pp.
- BELL, J. E. — 1951 — Projection in projective techniques, in *Proceedings and papers of the Thirteenth Int. Congr. of Psychology at Stockholm*, 115-116.
- BELLACK, L. — 1962 — *Esquizofrenia*, trad. Antich, I., Ed. Herder, Barcelona, Espanha, 1125 Pp., pp. 265-268.
- BELVES, P. — 1950 — Le portrait d'après nature. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 299-309.

- BEMELMANS, F. — 1958 — Le test de dessin d'A. Rey. *Bull. Orient. Schol. Profess.*, 7, 11-30 (Abstract 2 HC 11 B, *Psychol. Abstracts*, 1962, 36, 2, 320).
- BENETT, D. H. — 1960 — The body concept. *J. Ment. Sci.*, 106, 56-75.
- BENDER, L. — 1938 — A visual motor gestalt test and its clinical use. *American Orthopsychiatric Association, Research Mono.* 3, New York, U.S.A., VII — 171 Pp.
- BENDER, L. — 1952 — Child psychiatric techniques. Ch. C. Thomas, Springfield. USA. XI-335 Pp.
- BENDER, L. e KEELER, V. R. — 1952 — The body image of schizophrenic children following electroshock treatment. *Amer. J. Orthopsychiat.*, 22, 335-355. (Abstract n.º 2872, *Psych. Abstracts*, 1953, 27, 4, 297).
- BENDER, L. e SCHILDER, P. — 1958 — Simplification of the world and its problems in the art of a social delinquent boys, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U.S.A., 584-595.
- BENTON, A. L. — 1955 — The revised visual retention test. Clinical and experimental applications. *State Univ. Iowa, U.S.A.* IV — 68 Pp.
- BERGES, J. e LÉZINE, I. — 1963 — Test d'imitation de gestes. *Masson & Cie.*, Paris, França, IX — 128 Pp.
- BERNABEAU, Garcia-Barros, E. — 1961 — Experiencias de dibujo automatico en neurosis. *Rev. Psicol. Gen. Aplicada*, 59, 525-537.
- BERNSTEIN, J. — 1951 — Tests proyectivos ludicos, verbales y gráficos, in Bell, J. E., *Tecnicas Proyectivas*, trad. Maci, G. A., Ed. Paidós, Buenos Aires, Arg., 437-501.
- BERNSTEIN, J. — 1951 a — La técnica del dibujo de un persona de Machover, in Goodenough, F. L., *Test de Inteligencia Infantil*, trad. Cobanera, M. L. F., Ed. Paidós, Buenos Aires, Arg., 234-237.
- BERNSTEIN, J. — 1951 b — Tabla de significaciones gráficas de W. Wolff para los dibujos de qualquer tema de niños pequeños, in Goodenough, F. L. *Test de Inteligencia Infantil*, trad. Cobanera, M. L. F., Ed. Paidós, Buenos Aires, Arg., 233-234.
- BERNSTEIN, J. — 1951 c — Experiencia del Dr. Enrique Pichon-Riviere y prof. A. de Pichon-Riviere, in Goodenough, F. L., *Test de Inteligencia Infantil*, trad. Cobanera, M. L. F., Ed. Paidós, Buenos Aires, Arg., 237-239.
- BERNSTEIN, J. — 1957 — El dibujo de la figura humana como test de personalidad, in Goodenough, F. L., trad. Cobanera, M. L. F. *Test de Inteligencia Infantil*. Ed. Paidós, Buenos Aires, Arg., 204-229.

- BERRYMAN, E. 1959 — The self-portrait: a suggested extension of the H. T. P. Perc. Motor Skills, 9, 411-414.
- BICUDO, V. L. — 1954/55 — Linha, côr e espaço no desenho infantil. Bol. Psicol., Soc. Psicologia, São Paulo, 6-7, 21-24, 65-73.
- BIEDNA, C. J. e D'ALFONSO, P. G. — 1955 — Le Langage du Dessin (Test de Wartegg-Biedma). Delachaux et Niestlé, S. A., Neuchâtel, Suíça, 142 — 26 Pp.
- BIELIAUSKAS, V. J. — 1956 — Scorer's reliability in the quantitative scoring of the H. T. P. technique. J. Clin. Psych., 4, 366-369.
- BIELIAUSKAS, V. J. — 1960 — Sexual identification in children's drawings of human figure. J. Clin. Psych. 1, 42-44.
- BIELIAUSKAS, V. J. e BRISTOW, R. B. — 1959 — The effect of formal art training upon quantitative scores of the H. T. P. J. Clin. Psych., 1, 57-59.
- BIELIAUSKAS, V. J. e KIRKHAM, S. L. — 1958 — An evaluation of the "organic signs" in the H. T. P. Drawings. J. Clin. Psych., 1, 51-53.
- BIELIAUSKAS, V. e MOENS, J. F. — 1960 — An investigation of the validity of the H. T. P. as an intelligence test for children. Amer. Psych. 15, 7, 398 (Abstract).
- BIELIAUSKAS, V. e MOENS, J. F. — 1961 — An investigation of the validity of the H. T. P. as an intelligence test for children. J. Clin. Psych., 2, 178-180.
- BINET, A. e SIMON, Th. — 1929 — Testes para a medida do desenvolvimento da inteligência. Trad. Lourenço Filho, M. B., Edições Melhoramentos, São Paulo, Brasil, 134 Pp.
- BITTENCOURT, R. S. e MALUF, V. — 1959 — Análise fenomenológico — existencial de um esquizofrênico catatônico. Bol. Inst. Psicol. Univ. Brasil, Rio de Janeiro, 11-12, 13-32.
- BLISS, M. e BERGER, A. — 1954 — Measurement of mental age as indicated by the male figure drawings of the mentally subnormal, using Goodnough and Machover instructions. Amer. J. Ment. Defc., 59, 73-79.
- BLOOM, K. L. — 1960 — Some relationship between age and self-perception. Amer. Psych., 15, 7, 406 (Abstract).
- BLUM, R. H. — 1954 — The validity of the Machover technique. J. Clin. Psych., 10, 120-125.
- BODWIN, R. F. e BRUCK, M. — 1960 — The adaptation and validation of the Draw-a-Person Test as a measure of self concept. J. Clin. Psych. 4, 427-429.
- BOESCH, E. — 1949 — Un test par le dessin, in Klages, L. e outros, Le diagnostic du caractère. Presses Univ. France, Paris, França, 230-240.

- BOUSSION — LEROY, A. — 1950 — Dessins en transparence et niveau de développement. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 276-287.
- BOUTONIER, J. — 1953 — Les dessins des enfants. Editions du Scarabée, Paris, França, 125 Pp.
- BRIED, C. — 1950 — Le dessin de l'enfant. Premières représentations humaines. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 261-275.
- BRINKMANN, D. — 1951 — Aus der Geschichte der Test psychologie (From the history of the test-psychology). *Ciba, Z.*, 11, 125, 4606-4613 (abstract n.º 1015, *Psychol. Abstracts*, 1956, 30, 1, 90).
- BRITTON, J. H. — 1952 — Influence of social class upon performance on D. A. M. Test. *Amer. Psych.*, 7, 7, 304 (Abstract).
- BRITTON, J. H. — 1954 — Influence of social class upon performance on the Draw-a-Man Test. *J. Educ. Psych.*, 45, 1, 44-51.
- BROOKS, F. D. — 1949 — *Psicologia de la Adolescencia*, trad. Calcagno, AD, Kapelusz, B. Aires, Arg. XLIII — 643 Pp.
- BROWN, G. F. — 1940 — The psychodynamics of abnormal behavior. McGraw-Hill Book Co., New York, U. S. A.
- BROWN, D. G. — 1956 — Sex-role preference in young children. *Psych. Monographs*, 70, 14, 1-19.
- BROWN, D. G. — 1957 — The development of sex-role inversion and homosexuality. *J. Pediat.* 50, 613-619.
- BROWN, D. G. e TOLOR, A. — 1957 — Human figure drawings as indicators of sexual identification and inversion. *Percept. motor Skills*, 7, 199-211.
- BUCK, J. N. — 1948 — The H. T. P. Test. *J. Clin. Psych.*, 4, 151-159.
- BUCK, J. N. — 1948 a — The H. T.P. Technique: a qualitative and a quantitative Scoring Manual. *J. Clin. Psych., Monogr. Supplement*, 5, 1-120.
- BUCK, J. N. — 1948 b — The use of the H. T. P. in personality analysis. *Amer. Psych.*, 3, 7, 284 (Abstract).
- BUCK, J. N. — 1958 — The case of R: before and after therapy, in Hammer, EF. (ed), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 276-308.
- BÜHLER, Ch. — 1946 — *Infancia y Juventud*, trad. Krebs, S., Espasa-Calpe Argentina, Buenos Aires, Arg., 424 Pp.
- BÜHLER, Ch. — 1947 — *La vida psíquica del adolescente*, trad. Krebs, S., Espasa-Calpe Argentina, Buenos Aires, Arg., 225 Pp.
- BUTLER, R. I. e MARCUSE, F. L. — 1959 — Sex identification at different ages using the Draw-a-Person Test. *J. Proj. Techn.*, 23, 299-302.

- CAIN, J. e GOMILLA, J. — 1953 — Le dessin de la famille chez l'enfant, critères de classification. *Ann. Méd.-Psychol.*, 502-506.
- CAIN, T. I. — 1943 — The objective measurement of accuracy in drawings. *Amer. J. Psych.*, 56, 1, 32-53.
- CALDEN, G. e CARP, A. — 1951 — A comparison of three projective techniques in a longitudinal study of a post-lobotomized patients. *Amer. Psych.*, 6, 7, 343-344 (Abstract).
- CALIGOR, L. — 1960 — Nueva interpretación psicologica de dibujos de la figura humana. Kapelusz, B. Aires, Arg., VII — 133 Pp.
- CAMERON, N. — 1947 — The Psychology of behavior disorders, Houghton Mifflin Co, New York, U. S. A. XXI — 622 Pp.
- CARKHUFF, R. R. — 1962 — Perseveration of habit in drawing tasks as a characteristic distinguishing mental defectives from normals. *J. Clin. Psych.*, 18, 4, 413-415.
- CARNEY, R. E. e TWOBRIDGE, N. — 1962 — Intelligence test performance of indian children as a function of type of test and age. *Percept. Motor Skills*, 14, 511-514.
- CARP, F. M. — 1948 — Constriction as rated on three productions. *Amer. Psych.*, 3, 7, 284 (Abstract).
- CARVALHAL RIBAS, J. — 1954/55 — Aspectos psico-dinâmicos da pintura moderna. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo*, 6-7, 21-24, 119-123.
- CASELL, R. H. e outros — 1958 — Examiner, Ego defense and the H. T. P. Test. *J. Clin. Psych.* 2, 157-160.
- CESAR, O. — 1951 — Contribution à l'étude de l'art chez les aliénés. *Arq. Dep. Assist. Psicopatas, Est. S. Paulo, Brasil*, 16.
- CESAR, O. — 1954/55 — A expressão artística nos alienados. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo*, 6-7, 21-24, 125-137.
- CLAPARÈDE, E. — 1931 — Como diagnosticar as aptidões dos escolares. Trad. Leal Jr., Livraria Educação Nacional, Porto, Portugal, 342 Pp.
- CLAWSON, A. — 1962 — Relationship of psychological tests to cerebral disorders in children: a pilot study. *Psychol. Report.*, 10, 187-190.
- CLERICI, M. — 1960 — Il test del grappolo d'uva mediante disegno a colori. Confronti con il test de Rorschach. *Arch. Psicol. Neurol. Psichiat.*, 21, 4, 371-390.
- CLEVELAND, S. E. — 1960 — Judgments of body size in a schizophrenic and a control group. *Psych. Reports*, 7, 2, 394.
- CLEVELAND, S. E. — 1960 a — Body image chances associated with personality reorganization. *J. Consult. Psych.*, 24, 3, 256-261.

- CLEVELAND, S. E. — 1961 — Body size judgements in schizophrenic, ulcer, and control group. *Amer. Psych.*, 16, 7, 352 (Abstract).
- CLEVELAND, S. E. e FISHER, S. — 1954 — Body image boundaries in various psychosomatic illnesses. *Amer. Psych.*, 9, 8, 348 (Abstract).
- COLE, L. — 1945 — *Psychology of Adolescence*, Farrar & Rinehart, New York, U. S. A. XVII — 660 Pp.
- CONDELL, J. F. — 1959 — Note on the use of the Ammons Full-Range Picture Vocabulary Test with retarded children. *Psych. Rep.*, 5, 150.
- CONTAMIN, N. — 1960 — Etude comparative sur les tests: Terman-Merrill, Cubes de Kohs, Bonhomme de Goodenough, dans un Institut Medico-Pedagogique de Seine-et-Marne. *Rev. Neuropsych. Inf. et d'Hyg. Mentale de l'Enfance*, 11-12, 508-520.
- CORDEAU, R. — 1953 — Le nombre d'or dans le dessin enfantin. *Enfance*, 2, 147-151.
- CRADDICK, R. A. — 1962 — Draw-a-Person characteristics of psychopathic prisoners and college students. *Percep. Motor Skills*, 15, 11-13.
- CRADDICK, R. A. — 1962 a — Size of witch drawings as a function of time before, on, and after Halloween. *Amer. Psychol.*, 17, 6, 307 (Abstract).
- CRADDICK, R. A., LEIPOLD, W. D. e CACAVAS, P. D. — 1962 — The relationship of shading on the Draw-a-Person Test to manifest anxiety scores. *J. Consult. Psych.*, 26, 2, 193.
- CRAMER-AZIMER, F. J. — 1956 — Personality changes and figure drawings: a case treated with ACTH. *J. Proj. Techn.*, 20, 143-149.
- CRANNELL, C. W. e PLAUT, E. — 1955 — Drawings of a three — dimensional object by mental patients: a preliminary report. *J. Psych.*, 39, 351-354.
- CUTTER, F. — 1956 — Sexual differentiation in figure drawings and overt deviation. *J. Clin. Psych.*, 4, 369-372.
- DALY, W. e HUBER, W. — 1962 — A note on "sexual identification in mentally subnormal females" by Fisher. *Amer. J. Mental Defic.*, 66, 5, 782-783.
- DAVIDS, A. e DE VAULT, S. — 1960 — Use of the TAT and Human Figure Drawings in research on personality, pregnancy and perception. *J. Project. Techn.*, 24, 4, 362-365.
- DAVIS, R. — 1961 — The fitness of names to drawings. A cross-cultural study in Tanganyika. *Brit. J. Psychol.*, 52, 3, 259-268.

- DE CARLI VALERIO, J. — 1960 — Considerazioni su uno studio analitico e comparativo dell'evoluzione grafico-figurativa in tre sorelle seguite con il method biografico. *Rev. Psicol. Soc.* 7, 161-176.
- DE MARTINHO, M. F. — 1954 — Human figure drawings by mentally retarded males. *J. Clin. Psychol.*, 10, 241-244.
- DENNER, A. — 1953 — Dessin et racionalisation chez l'enfant. *Enfance*, 4, 291-328.
- DENNER, A. — 1954 — Dessin et racionalisation chez l'enfant: deuxième partie. *Enfance*, 1, 41-70.
- DENNIS, W. — 1958 — Handwriting conventions as determinants of human figure drawings. *J. Consult.*, 22, 4, 293-295.
- DENNIS, W. — 1960 — The human figure drawings of Bedouins. *J. Soc. Psych.*, 52, 209-219.
- DENNIS, W. e RASKIN, E. — 1960 — Further evidence concerning the effect of handwriting habits upon the location of drawings. *J. Consult. Psych.*, 24, 6, 548-559.
- DEPART. INSTRUCCIÓN PUBLICA DE PUERTO RICO — 1953 — Prueba de inteligencia Goodenough, San Juan, Puerto Rico, 37 Pp.
- DIAMOND, S. — 1954 — The house and tree in verbal fantasy: I. Age and sex differences in themes and content. *J. Proj. Techn.*, 18, 316-325.
- DIAMOND, S. — 1954 a — The house and tree in verbal fantasy: II. Their different roles. *J. Proj. Techn.*, 18, 414-417.
- DIAZ ARNAL, I. — 1950 — El psiquismo del deficiente através del dibujo. *Rev. Psicol. Gen. Aplic.*, V. 16, 735-743.
- DIAZ ARNAL, I. — 1950 — El lenguaje grafico del niño deficiente. Consejo Sup. Invest. Cient. Inst. "San José de Calazans" de Pedagogia, Madrid, Espanha, XVI — 269 Pp.
- DILLON, D. J. — 1962 — Measurement of perceived body size. *Perc. Motor Skills*, 14, 191-196.
- DILLON, D. J. — 1962 a — Estimation of bodily dimensions. *Perc. Motor Skills*, 14, 219-221.
- DJUKIĆ, S. — 1953 — Evolucya pojedinih delova tela i lica u decjem crtezu ljudske figure (Evolução de certas partes da face e do corpo humano nos desenhos das crianças). *Savremena Skola*, 8, 450-458 (Abstract n.º 3714, *Psych. Abstracts*, 1955, 29, 3, 346).
- DUNN, M. e LORGE, I. — 1954 — A gestalt scale for the appraisal of human figure drawings. *Amer. Psychologist*. 9, 8, 357 (Abstracts).
- EDELWEISS, M. L. — 1961 — El Test del Arbol, in Székely, B., *Los Tests*, 3 vols, Kapelus, Arg., 4a. ed., 1367-1387.

- EIGENBRODE, C. R. e SHIPMAN, W. G. — 1960 — The body image barrier concept. *J. Abn. Soc. Psych.*, 60, 3, 450-452.
- ENG, H. — 1954 — The Psychology of children's drawings. Routledge & Kegan Paul Ltd., Londres, Ingl., VIII — 223 Pp.
- EPSTEIN, L. e HARTFORD, H. — 1959 — Some relationships of beginning strokes in handwriting to the human figure drawing test. *Perc. Motor Skills*, 9, 55-62.
- EPSTEIN, S. e SHONTS, F. C. — 1962 — Attitudes toward persons with physical disabilities as a function of attitudes toward one's own body. *Amer. Psychol.*, 17, 6, 338 (Abstract).
- ESSON, W. M. — 1961 — Body image and self-image in children: Phantom phenomenon in a three years child. *Arch. Gen. Psychiat.*, 4, 619-621 (Abstract 21 K 19 E, *Psych. Abstracts*, 1962, 36, 2, 348).
- ESTES, B. W. e outros — 1961 — Relationship between 1960 Stanford-Binet, 1937 Stanford-Binet, WISC, Raven and Draw-a-Man. *J. Consult. Psych.*, 25, 2, 388-391.
- EXNER, Jr., J. E. — 1962 — A comparison of the Human Figure Drawings of psychoneurotics, character disturbances, normals, and subjects experiencing experimentally-induced fear. *J. Proj. Techn.*, 26, 4, 392-397.
- FAVEZ-BOUTONIER, J. — 1959 — La sexualité a travers les dessins de l'enfant. *Rev. Neuropsych. Inf. et d'Hyg. Mentale de l'Enfance*, 1-2, 82-86.
- FAVEZ-BOUTONIER, J. — 1961 — Les dessins de l'enfant schizophrène. *Rev. Neuropsych. Inf. Hyg. Ment. de l'Enf.*, 8, 3-4, 107-110.
- FAY, H. M. — 1923 — Une méthode pour le dépistage des arriérés dans les grandes collectivités d'enfant d'âge scolaire. *Bull. Ligue d'Hyg. Ment.*, 3, 7-8.
- FAY, H. M. — 1934 — Le test du dessin in L'intelligence et le caractère, Foyer Central d'Hygiène, Paris, 69-76.
- FELDMAN, M. J. e HUNT, R. G. — 1958 — The relation of difficulty in drawings to ratings of adjustment based on human figure drawings. *J. Consult. Psych.*, 22, 3, 217-219.
- FELLEMAN, C. — 1953 — Vocational Guidance of an unadjusted adolescent. *Case Reports in Clinical Psychology*. Kings County Hospital, 3, 2, 69-74.
- FENISINGER, J. E. — 1944 — The needs of youth, Psychiatry, Psychiatry Foundation, U. S. A., 7, 1.
- FERREIRA BARCELOS, F. A. V. — 1952 — O teste do desenho e o estudo da personalidade infantil. *Livr. Universitaria, Niterói, Brasil*, 61 Pp.

- FERREIRA BARCELOS, F. A. V. — 1952/53 — Psicodiagnostico através do desenho infantil. Secret. Interior e Justiça, Est. Rio de Janeiro, Araruama, Brasil, 131 Pp.
- FERREIRA BARCELOS, F. A. V. — 1953 — Sociodiagnostico através do desenho infantil. Secret. Interior e Justiça, Est. Rio de Janeiro, Araruama, Brasil, 126 Pp.
- FISHER, G. M. — 1959 — Relationship between diagnosis of neuropsychiatric disorder, sexual deviation and the sex first-drawn figure. *Perc. Motor Skills*, 9, 47-50.
- FISHER, G. M. — 1959 a — Comment on Starr and Marcuse's "Reliability in the Draw-a-Person Test". *Percept. Mot. Skills*, 9, 302.
- FISHER, G. M. — 1960 — Sexual identification in mentally retarded children and adults. *Amer. J. Mental Defic.*, 65, 1, 42-45.
- FISHER, G. M. — 1961 — Sexual identification in mentally subnormal females. *Amer. J. Mental Defic.*, 66, 2, 266-269.
- FISHER, G. M. — 1961 a — Nudity in human figure drawings. *J. Clin. Psych.* 3, 307-308.
- FISHER, G. M. — 1962 — A note on "sexual identification in mentally subnormal females". by Fisher reply to Daly and Huber. *Amer. J. Mental Defic.*, 66, 5, 784.
- FISHER, H. — 1952 — Die Wechselbeziehungen zwischen Konstitution und Kenderzeichnung (The relationship between constitution and children's drawings). *Prax Kinderpsych. Kinderpsychiat.*, 1, 302-305 (Abstract n.º 5369, *Psychol. Abstracts*, 1955, 29, 4, 504).
- FISHER, L. J. — 1952 — An investigation of the effectiveness of human figure drawings as a clinical instrument for describing personality. *Amer. Psych.* 7, 7, 345-346 (Abstract).
- FISHER, R. L. — 1958 — The effect of a disturbing situation upon the stability of various projective tests. *Psychol. Monogr.*, 72, 14, whole n.º 467, 23 p.
- FISHER, R. L. e FISHER, S. — 1952 — Style of adjustment in disturbed women and its expression in figure drawings *Amer. Psychol.*, 7, 7, 345 (Abstract).
- FISHER, S. — 1959 — Prediction of body exterior vs. body reactivity from a body image schema. *J. Person*, 27, 1, 56-62.
- FISHER, S. — 1959 a — Body image boundaries in the aged. *J. Psychol.*, 48, 315-318.
- FISHER, S. — 1960 — Right-left gradients in body image, body reactivity and perception. *Genet. Psych. Monogr.*, 61, 197-228.
- FISHER, S. — 1960 a — Head-body differentiations in body image and skin resistance level. *J. Abn. Soc. Psych.* 60, 283-285.

- FISHER, S. — 1960 b — Personality correlates of certain body schema dimensions. *Amer. Psych.*, 15, 7, 412 (Abstract).
- FISHER, S. — 1961 — Front-back differentiations in body image and body reactivity. *J. Gen. Psych.* 64, 373-379.
- FISHER, S. e ABERCROMBIE — 1958 — The relationship of the body image distortions to body reactivity gradients. *J Person.*, 26, 3, 320-329.
- FISHER, S. e CLEVELAND, S. E. — 1952 — Body images fantasies of patients with rheumatoid arthritis. *Amer. Psych.*, 7, 7, 344 (Abstract).
- FISHER, S. e CLEVELAND, S. E. — 1955 — The role of body image in psychosomatic symptom choice. *Psychol. Monogr.*, 69, n.º 17 (whole n.º 402), 15 Pp.
- FISHER, S. e CLEVELAND, S. E. — 1956 — Relationship of body image boundaries to memory of completed and incompletd tasks. *J. Psych.*, 42, 35-41.
- FISHER, S. e CLEVELAND, S. E. — 1956 a — Body image boundaries and style of behavior. *Amer. Psych.*, 11, 8, 357 (Abstract).
- FISHER, S. e CLEVELAND, S. E. — 1958 — Body image and personality. D Van Nostrand Co., Princeton, U. S. A., XI — 420 Pp.
- FISHER, S. e CLEVELAND, S. E. — 1958 a — Body image boundaries and sexual behavior. *J. Psychol* , 45, 207-211.
- FISHER, S., CLEVELAND, S. e WARE, K. E. — 1957 — Body image boundaries and adjustment to poliomyelitis. *J. Abn. Soc. Psych.*, 55, 88-93.
- FISHER, S. e FISHER, R. L. — 1950 — Test of certain assumptions regarding figure drawing analysis. *J. Abn. Soc. Psych.*, 45, 4, 727-732.
- FISHER, S. e FISHER, R. L. — 1959 — A developmental analysis of some body image and body reactivity dimensions. *Child Developm.*, 30, 389-402.
- FLESHER, J. — 1948 — On neurotic disorders of sensibility and body scheme; a bioanalytic approach to pain, fear and repression. *Int. J. Psycho-Anal.*, 29, 156-162 (Abstract n.º 1304, *Psych. Abstracts*, 1950, 24, 3, 160).
- FLURY, M. — 1954 — Zeichne Deine Familie. *Prax. Kinderpsych. Kinderpsychiat*, 3, 117-125 (Abstract n.º 1022, *Psychol. Abstracts*, 1956, 30, 1, 91).
- FONTES, V. — 1943-44 — O “esquema corporal” e os desenhos infantis. *Criança Portuguesa*, 3, 213-246.

- FONTES, V., LEITE DA COSTA, M. I. e FERREIRA — 1944 — Contribuições para o estudo do teste de Fay aplicado em crianças portuguesas. *Criança Portuguesa*, 3-13.
- FONTES, V. e PACHECO, O. A. — 1953/54 — Um caso de clínica psico-social. *A criança Portuguesa*, 13, 129-142.
- FORNO, L. — 1960 — La technique du dessin de la maison, l'arbre e du bonhomme. *Rev. Neuropsych. Inf. Hyg. Mentale de l'Enfance*, 2, 52-63.
- FOX, C. e outros — 1958 — Human figure drawings of high and low anxious children. *Child Developm.*, 29, 2, 298-301.
- FRALETTI, P. — 1954 — Considerações sôbre a arte dos alienados e dos artistas modernos. *Arq. Dep. Assist. Psicopatas Est. S. Paulo*, 20, 139-173. *Bol. Hig. Mental, Centro Est. Franco da Rocha, S. Paulo, Brasil*, 152-161, 1-10.
- FRANCHI, L. V. — 1957 — O teste de Koch e seu emprego na Orientação Educacional e Profissional. *Arq. Brasil. Psicotecnica*, 1-3, 141-156.
- FRANK, G. H. — 1955 — A test of the use of a figure drawing test as an indicator for sexual inversion. *Psychol. Rep.*, 1, 137.
- FRANK, L. K. — 1939 — Projective methods for the study of personality. *J. Psychol.*, 8, 389-413.
- FRANK, K. e ROSEN, E. — 1949 — A projective test of masculinity — femininity. *J. Consult. Psychol.*, 13, 4, 247-256.
- FRANZEN, E. — 1959 — De psychologische test. *Prisma-Booken. Utrecht, Holanda*, 178 Pp.
- FREITAS Jr., O. — 1956 — Nota previa sôbre três tecnicas objetivas em semiologia psiquiatrica. *Arq. Bras. Psicotecnica*, dez, 29-35.
- FREITAS Jr., O. — 1956 a — Contribuição ao estudo do desenho da figura humana com parte do exame psíquico. *Neurobiologia*, 14, 1-2, 49-71.
- FREITAS Jr., O. — 1957 — Investigações sôbre o desenho da figura humana. *Bol. Psicol. Aplicada. Inst. Neuro-psiquiatria, Recife, Brasil*, 2, 1-24.
- FREITAS Jr., O. — 1958 — O desenho da figura humana. *Bol. Psicol. Aplicada, Recife*, 3, 21-25.
- FUSSWERK, M. e HORINSON, S. — 1949 — La personnalité et le dessin du moi. *Enfance*, 3, 222-229.
- GAIARSA, J. A. — 1954/55 — "Madona e Menino" de Salvador Dali. Ensaio de interpretação. *Bol. Psicol., Soc. São Paulo*, 6-7, 21-24, 101-118.
- GARCIA YAGUE, J. e SEMPERE AGULLO, A. — 1959 — El test de dibujo de F. Goodenough y sus interrogantes científicos. *Rev. Psicol. Gen. y Aplicada*, 49, 155-170.

- GARRETT, H. E. — 1962 — A Estatística na Psicologia e na Educação, trad. Mello e Cunha, M. E. e Rocha, R., 2 vols. Edit. Fundo de Cultura, Rio, Brasil, 318-364 Pp.
- GARRETT, H. E. — 1951 — Statistics in Psychology and Education, Longmans, Green and Co., New York, U. S. A. XII — 487 Pp.
- GEIST, H. — 1954 — Testing patterns in epilepsy. Amer. Psychologist, 9, 8, 373-374 (Abstract).
- GESELL, A. e AMES, L. B. — 1946 — The development of directionality in drawing. J. Genet. Psych., 68, 45-61.
- GESELL, A. e outros — 1940 — The first five years of life. Harper, New York, U. S. A., XII — 393 Pp.
- GESELL A. e outros — 1959 — El adolescente de 10 a 16 anos, trad. Loedel, E., Paidós, B. Aires, Arg., 540 Pp.
- GHEQUIÈRE-DIERECKX, B. — 1961 — Comment dessinent les enfants: evolution du dessin selon l'âge. Enfance, 2, 179-183.
- GINSBERG, A. M. — 1963 — Um novo método de interpretação de borrões de tinta. W. Holtzman. Apostila mimeografada. Inst. Psicol. Univers. Católica de São Paulo, 5 Pp.
- GOLDSTEIN, A. P. e RAWN, M. L. — 1957 — The validity of interpretative signs of aggression in the drawing of the human figure. J. Clin. Psych., 2, 169-171.
- GONDOR, E. I. — 1954 — Art and Play Therapy. Doubleday & co., New York, U. S. A., X — 61 Pp.
- GOODENOUGH, F. L. — 1926 — Measurement of intelligence by drawings. World Book Co., Yonkers-on-Hudson, N. Y., U. S. A., XI — 177 Pp.
- GRAHAM, S. R. — 1955 — Relation between histamine tolerance, visual auto-kinesis, Rorschach human movement and Figure Drawings. J. Clin. Psych., 11, 370-373.
- GRAHAM, S. R. e VITANZA, A. A. — 1959 — The use of the Steinman Human Figure Drawing Scale in defining levels of psychopathology. Amer. Psych., 14, 7, 360 (Abstract).
- GRAMS, A. e RINDER, L. — 1958 — Signs of homosexuality in human figure drawings. J. Consult. Psych., 22, 5, 394.
- GRANICK, S. e SMITH, L. J. — 1953 — Sex sequence in the Draw-a-Person Test and its relation to the MMPI Masculinity-Femininity Scale. J. Consult. Psych., 17, 1, 71-73.
- GRANGER, G. G. e outros — 1958 — Ciclo de Estudos sobre a Arte. Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo, 35-36, 155 Pp.
- GREENE, E. B. — 1952 — Measurement of human behavior. Odyssey Press, New York, U. S. A., XXIV — 790 Pp.

- GROZINGER, W. — 1955 — Scribbling, drawing, painting; the early forms of the child's pictorial creativeness. Praeger, New York, 142 Pp.
- GRUNSPUM, H. — 1954/55 — O desenho no desenvolvimento da psicoterapia infantil. Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo, 6-7, 21-24, 75-82.
- GUERRA, M. — 1953 — Altérations du schéma corporal à origine vestibulaire. An. Port. Psiq., 5, 5, 54-59.
- GUILFORD, J. P. — 1956 — Fundamental Statistics in Psychology and Education, Mc Grow-Hill Book Co., New York, U. S. A., XI — 565 Pp.
- GUILLAUMIN, J. — 1959 — Une methode pour l'étude longitudinale de personnalité de l'enfant telle qu'elle s'exprime dans le dessin et le comportement. Enfance, 5, 495-508.
- GUILLAUMIN, J. — 1961 — Quelques faits et quelques réflexions à propos de l'orientation des profils humains dans les dessins d'enfants. Enfance, 1, 57-74.
- GUNDERSON, E. K. e LEHNER, G. F. J. — 1950 — Height of figure as a diagnostic variable in the Draw-a-person Test. Amer. Psych., 5, 9, 472 (Abstract).
- GUNSBURG, H. C. — 1952 — Le dessin du bonhomme dans le deficiencie mentale. Rev. Psych. Appliquée, 2, 280-303.
- GUNSBURG, H. C. — 1955 — Projection in drawings. A case study. Brit. J. Med. Psych., 28, 72-81 (Abstract n.º 1028, Psychol. Abstracts, 1956, 30, 1, 92).
- GUNZBURG, H. C. — 1955 a — Scope and limitations of the Goode-nough Drawing Test in clinical work with mental defectives. J. Clin. Psych., 11, 8-15.
- GUTMANN, D. L. — 1960 — Changes in ego process in later life. Amer. Psych., 15, 7, 406 (Abstract).
- HALPERN, F. — 1956 — The Bender Visual Motor Gestalt Test, in Anderson, H. H. e Anderson, G. L., An Introduction to Projective Techniques, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, U. S. A., 324-340.
- HALPERN, F. — 1958 — Child Case Study — a troubled eight-year-old, in Hammer, E. F. (ed.), The Clinical Application of Projective Drawings, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 113-129.
- HAMMER, E. F. — 1954 — Relationship between diagnosis of psychosexual pathology and the sex of the first drawn person. J. Clin. Psych., 10, 168-170.
- HAMMER, E. F. — 1954 a — Guide for qualitative research with the H. T. P. J. Gen. Psychol., 51, 41-60.

- HAMMER, E. F. — 1954 b — A comparison of H. T. P's of rapists and pedophiles. *J. Proj. Techn.*, 18, 346-354.
- HAMMER, E. F. — 1955 — A comparison of H. T. P's of rapists and pedophiles; III. The "dead" tree as an index of psychopathology. *J. Clin. Psych.*, 11, 67-69.
- HAMMER, E. F. — 1958 — Projection in the art studio, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 5-17.
- HAMMER, E. F. — 1958 a — Projection in the clinical setting, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 18-56.
- HAMMER, E. F. — 1958 b — Expressive aspects of projective drawings, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 59-79.
- HAMMER, E. F. — 1958 c — House-Tree-Person Drawings, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 163-235.
- HAMMER, E. F. — 1958 d — Adolescent case study: a late adolescent sex offender, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 249-275.
- HAMMER, E. F. — 1958 e — Recent variations of the Projective Drawings Techniques, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 391-438.
- HAMMER, E. F. — 1958 f — The projective drawing battery: a case illustration, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 441-480.
- HAMMER, E. F. — 1958 g — Doodles: an informal projective technique, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 562-583.
- HAMMER, E. F. — 1958 h — Areas of special advantage for projective drawings, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 599-612.
- HAMMER, E. F. — 1959 — Critique of Swensen's "Empirical evaluations of human figure drawings". *J. Proj. Tech.*, 23, 30-32.
- HANSBURG, H. — 1953 — Case of a bright child with oral disturbance and severe neurotic difficulties. *Case Reports in Clinical Psychology*. Kings County Hospital, 3, 2, 60-68.

- HARRIS, D. B. — 1950 — Intra-individual vs. interindividual consistency in children's drawings of a man. *Amer. Psych.*, 5, 7, 293-294 (Abstract).
- HARROWER, M. R. — 1958 — The most unpleasant concept test, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 365-390.
- HAWORTH, M. R. — 1962 — Responses of children to a group projective film and to Rorschach, CAT, Despert Fables and DAP. *J. Project. Techn.*, 26, 1, 47-60.
- HAWORTH, M. R. e NORMINGTON, C. J. — 1961 — A sexual differentiation scale for the DAP Test (for use with children). *J. Project. Techn.* 25, 4, 441-450.
- HEIDGERD, E. — 1958 — Research in drawing techniques, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 483-507.
- HELMAN, Z. — 1953 — Rorschach et Dessins dans un cas de lobotomie. *Bull. Group. Français Rorschach.*, 3, 9-15.
- HIROTA, M. — 1959 — Characteristics of children's painting and an attempt at rating them. *Jap. J. Psychol.*, 29, 363-375 (Abstract n.º 2824, *Psychol. Abstracts*, 1960, 34, 2, 275).
- HIRSCHENFANG, S. — 1961 — A comparison of the Revised Columbia Mental Maturity Scale (CMMS) and Goodenough Draw-a-Man Test in children with speech disorders. *J. Clin. Psych.*, 4, 381-382.
- HOFMANN, H. — 1957 — Children's drawings as an indication of readiness for first grade. *Inter-Institutional Seminar in Child Development*, Collected papers, 33-47.
- HOLDEN, H. R. — 1960 — Body image chances in physically handicapped children due to summer camp experience. *Amer. Psychol.*, 15, 7, 408 (Abstract).
- HOLZBERG, J. D. e WEXLER, M. — 1950 — The validity of human form drawings as measure of personality deviation. *J. Project. Techn.*, 14, 343-361.
- HOLTZMAN, W. H. — 1952 — The examiner as a variable in the Draw-a-Person Test. *J. Consult. Psych.*, 16, 2, 145-148.
- HONROTH-ZARZA — 1960 — Síntesis del ensaio "Fungus-test". *Arq. Brasil. Psicotecnica*, Rio de Janeiro, 1, 43-54.
- HONROTH-ZARZA — 1961 — Test del Hongo. Edit. Troquel, SA, B. Aires, Arg., 137 Pp.
- HORINSON, S. — 1950 — Eléments vécus dans quelques dessins d'enfants et d'adolescents. *Enfance*, 3-4, n.º Especial, 288-298.
- HORNOWSKI, B. — 1961 — Interprétation psychologique des différences entre sexes dans le dessin du bonhomme chez les jeunes adolescents. *Rev. Psych. Appliqué*, 1, 7-9.

- HOYT, T. F. e BARON, M. R. — 1959 — Anxiety indices in the same sex drawings of psychiatric patients with high and low MAS scores. *J. Consult. Psych.*, 23, 448-452.
- HUNT, B. e PATTERSON, R. M. — 1957 — Performance of familial mentally deficient children in response to motivation on the Goodenough Draw-a-Man Test. *Amer. J. Mental Defic.*, 62, 2, 326-329.
- HUNT, R. G. e FELDMAN, M. J. — 1960 — Body image and ratings of adjustment on human figure drawings. *J. Clin. Psych.* 1, 35-38.
- HUNT, V. V. e WEBER, M. E. — 1960 — Body image projective test. *J. Project. Techn.*, 24, 1, 3-10.
- HURLOCK, E. — 1955 — *Adolescent Development*, Mc Graw-Hill Book, Co., New York, U. S. A., XIII — 590 Pp.
- HURLOCK, E. — 1956 — *Child Development*, Mc Graw-Hill Book, Co., New York, U. S. A., XVI — 703 Pp.
- HUTCHINSON, B. e outros — 1960 — *Mobilidade e Trabalho*. Centro Bras. Pesq. Educacionais. I. N. E. P., Min. Educ. e Cultura, Rio de Janeiro, Brasil, VIII — 451 Pp.
- HUTCHINSON, B. — 1962 — *Urbanização e Industrialização*, Cap. II e III de livro a ser publicado (lido nos originais) Rio de Janeiro, Brasil.
- IONASESCU, V. — 1960 — Paroxysmal disorders of the body image in temporal lobe epilepsy. *Acta Psychiat. Neurol. Scand. Kbh.*, 171-181 (Abstract n.º 6749, *Psychol. Abstracts*, 1961, 35, 5, 686).
- ISRAEL, L. e ISRAEL, G. — 1961 — Le jeu du docteur et la relation malade-medecin. *Rev. Neuropsych. Inf. Hyg. Ment. de l'Enf.*, 9-10, 363-379.
- JACOBS, A. — 1955 — Stick figures drawing of emotional situations. *Amer. Psychol.*, 10, 8, 391 (Abstract).
- JAKAB, I. — 1957 — Le role diagnostique du contenu et du style des dessins d'enfants. *Ann. Medico-psych.*, 7, 451-466.
- JAMPOLSKY, P. — 1961 — A propos de l'indentification sexuelle dans les tests projectifs. *Rev. Neuropsych. Inf. Hyg. Ment. de l'Enf.*, 9-10, 404-410.
- JOHNSON, L. C. — 1956 — Body cathexis as a factor in somatic complaints. *J. Consult. Psych.*, 20, 2, 145-149.
- JOHNSON, O. C. e WAWRZASZEK, F. — 1961 — Psychologist's judgments of physical handicap from H. T. P. Drawings. *J. Consult. Psych.*, 25, 4, 284-287.
- JOHNSON, W. R. e HUTTON, D. C. — 1955 — Effects of a combative sport upon personality dynamics as measured by a projective test. *Res. Quart. Amer. Assoc. Hlth. Phys. Educ.*,

- 26, 49-53 (Abstract n.º 1559, Psych. Abstracts, 1956, 30, 1, 139).
- JOLLES, I. — 1952 — A study of the validity of some hypotheses for the qualitative interpretation of the H. T. P. for children of elementary school age: I. Sexual identification. *J. Clin. Psych.*, 8, 113-118.
- JOLLES, I. — 1958 — Child case study: the projection of a child's personality in drawings, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 236-248.
- JONES, A. W. e RICH, T. A. — 1957 — The Goodenough Draw-a-Man Test as measure of intelligence in aged adults. *J. Consult. Psych.*, 21, 5, 235-238.
- JOURARD, S. M. e REMY, R. M. — 1957 — Individual Variance Score: an index of the degree of differentiation of the self and the body image. *J. Clin. Psych.* 1, 62-63.
- JOURARD, S. M. e SECORD, P. F. — 1953 — The appraisal of body-cathexis: body-cathexis and the self. *J. Consult.*, 17, 5, 343-347.
- JOURARD, S. M. e SECORD, P. F. — 1953 a — The appraisal of body-cathexis: body-cathexis and the self. *Amer. Psych.*, 8, 8, 375-376 (Abstract)
- JOURARD, S. M. e SECORD, P. F. — 1954 — Body size and body cathexis. *J. Consult. Psych.*, 18, 3, 184.
- JOURARD, S. M. e SECORD, P. F. — 1954 a — Body cathexis and the ideal female figure. *Amer. Psychologist*, 9, 8, 401-402 (Abstract).
- JOURARD, S. M. e SECORD, P. F. — 1955 — Body cathexis and the ideal female figure. *J. Abn. Soc. Psych.*, 50, 2, 243-246.
- JOURARD, S. M. e SECORD, P. F. — 1955 a — Body cathexis and personality. *Brit. J. Psych.*, 46, 2, 130-138.
- JUDSON, A. J. e MAC CASLAND, B. W. — 1960 — A note on the influence of the season on Tree Drawings. *J. Clin. Psych.*, 2, 171-173.
- KAARTINEN, A. — 1960 — Drawings of girls and boys as indicators of the differentiation of sex roles in school age. *Acta Acad. Paedag. Jyväskyläensis* XX, 27, 25-33.
- KAHN, M. W. — 1960 — Psychological test study of a mass murderer. *J. Project. Techn.*, 24, 2, 148-160.
- KAHN, T. e GIFFEN, M. B. — 1960 — Psychological techniques in diagnosis and evaluation. Pergamon Press, Londres, Engl., XI-164 Pp.

- KAMANO, D. K. — 1960 — An investigation on the meaning of human figure drawing. *J. Clin. Psych.*, 4, 429-430.
- KATCHER, A. — 1955 — The discrimination of sex differences by young children. *J. Genet. Psychol.*, 87, 131-143.
- KATZ, M. M. — 1953 — A personality study of schizophrenics with peptic ulcer. *Amer. Psych.*, 8, 8, 378 (Abstract).
- KATZENSTEIN, B. — 1954-55 — Psicologia do Desenho Infantil. *Bol. Psicologia, Soc. Psicol. São Paulo*, 6-7, 21-24, 11-16.
- KATZENSTEIN-SCHÖENFELDT, B. — 1960 — Um teste coletivo de personalidade para crianças pré-escolares. *Rev. Psicol. Normal e Patológica*, 1-2, 129-140.
- KATZENSTEIN-SCHÖENFELDT, B. — 1961 — Bécasse: Teste Coletivo de Maturidade Escolar. *Rev. Psicol. Normal e Patológica*, 1-3, 130-160.
- KAUFMAN, N. B. — 1953 — A psychotic child. *Case Reports in Clinical Psychology. Kings Couty Hospital, U.S.A.*, 3, 2, 104-107.
- KELLER, R. — 1940 — Acerca da hétero-lateralidade na arte. *Actas Ciba*, 7, 2, 57-60.
- KERR, M. — 1937 — Children's drawings of houses. *Brit. J. Medic. Psych.*, 16, 206.
- KINGET, C. M. — 1958 — The Drawing Completion Test, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U.S.A., 344-364.
- KLEIN, G. S. e outros — 1955 — Preconscious influences upon conscious cognitive behavior. *Amer. Psych.*, 10, 8, 380 (Abstract).
- KOCH, K. — 1949 — Le test du dessin d'arbre, in Klages, L. e outros, *Le diagnostic du caractère*. Presses Univ. France, Paris, França, 241-249.
- KOCH, C. — 1952 — The Tree Test. Hans Huber Publ., Berne, Suíça, 87 Pp.
- KOCH, C. — 1952a — Le Test de l'arbre, in Baumgarten, F., *La Psychotechnique dans le monde moderne*. Presses Univ. de France, Paris, 221-222.
- KOCH, C. — 1954 — Der Baumtest, Verlag Hans Huber, Berne, Suíça, 239 Pp.
- KOCH, C. — 1958 — Le test de l'Arbre. Trad. Marmy E. e Niel, H., E. Vitte, Paris, 442 Pp.
- KOHAN, N. C. — 1961 — Test del dibujo de la figura humana de Machover, in Székely, B., *Los Tests*, 3 vols., Kapelus, 4a. ed., Arg., 1346-1359.
- KOH, S. D. — 1954 — On the relationships between the Goodenough scale and the Thorndike Scale in drawing of a man. *Stud.*

- Psychol., Ewha Womans's Univ., 1, 54-61 (Abstract n.º 7203, Psychol. Abstracts, 1956, 30, 5, 646).
- KOHLER, C. — 1952 — Les problèmes neuro-psychiatriques et médico-pédagogiques de l'enfant. Presses Univ. de France, Paris, 437 Pp.
- KOLB, L. C. — 1959 — Disturbances of the body image. In Arieti, S. (ed.), American Handbook of Psychiatry, vol. I, Basic Books Publ., New York, 749-769.
- KOPPITZ, E. M. — 1960 — Teachers attitude and children's performance on the Bender Gestalt Test and Human Figure Drawings. J. Clin. Psych., 15, 2, 204-208.
- KOPPITZ, E. M., SULLIVAN, J. e outros — 1959 — Prediction of first grade achievement with the Bender Gestalt Test and Human Figure Drawings. J. Clin. Psych., 2, 164-168.
- KORNER, A. F. — 1950 — Theoretical considerations concerning the scope and limitations of projective techniques. J. Abn. Soc. Psych., 45, 4, 619-627.
- KRAMER, J. — 1956 — Intelligenz Test. Kurze Anleitung zum Intelligenztest. St. Antonius Verlag, Solothurn, Suíça, 107 Pp.
- KREVELEN, van, D. A. — 1953 — De Tekening (Tekentests) H. E. Stenfert Kroese, Leiden, Holanda, 82 + 16 Pp.
- KREVELEN, van, D. A. — 1956 — The use of the Pigem's Test with children. J. Project. Techn. 20, 235-242.
- KREVELEN, van, D. A. e MARTENS-WARTENA, J. G. — 1955 — Die zeichnung des Kindes als ausdrucksmitel (O desenho da criança como um meio de expressão). Schweiz, Z. Psychol. Anwend., 14, 106-123 (Abstract n.º 2574, Psychol. Abstracts, 1956, 30, 2, 228).
- KRUGMAN, M. — 1949 — The H T P, in Buros, O. K. (ed.), The Third Mental Measurements Yearbook, Rutgers Univ. Press, New Brunswick, U.S.A., 84-85.
- KRYNSKI, S. — 1954-55 — O desenho nas crianças portadoras de distúrbios neuro-psíquicos. Bol., Psicol., Soc. Psicol. São Paulo, 6-7, 21-24, 83-89.
- KUTASH, S. B. e GEHL, R. H. — 1954 — The graphomotor projection technique. Ch. C. Thomas, Springfield, U.S.A., XI-133 Pp.
- LAANE, C. L. — 1960 — Clinical experience with the figure drawing test. J. Clin. Exp. Psychopathol., 21, 129-141 (Abstract, Psych. Abstracts, 1961, 35, 5, 659).
- LAIR, C. V. e TRAPP, E. P. — 1960 — Performance decrement on the H T P Test as a function on adjustment level. J. Clin. Psych., 16, 4, 431.
- LAIRD, J. T. — 1962 — A comparison of male normals, psychiatric

- patients and alcoholics for sex-drawn-first. *J. Clin. Psych.*, 28, 3, 302.
- LAIRD, J. T. — 1962a — A comparison of female normal, psychiatric patients and alcoholics for sex-drawn-first. *J. Clin. Psych.*, 28, 4, 473.
- LAKIN, M. — 1956 — Certain formal characteristics of human figure drawings by institutionalized aged and by normal children. *J. Consult. Psych.*, 20, 6, 471-474.
- LAKIN, M. — 1959 — Formal characteristics of human figure drawings by institutionalized aged, and non institutionalized aged. *Amer. Psych.*, 14, 7, 350-351 (Abstract).
- LAKIN, M. — 1960 — Formal characteristics of human figure drawings by institutionalized and non institutionalized aged. *J. Gerontol.*, 15, 76-78 (Abstract, *Psychol. Abstracts*, 1961, 35, 5, 635).
- LAMBRY, R. — 1933 — *Le dessin chez les petits*. Les Editions du Cerf, Juvisy, Bélgica, 189 Pp.
- LANDISBERG, S. — 1958 — Relationship of the Rorschach to Projective Drawings, in Hammer, E. F. (ed.) *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U.S.A., 613-619.
- LANTZ, B. — 1950 — Children's spontaneous classroom painting as a key to emotional disturbances. *Amer. Psych.*, 5, 9, 467 (Abstract).
- LAPIDUS, G. — 1953 — Study of a mentally retarded child. *Case Reports in Clinical Psychology*. Kings County Hospital, U.S.A., 3, 2, 83-91.
- LARK-HOROWITZ, B. e NORTON, J. — 1959 — Children's art abilities: developmental trends of art characteristics. *Child Development*, 30, 4, 433-452.
- LARK-HOROWITZ, B. e NORTON, J. — 1960 — Children's art abilities: the interrelations and factorial struture of ten characteristics. *Child Developm.*, 31, 3, 453-462.
- LEBO, D. — 1960 — Size of the human figure drawing as an indicator of amount of life space required. *Amer. Psych.*, 15, 7, 459 (Abstract).
- LE GUEN, C. — 1961 — A propos de Goya: sur l'art et l'alienation. *Evolut. Psychiat.*, 26, 36-37 (Abstract 2 JP33L, *Psychol. Abstracts*, 1962, 36, 2, 371).
- LEITE DA COSTA, M. I. — 1957 — O desenho a serviço do diagnóstico mental. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. S. Paulo*, 31-34, 41-56.
- LE MEN, J. — 1953 — Presentation d'une épreuve de dessin. *Rev. Psych. Appliquée*, 2, 97-101.

- LENNEP, J. van — 1949 — Théorie et pratique des tests de projection, in Klages, L. e outros, *Le diagnostic du caractère*. Presses Univ., France, Paris, França, 142-156.
- LEROY, A. — 1951 — Représentation de la perspective dans le des-
sins d'enfants. *Enfance*, 4, 286-307.
- LESSING, E. E. — 1961 — A note on the significance of discrepancies
between Goodenough and Binet IQ score. *J. Consult. Psych.*,
25, 2, 456-457.
- LEVINE, M. e GALANTER, E. H. — 1953 — A note on the "Tree and
Trauma" interpretation in the H T P. *J. Consult. Psych.*, 17,
1, 74-75.
- LEVITT, E. E. e GROSZ, H. J. — 1959 — A note on sex sequence
in the Draw-a-Person Test. *Psychol. Newsltr.*, 10, 213-214.
- LEVY, A. — 1961 — Orthopedic disability as a factor in human figure
perception, *J. Consult. Psych.*, 25, 3, 253-256.
- LEVY, A. — 1962 — Reply to Silverstein's "Comment". *J. Consult.
Psych.*, 26, 1, 10.
- LEVY, S. — 1958 — Projectiv Figure Drawing, in Hammer, E. F. (ed.)
The Clinical Application of Projective Drawings, Ch. C. Tho-
mas, Springfield, U.S.A., 83-112.
- LEVY, S. — 1958a — Case study of an adult: the case of Mr. P, in
Hammer, E. F. (ed.) *The Clinical Application of Projective
Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U.S.A., 135-161.
- LEVY, S. — 1959 — Figure drawings as a projective test, in Abt, L.
E. e Bellack, L. (ed.), *Projective Psychology*, Grove Press,
New York, U.S.A., XVI-485-XIV Pp., pp. 257-297.
- LEVY, S. e LEVY, R. A. — 1958 — Symbolism of Animal Drawings,
in Hammer E. F. (ed.) *The Clinical Application of Projective
Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U.S.A., 311-343.
- LEWIS, H. P. — 1961 — Spacial representation in drawings as a cor-
relate of development and a basis for picture preference.
Amer. Psych., 16, 7, 362 (Abstract).
- LORGE, I., TUCKMAN, J. e DUNN, M. B. — 1954 — Human figure
drawing by younger and older adults. *Amer Psychol.*, 9, 8,
420-421 (Abstract).
- LORGE, I., TUCKMAN, J. e DUNN, M. B. — 1958 — Human figure
drawings by younger and older adults. *J. Clin. Psych.*, 1,
54-55.
- LOURENÇÃO VAN KOLCK, O. — 1948 — A adolescência, idade das
escolhas fundamentais, apostila mimeografada. Fac. Filoso-
fia, Ciências e Letras, U.S.P.
- LOURENÇÃO VAN KOLCK, O. — 1953 — O professor e os estudos
sobre a puberdade e a adolescência, apostila mimeografada

- de aula proferida no Curso de Psicologia Aplicada à Educação Física, dos Cursos Magister, São Paulo, 1-7.
- LOURENÇÃO VAN KOLCK, O. — 1954 — Puberdade e Educação Física, Mens Sans, 4, 15-16.
- LOURENÇÃO VAN KOLCK, O. — 1954-55 — Tendências atuais no estudo do desenho. Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo, 6-7, 21-24, 3-9.
- LOURENÇÃO VAN KOLCK, O. — 1961 — A expressão da homossexualidade no desenho da figura humana. Bol. Psicol., Soc. Psicol. S. Paulo, 41-42, 29-32.
- LOURENÇO FILHO, M. B. — 1952 — Test ABC, Ed. Melhoramentos, S. Paulo, Brasil, 122 Pp.
- LUBIN, B. — 1959 — Differentiation of overtly stable and unstable psychiatric aides by means of the DAP test. Psychol. Rep., 5, 26.
- LUQUET, G. H. — 1927 — Le dessin enfantin. Libr. Félix Alcan, Paris, 260 Pp.
- LÜSCHER, M. — 1949 — La couleur, moyen auxiliaire de psychodiagnostic, in Klages, L. e outros, Le diagnostic du caractère. Presses Univ. France, Paris, França, 165-173.
- LUZA, S. M. — 1954 — La prueba de Wartegg en la esquizofrenia. Rev. Neuro-Psiquiat., Lima, 17, 162-164.
- LYNN, D. B. — 1959 — A note on sex difference in the development of masculine and feminine identification. Psychol. Rev., 66, 126-135.
- LYONS, J. — 1955 — The scar on the H T P tree. J. Clin. Psych., 11, 267-270.
- MABILLE, P. — 1950 — La technique du test du village. Rev. Morpho-physiologie Humaine, Paris, França, 154 Pp.
- MACFARLANE, J. W. — 1942 — Problems of validation inherent in projective methods. Amer. J. Orthopsychiat., 12, 405-411. Transcrito in Watson, R. I. (ed.), Readings in the Clinical Method in Psychology, Harper, New York, 1949, 279-286.
- MACHOVER, K. — 1947 — A case of frontal lobe injury following attempted suicide. J. Project. Techn., 11, 1.
- MACHOVER, K. — 1949 — Proyeccion de la personalidad en el dibujo de la figura humana. Trad. Gutierrez, J. M., Cultural, S. A., Habana, Cuba, XVI-192 Pp.
- MACHOVER, K. — 1953 — Human figure drawings of children. J. Project. Tech., 17, 85-91.
- MACHOVER, K. — 1954 — The body image in art communication. Amer. Psychologist, 9, 8, 424 (Abstract).
- MACHOVER, K. — 1955 — A destructive juvenile delinquent, in Bur-

- ton, A. & Harris, R. E. (eds.), *Clinical Studies of Personality*, Harper, New York, U.S.A., XIII — 836 Pp.; pp. 582-599.
- MACHOVER, K. — 1955a — The Body image in art communication, *J. Project. Tech.*, 19, 4, 453-460.
- MACHOVER, K. — 1956 — Drawing of the human figure: a method of personality investigation, in Anderson, H. H., e Anderson, G. L. (eds.), *An introduction to projective techniques*, Prentice Hall, Englewood Cliffs, U.S.A., 341-369.
- MACHOVER, K. — 1958 — Adolescent case study: a disturbed adolescent girl, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U.S.A., 130-134.
- MACHOVER, K. — 1960 — Sex differences in the developmental pattern of children as seen in human figure drawings, in Rabin, A. I. e Haworth, M. E. (eds.), *Projective Techniques with children*, Grune & Stratton Inc., New York, XIII-392 Pp.; pp. 238-257.
- MACHOVER, K. — 1960a — Sex differences in the developmental patterns of prepuberal children reflected in human figure drawings. *Anais do VI Congr. Interamer. de Psicologia*, SIP, Rio de Janeiro, Brasil, 464-465.
- MACHOVER, K. — 1961 — Human figure drawings: notes on developmental series — 4 through 17 years. Trabalho mimeografado. Kings County Hospital Center, Psychiatric Division, Brooklyn, U.S.A., 17 Pp.
- MACHOVER, K., FRANK, L. K. e outros — 1953 — Personality development in adolescent girls. Antioch Press, Yellow Springs, U.S.A.
- MACHOVER, K. e LIEBERT, R. — 1960 — Human figure drawings of schizophrenic and normal adults, in A.M.A. *Archives of Gen. Psych.*, vol. 3, New York, U.S.A., 139-152.
- MACHOVER, K., MACHOVER, S. e outros — 1959 — Clinical and objective studies of personality variables in alcoholism. 3 parts. *Quarterly Journal of Studies on Alcohol*, 20, 3, 505-542.
- MACHOVER, K., WITKIN, H. A. e outros — 1954 — Personality through Perception. Harper, New York, U.S.A., XXVI-571 Pp.
- MACHOVER, K. e ZADEK, M. — 1956 — Human figure drawings of hospitalized involuntaries. *Psychiat. Quarterly Suppl.* part. 2, State Hosp. Press. Utica, U.S.A., 1-19 Pp.
- MACHOVER, S. — 1947 — Maniac depressive psychoses, depressed form II, in Burton A. e Harris, R. E. (eds.), *Case Histories in*

- Clinical and Abnormal Psychology, Harper, New York, 115-145.
- MACHOVER, S. — 1955 — A compulsive personality with psychosomatic reactions, in Burton, A. e Harris, R. E., (eds.), *Clinical Studies of Personality*, Harper, New York, U.S.A., XIII-836 Pp.; pp. 21-48.
- MACHOVER, S. e PUZZO, S. — 1960 — Effect of acute alcoholization on the release of homosexual trends in chronic alcoholism. *Anais do VI Congr. Interam. de Psicologia*, Rio de Janeiro, 706-712.
- MAGNUSSON, D. — 1960 — Some personality tests applied on identical twins. *Scand. J. Psych.*, 1, 55-61 (Abstract, *Psychol Abstracts*, 1961, 35, 5, 655).
- MAINORD, F. R. — 1953 — A note on the use of Figure Drawings in the diagnosis of sexual inversion. *J. Clin. Psych.*, 9, 188-189.
- MALUF, U. — 1960 — Notas sôbre as técnicas projetivas na investigação psicológica. *Bol. Instituto Psicol. Univ. Brasil*, Rio de Janeiro, 10, 1-2, 14-28.
- MANAS, L. — 1960 — Spontaneous drawing as a visual diagnostic aid. *Amer. J. Optom.*, 37, 186-200 (Abstract n.º 6155, *Psychol. Abstracts*, 1961, 35, 5, 627).
- MARCHAND, L. e AJURIAGUERRA — 1940 — Des troubles du schéma corporal au cours des accidents épileptiques. *Ann. Méd.-Psychol.*, 15, 1, 3, 252-260.
- MARINO, D. — 1957 — O desenho da criança. *Editôra do Brasil S. A.*, S. Paulo, 137 Pp.
- MARKLAN, S. — 1954 — An item analysis of children's drawings of a house. *J. Clin. Psychol.*, 10, 185-187.
- MARTIN, W. E. — 1951 — The expression of feelings of security and insecurity in children's drawings. *Amer. Psychol.*, 6, 7, 307 (Abstract).
- MARTIN, W. E. — 1955 — Identifying the insecure child: III. The use of Children's drawings. *J. Genet. Psychol.*, 86, 327-338.
- MARTUSCELLI, C. — 1954-55 — O desenho no estudo da personalidade: a prova do desenho da figura humana. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo*, 6-7, 21-24, 59-62 (Súmula).
- MATTOS SALDANHA, A. e PROLLA, M. L. — 1961 — A técnica de Machover em um caso de pseudo-hermafroditismo. *Universidade*, 1, 3, Pôrto Alegre, Brasil, 32-35.
- MCCONNELL, O. L. e DASTON, P. G. — 1961 — Body image changes in pregnancy. *J. Project. Techn.*, 25, 4, 451-456.
- MC INTOSH, J. R. e PICKFORD, R. W. — 1941-43 — Some clinical and artistic aspects of a child's drawings. *British J. Med. Psych.*, 19, 342-372.

- MEIER, B. C. e outros — 1955 — Observation on the House — Tree — Person Drawing Test before and after surgery. *Psychosom. Med.*, 17, 428-454.
- MEISSNER, W. W. — 1961 — Some anxiety indications in the adolescent boy, *J. Gen. Psych.*, 64, 251-257.
- MELLO E SOUZA, G. — 1954-55 — O desenho primitivo. *Bol. Psicol., Soc. Psicol., São Paulo*, 6-7, 21-24, 91-99.
- MENDOLA, V. S. — 1954 — The validity of indices of dependency in clinical tests. *Amer. Psychologist*, 9, 8, 430 (Abstract).
- MEURISSE, R. — 1948 — Le test du gribouillage. *Psyché*, 26, 1372-1378.
- MEURISSE, R. — 1949 — Le test du gribouillage en milieu normal et anormal. *Psyché*, 27, 937-957.
- MEYER, E. e SIMMEL, M. — 1947 — The psychological appraisal of children with neurological defects. *J. Abn. Soc. Psych.*, 42, 2, 193-205.
- MICHAUX, L. e outros — 1957 — Les routes dans les dessins des instables. *Rev. Neuropsychiat. Inf. et d'Hyg. Ment. de l'Enfant*, 5, 7-8, 397-408.
- MICHAUX, L. e outros — 1959 — A propos de dessins executés en groupe a l'école. *Rev. Neuropsych. Inf. Hyg. Ment. de l'Enf.*, 7, 7-8, 318-324.
- MILANO, R. — 1953 — Educational therapy in a case of reading disability. *Case Reports in Clinical Psychology. Kings County Hospital, U.S.A.*, 3, 2, 75-82.
- MILLER, E. O. — 1959 — Non-academic changes in college students. *Educ. Rec.*, 40, 118-122. (Abstract n.º 2047, *Psychol. Abstracts*, 1960, 34, 1, 197).
- MINICUCCI, A. — 1959 — Algumas observações sôbre o teste da árvore. *Arq. Brasil. Psicotécnica*, 1, 55-61.
- MINKOWSKA, F. — 1947 — Les dessins d'enfants, le test de Rorschach et la typologie constitutionnelle. *Compte rendu du Congrès Médecins Alien. Neurol.*, XIV session. Niort, França.
- MINKOWSKA, F. — 1948 — Le test de Rorschach, les dessins d'enfants et le cinema. *Rev. Int. Filmologie*.
- MINKOWSKA, F. — 1950 — Méthode du dessin en tant qu'expression du monde des formes chez les enfant caractériels et sa portée pratique. *Ann. Méd. Psychol.*, 2, 3, 395.
- MINKOWSKA, F. e BERT, Y. — 1950 — Dessins de jeunes enfants: source d'activité artistique; stimulation pédagogique, dépistage de particularités caractérielles. *Ann. Méd. Psychol.*, 2, 3, 394-395.

- MINKOWSKA, F. e FUSSWERK, M. — 1947 — Le test de la maison. Extrait des comptes rendus. Congrès Médecins Alien. Neurol., XIV session, Niort, França.
- MINKOWSKA, F., FUSSWERK, M. e HORINSON, S. — 1948 — Le test de la maison chez les enfants appartenant aux différents groupes ethniques. Extrait des comptes rendus. Congrès Méd. Alién. Neurol., Marselha, França.
- MINKOWSKA, F., FUSSWERK, M. e HORINSON, S. — 1948 — L'affinité entre le test de la maison et le test du bonhomme sur le plan ethnique de la typologie constitutionnelle et de la psychopathologie. Extraits des comptes-rendus. Congrès Méd. Alien. Neurol., Marselha, França.
- MIRA Y LOPES, E. — 1951 — Le psychodiagnostic Myokinetique. Centre Psych. Appliqué, Paris, 55 + 40 Pp.
- MIRA Y LOPES, E. e GALLAND DE MIRA, A. — 1956 — Curso sobre fundamentos e técnica do Psicodiagnóstico Miocinético. Apost. mimeografada. Inst. Sel. e Orient. Profiss. (ISOP) Fund. Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 138 Pp.
- M. J. DE CARVALHO, M. M. — 1960 — O desenho da figura humana como medida de inteligência e diagnóstico da personalidade em débeis mentais. Estudos Psicol. Diferencial, Fac. Filos., Ciências e Letras, U. S. P., Boletim n.º 251, Psicol. n.º 8, 29-44.
- MODELL, A. H. — 1951 — Changes in human figure drawing by patients who recover from regressed states. Amer. J. Orthopsychiat., 21, 584-596.
- MOGAR, R. E. — 1962 — Anxiety indices in human figure drawings: a replication and extension. J. Consult. Psych., 26, 1, 108.
- MOLISH, H. B. — 1958 — Contributions of projective tests to problems of psychological diagnosis in mental deficiency. Amer. J. Mental Defic., 63, 2, 282-293.
- MONTAGUE, J. A. — 1956 — Spontaneous Drawings of the human form in childhood schizophrenia, in Anderson, H. H. e Anderson, G. L. (eds.), An Introduction to Projective Techniques, Prentice Hall, U.S.A., 370-385.
- MONTENEGRO, A. — 1956 — O diagnóstico de nível mental a partir do desenho. Biblos, 32, 431-472.
- MOOR, L. — 1957 — La pratique des tests mentaux en Psychiatrie Infantile. Masson & Cie., Paris, França, V-208 Pp.
- MOOR, L. e FENOT, A. M. — 1961 — Le test des "figures lacunaires" de Rey. Presentation. Etalonnage sur une population française. Rev. Neuropsych. Inf. Hyg. Ment. de l'Enfance, 9-10, 431-435.

- MORGENSTERN, S. — 1939 — Le symbolisme et la valeur psychanalytique des dessins infantiles. *Rev. Franc. Psychanalyse*, 11, 39.
- MORRIS, W. W. — 1949 — Methodological and normative considerations in the use of Drawings of Human Figures as a projective method. *Amer. Psych.*, 4, 7, 267 (Abstract).
- MORRIS, W. W. — 1955 — Ontogenic changes in adolescence reflected by the drawing-human-figure technique. *Amer. J. Orthopsychiat.*, 25, 720-728. (Abstract n.º 7216, *Psychol. Abstracts*, 1956, 30, 5, 647).
- MOSS, C. S. — 1962 — An indirect validation study of the Draw-a-Person Test through the cartoons of William Steig. *J. Project. Techn.*, 26, 1, 88-95.
- MOYA, G. — 1958 — Estudio de inteligencia, personalidad y comportamiento en un grupo de 165 soldados. *Rev. Psicol. Gen. Aplicada*, 45, 31-116.
- MUCCHIELLI, R. — 1960 — Le jeu du monde et le test du village imaginaire. Presses Univ. France, Paris, 346 Pp.
- MUNRO, T. e outros — 1942 — Children's art abilities: studies at the Cleveland Museum of Art. *J. Exper. Educ.*, 11, 2, 97-115.
- MURPHY, G. — 1947 — Personality. A biosocial approach to origins and structure. Harper, New York, XII — 999 Pp.
- MURPHY, M. M. — 1956 — A Goodenough scale evaluation of human figure drawings of three non psychotic groups of adults. *J. Clin. Psych.*, 4, 397-399.
- MURPHY, M. M. — 1957 — Sexual differentiation of male and female job applicants on the Draw-a-Person Test. *J. Clin. Psych.*, 1, 87-88.
- MURRAY, D. C. e DEABLER, H. L. — 1958 — Drawings, diagnosis and the children's learning curve. *J. Proj. Tech.*, 22, 415-420.
- MURSTEIN, B. L. — 1958 — Personality and intellectual changes in leukemia: a case study. *J. Proj. Tech.*, 22, 421-436.
- NAUMBURG, M. — 1950 — The psychotherapeutic significance of the art productions of a college girl. *Catalog. Int. Congr. Psychiatry*, Paris, França, 13 Pp.
- NAUMBURG, M. — 1954 — Art as symbolic speech. *Amer. Psychologist*, 9, 8, 437 (Abstract).
- NAUMBURG, M. — 1955 — Art as symbolic speech. *J. Aesthet.*, 13, 435-450.
- NAUMBURG, M. — 1958 — Art therapy: its scope and function, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 511-517.

- NAUMBURG, M. — 1958 a — Case illustration: art therapy with a seventeen years old schizophrenic girl, in Hammer, E. F. (ed.), *The Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 518-561.
- NAVILLE, P. — 1950 — Note sur les origines de la fonction graphique. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 189-203.
- NAVILLE, P. — 1950 a — Eléments d'une bibliographie critique relative au graphisme enfantin jusqu'en 1949. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 310-403.
- NAVRATIL, L. — 1959 — Teste por meio do desenho de silhuetas. *Jornal Sandaz das Ciências Médicas*, 3, 8, 317-325.
- NEDER, M. — 1954/55 — Como estudar desenhos de crianças. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo*, 6-7, 21-24, 139-144.
- NICHOLS, R. C. e STRUMPFER, D. J. W. — 1962 — A factor analysis of Draw-a-Person Test scores. *J. Consult. Psych.*, 26, 2, 156-161.
- NOLLER, P. A. e WEIDER, A. — 1950 — A normative study of human figure drawings for children. *Amer. Psych.*, 5, 7, 319-320 (Abstract).
- OBONAI, T. e MATSOUKA, T. — 1957 — Le test de symbolisme des couleurs-test de personnalité. *Rev. Psych. Appliquée*, 7, 2, 112-118.
- OLIVAUX, R. — 1960 — L'éducation et la rééducation graphiques. Presses Univ. France, Paris, 151 Pp.
- ORGEL, R. G. — 1959 — The relationship of the H. T. P. to a Sociometric Evaluation of a group of primary grade school children in determining the degree of social acceptance. *J. Clin. Psych.*, 15, 2, 222-223.
- OSTERRIETH, P. A. — 1944 — Le test de copie d'une figure complexe: contribution à l'étude de la perception et de la mémoire. *Arch. Psych.* 30, 206-356.
- OSTERRIETH, P. A. — 1953 — Remarques sur l'interprétation des tests de dessin en Psychologie Clinique. *Rev. Psych. Appliquée*, 3, 338-343.
- OSTERRIETH, P. A. — 1957 — The use of drawings in personality diagnosis in Clinical Psychology. *Bull. Assoc. Intern. Psych. Appliquée*, 6, 1, 5-26.
- OTERO SASTRE, P. — 1959 — Técnica para la exploración del lenguaje gráfico. *Rev. Psicol. Gen. Aplicada*, 14, 49, 151-154.
- PAIVA LESSA, L. M. — 1953 — Estudo da escala de Goodenough. *Arq. Brasil. Psicotécnica*, dez., 5, 107-122.
- PAL, S. K. — 1955 — Developing artistic abilities in children. *Shiksha*, 8, 2, 113-117 (Abstract n.º 7536, *Psychol. Abstracts*, 1957, 31, 5, 653).

- PAPAVASSILOU, I. TH. — 1953 — The validity of the Goode-nough Draw-a-Man Test in Greece. *J. Educ. Psych.*, 44, 4, 244-248.
- PASTO, T. A. — 1954 — The schizoid bias in art: derivation and meaning. *Amer. Psychologist*, 9, 8, 447-448 (Abstract).
- PAUKER, J. D. — 1962 — A simple method for measuring the area of a figure drawing. *J. Project. Techn.*, 26, 2, 237-238.
- PEARSON, L. — 1956 — Body concept in the physically impaired and unimpaired. *Amer. Psych.*, 11, 8, 358 (Abstract).
- PELLERIN, J., DUCHÉ, D. J. e Mme S. HORINSON — 1960 — Sur le retentissement psychique et cenesthésique des interventions chirurgicales à la lumière des dessins de l'enfant. *Revue Neuropsych. Inf. Hyg. Ment. l'Enfance*, 11-12, 456-469.
- PERELSTEIN DE BRASLAVSKY, B. — 1960 — Perfiles psicológicos, in Székely, B. (ed.), *Los Tests*, 4a. ed., Kapelusz, Buenos Aires, Argentina, 809-842.
- PERTEJO, J. — 1955 — La interpretación del Psicodiagnóstico de Rorschach y los Dibujos Infantiles segundo Minkowska: su obra. *Rev. Psicol. Gen. Aplicada*, 10, 33, 25-47.
- PERRY, J. W. — 1955 — Symbolic process in art of psychotics. *Amer. Psychol.*, 10, 8, 433 (Abstract).
- PETERS, G. A. e MERRIFIELD, P. R. — 1958 — Graphic representation of emotional feelings. *J. Clin. Psych.*, 14, 375-378.
- PICHOT, P. — 1949 — *Les tests mentaux en Psychiatrie*. Presses Univ. France, Paris, XIV — 238 Pp.
- PICHOT, P. — 1956 — *Les tests de personnalité en Psychiatrie*. Rapport de Psychiatrie. Congrès Méd. Alién. Neurol., LIV. session, Bordeaux, França, 88 Pp.
- PIKUNAS, J. e CARBERRY, H. — 1960 — Developmental levels in the content of children's drawings. *Amer. Psychol.*, 15, 7, 389 (Abstract).
- PLANCHARD, E. — 1957 — *Iniciação à técnica dos testes*. Coimbra, Editora Portugal, XIII — 318 Pp.
- PLAUT, E. e CRANNEL, C. W. — 1955 — The ability of clinical psychologists to discriminate between drawings by deteriorate schizophrenics and drawings by normal subjects. *Psychol. Rep.*, 1, 153-158.
- POPPESTONE, J. A. — 1959 — Normative data for the Goodenough Draw-a-Man Test. *Amer. Psych.*, 14, 7, 379 (Abstract).
- POROT, M. — 1952 — Le dessin de la famille. *Pédiatrie*, 1-17.
- POROT, M. — 1954 — *L'enfant et les relations familiales*. Presses Univ. France, Paris, VIII — 246 Pp.

- PRUDHOMMEAU, M. — 1947 — *Le dessin de l'enfant*. Presses Univ. France, XI — 174 Pp.
- QUEIROZ, A. M. — 1955 — *Motivos ornamentais em desenhos de crianças*. Rev. Psicol. Normal Patol., 1, 2, 370-381.
- QUEIROZ, A. M. — 1960 — *Os desajustamentos das crianças asmáticas*. Tese Doutorado. Inst. Psicol. Univ. Católica de S. Paulo, 363-620.
- QUINTELA, G. F. — 1957 — *Testes de personalidade e apreciação dos resultados*. Arq. Brasil. Psicotécnica, 9, 1-3, 111-115.
- RABAN, G. — 1952 — *Le sens de la symétrie chez les enfants*. Enfance, 1, 33-47.
- RABELO, S. — 1933 — *Características do desenho infantil*. Enciclop. Bras. Educação, 4, 550-583.
- RABIN, A. I. e HAWORTH, M. R. (eds.) — 1960 — *Projective Techniques with children*, Grune & Stratton, New York, U. S. A., XIII — 392 Pp.
- RABIN, A. I. e LIMUACO, J. A. — 1959 — *Sexual differentiation of American and Filipino children as refleted in the Draw-a-Person Test*. J. Soc. Psych., 50, 207-211.
- RABINOWITZ, W. e TRAVERS, R. M. W. — 1952 — *The use of a drawing technique for studying learning during teacher training*. Amer. Psych., 7, 7, 268-369 (Abstract).
- RABINOWITZ, W. e TRAVERS, R. M. W. — 1955 — *A drawing technique for studying certain outcomes of teacher education*. J. Educ. Psych., 46, 5, 257-273.
- RAMBERT, M. — 1945 — *La vie affective et morale de l'enfant*, cap. IV: *Le dessin, méthode de psychanalyse infantile*. Delachaux e Niestlé, Neuchatel, 130-146.
- RAPAPORT, D. — 1948 — *Diagnostic Psychological Testing*. The Year Book Publishers, Inc., U. S. A., XI — 573 Pp.
- RASCOVSKY, A. — 1943 — *Consideraciones psicosomáticas sobre la evolucion sexual del niño*. Rev. Psicoanálisis, 2, 182-229.
- RAVEN, J. C. — 1951 — *Controlled Projection for children*, H. K. Lewis & Co., Londres, Ingl., 176 Pp.
- READ, H. — 1955 — *Educación por el Arte*. Trad. Fabricant, L., Paidós, Buenos Aires, Arg., 342 Pp.
- REED, M. R. — 1957 — *The masculinity-femininity dimension in normal and psychotic subjets*. J. Abn. Soc. Psych., 55, 3, 289-294.
- REGÚLEZ PRADO, M. M. — 1960 — *El dibujo infantil como test proyectivo*. Actas y Trabajos de la VI Reunion Anual, Soc. Espanhola de Psicol., IX, 68-70.
- REICH, W. — 1957 — *Análisis del Carácter*, trad. Fabricant, L., Edit. Paidós, Buenos Aires, Arg., 406 Pp.

- REZNIKOFF, M. e MUNDY, L. — 1956 — Changes in human figure drawings associated with therapy: a case study. *Amer. J. Psychotherapy*, 10, 542-549.
- REZNIKOFF, M. e NICHOLAS, A. L. — 1958 — An evaluation of figure drawing indicators of paranoid pathology. *J. Consult. Psych.*, 22, 5, 395-397.
- REZNIKOFF, M. e REZNIKOFF, E. R. — 1956 — The Family Drawing Test: a comparative study of children's drawings. *J. Clin. Psych.*, 2, 167-169.
- REZNIKOFF, M. e TOMBLIN, D. — 1956 — The use of human figure drawings in the diagnosis of organic pathology. *J. Consult. Psych.*, 20, 6, 467-470.
- REZNIKOFF, M. e TOONEY, L. C. — 1959 — Evaluation of changes associated with psychiatric treatment. Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., XIII — 132 Pp.
- REY, A. — 1946/47 — Épreuves de dessin, témoins du développement mental. *Arch. Psych.*, 1946/47.
- REY, A. — 1959 — Teste de copie et reproduction de mémoire de figures géométriques complexes. Manuel. Centre Psych. Appliquée, Paris, França, 20 Pp.
- RIBEIRO, A. C. — 1962 — O desenho analítico. *Bol. Interno, Cir. Bras. Psic. Profunda*, 2, 2-3, 66-70.
- RICHEY, M. H. e SPOTTS, J. V. — 1959 — The relationship of popularity to performance on Goodenough Draw-a-Man test. *J. Consult. Psych.*, 23, 147-150.
- RIOUX, G. — 1951 — Dessin et structure mentale. Presses Univ. France, Paris, VIII — 416 Pp.
- ROBERTSON, J. P. S. — 1956 — Mixture of writing with drawing as a psychotic behavior. *J. Gen. Psych.*, 54, 127-131.
- ROCHA, Z. — 1955 — Sobre a utilização do desenho no diagnóstico e no tratamento dos distúrbios emocionais da criança. *Neurologia*, 28, 2, 101-113.
- ROCHEDIEU, E. — 1962 — Personnalité et vie religieuse chez l'adolescent. Ed. Delachaux & Niestlé, Suisse, 186 Pp.
- ROOS, P. — 1961 — Evaluation of psychotherapy as an adjunct to insulincoma therapy. *J. Consult. Psych.*, 25, 5, 450-455.
- RORHRS, F. W. e HAWORTH, M. R. — 1962 — The 1960 Stanford-Binet, WISC and Goodenough Tests with mentally retarded children. *Amer. J. Mental Deficiency*, 66, 6, 853-859.
- ROSENBLATT, B. — 1956 — The body image en elation and depression: an experimental perceptual study. *Amer. Psych.*, 11, 8, 391 (Abstract).
- ROUMA, G. — 1947 — El lenguaje gráfico del niño. Trad. Ibañez, I. A., El Ateneo, B. Aires, Arg., 454 Pp.

- RUBIN, H. — 1953 — A quantitative study of the H. T. P. and its relationship to the Wechsler-Bellevue Scale. *Amer. Psych.*, 8, 8, 426-427 (Abstract)
- SANFORD, N. — 1951 — Masculinity-Femininity in the structure of personality. *Proceedings and papers of the XIII Int. Congr. of Psychology*, Stockholm, 215-216.
- SANTORUM, A. — 1960 — A cross-validation of the House — Tree — Person Drawings indices predicting hospital discharge of tuberculosis patients. *J. Consult. Psych.*, 24, 5, 400-402.
- SANTOS, J., CAMPOS, M. L. e FARINHA, M. C. — 1953 — Desenhos e aquarelas de epiléticos e oligofrênicos. *An. Port. Psiq.*, 5, 5, 142-150.
- SARGENT, H. — 1945 — Projective methods: their origins, theory and application in personality research. *Psych. Bull.*, 42, 5, 257-293.
- SAVOY, URIBURU e outros — 1958 — Censo de niveles mentales de la poblacion escolar de la ciudad de Salta. Test Goodenough, baremo regional Salta. Univ. Nac. Tucuman, Fac. Filosofia y Letras, Inst. Psicol. y Ciências de la Educación, Salta, Argentina, 54 Pp.
- SCHACHTER e COTTE, S. — 1953 — Les divers tests de dessin. *Sauvegard de l'Enfance*, 7-8, 620-638.
- SCHERER, I. W. e WINNE, J. F. — 1951 — Psychological changes in leukotomy. *Amer. Psych.*, 6, 7, 343 (Abstract).
- SCHILDER, P. — 1958 — Imagen y Aparencia del Cuerpo Humano, trad. Loedel, E., Ed. Paidós, Buenos Aires, Arg., 301 Pp.
- SCHNEIDERMAN, L. — 1956 — The estimation of one's own bodily traits. *J. Soc. Psych.*, 44, 89-99.
- SCHUBERT, H. J. P. — 1956 — Figure drawings of tuberculosis patients. *Amer. Psych.*, 11, 8, 364 (Abstract).
- SCHUBERT, H. J. P. e WAGNER, M. E. — 1954 — Sex differences in figure drawings by normal late adolescents. *Amer. Psychologist*, 9, 8, 467 (Abstract).
- SCHUTZ, R. E. — 1958 — Patterns of personal problems of adolescent girl. *J. Educ. Psychol.*, 49, 1-5.
- SCHWARTZ, A. A. e ROSENBERG, I. H. — 1955 — Observations on the significance of animal drawings. *Amer. J. Orthopsychiat.*, 25, 729-746 (Abstract n.º 7224, *Psych. Abstracts*, 1956, 30, 5, 648).
- SEARS, R. — 1948 — Castration anxiety in an adult as shown by projective tests. *Amer. Psych.*, 3, 7, 281 (Abstract).
- SHANAN, J. — 1962 — Intraindividual response variability in figure drawing tasks. *J. Proj. Techn.*, 26, 1, 105-111.

- SHARP, A. A. — 1949 — The diagnostic significance of a visual memory drawing test. *J. Abn. Soc. Psych.*, 44, 4, 517-527.
- SHERMAN, L. J. — 1958 — Sexual differentiation or artistic ability? *J. Clin. Psych.*, 2, 170-171.
- SHNEIDMAN, E. S. — 1958 — Some relationships between Thematic and Drawing Materials, in Hammer, E. F. (ed.) *Clinical Application of Projective Drawings*, Ch. C. Thomas, Springfield, U. S. A., 620-627.
- SHONTZ, F. C. — 1956 — Body concept disturbances of patients with hemiplegia. *J. Clin. Psych.*, 3, 293-295.
- SILVEIRA RUDOLFER, N. — 1954/55 — Os motivos profundos no desenho infantil. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. São Paulo*, 6-7, 21-24, 17-30.
- SILVERMAN, L. H. — 1959 — A Q — sort study of the validity of evaluations made from projective techniques. *Psycho. Monogr.*, 73, 7, whole n.º 477, 28 Pp.
- SILVERSTEIN, A. B. — 1962 — Comment on Levy's "Orthopedic disability as a factor in human figure perception". *J. Consult. Psych.*, 26, 1, 9.
- SILVERSTEIN, A. B. e ROBINSON, H. A. — 1956 — The representation of orthopedic disability in children's figure drawings. *J. Consult. Psych.*, 20, 5, 333-341.
- SILVERSTEIN, A. B. e ROBINSON, H. A. — 1961 — The representation of physique in children's figure drawings. *J. Consult. Psych.*, 25, 2, 146-148.
- SIPPRELLE, C. N. e SWENSEN, C. H. — 1956 — Relationship of sexual adjustment to certain sexual characteristics on human figure drawings. *J. Consult.*, 20, 3, 197-198.
- SLUPINSKI, L. — 1955 — Drawing an obtuse angle. *Res. Rev. Durham*, 6, 54-59 (Abstract n.º 7179, *Psychol Abstracts*, 1956, 30, 5, 644).
- SLUTZKY, J. E. — 1954 — Some factors in the differential diagnosis of pseudo mental retardation. *Amer. Psycholog.*, 9, 8, 474. (Abstract).
- SMITH, B. B. — 1959 — Ten silhouettes: on account of perceptual problems encountered in the development of a fresh projective technique. *Acta Psychol., Amst.*, 16, 165-177 (Abstract n.º 5983, *Psych. Abstracts*, 1960, 34, 4, 585).
- SPOERL, D. T. — 1940 — Personality and drawing in retarded children. *Charac. Person.*, 8, 227-239.
- SPOERL, D. T. — 1940 a — The drawing ability of mentally retarded children. *J. Genet. Psych.*, 57, 259-277.
- SPRANGER, E. — 1954 — *Psicologia de la edad juvenil*, trad. Gaos, J., *Rev. de Occidente*, Madrid, Espanha, 333 Pp.

- STARR, S. e MARCUSSE, F. L. — 1959 — Reliability in the Draw-a-Person Test. *J. Proj. Techn.*, 23, 83-86.
- STERN, E. — 1954 — *Handbuch der Klinischen Psychologie*, vol. I. Rascher, Zurich, Suíça, VII — 418 + 27 Pp.
- STERN, G. G. — 1952 — Personality assessment and the prediction of academic success. *Amer. Psych.*, 7, 7, 324-325 (Abstract).
- STEWART, L. H. — 1955 — The expression of personality in drawings and painting. *Gent. Psychol. Monogr.*, 51, 45-103.
- STOLTZ, R. E e COLTHARP, F. C. — 1961 Clinical Judgement and the Draw-a-Person Test. *J. Consult. Psych.*, 25, 1, 43-45.
- STORA, R. — 1952 — Influence du milieu sur les individus décelée par le test d'arbres. *Enfance*, 4, 357-372.
- STORA, R. — 1953 — Evolution du Dessin d'Arbres en fonction de l'age. *Anais do XI Cong. Int. de Psychotechnique*, Section Psychologie de l'Education, Paris, pg. 51.
- STORA, R. — 1955 — Etude de personnalité et de psychologie différentielle à l'aide du Test d'Arbres. *Enfance*, 5, 485-508.
- STRANG, R. — 1954 — Adolescent's views on aspects of their development. *Amer. Psychologist*, 9, 8, 478-479 (Abstract).
- STRUMPFER, D. J. W. e NICHOLS, R. C. — 1962 — A study of some communicable measures for the evaluation of human figure drawings. *J. Proj. Techn.*, 26, 3, 342-353.
- SUBES, J. — 1955 — Etude d'une épreuve graphologique. *Rev. Psych. Appliquée*, 1, 13-28.
- SUBOTNIK, L. e ROGER, J. — 1959 — A pilot study in short-term play therapy with institutionalized educable mentally retarded boys. *Amer. J. Ment. Defic.*, 63, 730-735.
- SUNDBERG, N. D. — 1960 — Clinical assessment problems and procedures: a national survey. *Amer. Psych.*, 15, 7, 404 (Abstract).
- SUNDBERG, N. D. — 1961 — The practice of psychological testing in clinical services in the United States. *Amer. Psychologist*, 16, 2, 79-83.
- SUNDBERG, N. D. e BALLINGER, T. C. — 1962 — Comparisons of Nepalese and American children's drawings of man, woman and self. *Amer. Psychol.*, 17, 6, 305 (Abstract).
- SWENSEN, C. H. — 1955 — Sexual differentiation on the Draw-a-Person Test. *J. Clin. Psych.*, 11, 37-41.
- SWENSEN, C. H. — 1957 — Empirical evaluations of human figure drawings. *Psychol. Bull.*, 54, 6, 431-466.
- SWENSEN, C. H. e NEWTON, K. R. — 1955 — The development of sexual differentiation on the Draw-a-Person Test. *J. Clin. Psych.*, 11, 417-419.

- SZÉKELY, B. — 1961 — *Les Tests*, 3 vols., Kapelus, B. Aires., Arg., 4a. ed., LV — 1844 Pp.
- TAIT, C. D. Jr. e ASCHER, R. C. — 1955 — Inside-of-the-body test. A preliminary report. *Psychosom. Med.*, 17, 139-148.
- TAYLOR, R. E. — 1960 — Figure location in student and patient samples. *J. Clin. Psych.*, 2, 169-171.
- TERMAN, L. M. e MERRILL, M. A. — 1937 — *Measuring intelligence*. Houghton Mifflin, Boston, U. S. A., 460 Pp.
- THOMAS, R. M. e SIAH, A. — 1961 — The Draw-a-Man Test in Indonesia. *J. Educ. Psych.*, 52, 5, 232-235.
- THURNER, F. K. — 1956 — Suizid und Testzeichnung. *Z. Exp. Anfwand. Psychol.*, 3, 439-457 (Abstract n.º 8367, *Psychol. Abstracts*, 1957, 31, 5, 725).
- TOBIAS, J. e GORELICK, J. — 1960 — The utility of the Goodenough Scale in the appraisal of retarded adults. *Amer. J. Mental Defic.*, 65, 1, 64-68.
- TOLOR, A. — 1955 — Teachers' judgements of the popularity of children from their human figure drawings. *J. Clin. Psych.*, 11, 158-162.
- TOLOR, A. — 1957 — The stability of tree drawings as related to several Rorschach signs of rigidity. *J. Clin. Psych.*, 2, 162-164.
- TOLOR, A. — 1958 — A revaluation of the Color Drawings Test. *J. Clin. Psych.*, 14, 2, 172-174.
- TOLOR, A. e COLBERT, J. — 1961 — Relationship of body image to social desirability. *J. Ment. Sci.*, 107, 451, 1060-1061.
- TOLOR, A. e TOLOR, B. — 1955 — Judgement of children's popularity from their human figure drawings. *J. Proj. Tech.*, 19, 170-175.
- TOMBLIN, D. T. e REZNIKOFF, M. — 1956 — The use of human figure drawings in the diagnosis of organic pathology. *Amer. Psych.*, 11, 8, 356 (Abstract).
- UTSUGI, E. e OHTSUKI, K. — 1955 — A study on the human figure drawings of children. *Tohoku Psychol. Folia*, 14, 131-146 (Abstract n.º 1067, *Psych. Abstracts*, 1956, 30, 1, 96).
- VELEZ, J. — 1956 — El dibujo de la figura humana como método proyectivo de la personalidad. *Criminalia*, n.º 6 (Memorias del II Congr. Interam. Psicología), Mexico, 333-339.
- VERNIER, C. M. e KENDIG, I. V. — 1952 — *Projective Drawings*. Grune & Stratton, New York, U. S. A., VIII — 168 Pp.
- VERNIER, C. M. e outros — 1955 — Differential prediction of a specific behavior from three projective techniques. *J. Consult. Psych.*, 19, 3, 175-182.

- VILHOTI, A. J. — 1958 — An investigation of the use of the DAP in the diagnosis of homosexuality in mentally deficient. *Amer. J. Mental Defic.*, 62, 4, 708-711.
- VILLEMOR AMARAL, F. — 1954/55 — Inteligência e desenho. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. S. Paulo*, 6-7, 21-24, 31-45.
- VILLEMOR AMARAL, F. — 1954/55 a — Psicologia e psicopatologia estrutural. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. S. Paulo*, 6-7, 21-24, 63-64 (Súmula).
- VINCHON, J. — 1959 — La magie du dessin: du griffonnage automatique au dessin thérapeutic. Desclée de Brower, Bruges, Bélgica, 182 Pp.
- WAEHNER, T. S. — 1946 — Interpretation of spontaneous drawings and paintings. *Genet. Psych. Mono.*, 33, 3-70.
- WAGNER, E. E. — 1961 — The use of drawings of hands as a projective medium for differentiating normals and schizophrenics. *J. Clin. Psych.*, 3, 279-280.
- WAGNER, M. E. e SCHUBERT, H. J. P. — 1955 — Figure drawings norms, reliability and validity indices for normal late-adolescents. II — Development of a pictorial scale of DAP Quality. *Amer. Psych.*, 10, 8, 321 (Abstract).
- WAGNER, M. E. e SCHUBERT, H. J. P. — 1956 — DAP Quality Scale for late adolescents and young adults. *J. Consult. Psych.*, 20, 238.
- WALLON, H. e outros — 1950 — Le dessin chez l'enfant. *Enfance*, n.º especial, 3-4, IV — 403 Pp.
- WALLON, H. e LURÇAT, L. — 1958 — Le dessin du personnage par l'enfant: ses étapes et ses mutations. *Enfance*, 3, 177-211.
- WALSH, M. K. e outros — 1953 — The perception of movement and posture using ambiguous drawings of the human figure. *Amer. Psych.*, 8, 8, 449-450 (Abstract).
- WARREN, H. C. — 1956 — Dicionário de Psicologia, Trad. Imaz, Alatorre e Alaminos, Fondo de Cultura Econ., México, XVI — 383 Pp.
- WATSON, R. (ed.) — 1949 — Readings in the Clinical Method in Psychology, Harper, New York, U. S. A., XI — 740 Pp.
- WATSON, R. — 1951 — The Clinical Method in Psychology. Harper, New York, U. S. A., XII — 779 Pp.
- WAUGH, A. E. — s. d. — Elementos de Estatística, trad. Pellanda, E., Edit. Globo, Porto Alegre, Brasil, XXVI — 489 Pp.
- WAWRZASZEK, F. e outros — 1958 — A comparison of H. T. P. responses of handicapped and non handicapped children. *J. Clin. Psych.*, 2, 160-162.
- WECKOWICZ, T. E. e SOMMER, R. — 1960 — Body image and self-concept in schizophrenia. *J. Ment. Sci.*, 106, 17-39.

- WEIDER, A. e NOLLER, P. A. — 1953 — Objective studies of children's Drawings of Human Figures. II. Sex, age, intelligence. *J. Clin. Psych.*, 9, 20-23.
- WEIL, P. G. — 1950 — Caracteristiques du développement du dessin par groupes d'ages, selon divers auteurs. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 221-226.
- WEIL, P. G. — 1950 a — Le test du dessin d'un bonhomme comme controle périodique simple et rapide de la croissance mentale. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 227-243.
- WEIL, P. G. — 1950 b — Étude factorielle de courbes de croissance mentale. Contribution expérimentale à l'étude de la loi de régression de Ribot. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 244-260.
- WEINBERG, J. R. — 1960 — A further investigation of body-cathexis and the self. *J. Consult. Psych.*, 24, 3, 277.
- WERNER, H., WAPNER, S. e COMALLI, P. E., Jr. — 1957 — Effect of boundary on perception of head size. *Percept. Motor Skills*, 7, 69-71.
- WEST, J. H. — 1960 — Correlates of the Drawing-a-Scene Test. *J. Clin. Psych.*, 1, 44-45.
- WEST, J. V. e BAUGH, V. S. — 1961 — Roschach and Draw-a-Person responses of hypnotized and nonhypnotized subjects. *Amer. Psych.* 16, 7, 426 (Abstract).
- WHEELER, J. I. Jr. e CALDWELL, B. M. — 1953 — A psychological evaluation of women with cancer of the breast and of the cervix. *Amer. Psych.*, 8, 8, 453-454 (Abstract).
- WHITAKER JR., L. — 1961 — The use of an extended Draw-a-Person Test to identify homosexual and effeminate men. *J. Consult. Psych.*, 25, 6, 482-485.
- WHITMYRE, J. W. — 1953 — The significance of artistic excellence in the judgment of adjustment inferred from human figure drawings. *J. Consult. Psych.*, 17, 6, 421-424.
- WILCOX, K. W. — 1949 — The H. T. P., in Buros, O. K., *The Third Mental Measurements Yearbook*. Rutgers Univ. Press., New Brunswick, U. S. A., 85-86.
- WINN, R. B. — 1946 — *Enciclopedia de Educación Infantil*, Paidós, Buenos Aires, Arg., 545 Pp.
- WISOTSKY, M. — 1959 — A note on the order of figure drawings among incarcerated alcoholics. *J. Clin. Psych.*, 15, 1, 65.
- WISOTSKY, M. e BIRNER, L. — 1960 — Preference for human or animal drawing among normal and addicted males. *Percept. Mot. Skills*, 10, 43-45.
- WITKIN, H. A. e outros — 1962 — *Psychological Differentiation*. John Wiley and Sons, Inc., New York, U. S. A., XII — 418 Pp.

- WOODS, W. A. e COOK, W. E. — 1954 — Proficiency in drawing and placement of hands in drawings of the human figure. *J. Consult. Psych.*, 18, 2, 119-121.
- YAKIMANSKAYA, I. S. — 1958 — O nekotorykh osobennostyakh myslitel'noi deyatel'nosti proyavlya yushchikhsya pri chtenii chertezka (Algumas peculiaridades no pensamento da criança escolar no processo de interpretar desenhos). *Dolgi. Akad. Pedag. Nauk. RSFSR*, 3, 49-54 (Abstract n.º 680, *Psychol. Abstracts*, 1961, 35, 1, 73).
- YATES, A. J. — 1956 — The rotation of drawings by brain-damaged patients. *J. Abn. Soc. Psych.*, 53, 2, 178-181.
- ZAKS, M. S. — 1960 — "Draw-a-man-with-a-club". A Technique for study of aggression and relations to authority figures. *Percept. Mot. Skills*, 10, 46.
- ZAUSMER, A. — 1954 — Um estudo sobre o Teste Goodenough num grupo de pré-escolares de São Paulo, *Arq. Bras. Psicotécnica*, 4, dez., 37-55.
- ZAUSMER, A. — 1954/55 — Teste de inteligência na base do desenho da figura humana. *Bol. Psicol.*, São Paulo, 6-7, 21-24, 47-58.
- ZAUSMER, A. — 1961 — Expressão gráfica da agressão. *Bol. Psicol., Soc. Psicol. S. Paulo*, 41-42, 19-24.
- ZAZZO, R. — 1950 — Le geste graphique et la structuration de l'espace. *Enfance*, 3-4, n.º especial, 204-220.
- ZAZZO, R. — 1960 — Le dessin chez l'enfant. *Bulletin Psych., Groupe d'Etudes Psychol., Univ. Paris*, 12, 9, 496-498.
- ZAZZO, R. — 1960 a — Le dessin chez l'enfant (suite) *Bull. Psychol., Groupe d'Etudes Psychol., Univ. Paris*, 13, 10, 542-544.
- ZILER, H. — 1958 — Der Mann-Zeichen-Test, Aschendorff, Münster, Alem., 51 Pp.
- ZIMET, C. N. e BERGER, A. S. — 1960 — Emotional factors in primary glaucoma. *Psychosom. Med.*, 22, 391-399. (Abstract n.º 5300, *Psychol., Abstracts*, 1961, 35, 4, 532).
- ZIMMER, H. — 1955 — Validity of sentence completion tests and human figure drawings. In Brower, D. e Abt, L. E., *Progress in Clinical Psychology*, II, 58-75 (Abstracts n.º 7239, *Psych. Abstracts*, 1956, 30, 5, 649).
- ZUK, G. H. — 1960 — Size: its significance in the copied drawings of children. *J. Clin. Psych.*, 26, 1, 38-42.
- ZUK, G. H. — 1960 a — Children's spontaneous object elaborations on a visual-motor test. *J. Clin. Psych.*, 16, 280-283.

- ZUK, G. H. — 1961 — The relation of mental age to size of figure on the Draw-a-Person Test. *Amer. Psychol.*, 16, 7, 392-393 (Abstract).
- ZUK, G. H. — 1962 — Relation of mental age to size of figure on the Draw-a-Person Test. *Perc. Motor Skills*, 14, 3, 410.
- ZULLIGER, H. — 1956 — “Complex d’abandon” in Tafeln-Z-Test. *Prax. Kinderpsych. Kinderpsychiatr.*, 5, 114-119.
- ZULLIGER, H. — 1956 a — Un cas de pseudo-débilité. *Rev. Psych. Appliquée*, 6, 3, 161-177.

C — SUMARIO

O presente trabalho relata uma pesquisa feita sôbre o desenho da figura humana em adolescentes de ambos os sexos de idades entre 12 e 18 anos inclusive, e provenientes de quatro grandes centros urbanos do país.

O material de estudo foi colhido em cêrca de quinhentos adolescentes, segundo a técnica de Machover, que consiste em solicitar o desenho de uma pessoa e, a seguir, de outra do sexo oposto ao da primeira. Obteve-se assim um número duplo de desenhos e a amostra com que se trabalhou contava com 475 figuras masculinas e 475 femininas. Os sujeitos, aqui denominados autores dos desenhos, foram caracterizados em função de idade, sexo, escolaridade, interêsses profissionais e nível sócio-econômico-cultural, êste último através da ocupação dos pais.

Procedeu-se à análise dos desenhos seguindo uma enumeração exaustiva dos itens da realização gráfica e passou-se à elaboração dos quadros e tabelas.

A interpretação e discussão dos resultados expressos nas tabelas permitiu chegar a uma crítica dos significados psicológicos propostos aos itens do desenho da figura humana; a uma caracterização psicológica do grupo de adolescentes estudados; ao estabelecimento dos traços comuns e não comuns à realização gráfica do grupo; e finalmente à determinação das diferenças características em função dos sub-grupos de idade, em termos de desenhos feitos por rapazes e por moças e em relação às figuras masculina e feminina típicas.

Como fecho da pesquisa, resultante da confluência de várias das conclusões parceladas, pôde-se provar a eficiência da técnica de Machover, ao mesmo tempo que acentuar a necessidade de prosseguimento dos estudos para a determinação de escalas de masculinidade-feminilidade através do desenho da figura humana.

A caracterização psicológica do grupo, possibilitada pelo uso das interpretações propostas pelos autores especializados aos itens do desenho, chama atenção para o benefício do emprego do DAP nas pesquisas de Psicologia da Adolescência.

O estabelecimento de traços comuns e não comuns à realização gráfica dos adolescentes, bem como a determinação das diferenças em função do sexo e da idade do autor e do sexo da figura, fornecem aos interessados valiosos auxílios para o bom uso da técnica de Machover.

Além do relato da pesquisa, o presente trabalho contém, em sua parte introdutória, estudos sobre o desenho, tal como é abordado em Psicologia, especialmente no plano da projeção da personalidade; e sobre o desenho da figura humana, com o problema correlato das pesquisas sobre o conceito de imagem corporal e suas implicações na personalidade.

SUMMARY

The present report is about research on the human figure drawings by male and female adolescents, whose age ranged from 12 to 18 inclusive, from four large urban center in Brazil.

The data for this study were gathered from five hundred adolescents, using the Machover technique. This technique consists of asking the subject to draw a human figure and, immediately after, the subject is requested to draw another figure of the opposite sex. In this way, a pair of drawings was obtained from each subject providing a work sample of 475 male figures and an equal number of female figures. The data were obtained on the subjects' age, sex, years of school attendance, professional interests and parental socio-economic and cultural level.

The analysis of the drawings followed an exhaustive enumeration of the items concerning the performance; the next step dealt with the elaboration of charts and tables.

The interpretation and discussion of the results, as presented in the tables, made possible a critical analysis of the

psychological meanings contained in the items of the human figure drawing.

It also enabled a psychological characterization of the group of adolescents studied, as well as the establishment of common and uncommon trait patterns in the graphic products. Finally, it was possible to determine the characteristic differences for the subgroups of age, in terms of the graphic products of male and female adolescents and in relation to the typical masculine and feminine figures.

The effectiveness of the Machover technique could be proved by the convergence of several partial conclusions. It was also clear the need to continue the present study in order to determine the masculinity and femininity scales derived from the human figure drawing.

The psychological characterization of the group elicited by the interpretation of the items, as it is done by the specialized authors, emphasizes the benefit of the D.A.P. in research in Adolescent Psychology.

The establishment of common and uncommon trait patterns in the graphic products of adolescents as well as the determination of differences in relation to the subjects age and sex and the sex of the figure are helpful to those interested in the use of the Machover technique.

In addition to the research findings, the present report contains in the Introduction a study on drawing as it is approached in Psychology, especially in the field of personality projection. It is also included a discussion of the related problem of research on the concept of body image and its implications for personality.

SOMMAIRE

Ce travail rapporte une recherche concernant les dessins de la figure humaine recueillis parmi des adolescents des deux sexes, âgés de 12 à 18 ans inclus, et habitant quatre grands centres urbains du pays.

Le matériel d'étude a été récolté parmi près de cinq cents adolescents d'après la technique Machover, où l'examen d'un dessin est immédiatement suivi de l'examen d'un autre dessin composé par un individu du sexe opposé. On a obtenu, par conséquent, un nombre double de représentations, la collection étudiée renfermant 475 figures mâles et 475 figures féminines. Les sujets, ici nombrés auteurs des dessins, ont été caractérisés en fonction de leur âge, leur sexe, leur formation écolière, leurs intérêts professionnels et, selon le métier de leurs parents, leur degré socio-économique et culturel.

Après l'analyse des dessins où l'on a suivi une fatigante énumération des items de la réalisation graphique, on a passé à l'élaboration des tables et des tableaux.

L'interprétation et la discussion des résultats exprimés dans les tables a proportionné une évaluation des significations psychologiques proposées aux items du dessin de la figure humaine; à une caractérisation psychologique du groupe des adolescents étudiés; à l'établissement des traits communs et pas communs à la réalisation graphique du groupe; à la détermination, enfin, des différences caractéristiques en fonction des sub-groupes en âge, dans des termes de dessins exécutés par des garçons et des filles et en rapport aux figures mâle et femelle typiques.

Comme clef de la recherche et résultant de la convergence de plusieurs des conclusions parcellées, on a pu démontrer, en même temps, l'efficacité de la technique Machover et marquer le besoin d'une poursuite des études visant la détermination des échelles de masculinité-féminilité à partir de la représentation de la figure humaine.

La caractérisation psychologique du groupe, rendue possible grâce à l'emploi des interprétations que les auteurs spécialisés proposent pour les items du dessin, nous éveille sur le bénéfice de l'emploi du DAP dans les recherches ayant rapport à la Psychologie de l'Adolescence.

L'établissement de traits communs et pas communs à la réalisation graphique des adolescents, aussi bien la détermination des différences en fonction du sexe et de l'âge de l'auteur

et du sexe de la figure offrent aux studieux des éléments inestimables pour le bon emploi de la technique Machover.

Outre le compte rendu de la recherche, ce travail contient, dans son introduction, des études sur le dessin tel comme il est envisagé en Psychologie et spécifiquement sur le plan de la projection de la personnalité; et sur le dessin de la figure humaine, renfermant le problème corrélatif des recherches sur le concept de l'image corporelle et ses implications dans la personnalité.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende arbeit giebt eine nachforschung wieder ueber das zeichnen von menschlichen figuren ausgefuehrt von jungen maennern und maedchen im alter zwischen 12 und 18 jahren, die aus vier verschiedenen grossen stadt-zentren des landes stammen.

Das material fuer das studium wurde zusammengefasst von ca. 500 jungen menschen wobei die technik von Machover angewandt wurde. Diese besteht darin, zuerst eine menschliche figur zeichnen zu lassen und darauf eine zweite figur des anderen geschlechtes als die erste, ausfuehren zu lassen. Dadurch wurde eine doppelte zahl von zeichnungen erreicht und als ergebnis fuer die nachforschung waren 475 maennliche figuren und 475 weibliche zur verfuegung. Die ausfuehrenden jungen menschen, die wir hier autoren der zeichnungen nennen wollen, wurden in kategorien nach den verschiedenen altersstufen, sexo, schulbildung, berufliche interessen und ihrem sozialen, wirtschaftlichen und kulturellen niveau nach eingeteilt. Das kulturelle niveau wurde festgelegt nach der beschaeftigung der eltern.

Die analise der zeichnungen wurde vorgenommen durch erschöpfende bezeichnung durch nummern der verschiedenen einzelpunkte der grafischen verwirklichung und danach wurden die einzelnen tabellen und statistischen angaben aufgestellt.

Die folgerungen und diskussionen der ergebnisse, welche die tabellen anzeigten, erlaubte eine kritik der psychologischen bedeutungen zu den einzelnen punkten der zeichnungen der menschlichen figur; ferner konnte man jede gruppe von jungen menschen die studiert wurde, psychologisch charakterisieren: es konnten festgestellt werden in ein und derselben gruppe bestimmte linien als allgemein gueltig wie aber auch andere linien, die von allgemeinen abwichen bei der verwirklichung der zeichnungen; und schliesslich konnte man die unterschiede, welche charakteristisch waren, feststellen und die sich bezogen auf: unter-gruppen der verschiedenen jahresklassen, auf die ausfuehrungen der zeichnungen durch jungen oder durch maedchen und auch auf die typisch weiblichen oder maennlichen figuren.

Als abschluss der nachforschungen, ergebniss der zusammenfassung von verschiedenen einzel-resultaten, konnte die genauigkeit der Machover-Technik bewiesen werden. Gleichzeitig muss die notwendigkeit betont werden, fortzufahren im studium zur festlegung der einordnungen von masculinidade-feminilidade durch das zeichnen der menschlichen figur.

Die charakterisierung der psychologie einer gruppe, die ermoeeglicht wird durch den gebrauch der folgerungen, welche von den autoren, spezialisiert in den einzelnen punkten der zeichnung, vorgeschlagen wird, macht aufmerksam auf den vorteil der anwendung des "DAP" bei den nachforschungen der psychologie junger menschen.

Die festlegung allgemein gueltiger und nicht allgemein gueltiger linien bei der grafischen ausfuehrung durch junge menschen, ebense wie die feststellung der verschiedenheiten in bezug auf sexo und alter der autoren und dem sexo der gezeichneten figur, geben den interessierten wertvolle hilfsmittel fuer eine geneue anwendung der Machover-Technik.

Ausser der wiedergabe der forschung, enthaelt die gegenwaertige arbeit, in ihrem einfuehrenden teil, studien ueber zeichnungen, wie sie in der psychologie erlaeutert werden, besonders in betrachtung als ausdruck der persoenlichkeit;

und ueber die zeichnung der menschlichen figur in zusammenhang des problems der nachforschungen ueber den begriff der koerperlichen imagination und seinen einfluss auf die persoenlichkeit.

D — APÊNDICES

I — Codificação dos itens do desenho da figura humana

- 000 — Recusa a desenhar
- 00 — Desenho desintegrado
 - 0 — Figura de Preisler (desenho pedagógico)
 - 1 — Figura do próprio sexo em 1.º lugar
 - 2 — Figura do próprio sexo em 2.º lugar
 - 3 — Figura masculina e feminina de igual tamanho
 - 4 — Figura masculina maior que a feminina
 - 5 — Figura masculina menor que a figura feminina
 - 6 — Figura completa
 - 7 — Figura incompleta ou abandonada
 - 8 — Posição vertical da fôlha
 - 9 — Posição diferente (horizontal)
- 10 — Tamanho: fôlha tôda ou quase
- 11 — Metade da fôlha
- 12 — 2/3 da fôlha
- 13 — 1/3 da fôlha
- 14 — 1/4 da fôlha
- 15 — 1/6 da fôlha
- 16 — 1/8 da fôlha
- 17 — 1/16 da fôlha
- 18 — 1/32 da fôlha
- 19 — 1/64 da fôlha
- 20 — Centro
- 21 — Esquerda
- 22 — Direita
- 23 — Metade superior
- 24 — Metade inferior
- 25 — 1.º quadrante
- 26 — 2.º quadrante
- 27 — 3.º quadrante
- 28 — 4.º quadrante
- 29 — Diagonal
- 30 — Em pé
- 31 — Sentada

- 32 — Deitada ou ajoelhada
- 33 — Estática
- 34 — Em movimento
- 35 — Figura tôda de perfil
- 36 — Cabeça de perfil, corpo de frente
- 37 — Cabeça e pés de perfil
- 38 — Pés de perfil só
- 39 — Confusão no perfil (erros sérios)
- 40 — Figura tôda de frente
- 41 — Figura tôda de costas
- 42 — Estereótipo
- 43 — Mais jovem que o autor
- 44 — De idade aproximada
- 45 — Mais velha que o autor
- 46 — Figura com título
- 47 — Linha fina
- 48 — Linha média
- 49 — Linha grossa
- 50 — Traçado trêmulo
- 51 — Traçado de avanços e recuos
- 53 — Traçado contínuo ou firme
- 54 — Transparências
- 55 — Linha do solo
- 56 — Apoio para a figura
- 57 — Enquadrada (em janela, quadro, elevador, etc.)
- 58 — Em cena (outros elementos da situação)
- 59 — **Cabeça:** 1/8 da figura
- 60 — 1/7 da figura
- 61 — 1/6 da figura
- 62 — 1/5 da figura
- 63 — 1/4 da figura
- 64 — 1/3 da figura
- 65 — Metade da figura
- 66 — Omissão
- 67 — **Cabelos:** compridos
- 68 — Médios
- 69 — Curtos
- 70 — Destacados da cabeça
- 71 — Abundantes
- 72 — Escassos
- 73 — Penteados e cuidados
- 74 — Desordenados
- 75 — Sombreamento ou borradura
- 76 — Contôrno impreciso, borrado ou confuso

- 77 — Omissão
- 78 — **Rosto:** pintado ou com linhas extras
- 79 — Sombreamento ou borradura
- 80 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 81 — Omissão dos detalhes faciais
- 82 — **Olhos:** grandes
- 83 — Médios
- 84 — Pequenos
- 85 — Um só olho em cabeça de perfil
- 86 — Um só olho em cabeça de frente
- 87 — Pupila
- 88 — Pestanas
- 89 — Sobrancelhas
- 90 — Sombreamento ou borradura
- 91 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 92 — Omissão
- 93 — **Nariz:** grande ou comprido
- 94 — Médio
- 95 — Pequeno
- 96 — De perfil em cabeça de perfil
- 97 — De perfil em cabeça de frente
- 98 — Narinas
- 99 — Sombreamento ou borradura
- 100 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 101 — Omissão
- 102 — **Bôca:** grande
- 103 — Média
- 104 — Pequena
- 105 — Para cima, tipo palhaço
- 106 — Para baixo ou côncava
- 107 — De perfil
- 108 — Cerrada
- 109 — Língua, palito, cigarro ou outro detalhe
- 110 — Dentes
- 111 — Lábios finos
- 112 — Lábios grossos
- 113 — Lábios em arco de Cupido
- 114 — Sombreamento ou borradura
- 115 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 116 — No lugar do nariz
- 117 — Omissão
- 118 — **Bigode**
- 119 — **Barba**
- 120 — **Orelhas:** grandes

- 121 — Médias
- 122 — Pequenas
- 123 — Uma só orelha em cabeça de perfil
- 124 — Uma só orelha em cabeça de frente
- 125 — Orelhas bem detalhadas
- 126 — Brincos
- 127 — Forma estranha ou distorção na forma
- 128 — Sombreamento ou borradura
- 129 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 130 — Omissão
- 131 — **Pescoço:** alto ou comprido
- 132 — Proporcionado na altura
- 133 — Curto
- 134 — Delgado ou fino
- 135 — Proporcionado na largura ou grossura
- 136 — Grosso
- 137 — Colar ou outra jóia
- 138 — Linha cortando o pescoço
- 139 — Pomo de Adão (na figura masculina)
- 140 — Decote em V
- 411 — Distorção na forma
- 142 — Sombreamento ou borradura
- 143 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 144 — Contorno duplo
- 145 — Omissão
- 146 — **Tronco:** completo
- 147 — Da cintura para cima, só
- 148 — Distorção na forma ou forma estranha
- 149 — Lacuna no tronco
- 150 — Omissão
- 151 — Quadrangular
- 512 — Oval ou elíptico
- 153 — Linhas arredondadas
- 154 — Linhas angulosas
- 155 — Ombros grandes musculosos
- 156 — Ombros pequenos e mirrados
- 157 — Ombros de contorno sombreado ou borrado
- 158 — Seios de frente
- 159 — Seios de perfil (em figura de perfil)
- 160 — Acentuação do mamilo
- 161 — Seios sombreados ou borrados
- 162 — Órgãos genitais ou região genital assinalada
- 163 — Órgãos genitais sombreados ou borrados
- 164 — Cadeiras e nádegas avantajadas

- 165 — Cadeiras de contôrno sombreado ou borrado
- 166 — Pêlos no peito ou na região genital
- 167 — Tórax: sombreado ou borradura
- 168 — Contôrno impreciso, borrado ou confuso
- 169 — Contôrno duplo
- 170 — Linha da cintura como um traço
- 171 — Linha da cintura reforçada, sombreada ou interrompida
- 172 — Cinto comum
- 173 — Cinto bem apertado como “cinturita”
- 174 — Abdômen: sombreado ou borradura
- 175 — Contôrno impreciso, borrado ou confuso de todo o tronco
- 176 — Contôrno duplo do tronco
- 177 — **Braços:** longos
- 178 — Proporcionados no comprimento
- 179 — Curtos
- 180 — Finos ou delgados
- 181 — Proporcionados na grossura
- 182 — Grossos
- 183 — Estendidos do corpo para o ambiente
- 184 — Voltados para trás do corpo
- 185 — Voltados para frente do corpo
- 186 — Um para trás do corpo, outro para frente
- 187 — Pendentes ao longo do corpo
- 188 — Flexionados para cima
- 189 — Um para cima, outro para baixo
- 190 — Pulseira ou outro enfeite ou detalhe
- 191 — Sombreado ou borradura
- 192 — Contôrno impreciso, borrado ou confuso
- 193 — Braço como uma linha
- 194 — Um só braço em figura de perfil
- 195 — Um só braço em figura de frente
- 196 — Omissão dos dois braços
- 197 — **Mãos:** grandes
- 198 — Médias
- 199 — Pequenas
- 200 — Luvas
- 201 — Punho cerrado ou mão sem dedo
- 202 — **Dedos** sem mão
- 203 — Encerrados por uma linha
- 204 — Muito compridos
- 205 — Como palitos
- 206 — Como garras ou pontudos
- 207 — “Em pétala”
- 208 — Com unhas

- 209 — Em maior número
- 210 — Em menor número
- 211 — Castração de dedos (um ou mais)
- 212 — Sombreamento ou borradura
- 213 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 214 — Colocação atrás das costas
- 215 — Colocação nos bolsos
- 216 — Colocação atrás de livros ou outros objetos
- 217 — Omissão simples
- 218 — **Pernas:** longas
- 219 — Proporcionadas no comprimento
- 220 — Curtas
- 221 — Finas ou delgadas
- 222 — Proporcionadas na grossura
- 223 — Grossas
- 224 — Sombreamento ou borradura
- 225 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 226 — Pernas como uma linha
- 227 — Uma só perna em figura de perfil
- 228 — Uma só perna em figura de frente
- 229 — Omissão das pernas
- 230 — **Pés:** como uma linha apenas
- 231 — Grandes
- 232 — Médios
- 233 — Pequenos
- 234 — Sapatos com detalhes
- 235 — Sapatos sem detalhes
- 236 — Dedos presentes em figura nua
- 237 — Dedos presentes em figura vestida: praia ou esporte
- 238 — Dedos presentes em figura com traje comum mas sem sapatos
- 239 — Dedos presentes em sandália aberta
- 240 — Dedos com unhas
- 241 — Pés de perfil
- 242 — Pés de frente
- 243 — Pés de costas
- 244 — Sombreamento ou borradura
- 245 — Contorno impreciso, borrado ou confuso
- 246 — Omissão dos pés
- 247 — **Articulações**
- 248 — **Roupa ou acessórios:** traje de noite
- 249 — Traje de praia ou esporte
- 250 — Traje comum incompleto
- 251 — Traje comum completo
- 252 — Vestido bem decotado

- 253 — Uniforme
- 254 — Meia
- 255 — Calça com vinco
- 256 — Calça com vistas
- 257 — Bolsos
- 258 — Botões
- 259 — Gravata
- 260 — Adôrnos: broches, flores, lenços, etc.
- 261 — Chapéu
- 262 — Objetos na mão: guarda-chuva, bengala, revolver, bolsas, pasta, livros, etc.
- 263 — Sombreamento ou borradura da roupa tôda
- 264 — Contôrno impreciso, borrado ou confuso da roupa
- 265 — Contôrno duplo da roupa
- 266 — Sombreamento ou borradura da blusa, camisa ou paletó
- 267 — Sombreamento ou borradura da saia ou calça
- 268 — Sombreamento ou borradura da barra da saia ou calça
- 269 — Omissão da roupa
- 270 — **Linha média:** com botões, gravata ou linha mesmo
- 271 — Pernas ocultas em traje de noite
- 272 — Pernas ausentes ou incompletas por não caber no papel
- 273 — Dedos arredondados
- 274 — Tamanho: 1/128 da fôlha
- 275 — Tronco redondo
- 276 — Tronco triangular ou em trapézio
- 277 — Tronco em duplo-trapézio
- 278 — Tronco retangular
- 279 — Borradura de todo o tronco

II — Categorias para a tabulação

- I — Ordem das figuras do par — itens 1 e 2.
- II — Tamanho relativo das duas figuras do par — itens 3, 4 e 5.
- III — Completamento das figuras — itens 6 e 7.
- IV — Posição da fôlha — itens 8 e 9.
- V — Tamanho das figuras em relação à fôlha — itens de 10 a 19 + 274.
- VI — Localização na fôlha — itens de 20 a 29.
- VII — Postura das figuras — itens de 30 a 32.
- VIII — Movimento das figuras — itens de 33 a 34.
- IX — Perspectiva das figuras — itens de 35 a 41.
- X — Tema dos desenhos — itens de 42 a 46.
- XI — Espessura da linha e consistência do traçado — itens 47 a 53.
- XII — Transparências — item 54.
- XIII — Linha do solo e outros complementos — itens de 55 a 58.
- XIV — Tamanho relativo da cabeça — itens de 59 a 66.
- XV — Cabelos — comprimento e detalhes — itens de 67 a 77.
- XVI — Rosto — itens de 78 a 81.
- XVII — Olhos — tamanho e detalhes — itens de 82 a 92.
- XVIII — Nariz — tamanho e detalhes — itens de 93 a 101.
- XIX — Bôca — tamanho, formato e detalhes — itens de 102 a 117.
- XX — Bigode e barba — itens 118 e 119.
- XXI — Orelhas — tamanho e detalhes — itens de 120 a 130.
- XXII — Pescoço — dimensões e detalhes — itens de 131 a 145.

- XXIII — Tronco — conformação e detalhes — itens de 146 a 176 + de 275 a 279.
- XXIV — Braços — número, posição e detalhes — itens de 177 a 196.
- XXV — Mãos e dedos — tamanho, posição e detalhes — itens de 197 a 217.
- XXVI — Pernas — número, dimensões e detalhes — itens de 218 a 229 + 271 e 272.
- XXVII — Pés e dedos — tamanho, posição e detalhes — itens de 230 a 246.
- XXVIII — Articulações — item 247.
- XXIX — Roupas e acessórios — itens de 248 a 269.
- XXX — Linha média da figura — item 270.

III — Instruções para a aplicação do “Teste da Árvore” e da “Figura Humana”

Material necessário para cada adolescente:

- 1) Lápis preto comum. (Johann Faber n.º 2).
- 2) Borracha.
- 3) Apontador ou “Gillette”.
- 4) 3 folhas de papel, tamanho ofício.
- 5) Uma folha pequena para eventuais anotações.

Instruções ao aplicador:

- 1) Providencie lugar cômodo para o adolescente sentar e desenhar. Ele deverá trabalhar sozinho, sem receber sugestões ou comentários de outras pessoas. Por isso não deixe ninguém junto dele durante a execução do desenho.
- 2) Forneça ao adolescente uma folha de papel para o desenho, colocando-a à frente dele, sobre a mesa, em posição vertical ao eixo do corpo dele. Forneça-lhe lápis, borracha, apontador ou “gillette”.
- 3) Dê as seguintes instruções:

“Você vai fazer o desenho de uma árvore frutífera. Pode usar a borracha e apontar o lápis, se quiser e quando quiser.

- 4) Deixe o adolescente trabalhar o tempo que desejar. A qualquer pergunta sobre detalhes do desenho, responda — **“Como quiser”** ou **“À vontade”**.
- 5) Quando ele der por terminado o desenho, marque no verso da folha o nome do autor, o tempo gasto e qualquer observação que possa ter sido feita pelo adolescente sobre o desenho executado.
- 6) Coloque outra folha, na mesma posição da anterior, (isto é, à frente do adolescente e em posição vertical ao seu corpo) e diga:

“Agora você vai desenhar uma figura humana”.

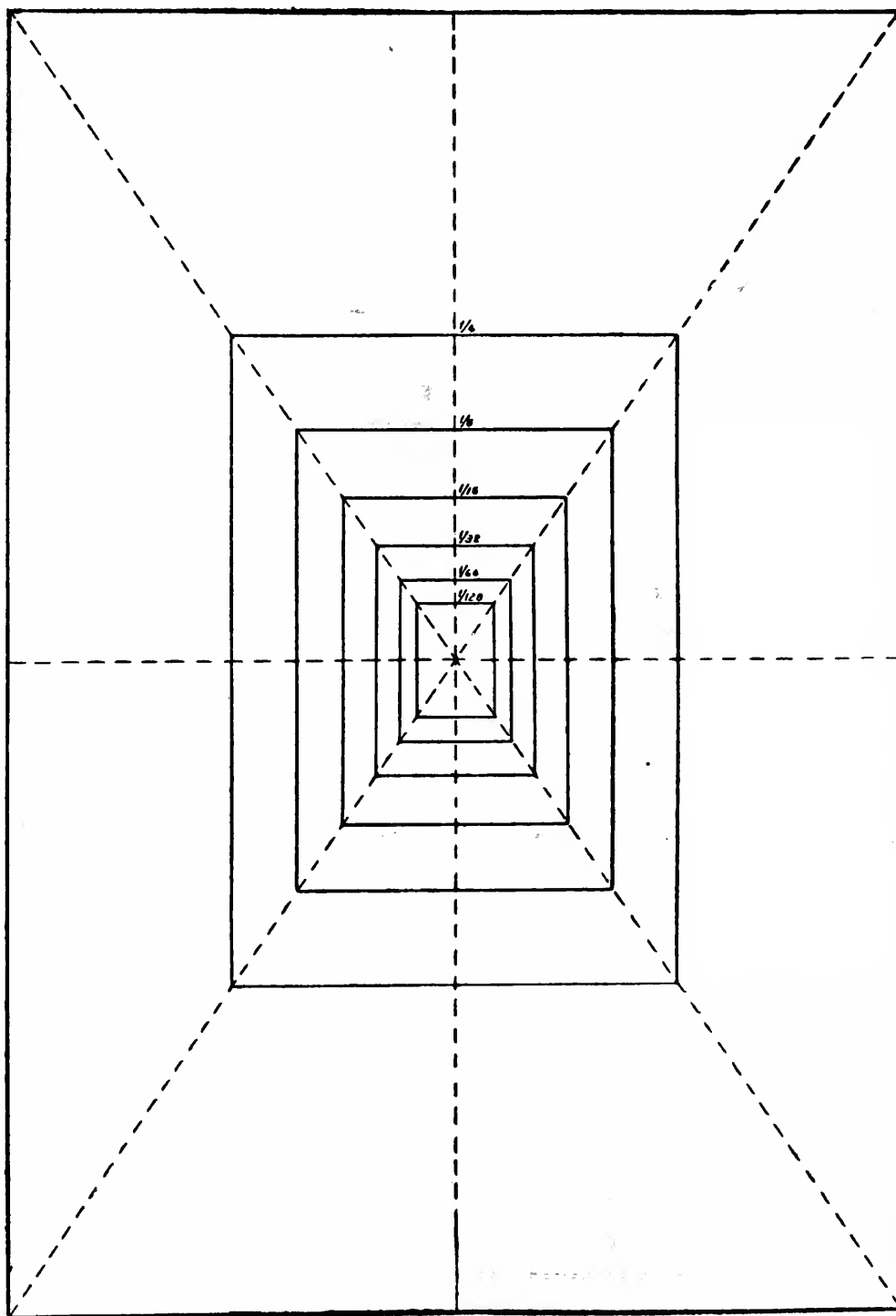
Observação Se notar que o examinando vai fazendo tipo de desenho pedagógico, isto é, figurinha esquemática, só de linhas, geométrica, avise que deve ser desenho comum, não esquematizado.

Se notar tendência para desenho apenas do busto ou do rosto, observe que deve ser figura de corpo inteiro. Se não couber na folha a figura toda, porque o rosto saiu grande, já que o adolescente pensava que era só isto, avise para recomeçar no verso da folha.

- 7) Às perguntas sobre detalhes: com roupa ou sem roupa; de frente ou de perfil, etc., responda sempre: **“Como quiser”**.
- 8) Quando o adolescente der por terminado o desenho, numere a figura, anotando I, e marque no verso da folha o nome do autor, o tempo gasto, e qualquer observação do autor sobre o desenho feito.
- 9) Apresente outra folha, colocando-a na mesma posição das anteriores e solicite **“Agora desenhe uma figura humana do outro sexo”**. (frisando) **“um homem”** (se o 1.º desenho foi de sexo feminino), **“uma mulher”** (no caso contrário).

- 10) Em caso de dúvida quanto ao sexo da 1.^a figura humana desenhada, antes de solicitar o outro desenho, pergunte com jeito: **“Você desenhou um homem ou uma mulher?”** Só depois peça o desenho da figura do outro sexo. Se fôr necessário, observe novamente a questão do corpo inteiro e do desenho esquemático (vide observação do item 6).
- 11) Quando o adolescente der por terminado o desenho, marque no verso da fôlha o nome do autor, o tempo gasto e qualquer comentário feito.
- 12) Se o adolescente relutar para desenhar, alegando não saber, não ter jeito, etc., insista no fato que não se está buscando ver uma aptidão para o desenho que nem todos têm; que nós necessitamos do desenho para estudos teóricos, etc. Se a pessoa recusar-se terminantemente, anotar a rejeição na fôlha destinada ao desenho, ao lado do nome e dos comentários feitos pelo adolescente.

IV — Crivo de avaliação para o tamanho do desenho
em relação à fôlha



V — Crivo de avaliação para a localização do desenho na fôlha

VI — ILUSTRAÇÕES

Apresentamos a seguir, alguns dos desenhos estudados para exemplificar certos aspectos da análise feita. Assinalamos em cada figura apenas alguns aspectos característicos para chamar a atenção sobre determinados itens do desenho. Convém lembrar, porém, que todos os itens da codificação apresentada no apêndice I foram examinados em cada figura humana desenhada.

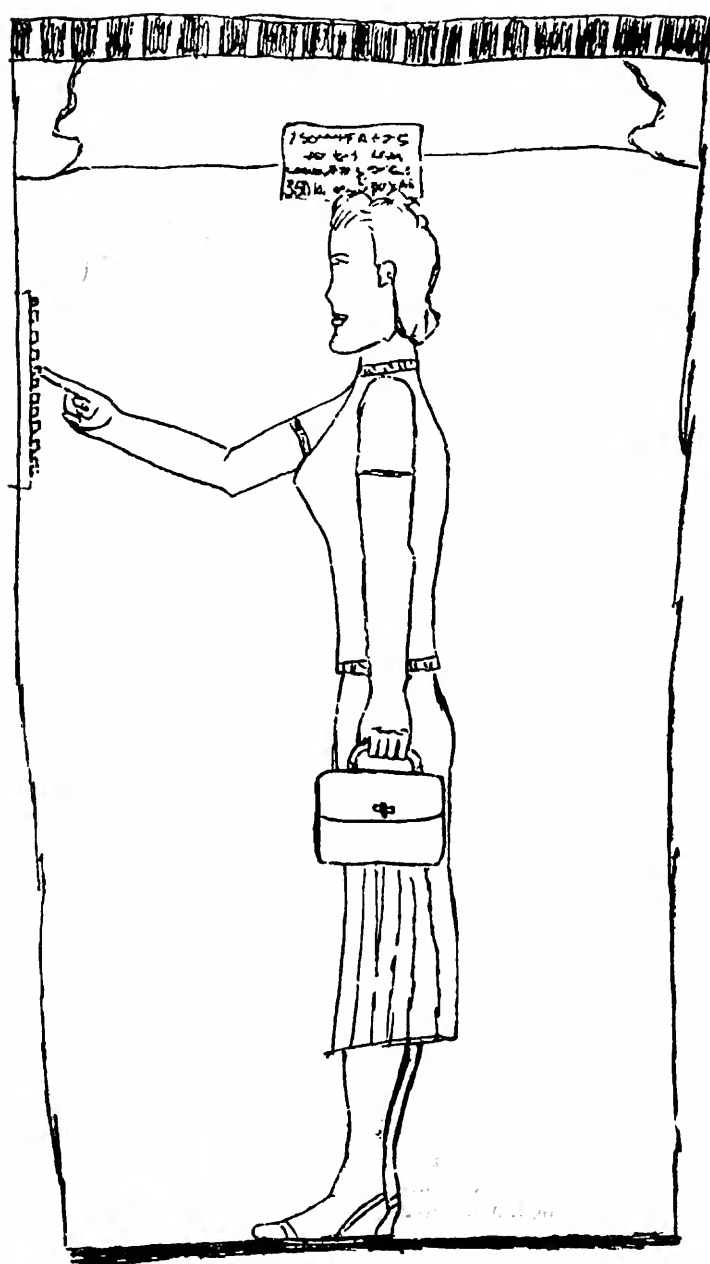


Fig. 1

Desenho de adolescente do sexo masculino de 14 anos de idade, feito em segundo lugar, com as seguintes características principais: figura em movimento, toda de perfil, em pé, enquadrada e com linha de solo assinalada, mais velha que o autor; cabelos com contorno borrado ou confuso, boca com lábios grossos, nariz pequeno, dedos compridos, objeto na mão.



Fig. 2

Sujeito do sexo masculino, de 18 anos.

Figura feita em segundo lugar, estática, ajoelhada, com apôio e integrada em uma cena. Linha média e traçado de avanços e recuos.

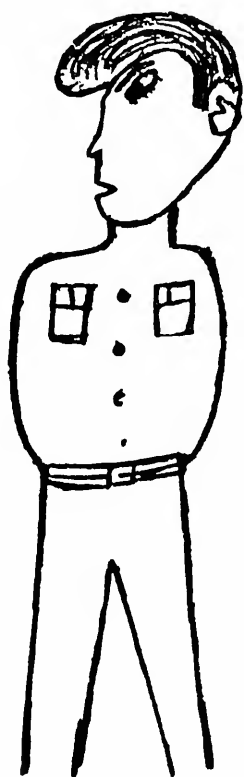


Fig. 3

Sujeito de 15 anos, sexo masculino.
Figura incompleta, estática, localizada no 4.º quadrante da folha.

Linha grossa, traçado contínuo ou firme. Cabelos abundantes, penteados e com sombreamento ou borradura. Olhos com pupila, pestanas e sombrancelhas. Orelha grande e bem detalhada. Contorno borrado do pescoço e de toda a roupa. Linha média com botões.



Fig. 4

Sujeito 13 anos, sexo masculino.
Figura desenhada em segundo lugar; estática; confusão no perfil; transparências da cintura) e articulações. Linha grossa (colar através do pescoço e cinto através e traçado contínuo ou firme. Cabelos destacados da cabeça e com sombreamento ou borradura. Sapatos com detalhes. Traje comum completo, enfeites na barra da sala.



Fig. 5

Estereótipo desenhado por adolescente de 15 anos e do sexo feminino.

Figura toda de frente, com cabelos compridos, abundantes e penteados ou cuidados. Rosto e pescoço de contorno borrado. Colar, pulseira e adorno na cabeça.



Fig. 6

Sujeito de 14 anos, sexo feminino.
Dedos da mão como palito; dedos sem a
palma da mão. Distorção na forma da ore-
lha Ausência do pescoço e do cabelo.



Fig. 7

Sujeito de 13 anos, sexo feminino.
Figura desenhada em segundo lugar, com os pés de perfil; lablos em “arco de cupido”; dedos da mão pontudos ou como garras; traje comum completo, com abundância de detalhes.



Fig. 8

Sujeito de 17 anos, sexo masculino.
Transparência (corpo visto através da roupa).
Dedos da mão "em pétala".
Dedos do pé em figura vestida sem sapatos.

VII — TABELAS

TABELA I
Distribuição, por cidade, idade e sexo do sujeito, da amostra resultante da coleta dos dados

IDADE	12 anos		13 anos		14 anos		15 anos		16 anos		17 anos		18 anos		TOTAL									
	Sexo																							
Cidade	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T						
São Paulo	13	11	24	12	9	21	8	10	18	7	8	15	7	9	16	6	8	14	5	4	9	58	59	117
Americana	16	9	25	14	6	20	6	18	24	12	13	25	9	8	17	10	7	17	6	11	17	73	72	145
Rio de Janeiro	12	10	22	14	16	30	8	13	21	7	2	9	5	7	12	5	4	9	3	5	8	54	57	111
Belo Horizonte	12	10	22	17	13	30	6	9	15	9	10	19	4	6	10	7	5	12	10	3	13	65	56	121
TOTAL	53	40	93	57	44	101	28	50	78	35	33	68	25	30	55	21	24	52	24	23	47	250	244	494

TABELA II
Distribuição, por cidade, idade e sexo, dos adolescentes estudados

IDADE	12 anos		13 anos		14 anos		15 anos		16 anos		17 anos		18 anos		TOTAL									
	Sexo																							
Cidade	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T						
São Paulo	13	10	23	12	7	19	7	10	17	7	7	14	7	8	15	6	7	13	5	4	9	57	53	110
Americana	15	8	23	14	6	20	5	18	23	12	13	25	9	7	16	10	7	17	6	10	16	71	69	140
Rio de Janeiro	12	10	22	14	16	30	8	11	19	7	2	9	3	7	10	4	4	8	2	5	7	50	55	120
Belo Horizonte	11	10	21	18	13	31	6	9	15	9	10	19	4	6	10	6	5	11	10	3	13	64	56	120
TOTAL	51	38	89	58	42	100	26	48	74	35	32	67	23	28	51	26	23	49	23	22	45	242	233	475

TABELA III

Distribuição da amostra em função do sexo e do "status" da família, através da ocupação do pai

	Frequência por sexo			
"Status" da família	M	F	T	%
1. Profissões liberais e altos cargos administrativos	18	11	29	6,1
2. Cargos de gerência e direção	20	17	37	7,7
3. Altas posições de supervisão, inspeção e outras ocupações não manuais	58	53	111	23,3
4. Posições mais baixas de supervisão, inspeção e outras ocupações não manuais .	45	56	101	21,2
5. Ocupações manuais especializadas e cargos de rotina não manuais	59	56	115	24,2
6. Ocupações manuais semi-especializadas e não especializadas	42	37	79	16,6
7. Ausência de informação sobre a ocupação do pai	0	3	3	0,6
TOTAIS	242	233	475	100,0

TABELA IV

Distribuição dos sujeitos em função da escolaridade

Curso e ano	Frequência	N	%
Alfabetização Adultos		3	0,63
Primário: 1.º ou 2.º Anos (Abandono)		15	3,15
Primário: 3.º ano		19	4,00
Primário: 4.º ano		136	28,63
Primário: 5.º ano (Admissão)		41	8,63
Médio: 1.º ano		68	14,31
Médio: 2.º ano		77	16,21
Médio: 3.º ano		49	10,31
Médio: 4.º ano		38	8,00
Médio: 5.º ano		13	2,73
Médio: 6.º ano		11	2,31
Médio: 7.º ano		5	1,05
Total		475	100,00

TABELA V**Áreas de interesse cotadas em primeiro lugar**

Frequência Áreas	M	F	Total
C.F.	102	24	126
C.B.	47	34	81
C.	25	17	81
P.	5	3	8
B.	12	20	32
S.	37	61	98
L.	25	32	57
A.	13	44	57
M.	24	57	81
Total	290	292	582

TABELA VI**Áreas de interesse cotadas em segundo lugar**

Frequência Áreas	M	F	Total
C.F.	55	28	83
C.B.	66	36	102
C.	44	37	81
P.	10	7	17
B.	21	27	48
S.	48	49	97
L.	39	56	95
A.	31	49	80
M.	36	42	78
Total	350	331	681

Nota: A frequência total das áreas de interesse, em ambos os casos excede o número de adolescentes (475) porque, em caso de empate na classificação para primeiro ou segundo lugar, os dois ou mais campos foram computados. Podemos observar que os cálculos para o segundo lugar foram mais numerosos.

Tabela VII - Ordem das Figuras do Par : Distribuição em função da Idade e do sexo do autor.

Idade	12 anos		13 anos		14 anos		Sub-totais			15 anos			16 anos			17 anos			18 anos			Sub-totais			Totais						
	Sexo																														
	Item	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T						
1	Freq.	42	30	72	47	33	80	20	35	55	109	98	207	28	26	54	21	25	46	22	20	42	12	16	28	83	87	170	192	185	377
	%	82,3	78,8	80,8	81,0	78,5	80,0	76,9	72,9	74,3	80,0	77,6	77,8	79,0	81,2	80,5	91,3	89,3	90,2	84,6	86,9	85,7	52,1	72,7	62,2	77,5	82,8	80,1	79,3	79,3	
2	Freq.	9	8	17	11	9	20	6	13	19	26	30	56	7	6	13	2	3	5	4	3	7	11	6	17	24	18	42	50	48	98
	%	17,6	21,0	19,1	18,9	21,1	20,0	23,0	27,0	25,6	19,2	23,4	21,2	20,0	18,7	19,4	8,7	10,7	9,8	15,5	13,0	14,2	47,8	27,2	47,8	27,2	37,7	22,4	17,1	19,8	20,6
T		51	38	89	58	42	100	26	48	74	135	128	263	35	32	67	23	28	51	26	23	49	23	22	45	107	105	212	242	233	475

Legenda : 1 - Figura do próprio sexo em primeiro lugar

- 2 -
various operations

Tabela VIII - Tamanho relativo das duas figuras do par: Distribuição em função da idade e sexo do autor

Idade	12 anos			13 anos			14 anos			15 anos			16 anos			17 anos			18 anos			Sub-totais			Totais							
sexo Item	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T	M	F	T					
3	Freq.		21	8	29	23	17	40	7	17	24	51	42	93	14	10	24	5	7	12	8	7	15	6	5	11	33	29	62	84	71	155
	%		41,1	21,0	32,5	39,6	40,4	40,0	26,9	35,4	32,4	37,7	32,9	35,3	40,0	31,2	35,8	21,7	25,0	23,5	30,7	30,4	30,6	28,0	22,7	24,4	30,8	27,6	23,2	34,7	30,4	32,6
4	Freq.		19	4	23	19	2	21	5	8	13	43	14	57	7	5	12	4	6	10	11	4	15	8	4	12	30	19	49	73	33	106
	%		37,2	10,5	25,7	32,7	4,7	21,0	19,2	16,6	17,5	31,8	10,9	21,6	20,0	15,6	17,9	17,3	21,4	19,6	42,3	17,3	30,6	34,7	18,1	23,6	28,0	18,1	23,1	30,1	14,1	22,3
5	Freq.		11	26	37	16	23	39	14	23	37	41	72	113	14	17	31	14	15	29	7	12	19	9	13	22	44	57	101	85	129	214
	%		21,5	68,4	41,5	27,5	54,7	39,0	53,8	47,9	59,0	30,3	55,1	42,9	40,0	53,1	46,2	60,8	53,5	55,8	26,9	52,1	33,7	33,1	59,1	48,8	41,1	54,2	47,6	35,1	55,3	45,0
T	51	38	89	58	42	100	26	48	74	135	128	263	35	32	67	23	28	51	26	23	49	23	22	45	107	105	212	242	233	475		

Legenda: 3 - Figura masculina e feminina de igual tamanho

4 - Figura masculina maior que a feminina

5 - Figura masculina menor que a feminina

TABELA IX

Distribuição das figuras incompletas em função do sexo do autor e da figura.

Item		Figura incompleta		
Sexo	Fig.	♂	♀	T
M	Freq.	12	9	21
	%	4,9	3,7	4,3
F	Freq.	7	5	12
	%	3,0	2,1	2,5
T	Freq.	19	14	33
	%	4,0	3,1	3,5

TABELA X

Distribuição em função do sexo do autor e da figura, da posição da folha, diferente da apresentada.

Item		Posição diferente		
Sexo	Fig.	♂	♀	T
M	Freq.	10	9	19
	%	4,1	3,7	3,9
F	Freq.	12	14	26
	%	5,1	6,0	5,5
T	Freq.	22	23	45
	%	4,6	4,8	4,7

TABELA XI

Distribuição das figuras em movimento em função do sexo do autor e da figura

Item		Figura em movimento		
Sexo	Fig.	♂	♀	T
M	Freq.	29	15	44
	%	11,9	6,2	9,0
F	Freq.	12	3	15
	%	5,1	1,2	3,2
T	Freq.	41	18	59
	%	8,6	3,8	6,2

Legenda:

♂ - figura do sexo masculino

♀ - figura do sexo feminino

M = sexo masculino do autor

F = sexo feminino do autor

TABELA XII

TAMANHO EM RELAÇÃO A FOLHA - distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. ^{sexo}	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
11	♂	0	8	8	4	3	7	4	11	15	3,1
	♀	4	12	16	9	5	14	13	17	30	6,3
	T	4	20	24	13	8	21	17	28	45	4,7
	%	1,5	7,8	4,5	6,7	3,8	4,7	3,5	6,0	4,7	
13	♂	12	5	17	15	6	21	27	11	38	8,0
	♀	5	8	13	14	15	29	19	23	42	8,8
	T	17	13	30	29	21	50	46	34	80	8,5
	%	6,3	5,0	5,7	13,5	10,0	11,7	9,5	7,3	8,5	
14	♂	16	10	26	20	19	39	36	29	65	13,6
	♀	24	19	43	18	15	33	42	34	76	16,0
	T	40	29	69	38	34	72	78	63	141	14,8
	%	14,8	11,3	13,1	17,7	16,2	16,8	16,1	13,5	14,8	
15	♂	11	16	27	12	17	29	23	33	56	11,7
	♀	20	19	39	19	18	37	39	38	76	16,0
	T	31	35	66	31	35	66	62	70	132	13,8
	%	11,1	13,7	12,1	14,4	16,7	15,5	12,8	15,0	13,8	
16	♂	40	27	67	28	12	41	68	40	108	22,7
	♀	33	22	55	19	27	46	52	40	101	21,2
	T	73	49	122	47	40	87	120	89	209	22,0
	%	27,0	19,1	23,5	21,9	19,0	20,5	24,8	19,1	22,0	
17	♂	30	29	59	16	24	40	46	53	99	20,8
	♀	29	31	60	16	13	29	45	44	89	18,7
	T	59	60	119	32	37	69	91	97	188	19,7
	%	21,9	23,4	22,6	14,9	17,6	16,3	19,6	20,8	19,7	
18	♂	17	17	34	8	11	19	25	28	53	11,1
	♀	18	16	34	8	8	16	26	24	50	10,5
	T	35	33	68	16	19	35	51	52	103	10,8
	%	13,0	12,8	12,9	7,5	9,0	8,3	10,5	11,1	10,8	
19	♂	6	11	17	1	6	7	7	17	24	5,0
	♀	3	5	8	2	5	7	5	10	15	3,1
	T	9	16	25	3	11	14	12	27	39	4,1
	%	3,3	6,2	4,7	1,3	5,2	3,3	2,5	5,7	4,1	
10	♂	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0,2
	♀	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	T	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0,1
	%	0	0	0	0	0	0	0	0	0	
12	♂	2	0	2	2	1	3	4	1	5	1,0
	♀	0	0	0	0	3	3	0	3	3	0,6
	T	2	0	2	2	4	6	4	4	8	0,8
	%	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0,2
274	♂	0	0	0	1	0	1	1	0	1	0,2
	♀	0	1	1	2	0	2	2	1	3	0,6
	T	0	1	1	3	0	3	3	1	4	0,4
	%	0	1	1	3	0	3	3	1	4	0,4

Legenda:

10 - Fôlha tôda ou quasi
 11 - Metade da fôlha
 12 - 2/3 da fôlha
 13 - 1/3 da fôlha
 14 - 1/4 da fôlha
 15 - 1/6 da fôlha

16 - 1/8 da fôlha
 17 - 1/16 da fôlha
 18 - 1/32 da fôlha
 19 - 1/64 da fôlha
 274 - 1/128 da fôlha.

TABELA XIII

Localização na folha: distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Sexo Fig.	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
20	♂	26	27	53	30	22	52	56	49	105	22,1
	♀	25	27	52	38	26	64	63	53	116	24,4
	T	51	54	105	68	48	116	119	102	221	23,2
	%	18,9	21,0	19,9	31,7	22,9	27,3	24,5	21,8	23,2	
21	♂	21	18	39	29	20	49	50	38	88	18,5
	♀	24	13	37	23	18	41	47	31	78	16,4
	T	45	31	76	52	38	90	97	69	166	17,4
	%	16,7	12,1	14,4	24,2	18,1	21,2	20,0	14,8	17,4	
22	♂	3	1	4	3	1	4	6	3	9	1,9
	♀	2	3	5	2	3	5	4	7	11	2,3
	T	5	4	9	5	4	9	10	10	20	2,1
	%	1,9	1,5	1,6	2,3	1,9	2,1	2,0	2,1	2,1	
23	♂	17	16	33	11	15	26	28	31	59	12,4
	♀	19	19	38	9	12	21	28	31	59	12,4
	T	36	35	71	20	27	47	56	62	118	12,4
	%	13,3	13,6	13,4	9,3	12,9	11,1	11,5	13,3	12,4	
24	♂	4	6	10	6	4	10	10	9	19	4,0
	♀	2	3	5	1	2	3	3	4	7	1,4
	T	6	9	15	7	6	13	13	13	26	2,7
	%	2,2	3,5	2,8	3,2	2,9	3,0	2,6	2,8	2,7	
25	♂	7	5	12	8	2	5	10	6	16	3,3
	♀	6	8	14	1	3	4	7	9	16	3,3
	T	13	13	26	4	5	9	17	15	32	3,4
	%	4,8	5,0	4,9	1,8	2,4	2,1	3,5	3,2	3,4	
26	♂	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0,2
	♀	2	0	2	0	0	0	2	0	2	0,4
	T	3	0	3	0	0	0	3	0	3	0,3
	%	1,1	0	0,5	0	0	0	0,6	0	0,3	
27	♂	5	2	7	0	3	3	5	5	10	2,1
	♀	3	4	7	2	3	5	5	7	12	2,5
	T	8	6	14	2	6	8	10	12	22	2,3
	%	3,0	2,3	2,6	0,9	2,9	1,8	2,0	2,6	2,3	
28	♂	51	51	102	23	37	60	74	88	162	34,1
	♀	53	50	103	30	42	72	83	92	175	36,8
	T	104	101	205	53	79	132	157	180	337	35,5
	%	38,5	39,4	38,9	24,7	37,6	31,0	32,4	38,6	35,5	
29	♂	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0,2
	♀	1	0	1	3	0	3	4	0	4	0,8
	T	1	1	2	3	0	3	4	1	5	0,5
	%	0,4	0,3	0,3	1,4	0	0,7	0,8	0,2	0,5	

Legenda:

20 - Centro
 21 - Metade esquerda
 22 - Metade direita
 23 - Metade superior
 24 - Metade inferior
 25 - 1º quadrante
 26 - 2º quadrante

27 - 3º quadrante
 28 - 4º quadrante
 29 - Diagonal.

TABELA XIV

Perspectiva das figuras - distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			totais			
Item	Sexo Fig.	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
35	♂	22	7	29	22	11	33	44	18	62	13,0
	♀	19	13	32	21	13	34	40	26	66	13,9
	T	41	20	61	43	24	67	84	44	128	13,4
	%	15,2	7,8	11,5	20,0	11,4	15,8	17,3	9,4	13,4	
36	♂	5	7	12	3	6	9	8	13	21	4,4
	♀	4	6	10	1	5	6	5	11	16	3,3
	T	9	13	22	4	11	15	13	24	37	3,9
	%	3,3	5,0	4,1	1,8	5,2	3,5	2,6	5,1	3,9	
37	♂	38	16	54	17	17	34	55	33	88	18,7
	♀	35	14	49	14	14	28	49	28	77	16,2
	T	73	30	103	31	31	62	104	61	165	17,3
	%	27,0	11,8	19,5	14,4	14,8	14,6	21,4	13,1	17,3	
38	♂	48	51	99	37	35	72	85	86	171	36,0
	♀	54	54	108	35	37	72	89	91	180	38,0
	T	102	105	207	72	72	144	174	177	351	37,0
	%	37,7	41,0	39,3	33,6	34,3	33,9	38,0	37,9	37,0	
39	♂	0	1	1	3	2	5	3	3	6	1,2
	♀	2	0	2	6	3	9	8	3	11	2,3
	T	2	1	3	9	5	14	11	6	17	1,8
	%	0,7	0,3	0,5	4,2	2,4	3,3	2,3	1,2	1,8	
40	♂	21	46	67	25	33	58	46	79	125	26,3
	♀	21	41	62	30	33	63	51	74	125	26,3
	T	42	87	129	55	66	121	97	153	250	26,3
	%	15,6	33,8	24,5	25,6	31,4	28,5	20,0	32,8	26,3	
41	♂	1	0	1	0	1	1	1	1	2	0,4
	♀	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	T	1	0	1	0	1	1	1	1	2	0,2
	%	0,4	0	0,2	0	0,4	0,2	0,2	0,2	0,2	

Legenda:

35 - Figura toda de perfil
 36 - Só cabeça de perfil
 37 - Cabeço e pés de perfil

38 - Só pés de perfil
 39 - Confusão no perfil
 40 - Figura toda de frente
 41 - Figura toda de costas.

TABELA XV

Tema do desenho: distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
42	♂	10	4	14	6	1	7	16	5	21	4,4
	♀	1	0	1	1	2	3	2	2	4	0,8
	T	11	4	15	7	3	10	18	7	25	2,6
	%	4,1	1,6	2,8	3,1	1,4	2,3	3,7	1,5	2,6	
43	♂	1	7	8	2	8	10	3	15	18	3,9
	♀	1	10	11	3	6	9	4	16	20	4,2
	T	2	17	19	5	14	19	7	31	38	4,0
	%	0,7	6,6	3,6	2,3	6,7	4,5	1,4	6,6	4,0	
44	♂	51	83	134	70	86	156	121	169	290	61,0
	♀	44	90	134	54	88	142	98	178	276	58,1
	T	95	173	268	124	174	298	219	347	566	59,8
	%	35,2	67,5	51,1	58,0	82,8	70,3	45,2	74,4	59,8	
45	♂	72	31	103	30	10	40	102	41	143	30,1
	♀	90	31	121	48	9	57	138	40	178	37,4
	T	162	62	224	78	19	97	240	81	321	33,8
	%	60,0	24,2	42,5	36,4	9,0	22,7	49,5	17,4	33,8	

Legenda:

42 - Estereótipo

43 - Figura mais jovem

44 - Figura de idade aproximada

45 - Figura mais velha

TABELA XVI

Espessura da linha e consistência do traçado. Distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
47	♂	9	15	24	11	12	23	20	27	47	9,8
	♀	11	15	26	9	15	24	20	30	50	10,5
	T	20	30	50	20	27	47	40	57	97	10,2
	%	7,4	11,7	9,5	9,3	12,9	11,0	8,2	12,2	10,2	
48	♂	95	84	179	67	81	148	162	165	327	68,8
	♀	88	89	177	63	77	140	151	166	317	66,7
	T	183	173	356	130	158	288	313	331	644	67,7
	%	67,7	67,5	67,6	60,7	75,2	67,9	46,6	71,0	67,8	
49	♂	31	29	60	29	12	41	60	41	101	21,2
	♀	36	24	60	35	13	48	71	37	108	22,7
	T	67	53	120	64	25	89	131	78	209	22,0
	%	24,8	20,7	22,8	29,9	11,9	20,9	27,1	16,7	22,0	
51	♂	5	5	10	5	8	13	10	13	23	4,8
	♀	6	4	10	6	5	11	12	9	21	4,4
	T	11	9	20	11	13	24	22	22	44	4,6
	%	4,1	3,5	3,8	5,1	6,2	5,6	4,5	4,7	4,6	
52	♂	62	56	118	70	66	136	132	122	254	53,5
	♀	60	61	121	71	66	137	131	127	258	54,3
	T	122	117	239	141	132	273	263	249	512	53,9
	%	45,1	45,7	45,4	65,8	62,8	64,4	54,4	53,4	53,9	
53	♂	67	66	133	29	35	64	96	101	197	41,5
	♀	70	62	132	26	30	56	96	92	188	39,5
	T	137	128	265	55	65	120	192	193	385	40,5
	%	50,7	50,0	50,3	25,7	31,0	28,3	39,7	41,3	40,5	
50	♂	0	1	1	3	0	3	3	1	4	0,8
	♀	0	1	1	4	0	4	4	1	5	1,0
	T	0	2	2	7	0	7	7	2	9	0,9
	%	0,0	0,6	0,3	3,2	0,0	1,6	1,4	0,4	0,9	

Legenda:

47 - Linha fina

48 - Linha média

49 - Linha grossa

50 - Traçado trêmulo

51 - Traçado interrompido

52 - Traçado de avanços e recuos

53 - Traçado contínuo.

TABELA XVII

Linha do solo e outros complementos - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			totais			
Item	sexo Fig.	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
55	♂	10	9	19	10	7	17	20	16	36	7,5
	♀	9	9	18	7	6	13	16	15	31	6,5
	T	19	18	37	17	13	30	36	31	67	7,0
	%	7,0	7,0	7,0	7,9	6,2	7,0	7,4	6,6	7,0	
56	♂	2	0	2	0	2	2	2	2	4	0,8
	♀	1	0	1	2	2	4	3	2	5	1,0
	T	3	0	3	2	4	6	5	4	9	0,9
	%	1,1	0	0,5	0,9	1,9	1,4	1,0	0,8	0,9	
57	♂	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	♀	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0,2
	T	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0,1
	%	0,4	0	0,2	0	0	0	0,2	0	0,1	
58	♂	3	3	6	1	1	2	4	4	8	1,6
	♀	0	1	1	1	0	1	1	1	2	0,4
	T	3	4	7	2	1	3	5	5	10	1,0
	%	1,1	1,5	1,3	0,9	0,5	0,7	1,0	1,0	1,0	

Legenda:

- 55 - Linha de solo
- 56 - Apôio para a figura
- 57 - Figura enquadrada
- 58 - Figura em cena.

TABELA XVIII

Transparência, articulações e linha média - distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			totais			
Item	Fig sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
54	♂	20	23	43	22	24	46	42	47	89	18,7
	♀	28	34	62	30	18	48	58	52	110	23,1
	T	48	57	105	52	42	94	100	99	199	20,9
	%	17,8	22,2	20,0	24,2	20,0	22,1	20,6	21,2	20,9	
247	♂	9	3	12	13	6	19	22	9	31	6,5
	♀	13	3	16	15	6	21	28	9	37	7,7
	T	22	6	28	28	12	40	50	18	68	7,2
	%	8,1	2,3	5,3	13,0	5,7	9,4	10,3	3,9	7,2	
270	♂	42	59	101	44	47	91	86	106	192	40,4
	♀	26	30	56	25	18	43	51	48	99	20,8
	T	68	89	157	69	65	134	137	154	291	30,6
	%	25,2	34,7	29,9	32,2	31,0	31,6	28,3	33,0	30,6	

Legenda:

54 - Transparências

247 - Articulações

270 - Linha média

TABELA XIX

Tamanho relativo da cabeça : distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
59	♂	9	7	16	5	12	17	14	19	33	6,9
	♀	9	3	12	9	6	15	18	9	27	5,6
	T	18	10	28	14	18	32	32	28	60	6,3
	%	6,7	3,9	5,3	6,5	8,6	7,5	6,6	6,0	6,3	
60	♂	8	11	19	13	8	21	21	19	40	8,4
	♀	13	15	28	10	14	24	23	29	52	10,9
	T	21	26	47	23	22	45	44	48	92	9,7
	%	7,8	10,1	8,9	10,7	10,5	10,6	9,0	10,3	9,7	
61	♂	24	21	45	28	15	43	52	36	88	18,5
	♀	23	16	39	19	25	44	42	41	83	17,5
	T	47	37	84	47	40	87	94	77	171	18,0
	%	17,4	14,4	15,8	21,9	19,0	20,5	19,4	16,5	18,0	
62	♂	36	33	69	28	28	56	64	61	125	26,3
	♀	36	31	67	32	27	59	68	58	126	26,5
	T	72	64	136	60	55	115	132	119	251	26,4
	%	26,7	25,0	25,8	28,0	26,2	27,1	27,2	25,5	26,4	
63	♂	38	40	78	18	26	44	56	66	122	25,6
	♀	28	45	73	22	31	53	50	76	126	26,6
	T	66	85	151	40	57	97	106	142	248	26,1
	%	24,9	32,8	28,8	18,6	27,1	22,8	21,9	30,4	26,1	
64	♂	22	17	39	15	13	28	37	30	67	14,1
	♀	17	13	30	15	4	19	32	17	49	10,3
	T	39	30	69	30	17	47	69	47	116	12,2
	%	14,4	11,7	13,1	14,0	8,1	11,0	14,2	10,0	12,2	
65	♂	4	4	8	0	1	1	4	5	9	1,8
	♀	3	0	3	0	0	0	3	0	3	0,6
	T	7	4	11	0	1	1	7	5	12	1,2
	%	2,6	1,5	2,0	0,0	0,5	0,2	1,4	1,1	1,2	

Legenda:

59 - Cabeça 1/8 da figura

60 - cabeça 1/7 da figura

61 - cabeça 1/6 da figura

62 - Cabeça 1/5 da figura

63 - Cabeça 1/4 da figura

64 - Cabeça 1/3 da figura

65 - Cabeça Metade da figura.

TABELA XX.

CABELOS - Distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
67		8	9	16	5	8	13	13	16	29	6,1
		70	55	135	49	52	101	119	117	236	49,7
	T	78	73	151	54	60	114	132	133	265	27,8
	%	28,9	28,5	28,7	25,2	28,6	26,9	27,2	28,5	27,8	
68		51	52	113	58	43	101	119	95	214	45,5
		40	50	90	45	39	84	85	89	174	36,6
	T	101	102	203	103	82	185	204	184	388	40,9
	%	37,0	39,8	38,5	48,1	39,0	43,6	42,1	39,4	40,9	
69		39	40	79	26	29	55	65	69	134	28,2
		17	9	26	9	7	16	26	16	42	8,8
	T	56	49	105	35	36	71	91	85	176	18,5
	%	20,7	19,1	19,9	16,3	17,1	16,7	18,8	18,2	18,5	
70		12	10	22	14	10	24	26	20	46	9,8
		45	25	70	22	27	49	67	52	119	25,5
	T	57	35	92	36	37	73	93	72	165	17,3
	%	21,1	13,6	17,4	16,7	17,5	17,2	19,2	15,4	17,3	
71		57	53	110	68	50	112	119	103	222	46,7
		105	98	203	92	87	179	197	185	382	80,4
	T	162	151	313	154	137	291	316	288	604	63,5
	%	60,0	58,9	59,4	71,9	65,2	68,6	65,2	61,7	63,5	
72		48	42	90	23	29	52	71	71	142	29,8
		20	22	42	11	9	20	31	31	62	13,0
	T	68	64	132	34	38	72	102	102	204	21,3
	%	25,2	25,0	25,1	15,8	18,1	16,9	21,0	21,6	21,3	
73		25	30	55	33	20	53	50	50	100	22,7
		48	75	123	62	59	121	110	134	244	51,3
	T	73	105	178	95	79	174	168	184	352	37,0
	%	27,0	41,0	33,8	44,3	37,6	41,0	34,7	39,4	37,0	
74		8	4	12	11	5	17	19	10	29	6,1
		22	4	26	13	14	27	35	18	53	11,1
	T	30	8	38	24	20	44	54	28	82	8,6
	%	11,1	3,1	7,2	11,2	9,5	10,3	11,1	6,0	8,6	
75		65	65	130	60	56	116	125	121	246	51,8
		108	65	173	75	63	138	183	129	311	65,4
	T	173	130	303	135	119	254	308	249	557	58,6
	%	64,0	50,8	57,6	53,0	56,6	59,8	63,6	53,4	58,6	
76		26	19	45	15	12	27	41	31	72	15,1
		7	19	26	10	14	24	17	33	50	10,5
	T	33	38	71	25	26	51	58	64	122	12,8
	%	12,2	14,8	13,5	11,6	12,4	12,0	11,9	13,7	12,8	
77		91	84	175	75	68	143	166	152	318	66,9
		115	84	199	85	77	162	200	161	361	76,0
	T	206	168	374	160	145	305	366	313	679	71,4
	%	76,2	65,6	71,1	74,7	69,0	71,9	75,6	67,1	71,4	
78		27	28	55	18	25	43	45	53	98	20,6
		8	4	12	4	7	11	12	11	23	4,8
	T	35	32	67	22	32	54	57	64	121	12,7
	%	13,0	12,5	12,7	10,2	15,2	12,7	11,7	13,7	12,7	

Legenda:

67 - Cabelos compridos
 68 - Médios
 69 - Curtos
 70 - Destacados da cabeça
 71 - Abundantes.

72 - Escassos
 73 - Penteados e cuidados.
 74 - Desordenados
 75 - Sombreamento no interior
 76 - Sombreamento no contorno
 77 - Omissão.

T A B E L A X X I

Rosto - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	sexo.	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
78	♂	3	3	6	13	6	19	16	9	25	5,2
	♀	7	1	8	5	6	11	12	7	19	4,0
	T	10	4	14	18	12	30	28	16	44	4,6
	%	3,7	1,5	2,6	8,4	5,7	7,0	5,7	3,4	4,6	
80	♂	65	54	119	69	52	121	134	106	240	50,5
	♀	62	53	115	72	52	124	134	105	239	50,3
	T	127	107	234	141	104	245	268	211	479	50,4
	%	47,0	41,7	44,4	65,8	49,5	57,7	55,3	45,4	50,4	
79	♂	0	0	0	1	1	2	1	1	2	0,2
	%	0,0	0,0	0,0	0,4	0,5	0,4	0,2	0,2	0,2	
81	♂	1	1	2	0	0	0	1	1	2	0,2
	%	0,4	0,4	0,4	0,0	0,0	0,0	0,2	0,2	0,2	

Legenda:

78 - Pinturas ou linhas extras

79 - Sombreamento no interior

80 - Contorno sombreado ou borrado

81 - Omissão.

TABELA XXII

17. Bigode e barba: distribuição em função da idade e sexo dos autores e do sexo da figura

Idades		12 - 14			15 - 18			TOTAIS		
Item	Sexo Fig.	M	F	T	M	F	T	M	F	T
118	♂	9	10	19	8	7	15	17	17	34
	%	6,6	7,8	7,2	7,4	6,6	7,0	7,0	7,0	7,1
119	♂	2	4	6	2	2	4	4	6	10
	%	1,4	3,1	2,2	1,8	1,9	1,8	1,6	2,5	2,1

Legenda: 118 - Bigode

119 - Barba

Nota - Nesta tabela as porcentagens se referem apenas aos totais de desenhos da figura masculina.

TABELA XXIII

OLHOS: distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
82	♂	33	38	71	19	32	51	52	70	122	25,7
	♀	37	41	78	23	27	50	60	68	128	26,9
	T	70	79	149	42	59	101	112	138	250	26,3
	%	25,9	30,8	28,3	19,6	28,1	23,8	23,2	29,6	26,3	
83	♂	64	61	125	68	54	122	132	115	247	52,0
	♀	64	64	128	68	60	128	132	124	256	53,9
	T	128	125	253	136	114	250	264	239	503	52,9
	%	47,4	48,8	48,1	63,5	54,3	58,9	54,5	51,2	52,9	
84	♂	35	28	63	19	17	36	54	45	99	20,9
	♀	30	23	53	12	18	30	42	41	83	17,4
	T	65	51	116	31	35	66	96	86	182	19,1
	%	24,1	19,9	22,0	14,4	16,7	15,5	19,8	18,4	19,1	
85	♂	64	30	94	42	33	75	106	63	169	35,5
	♀	56	33	89	34	32	66	90	65	155	32,5
	T	120	63	189	76	65	141	196	128	324	34,1
	%	44,4	24,6	34,6	35,5	31,0	33,5	40,4	27,4	34,1	
87	♂	59	65	124	51	57	108	110	122	232	48,8
	♀	61	73	134	58	61	119	119	134	253	53,2
	T	120	138	258	109	118	227	229	256	485	51,0
	%	44,4	53,9	49,0	50,9	56,2	53,5	47,5	54,9	51,0	
88	♂	8	16	24	9	18	27	17	34	51	10,7
	♀	7	18	25	10	24	34	17	42	59	12,4
	T	15	34	49	19	42	61	34	76	110	11,5
	%	5,6	13,2	9,3	8,8	20,0	14,3	7,0	16,2	11,5	
89	♂	81	99	180	78	80	158	159	179	338	71,1
	♀	93	106	199	74	87	161	167	193	360	75,8
	T	174	205	379	152	167	319	326	372	698	73,5
	%	64,4	80,0	72,0	71,0	79,5	75,2	67,3	79,8	73,5	
90	♂	62	43	95	46	30	76	98	73	171	36,0
	♀	55	34	89	42	26	68	97	60	157	33,0
	T	107	77	184	88	56	144	195	133	328	34,5
	%	39,6	30,0	34,9	41,1	26,7	34,0	40,2	28,5	34,5	
91	♂	19	20	39	29	37	66	48	57	105	22,1
	♀	25	29	54	34	28	62	59	57	116	24,4
	T	44	49	93	63	65	128	107	114	221	23,2
	%	16,3	19,1	17,7	29,4	31,0	30,2	22,1	24,6	23,2	
90+ 91+	♂	71	63	134	75	67	142	146	130	276	58,1
	♀	80	63	143	76	54	130	156	117	273	57,4
	T	151	126	277	151	121	272	302	247	549	57,7
	%	55,9	49,2	52,6	70,5	57,6	64,1	62,3	53,0	57,7	
92	♂	3	1	4	1	2	3	4	3	7	1,5
	♀	4	0	4	4	0	4	8	0	8	1,7
	T	7	1	8	5	2	7	12	3	15	1,6
	%	2,6	0,3	1,5	2,3	1,0	1,6	2,5	0,6	1,6	

Legenda

82 - Olhos grandes

83 - Médios

84 - Pequenos

85 - Um só olho em cabeça de perfil

87 - Pupila

88 - Pestanas

89 - Sobrancelha

90 - Sombreamento ou barradura

91 - Contorno borrado ou confuso

92 - Omissão.

TABELA XXIV

Nariz - Distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
93	♂	37	16	53	35	17	52	72	33	105	22,1
	♀	35	19	54	25	13	38	60	32	92	19,3
	T	72	35	107	60	30	90	132	65	197	20,7
	%	26,7	13,6	20,3	28,0	14,3	21,4	27,2	13,9	20,7	
94	♂	71	70	141	52	50	102	123	120	243	51,1
	♀	70	68	138	65	56	121	135	124	259	54,5
	T	141	138	279	117	106	223	258	244	502	52,8
	%	52,2	53,9	53,0	54,6	50,5	52,5	53,5	52,3	52,8	
95	♂	19	35	54	17	32	49	36	67	103	21,6
	♀	26	38	64	16	31	47	42	69	111	23,3
	T	45	73	118	33	63	96	78	136	214	22,5
	%	16,7	28,2	22,4	15,4	30,0	22,6	16,1	29,1	22,5	
96	♂	65	30	95	42	34	76	107	64	171	36,0
	♀	58	33	91	42	32	74	100	65	165	34,7
	T	123	63	186	84	66	150	207	129	336	35,3
	%	45,5	24,7	35,3	39,2	31,4	35,3	42,7	27,6	35,3	
97	♂	8	16	24	11	9	20	19	25	44	9,2
	♀	6	18	24	13	10	23	19	28	47	9,8
	T	14	34	48	24	19	43	38	53	91	9,5
	%	5,2	13,2	9,2	11,2	9,0	10,1	7,8	11,3	9,5	
98	♂	20	35	55	24	24	48	44	59	103	21,6
	♀	20	34	54	28	29	57	48	63	111	23,3
	T	40	69	109	52	53	105	92	122	214	22,5
	%	14,8	26,9	20,8	24,2	25,2	24,6	18,9	26,1	22,5	
99	♂	12	8	20	10	24	34	22	32	54	11,0
	♀	12	8	20	21	29	50	33	37	70	14,7
	T	24	16	40	31	53	84	55	69	124	13,0
	%	8,9	6,2	7,6	14,4	25,2	19,8	11,3	14,8	13,0	
100	♂	50	35	85	51	46	97	101	81	182	38,3
	♀	38	26	64	52	32	84	90	58	148	31,1
	T	88	61	149	103	78	181	191	139	330	34,7
	%	32,6	23,8	28,3	48,1	37,1	42,6	39,4	29,8	34,7	
101	♂	8	7	15	3	6	9	11	13	24	5,1
	♀	4	3	7	1	5	6	5	8	13	2,7
	T	12	10	22	4	11	15	16	21	37	3,9
	%	4,4	3,9	4,1	1,8	5,2	3,5	3,3	4,5	3,9	
99+ 100	♂	62	43	105	61	70	131	123	113	236	49,6
	♀	50	34	84	73	61	134	123	95	218	45,8
	T	112	77	189	134	131	265	246	208	454	47,6
	%	41,5	30,0	35,9	62,6	62,3	62,5	50,8	44,6	47,6	

Legenda:

93 - Nariz grande
94 - Médio
95 - Pequeno
96 - De perfil e cabeça de perfil.

97 - De perfil em cabeça de frente
98 - Narinas
99 - Sombreamento ou borradura
100 - Contorno borrado
101 - Omissão.

TABELA XXV

Boca - Distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
102	♂	40	41	81	30	24	54	70	65	135	28,4
	♀	45	42	87	39	24	63	84	66	150	31,6
	T	85	83	168	69	48	117	154	131	285	30,0
	%	31,5	32,4	31,9	32,2	22,9	27,5	31,8	28,1	30,0	
103	♂	57	58	115	48	44	92	105	102	207	43,6
	♀	52	58	110	44	49	93	96	107	203	42,7
	T	109	116	225	92	93	185	201	209	410	43,1
	%	40,3	45,3	42,8	42,9	44,3	43,6	41,5	44,8	43,1	
104	♂	32	27	59	26	33	59	58	60	118	24,9
	♀	30	25	55	23	31	54	53	56	109	22,9
	T	62	52	114	49	64	113	111	116	227	23,8
	%	23,0	20,3	21,6	22,8	30,5	26,6	22,9	24,8	23,8	
105	♂	36	47	83	30	28	58	66	75	141	29,6
	♀	35	37	72	29	29	58	64	66	130	27,3
	T	71	84	155	59	57	116	130	141	271	28,5
	%	26,3	32,8	29,5	27,5	27,1	27,3	26,9	30,2	28,5	
106	♂	21	10	31	20	12	32	41	22	63	13,2
	♀	18	13	31	12	7	19	30	20	50	10,5
	T	39	23	62	32	19	51	71	42	113	11,8
	%	14,4	8,9	11,7	14,9	9,0	12,0	14,8	9,0	11,8	
108	♂	34	25	59	21	20	41	55	45	100	21,0
	♀	27	21	48	12	22	34	39	43	82	17,2
	T	61	46	107	33	42	75	94	88	182	19,1
	%	22,6	17,9	20,3	15,4	20,0	17,7	19,4	18,8	19,1	
110	♂	14	11	25	7	4	11	21	15	36	7,5
	♀	14	8	22	5	3	8	19	11	30	6,3
	T	28	19	47	12	7	19	40	26	66	6,9
	%	10,4	7,4	8,9	5,6	3,3	4,4	8,2	5,5	6,9	
111	♂	4	7	11	9	2	11	13	9	22	4,6
	♀	6	1	7	10	2	12	16	3	19	4,0
	T	10	8	18	19	4	23	29	12	41	4,3
	%	3,7	3,1	3,4	8,8	1,9	5,4	5,9	2,5	4,3	
112	♂	7	14	21	9	12	21	16	26	42	8,8
	♀	14	16	30	7	16	23	21	32	53	11,2
	T	21	30	51	16	28	44	37	58	95	10,0
	%	7,8	11,7	9,7	7,4	12,2	10,3	7,6	12,4	10,0	
113	♂	2	18	20	7	15	22	9	33	42	8,8
	♀	8	33	41	18	32	50	26	65	91	19,1
	T	10	51	61	25	47	72	35	98	133	14,0
	%	3,7	19,9	11,6	11,6	22,4	17,0	7,2	21,0	14,0	

Legenda :

102 - Boca grande

103 - Média

104 - Pequena

105 - Para cima, tipo palhaço

106 - Para baixo ou cônica

08 - Fechada

110 - Dentes

111 - Lábios finos

112 - Lábios grossos

113 - Lábios em arco de Cupido.

TABELA 2291

Boca - Conclusão. Distribuição em função de sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
107	♂	62	30	92	42	34	76	104	64	168	35,3
	♀	55	33	88	36	32	68	91	65	156	32,8
	T	117	63	180	78	66	144	195	129	324	34,0
	%	43,3	24,7	34,2	36,4	31,4	33,9	40,3	27,6	34,0	
109	♂	6	1	7	1	4	5	7	5	12	2,5
	♀	1	1	2	1	2	3	2	3	5	1,1
	T	7	2	9	2	6	8	9	8	17	1,7
	%	2,6	0,7	1,7	0,9	2,9	1,8	1,8	1,7	1,7	
114	♂	42	32	74	27	32	59	69	64	133	28,0
	♀	35	28	63	39	27	66	74	55	129	27,1
	T	77	60	137	66	59	125	143	119	262	27,5
	%	28,5	23,4	26,0	30,8	28,1	29,4	29,5	25,5	27,5	
115	♂	28	32	60	40	36	76	68	68	136	28,6
	♀	38	50	88	40	28	68	78	78	156	32,8
	T	66	82	148	80	64	144	146	146	292	30,7
	%	24,4	32,0	28,1	37,3	30,5	33,9	30,1	31,3	30,7	
114, 115+	♂	70	64	134	67	68	135	137	132	269	56,6
	♀	73	78	151	79	55	134	152	133	285	60,0
	T	143	142	285	146	123	269	289	265	554	58,2
	%	52,9	55,4	54,1	68,2	58,6	63,4	59,7	56,8	58,2	
117	♂	6	2	8	3	4	7	9	6	15	3,1
	♀	8	3	11	1	1	2	9	4	13	2,7
	T	14	5	19	4	5	9	18	10	28	2,9
	%	5,2	1,9	3,6	1,8	2,4	2,1	3,7	2,1	2,9	

Legenda:

107 - Boca de perfil

109 - Língua, palito, cigarro etc.

114 - Sombreamento ou borradura no interior

115 - Sombreamento ou borradura no contorno

117 - Omissão.

TABELA XXVII

Orelha - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
120	♂	21	17	38	26	14	40	47	31	78	29,5
	♀	9	7	16	10	8	18	19	15	34	25,5
	T	30	24	54	36	22	58	66	46	112	28,2
	%	26,3	28,2	27,1	32,4	25,2	29,2	29,3	26,7	28,2	
121	♂	40	42	82	46	33	79	86	75	161	60,9
	♀	26	7	33	29	19	39	46	26	72	54,1
	T	66	49	115	66	52	118	132	101	233	58,6
	%	57,8	57,6	57,7	59,4	59,7	59,5	58,6	58,7	58,6	
122	♂	10	4	14	4	7	11	14	11	25	9,4
	♀	8	8	16	5	6	11	13	14	27	20,3
	T	18	12	30	9	13	22	27	25	52	13,0
	%	15,7	14,1	15,0	8,1	14,9	11,1	12,0	14,5	13,0	
123	♂	35	13	48	27	13	40	62	26	88	33,3
	♀	18	4	22	14	10	24	32	14	46	34,5
	T	53	17	70	41	23	64	94	40	134	33,7
	%	46,4	20,0	35,1	36,9	26,4	32,3	41,7	23,2	33,7	
125	♂	21	15	36	26	11	37	47	26	73	27,6
	♀	8	3	11	7	8	15	15	11	26	19,5
	T	29	18	47	33	19	52	62	37	99	24,9
	%	25,4	21,1	23,6	29,7	21,8	26,2	27,5	21,5	24,9	
127	♂	12	12	24	9	12	21	21	24	45	17,0
	♀	7	7	14	6	7	13	13	14	27	20,3
	T	19	19	38	15	19	34	34	38	72	18,1
	%	16,6	22,3	19,0	13,5	21,8	17,1	15,1	22,0	18,1	
128	♂	11	9	20	14	8	22	25	17	42	15,9
	♀	8	1	9	8	5	13	16	6	22	16,5
	T	19	10	29	22	13	35	41	23	64	16,1
	%	16,6	11,7	14,5	19,8	14,9	17,6	18,2	13,3	16,1	
129	♂	14	17	31	29	17	46	43	34	77	29,1
	♀	12	3	15	11	5	16	23	8	31	23,3
	T	26	20	46	40	22	62	66	42	108	27,2
	%	22,8	23,5	23,1	36,0	25,2	31,3	29,3	24,4	27,2	
128 e 129	♂	25	26	51	43	25	68	68	51	119	45,0
	♀	20	4	24	19	10	29	39	14	53	39,8
	T	45	30	75	62	35	97	107	65	172	43,3
	%	39,4	35,2	37,6	55,8	40,2	48,9	47,5	37,7	43,3	
130	♂	64	65	129	31	51	82	95	116	211	44,4
	♀	92	106	198	72	72	144	164	178	342	72,0
	T	156	171	327	103	123	226	259	294	553	58,2
	%	57,7	66,7	62,2	48,1	58,5	53,3	53,5	63,0	58,2	
124	♀	2	0	2	0	1	1	2	1	3	0,7
	%	1,7	0	1,0	0	1,1	0,5	1,0	0,5	0,7	
126	♀	4	6	10	5	8	13	9	14	23	4,9
	%	2,9	4,6	3,8	4,6	7,6	6,1	3,7	6,0	4,9	

Legenda:

120 - Orelha grande

121 - Orelha média

122 - Orelha pequena

123 - Uma só orelha em cabeça de perfil

124 - Uma só orelha em cabeça de frente

125 - Orelha bem detalhada

126 - Brincos

127 - Distorção na forma

128 - Sombreamento no interior

129 - Borradora no contorno

130 - Omissão.

TABELAS XXVIII

Pescoco - distribuição em função do sexo e idade do autor e do sexo da figura

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
131	♂	46	42	88	23	35	58	69	77	146	30,7
	♀	50	44	94	29	45	74	79	89	168	35,3
	T	96	86	182	52	80	132	148	166	314	33,0
	%	35,6	33,5	34,6	24,2	38,1	31,1	30,5	39,9	33,0	
132	♂	62	69	131	59	58	117	121	127	248	52,8
	♀	63	64	127	50	50	100	113	114	227	47,8
	T	125	133	258	109	108	217	234	241	475	50,0
	%	46,2	51,9	49,0	50,9	51,4	51,1	48,3	51,7	50,0	
133	♂	20	9	29	20	9	29	40	18	58	12,1
	♀	15	13	28	22	7	29	37	20	57	12,0
	T	35	22	57	42	16	58	77	38	115	12,0
	%	13,0	8,5	10,8	19,6	7,6	13,7	15,9	8,1	12,0	
134	♂	29	39	68	14	28	42	43	67	110	23,1
	♀	29	43	72	12	30	42	41	73	114	24,0
	T	58	82	140	26	58	84	84	140	224	23,6
	%	21,5	32,0	26,7	12,1	27,6	19,8	17,3	30,0	23,6	
135	♂	56	60	116	57	55	112	113	115	228	47,0
	♀	64	58	122	58	55	113	122	113	235	49,7
	T	120	118	238	115	110	225	235	228	463	48,7
	%	44,4	46,0	55,2	53,7	52,3	53,0	48,5	48,9	48,7	
136	♂	43	21	64	31	19	50	74	40	114	24,0
	♀	35	20	55	31	17	48	66	37	103	21,6
	T	78	41	119	62	36	98	140	77	217	22,8
	%	28,9	16,0	22,6	28,9	17,1	23,0	28,7	16,5	22,8	
142	♂	3	3	6	2	1	3	5	4	9	1,9
	♀	3	2	5	8	4	12	11	6	17	3,5
	T	6	5	11	10	5	15	16	10	26	2,7
	%	2,2	1,9	2,0	4,6	2,4	3,5	3,3	2,1	2,7	
143	♂	45	40	85	60	46	106	105	86	191	40,2
	♀	44	35	79	58	47	105	102	82	184	38,7
	T	89	75	164	118	93	211	207	168	375	39,4
	%	33,0	29,2	31,2	55,1	44,3	49,7	42,8	36,0	38,4	
143 142	♂	48	43	91	62	47	109	110	90	200	42,1
	♀	47	37	84	66	51	117	113	88	201	42,3
	T	95	80	175	128	98	226	223	178	401	42,2
	%	35,1	31,2	33,2	59,7	46,6	53,2	46,0	38,1	42,2	
144	♂	1		2	2	3	5	3	4	7	1,4
	♀	1	0	1	2	3	5	3	3	6	1,2
	T	2	1	3	4	6	10	6	7	13	1,3
	%	0,7	0,3	0,5	1,8	2,9	2,3	1,2	1,5	1,3	
145	♂	7	8	15	5	3	8	12	11	23	4,8
	♀	7	7	14	6	3	9	13	10	23	4,8
	T	14	15	29	11	6	17	25	21	46	4,8
	%	5,2	5,8	5,5	5,1	2,9	4,0	5,1	4,5	4,8	
141	♂	0	2	2	2	1	3	2	3	5	1,0
	♀	1	0	1	1	0	1	2	0	2	0,4
	T	1	2	3	3	1	4	4	3	7	0,7
	%	0,4	0,7	0,5	1,4	0,5	0,9	0,8	0,6	0,7	

TABELA XXIX

Pescoço - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura. Conclusão.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
139	♂	1	0	1	5	2	7	6	2	8	1,7
	%	0,7	0	0,3	4,6	1,9	3,3	2,5	0,8	1,7	
137	♀	5	10	15	8	5	13	13	15	28	5,9
	%	3,7	7,7	5,7	7,4	4,7	6,1	5,3	6,4	5,9	
138	♂	87	98	185	68	78	146	155	176	331	69,5
	♀	83	88	171	55	75	130	138	163	301	63,3
	T	170	186	356	123	153	276	293	339	632	66,5
	%	62,9	72,6	67,7	57,4	72,8	65,0	60,7	72,9	66,5	
140	♂	11	13	24	17	15	32	28	28	56	11,7
	♀	11	8	19	20	10	30	31	18	49	10,3
	T	22	21	43	37	25	62	59	46	105	11,0
	%	8,1	8,2	8,1	17,2	11,9	14,6	12,1	9,8	11,0	

Legenda:

131 - Pescoço comprido
 132 - Médio
 133 - Curto
 134 - Delgado ou fino
 135 - Médio
 136 - Grosso
 137 - Colar ou outra jóia
 138 - Linha contendo o pescoço

139 - Pomo de Adão
 140 - Decote em V
 141 - Distorção na forma
 142 - Sombreamento no interior
 143 - Sombreamento no contorno
 144 - Contorno duplo
 145 - Omissão

TABELA XXX

Tronco - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
148	♂	7	2	9	2	3	5	9	5	14	2,9
	♀	8	2	10	3	0	3	11	2	13	2,7
	T	15	4	19	5	3	8	20	7	27	2,8
	%	5,6	1,5	3,6	2,3	1,4	1,8	4,1	1,5	2,8	
149	♂	5	0	5	1	1	2	6	1	7	1,4
	♀	1	0	1	1	2	3	2	2	4	0,8
	T	6	0	6	2	3	5	8	3	11	1,1
	%	2,2	0	1,1	0,9	1,4	1,1	1,6	0,6	1,1	
151	♂	38	46	84	18	27	45	56	73	129	27,1
	♀	14	13	27	10	9	19	24	22	46	9,6
	T	52	59	111	28	36	64	80	95	175	18,4
	%	19,3	23,0	21,2	13,0	17,1	15,0	16,5	20,3	18,4	
152	♂	41	41	82	56	45	101	97	86	183	38,5
	♀	40	21	61	36	19	55	76	40	116	24,4
	T	81	62	143	92	64	156	173	126	299	31,4
	%	30,0	24,2	27,1	42,9	30,5	36,7	35,7	27,0	31,4	
275	♂	15	5	20	5	3	8	20	8	28	5,8
	♀	8	4	12	5	1	6	13	5	18	3,7
	T	23	9	32	10	4	14	33	13	46	4,8
	%	8,5	3,5	6,0	4,5	1,9	3,3	6,8	2,7	4,8	
276	♂	10	13	23	10	11	21	20	24	44	9,2
	♀	9	16	25	4	5	9	13	21	34	7,1
	T	19	29	48	14	16	30	33	45	78	8,2
	%	7,0	11,3	9,1	6,5	7,6	6,6	6,8	9,6	8,2	
277	♂	1	4	5	6	5	11	7	9	16	3,3
	♀	39	59	98	43	61	104	82	120	202	42,5
	T	40	63	103	49	66	115	89	129	218	23,0
	%	14,8	24,6	19,6	22,8	31,4	27,1	18,3	27,6	23,0	
278	♂	21	16	37	8	11	19	29	27	56	11,7
	♀	18	13	31	4	10	14	22	23	45	9,4
	T	39	29	68	12	21	33	51	50	101	10,6
	%	14,4	11,3	12,9	5,6	10,0	7,8	10,5	10,7	10,6	
153	♂	72	61	133	72	53	125	144	114	258	54,3
	♀	73	59	132	73	61	134	146	120	266	56,0
	T	145	120	265	145	114	259	290	234	524	55,2
	%	53,7	46,8	50,3	67,7	54,2	61,0	60,3	50,2	55,2	
154	♂	56	64	120	32	49	81	88	113	201	42,3
	♀	54	67	121	30	44	74	84	111	195	41,0
	T	110	131	241	62	93	155	172	224	396	41,7
	%	40,7	51,1	46,0	28,9	44,3	36,8	35,5	48,1	41,7	
147	♂ + ♀	1	0	1	2	0	2	3	0	3	0,3
150	♂ + ♀	0	0,1	0,1	2	0	2	2	1	3	
	%	0	0,3	0,1	0,9	0	0,4	0,4	0,2	0,3	

Legenda:

148 - Distorção na forma
 149 - Lacuna no tronco
 151 - Tronco quadrangular
 152 - Oval ou elíptico

275 - Redondo
 276 - Triangular ou trapézio
 277 - Duplo trapézio
 278 - Retangular
 153 - Linhas arredondadas

154 - Linhas angulosas
 147 - Da cintura para cima
 150 - Omissão do tronco

TABELA XXXI.

Tronco - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idades		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
155	♂	18	24	42	22	13	35	40	37	77	16,2
	♀	8	10	18	13	7	20	21	17	38	8,0
	T	26	34	60	35	20	55	61	54	115	12,1
	%	9,6	13,2	11,4	16,3	9,5	12,9	12,6	11,5	12,1	
156	♂	2	0	2	3	0	3	5	0	5	1,0
	♀	4	1	5	1	1	2	5	2	7	1,4
	T	6	1	7	4	1	5	10	2	12	1,2
	%	2,2	0,4	1,3	1,8	0,5	1,1	2,0	0,4	1,2	
164	♂	2	1	3	2	0	2	4	1	5	1,0
	♀	2	6	8	6	2	8	8	8	16	3,4
	T	4	7	11	8	2	10	12	9	21	2,2
	%	1,5	2,7	2,0	3,7	1,0	2,3	2,4	1,9	2,2	
158 e 159	♂	8	13	21	25	12	37	33	25	58	12,2
	♀	9	12	21	11	8	19	20	20	40	8,4
	T	17	25	42	36	20	56	53	45	98	20,6
	%	12,5	19,5	16,0	33,6	19,0	26,4	21,9	18,9	20,6	
160	♂	1	2	3	2	0	2	3	2	5	1,0
	♀	1	0	1	1	0	1	2	0	2	0,4
	T	2	2	4	3	0	3	5	2	7	0,7
	%	0,7	0,7	0,7	1,4	0	0,7	1,0	0,4	0,7	
162	♂	4	4	8	5	5	10	9	9	18	3,7
	♀	0	1	1	2	0	2	2	1	3	0,6
	T	4	5	9	7	2	12	11	10	21	2,2
	%	1,5	1,9	1,7	3,2	2,4	2,8	2,2	2,1	2,2	
170	♂	20	32	52	11	23	34	31	55	86	18,1
	♀	27	45	72	10	35	45	37	80	117	24,6
	T	47	77	124	21	58	79	68	135	203	21,3
	%	17,4	30,0	23,7	9,7	27,6	18,6	14,0	28,9	21,3	
173	♂	2	3	5	3	2	5	5	5	10	2,1
	♀	7	26	33	11	24	35	18	50	68	14,3
	T	9	29	38	14	26	40	23	55	78	8,2
	%	3,3	11,3	7,2	6,5	12,4	9,4	4,8	11,8	8,2	
172	♂	48	44	92	40	35	75	88	79	167	35,1
	♀	48	47	95	38	28	66	86	75	161	33,8
	T	96	91	187	78	63	141	174	154	328	34,5
	%	35,6	35,5	35,5	36,4	30,0	33,2	35,9	30,9	34,5	
170 a 173	♂	70	79	149	54	60	114	124	139	263	55,3
	♀	82	118	200	59	87	146	141	205	346	72,8
	T	152	197	349	113	147	260	265	344	609	64,0
	%	56,2	76,9	66,3	52,8	70,0	61,3	54,7	73,8	64,0	

Legenda:

155 - Ombros grandes
 156 - Ombros pequenos
 164 - Cadeiras e nádegas avantajadas
 158 - Seios de frente
 159 - Seios de perfil
 160 - Acentuação do mamilo

162 - Órgãos genitais assinalados
 170 - Linha da cintura como um traço
 173 - Cintura bem apertada
 172 - Cinto comum.

TABELA XXXII

Tronco: Sombreamento ou borradura. - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
157	♂	51	60	111	52	51	103	103	111	214	45,0
	♀	47	46	93	50	51	101	97	97	194	40,8
	T	98	106	204	102	102	204	200	208	408	42,9
	%	36,3	41,4	38,7	47,6	48,5	48,1	41,3	44,6	42,9	
168	♂	44	29	73	35	29	64	79	58	137	28,8
	♀	30	22	52	30	33	63	60	55	115	24,2
	T	74	51	125	65	62	127	139	113	252	26,5
	%	27,4	19,9	23,7	30,3	29,5	29,9	28,7	24,2	26,5	
175	♂	5	2	7	7	2	9	12	4	16	3,3
	♀	4	1	5	6	2	8	10	3	13	2,7
	T	9	3	12	13	4	17	22	7	29	3,0
	%	3,3	1,2	2,2	8,0	1,9	4,0	4,5	1,9	3,0	
165	♂	15	12	27	14	8	22	29	20	49	10,3
	♀	17	18	35	13	19	32	30	37	67	14,1
	T	32	30	62	27	27	54	59	57	116	12,2
	%	11,9	11,7	11,8	12,6	12,9	12,7	12,1	12,6	12,2	
157 a 165	♂	115	103	218	108	90	198	223	193	416	87,5
	♀	98	87	185	99	105	204	197	192	389	81,8
	T	213	190	403	207	195	402	420	385	805	84,7
	%	78,8	74,2	76,7	96,7	92,8	94,8	86,7	82,5	84,7	
167	♂	2	4	6	2	0	2	4	4	8	1,7
	♀	1	3	4	1	3	4	2	6	8	1,7
	T	3	7	10	3	3	6	6	10	16	1,7
	%	1,1	2,7	1,9	1,4	1,4	1,4	1,2	2,1	1,7	
174	♂	3	3	6	4	0	4	7	3	10	2,1
	♀	2	3	5	3	0	3	5	3	8	1,7
	T	5	6	11	7	0	7	12	6	18	1,9
	%	1,8	2,3	2,0	3,2	0	1,6	2,4	1,2	1,9	
171	♂	16	20	36	19	12	31	25	32	67	14,1
	♀	11	9	20	18	13	31	29	22	51	10,5
	T	27	29	56	37	25	62	64	54	118	12,4
	%	10,0	11,3	10,6	17,2	11,9	14,6	13,2	11,6	12,4	
163	♂	2	5	7	1	2	3	3	7	10	2,1
	♀	2	2	4	1	0	1	3	2	5	1,0
	T	4	7	11	2	2	4	6	9	15	1,6
	%	1,5	2,7	2,0	0,9	1,0	0,9	1,2	1,9	1,6	
161	T	4	5	9	10	4	14	14	9	23	4,8
	%	2,9	3,9	3,4	9,3	3,8	6,6	5,6	3,8	4,8	
279	♂	2	1	3	1	0	1	3	1	4	0,8
	♀	1	0	1	2	0	2	3	0	3	0,6
	T	3	1	4	3	0	3	6	1	7	0,7
	%	1,1	0,4	0,7	1,4	0	0,7	1,2	0,2	0,7	
167 a 279	♂	25	33	58	27	14	41	52	47	99	20,8
	♀	21	22	43	35	20	55	56	42	98	20,6
	T	46	55	101	62	34	96	108	89	197	20,7
	%	17,0	21,4	19,2	28,9	16,1	22,6	22,3	19,0	20,7	
169 + 176	♂	2	0	2	2	0	2	4	0	4	0,8
	♀	3	0	3	2	0	2	5	0	5	1,0
	T	5	0	5	4	0	4	9	0	9	0,9
	%	1,9	0	0,9	1,8	0	0,9	1,9	0	0,9	
166	♂	0	3	3	6	0	6	6	3	9	1,8
	♀	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0,1
	T	0	4	4	6	0	6	6	4	10	1,0
	%	0	1,5	0,7	2,8	0	1,4	1,2	0,9	1,0	

Legenda: 157 - Contorno borrado dos ombros

161 - Seios sombreados ou borrados

163 - Órgãos genitais sombreados

165 - Contorno borrado das cadeiras ou nádegas

166 - Pêlos no peito ou na região genital

167 - Tórax sombreado ou borrado (interior)

168 - Contorno do tórax borrado

169 - Contorno duplo do tórax

171 - Cintura borrada ou sombreada

174 - Sombreamento no abdômen

175 - Contorno borrado de todo o tronco

176 - Contorno duplo do tronco

279 - Borradura de todo o tronco

TABELA XXXIII

- Braços - distribuição em função da idade e sexo do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
183	♂	37	26	63	17	23	40	54	49	103	21,6
	♀	33	27	60	14	19	33	47	46	93	19,5
	T	70	53	123	31	42	73	101	95	196	20,6
	%	25,9	20,7	23,3	14,4	20,0	17,2	20,8	20,3	20,6	
184	♂	11	19	30	16	16	32	27	35	62	13,0
	♀	14	27	41	17	25	42	31	52	83	17,4
	T	25	46	71	33	41	74	58	87	145	15,2
	%	9,2	17,9	13,5	15,4	19,5	17,4	11,9	18,6	15,2	
185	♂	19	20	39	20	14	34	39	34	73	15,3
	♀	17	22	39	21	16	37	38	38	76	16,0
	T	36	42	78	41	30	71	77	72	149	15,6
	%	13,3	16,4	14,8	19,1	14,3	16,7	15,9	15,4	15,6	
186	♂	2	1	3	3	1	4	5	2	7	1,4
	♀	3	2	5	4	2	6	7	4	11	2,3
	T	5	3	8	7	3	10	12	6	18	1,9
	%	1,9	1,1	1,5	3,2	1,4	2,3	2,4	1,2	1,9	
187	♂	50	56	106	40	47	87	90	103	193	40,6
	♀	54	45	99	42	40	82	96	85	181	38,1
	T	104	101	205	82	87	169	186	188	374	39,3
	%	38,5	39,4	38,9	38,3	41,4	39,8	38,4	40,3	39,3	
188	♂	3	2	5	2	1	3	5	3	8	1,6
	♀	4	2	6	2	0	2	6	2	8	1,6
	T	7	4	11	4	1	5	11	5	16	1,6
	%	2,6	1,5	2,0	1,8	0,5	1,1	2,2	1,0	1,6	
189	♂	4	3	7	4	2	6	8	5	13	2,7
	♀	3	2	5	2	2	4	5	4	9	1,8
	T	7	5	12	6	4	10	13	9	22	2,3
	%	2,6	1,9	2,2	2,8	1,9	2,3	2,6	1,9	2,3	
190	♂	8	8	16	1	2	3	9	10	19	4,0
	♀	5	7	12	4	6	10	9	13	22	4,6
	T	13	15	28	5	8	13	18	23	41	4,3
	%	4,8	5,8	5,3	2,3	3,8	3,0	3,7	14,9	4,3	
194	♂	5	0	5	11	2	13	16	2	18	3,7
	♀	2	6	8	9	6	15	11	12	23	4,8
	T	7	6	13	20	8	28	27	14	41	4,3
	%	2,6	2,3	2,4	9,3	3,8	6,6	5,5	3,0	4,3	
195	T	0	2	2	1	1	2	1	3	4	0,4
	%	0	0,7	0,3	0,3	0,5	0,4	0,2	0,6	0,4	
196	♂	9	1	10	5	1	6	14	2	16	3,3
	♀	7	1	8	5	1	6	12	2	14	2,9
	T	16	2	18	10	2	12	26	4	30	3,2
	%	5,9	0,7	3,4	4,7	1,0	2,8	5,3	0,8	3,2	

Legenda:

183 - Estendidos para o ambiente
 184 - Voltados para trás do corpo
 185 - Voltados para a frente do corpo
 186 - Um para trás, outro para frente
 187 - Pendentes ao longo do corpo

188 - Flexionados para cima
 189 - Um para cima, outro para baixo
 190 - Pulseira ou outro detalhe
 194 - Um só braço em figura de perfil
 195 - Um só braço em figura de frente
 196 - Omissão dos dois braços.

TABELA XXXIV

Braços - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade	Item	Fig. sexo	12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
			M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
177		♂	20	11	31	11	12	23	31	23	54	11,3
		♀	15	13	28	4	14	18	19	27	46	9,6
		T	35	24	59	15	26	41	50	50	100	10,5
		%	13,0	9,3	11,2	7,0	12,4	9,6	10,3	10,7	10,5	T
178		♂	26	43	69	38	36	74	64	79	143	30,1
		♀	25	39	64	35	34	69	60	73	133	28,0
		T	51	82	133	73	70	143	124	152	276	29,0
		%	18,9	32,0	25,4	34,1	33,3	33,7	25,6	32,6	29,0	
179		♂	80	71	151	53	56	109	133	127	260	54,7
		♀	88	75	163	63	56	119	151	131	282	59,3
		T	168	146	314	116	112	228	284	258	542	57,0
		%	62,2	57,0	59,6	54,2	53,3	53,7	58,6	55,3	57,0	
180		♂	73	67	140	47	45	92	120	112	232	48,8
		♀	66	71	137	49	50	99	115	121	236	49,6
		T	139	138	277	96	95	191	235	233	468	49,2
		%	51,4	53,9	52,6	44,8	45,2	45,0	48,5	50,3	49,2	
181		♂	39	48	87	43	43	86	82	91	173	36,4
		♀	45	34	79	39	38	77	84	72	156	32,8
		T	84	82	166	82	81	163	166	163	329	34,6
		%	31,1	32,0	31,5	38,3	38,6	38,4	34,2	34,9	34,6	
182		♂	4	6	10	8	10	18	12	16	28	5,8
		♀	6	9	15	7	8	15	13	17	30	6,3
		T	10	15	25	15	18	33	25	33	58	6,1
		%	3,7	5,8	4,7	7,0	8,6	7,7	5,4	7,1	6,1	
193		♂	10	6	16	4	6	10	14	12	26	5,4
		♀	11	13	24	7	8	15	18	21	39	8,2
		T	21	19	40	11	14	25	32	33	65	6,8
		%	7,8	7,4	7,6	5,1	6,7	5,8	6,6	7,1	6,8	
196		♂	9	1	10	5	1	6	14	2	16	3,3
		♀	7	1	8	5	1	6	12	2	14	2,9
		T	16	2	18	10	2	12	26	4	30	3,2
		%	5,9	0,7	3,4	4,7	1,0	2,8	5,3	0,8	3,2	
191		♂	7	3	10	14	3	17	21	6	27	5,6
		♀	4	4	8	7	5	12	11	9	20	4,2
		T	11	7	18	21	8	29	32	15	47	4,9
		%	4,1	2,2	3,4	9,8	3,8	5,8	6,6	3,2	4,9	
192		♂	66	71	137	57	64	121	123	135	258	54,3
		♀	70	61	131	71	66	134	141	124	265	55,7
		T	136	132	268	128	127	255	264	259	523	55,0
		%	50,3	51,5	50,9	59,8	60,4	60,1	54,5	55,5	55,0	
191		T	147	139	286	149	135	284	296	274	570	60,0
192		%	54,4	54,2	54,3	69,6	64,2	66,9	61,1	58,7	60,0	

Legenda:

- | | |
|-------------------------|-----------------------------------|
| 177 - Braços longos | 191 - Sombreamento interior |
| 178 - Comprimento médio | 192 - Contorno borrado |
| 179 - Curtos | 193 - Braço como uma linha apenas |
| 180 - Finos ou delgados | 196 - Omissão dos dois braços |
| 181 - Grossura média | |
| 182 - Grossos | |

TABELA XXXV

Mãos - distribuição em função do sexo e idade, do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Sexo Fig.	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
197	♂	35	27	62	17	16	33	52	43	95	28,9
	♀	37	21	58	13	11	24	50	32	82	23,9
	T	72	48	120	30	27	57	102	75	177	26,4
	%	34,4	26,8	30,6	20,4	20,0	20,2	28,6	23,8	26,4	
198	♂	51	29	80	36	33	69	87	62	149	45,4
	♀	42	39	81	39	35	74	81	74	155	45,3
	T	93	68	161	75	68	143	168	136	304	45,3
	%	44,4	37,9	41,4	51,0	50,3	50,6	47,1	43,3	45,3	
199	♂	15	34	49	16	19	35	31	53	84	25,0
	♀	29	29	58	26	21	47	55	50	105	30,0
	T	44	63	107	42	40	82	86	103	189	28,2
	%	21,0	35,1	27,5	28,5	29,6	29,0	24,1	32,8	28,2	
212	♂	13	7	20	12	7	19	25	14	39	11,8
	♀	14	8	22	15	5	20	29	13	42	12,2
	T	27	15	42	27	12	39	54	27	81	12,0
	%	12,9	8,3	10,8	18,3	8,8	13,8	15,1	8,5	12,0	
213	♂	36	38	74	37	31	68	73	69	142	43,2
	♀	47	39	86	41	35	76	88	74	162	47,3
	T	83	77	160	78	66	144	161	143	304	45,3
	%	39,7	43,0	41,2	53,0	48,8	51,0	45,2	45,4	45,3	
212+ 213+	♂	49	45	94	49	38	87	98	83	181	55,1
	♀	61	47	108	56	40	96	117	87	204	59,6
	T	110	92	202	105	78	183	215	170	385	57,3
	%	52,6	51,3	52,0	71,4	57,7	64,8	60,3	54,1	57,5	
214	♂	14	19	33	17	17	34	31	36	67	14,1
	♀	14	29	43	20	24	44	34	53	87	18,3
	T	28	48	76	37	41	78	65	89	154	16,2
	%	10,4	18,7	14,4	17,2	19,5	18,3	13,4	19,0	16,2	
215	♂	4	8	12	11	5	16	15	13	28	5,8
	♀	2	2	4	1	3	4	3	5	8	1,6
	T	6	10	16	12	8	20	18	18	36	3,8
	%	2,2	3,9	3,0	5,6	3,8	4,7	3,7	3,8	3,8	
216	♂	5	2	7	2	3	5	7	5	12	2,5
	♀	1	3	4	2	1	3	3	4	7	1,4
	T	6	5	11	4	4	8	10	9	19	2,0
	%	2,2	1,9	2,0	1,8	1,9	1,8	2,0	1,9	2,0	
217	♂	11	9	20	8	12	20	19	21	40	8,5
	♀	10	5	15	6	10	16	16	15	31	6,5
	T	21	14	35	14	22	36	35	36	71	7,5
	%	7,8	5,4	6,6	6,5	10,5	8,5	7,2	7,7	7,5	
214+ 217	♂	34	38	72	38	37	75	72	75	147	30,9
	♀	27	39	66	29	38	67	56	77	133	23,0
	T	61	77	138	67	75	142	128	152	280	23,5
	%	22,6	30,0	26,2	31,3	35,7	33,5	26,4	32,6	29,5	
200	♂+♀	1	2	3	0	0	0	1	2	3	0,4
	%	0,4	1,1	0,7	0	0	0	0,2	0,6	0,4	

Legenda:

197 - Mãos grandes

198 - Mãos de tamanho médio

199 - Mãos pequenas

200 - Luvas

212 - Sombreamento na mão (interior)

213 - Contorno borrado da mão

214 - Colocação atrás das costas.

215 - Colocação nos bolsos

216 - Colocação atrás de objetos

217 - Omissão simples.

TABELA XXXVI

Mãos e dedos - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Sexo Fig.	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
202	♂	14	19	33	10	9	19	24	28	52	15,8
	♀	14	19	33	11	7	18	25	26	51	14,9
	T	28	38	66	21	16	37	49	54	103	15,3
	%	13,3	21,2	17,0	14,2	11,8	13,1	13,7	17,1	15,3	
201	♂	9	10	19	8	9	17	17	19	36	10,9
	♀	11	5	16	10	9	19	21	14	35	10,2
	T	20	15	35	18	18	36	38	33	71	10,5
	%	9,5	8,3	9,0	12,2	13,3	12,7	10,6	10,5	10,5	
203	♂	8	3	11	5	3	8	13	6	19	5,7
	♀	6	5	11	5	1	6	11	6	17	4,9
	T	14	8	22	10	4	14	24	12	36	5,3
	%	6,6	4,4	5,6	6,8	2,9	4,9	6,7	3,8	5,3	
204	♂	26	21	47	19	13	32	45	34	79	24,0
	♀	28	19	47	21	10	31	49	29	78	22,8
	T	54	40	94	40	23	63	94	63	157	23,6
	%	25,8	22,3	24,2	27,2	17,0	22,3	26,4	20,0	23,4	
205	♂	16	18	34	12	9	21	28	27	55	16,7
	♀	14	17	31	7	7	14	21	24	45	13,1
	T	30	35	65	19	16	35	49	51	100	14,9
	%	14,3	19,5	16,7	12,9	11,8	12,4	13,7	16,2	14,9	
206	♂	14	25	39	12	18	30	26	43	69	21,0
	♀	21	24	45	15	16	31	36	40	76	22,2
	T	35	49	84	27	34	61	62	83	145	21,6
	%	16,7	27,3	21,6	18,3	25,1	21,6	17,4	26,4	21,6	
207	♂	13	7	20	7	11	18	20	18	38	11,5
	♀	15	11	26	10	16	26	25	27	52	15,2
	T	28	18	46	17	27	44	45	45	90	13,4
	%	13,3	10,0	11,8	11,5	20,0	15,6	12,6	14,3	13,4	
273	♂	15	6	21	6	5	11	21	11	32	9,7
	♀	13	8	21	10	8	18	23	16	39	11,4
	T	28	14	42	16	13	29	44	27	71	10,5
	%	13,3	7,8	11,8	10,8	9,8	10,2	12,3	8,5	10,5	
208	♂	5	5	10	5	8	13	10	13	23	7,0
	♀	9	7	16	7	6	13	16	13	29	8,4
	T	14	12	26	12	14	26	26	26	52	7,7
	%	6,6	6,7	6,7	8,1	10,3	9,2	7,3	8,2	7,7	
210	♂	25	22	47	10	16	26	35	38	73	22,2
	♀	33	21	54	9	11	20	42	32	74	21,6
	T	58	43	101	19	27	46	77	70	147	21,9
	%	27,7	24,0	26,0	12,9	20,0	16,3	21,6	22,2	21,9	
209	♂ + ♀	1	2	3	7	4	11	8	6	14	2,0
	%	0,4	1,1	0,7	4,7	2,9	3,9	2,2	1,9	2,0	

Legenda:

201 - Punho cerrado ou mão sem dedo
 202 - Dedos sem mão
 203 - Dedos encerrados por uma linha
 204 - Dedos compridos
 205 - Dedos como palitos

206 - Dedos como garras
 207 - Dedos "em petala"
 208 - Unhas
 209 - Dedos em maior número
 210 - Dedos em menor número
 273 - Dedos arredondados

TABELA XXXVII

- Pernas - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade	Item	Fig. sexo	12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
			M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
218		♂	13	17	30	11	11	22		28	52	10,9
		♀	11	12	23	7	12	19	18	24	42	8,8
		T	24	29	53	18	23	41	42	52	94	9,9
		%	8,9	11,3	10,0	8,4	11,0	9,6	8,6	11,1	99,9	
219		♂	41	60	101	43	53	96	84	113	197	41,4
		♀	31	47	78	41	50	91	72	97	169	35,5
		T	72	107	179	84	103	187	156	210	366	38,5
		%	26,7	41,7	34,0	39,2	49,0	44,1	32,2	45,0	39,5	
220		♂	80	50	130	53	37	90	133	87	220	46,3
		♀	88	62	150	52	39	91	140	101	241	50,7
		T	168	112	280	105	76	181	273	188	461	48,5
		%	62,2	43,7	53,2	49,0	36,2	42,6	56,4	40,3	48,5	
221		♂	53	37	90	33	17	50	86	54	140	29,4
		♀	60	64	124	40	41	81	100	105	205	43,1
		T	113	101	214	73	58	131	186	159	345	36,3
		%	41,8	39,4	40,6	34,1	27,6	30,8	38,4	34,1	36,3	
222		♂	64	72	136	57	70	127	121	142	263	55,3
		♀	44	36	80	42	44	86	86	80	166	34,9
		T	108	108	216	99	114	213	207	222	429	45,1
		%	40,0	42,1	41,0	46,2	54,3	50,2	42,7	47,6	45,1	
223		♂	9	13	22	10	12	22	19	25	44	9,2
		♀	16	12	28	15	7	22	31	19	50	10,5
		T	25	25	50	25	19	44	50	44	94	9,9
		%	9,3	9,7	9,5	11,6	9,0	10,3	10,3	9,4	9,9	
226		♂	9	6	15	7	3	10	16	9	25	5,2
		♀	10	10	20	5	9	14	15	18	34	7,1
		T	19	16	35	12	12	24	31	28	59	6,2
		%	7,0	6,2	6,6	5,6	5,7	5,6	6,4	6,0	6,2	
224		♂	5	0	5	6	3	9	11	3	14	2,9
		♀	6	3	9	6	1	7	12	4	16	3,3
		T	11	3	14	12	4	16	23	7	30	3,1
		%	4,1	1,1	2,6	5,6	1,9	3,7	4,7	1,5	3,1	
225		♂	50	53	103	60	52	112	110	105	215	45,2
		♀	66	62	128	72	62	134	138	124	262	55,1
		T	116	115	231	132	114	246	248	229	477	50,2
		%	42,9	44,9	43,9	61,6	54,3	58,0	31,2	49,1	50,2	
224 225		♂	55	53	108	66	55	121	121	108	229	48,2
		♀	72	65	137	78	63	141	150	128	278	58,4
		T	127	118	245	144	118	262	271	236	507	53,3
		%	47,0	46,0	46,5	67,2	56,2	61,7	55,9	50,6	53,3	
229	♂ + ♀		2	2	4	2	2	4	4	4	8	0,8
271	♀		1	4	5	3	1	4	4	5	9	1,8
272	♂ + ♀		3	2	5	2	5	7	5	7	12	1,2
	T		6	8	14	7	8	15	13	16	29	3,0
	%		2,2	3,1	2,6	3,2	3,8	3,5	2,7	3,4	3,0	

Legenda:

218 - Pernas longas
 219 - Comprimento médio
 220 - Pernas curtas
 221 - Finas ou delgadas
 222 - Grossura média
 223 - Grossas

224 - Sombreamento no interior
 225 - Contorno borrado
 226 - Pernas como uma linha só
 229 - Omissões
 271 - Pernas ocultas em traje de noite
 272 - Ausentes ou incompletas por não caber no papel.

TABELA XXXVIII

Pés: distribuição em função do sexo e idade
do autor e sexp da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			totais			
Item	sexo fig.	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
231	♂	18	19	37	18	8	26	36	27	63	14,5
	♀	22	14	36	12	7	19	34	21	55	12,8
	T	40	33	73	30	15	45	70	48	118	13,6
	%	15,5	14,2	14,9	15,5	8,2	12,0	15,5	11,6	13,6	
232	♂	86	39	105	44	38	82	110	77	187	43,1
	♀	56	34	90	41	36	77	97	70	167	38,9
	T	122	73	195	85	74	159	207	147	354	41,5
	%	47,4	31,4	39,8	44,2	40,8	42,6	46,1	35,5	41,5	
233	♂	45	57	102	37	44	81	82	101	183	42,2
	♀	50	69	119	40	48	88	90	117	207	48,2
	T	95	126	221	77	92	169	172	218	390	45,2
	%	36,9	54,3	45,1	40,1	50,7	45,3	38,3	51,7	45,2	
241	♂	108	73	181	76	62	138	184	135	319	73,6
	♀	105	80	185	71	63	134	176	143	319	74,3
	T	213	153	366	147	125	272	360	278	638	74,0
	%	82,8	65,9	74,8	76,5	69,0	72,9	80,1	67,3	74,0	
242	♂	20	42	62	23	27	50	43	69	112	25,8
	♀	21	38	59	22	28	50	43	66	109	25,4
	T	41	80	121	45	55	100	86	135	221	25,6
	%	15,9	34,4	24,7	23,4	30,3	26,8	19,1	32,6	25,6	
243	♂	1	0	1	0	1	1	1	1	2	0,4
	♀	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	T	1	0	1	0	1	1	1	1	2	0,2
	%	0,3	0	0,2	0	0,5	0,2	0,2	0,2	0,2	
244	♂	12	5	17	10	7	17	22	12	34	7,8
	♀	15	10	25	7	6	13	22	16	38	8,8
	T	27	15	42	17	13	30	44	28	72	8,3
	%	10,5	6,4	8,5	8,8	7,1	8,0	9,7	6,7	8,3	
245	♂	62	53	115	61	57	118	123	110	233	53,8
	♀	67	51	118	54	55	109	121	106	227	52,9
	T	129	104	233	115	112	227	244	216	460	53,3
	%	50,1	44,8	47,6	59,8	61,8	60,8	54,3	52,3	53,3	
244 + 245	♂	74	58	132	71	64	135	145	122	267	61,6
	♀	82	61	143	61	61	122	143	122	265	61,7
	T	156	119	275	132	125	257	288	244	532	61,7
	%	60,7	52,2	56,2	68,7	69,0	68,9	64,1	59,0	61,7	
246	♂	6	13	19	8	15	23	14	28	42	8,8
	♀	7	11	18	14	14	28	21	25	46	9,6
	T	13	24	37	22	29	51	35	53	88	9,3
	%	4,8	9,3	7,0	10,2	13,8	12,0	7,2	11,3	9,3	

Legenda:

231 - Pés grandes
232 - Tamanho médio
233 - Pés pequenos
241 - Pés de perfil

242 - Pés de frente
243 - Pés de costas
244 - Sombreamento no interior
245 - Contorno borrado
246 - Omissão.

TABELA XXXIX

Pés: distribuição em função do sexo e idade do autor
e do sexo da figura,

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
234	♂	54	35	89	47	32	79	101	67	168	38,7
	♀	59	45	104	47	28	75	106	73	179	41,7
	T	113	80	193	94	60	154	207	140	347	40,2
	%	43,9	34,4	39,4	48,9	33,1	41,2	46,1	33,8	40,2	
235	♂	63	67	130	35	48	83	98	115	213	49,1
	♀	57	58	115	34	49	83	91	107	198	46,1
	T	120	125	245	69	97	166	189	222	411	47,6
	%	46,6	53,8	50,1	35,9	53,5	44,5	42,0	53,7	47,6	
234 + 235	♂	117	102	219	82	80	162	199	182	381	87,9
	♀	116	103	219	81	77	158	197	180	377	87,8
	T	233	205	438	163	157	320	396	362	758	87,9
	%	90,6	88,3	89,5	84,8	86,7	95,7	88,1	87,6	87,9	
236	♂	9	7	16	8	3	11	17	10	27	6,2
	♀	3	3	6	6	3	9	9	6	15	3,4
	T	12	10	22	14	6	20	26	16	42	4,8
	%	4,6	4,3	4,4	7,2	3,3	5,3	5,7	3,8	4,8	
237	♂	0	3	3	4	4	8	4	7	11	2,5
	♀	1	1	2	0	0	0	1	1	2	0,4
	T	1	4	5	4	4	8	5	8	13	1,4
	%	0,3	1,7	1,0	2,0	2,2	2,1	1,1	1,9	1,5	
238	♂	3	3	6	5	2	7	8	5	13	3,0
	♀	6	9	15	5	8	13	11	17	28	6,5
	T	9	12	21	10	10	20	19	22	41	4,7
	%	3,5	5,1	4,2	5,2	5,5	5,3	4,2	5,3	4,7	
239	♀	0	0	0	1	1	2	1	1	2	0,4
	%	0	0	0	0,5	0,5	0,5	0,2	0,2	0,2	0,2
236 a 239	♂	12	13	25	17	9	26	29	22	51	11,7
	♀	10	13	23	12	12	24	22	25	47	10,9
	T	22	26	48	29	21	50	51	47	98	11,3
	%	8,5	11,2	9,8	15,1	11,6	13,4	11,3	11,3	11,3	
230	♂	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0,2
	♀	2	1	3	0	2	2	2	3	5	1,1
	T	2	1	3	0	3	3	2	4	6	0,6
	%	0,7	0,4	0,6	0	1,6	0,8	0,4	0,9	0,6	
240	♂	0	0	0	2	2	4	2	2	4	0,9
	♀	1	1	2	1	0	1	2	1	3	0,6
	T	1	1	2	3	2	5	4	3	7	0,8
	%	0,3	0,4	0,4	1,5	1,1	1,3	0,8	0,7	0,8	

Legenda:

230 - Pés como uma linha apenas
234 - Sapatos com detalhes
235 - Sapatos sem detalhes
236 - Dedos presentes em figura nua

237 - Dedos em figura vestiga: praia ou esporte
238 - Dedos em figura vestida: traje comum mas sem sapatos
239 - Dedos presentes em sandália aberta
240 - Dedos com unhas.

TABELA XL

Roupas e acessórios: distribuição em função do sexo e idade
do autor e do sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
249	♂	1	5	6	5	4	9	6	9	15	3,9
	♀	3	2	5	3	2	5	6	4	10	2,3
	T	4	7	11	8	6	14	12	13	25	3,1
	%	1,8	3,1	2,5	4,7	3,1	3,8	3,1	3,1	3,1	
250	♂	37	25	62	21	18	39	58	43	101	26,7
	♀	22	13	35	8	4	12	30	17	47	11,1
	T	59	38	97	29	22	51	88	60	148	18,5
	%	27,4	17,0	22,1	16,5	11,5	14,2	22,9	14,5	18,5	
251	♂	52	70	122	49	69	118	101	139	240	63,6
	♀	89	97	186	72	89	161	161	186	347	82,6
	T	141	167	308	121	158	279	262	325	587	73,6
	%	65,5	74,8	70,3	71,5	83,1	77,7	68,2	78,6	73,6	
253	♂	10	4	14	6	1	7	16	5	21	5,5
	♀	1	0	1	1	2	3	2	2	4	0,9
	T	11	4	15	7	3	10	18	7	25	3,1
	%	5,1	1,7	3,4	4,1	1,5	2,7	4,6	1,6	3,1	
248	♀	0	7	7	4	1	5	4	8	12	2,5
	%	0	5,8	2,9	4,5	1,0	2,6	1,9	3,6	2,8	1,5
252	♀	2	18	20	9	11	20	11	29	40	9,5
	%	1,7	15,1	8,5	10,2	11,2	10,7	5,4	13,3	9,5	
255	♂	1	3	4	8	7	15	9	10	19	5,0
	%	1,0	2,8	1,9	9,8	7,6	8,6	4,9	5,1	5,0	
256	♂	9	31	40	20	24	44	29	55	84	22,2
	%	9,0	29,8	19,6	24,6	26,0	25,4	15,9	28,0	22,2	
259	♂	4	10	14	7	7	14	11	17	28	7,4
	%	4,0	9,6	6,8	8,6	7,6	8,0	6,0	9,6	7,4	
254	♂	4	4	8	5	2	7	9	6	15	3,9
	♀	7	4	11	5	1	6	12	5	17	4,0
	T	11	8	19	10	3	13	21	11	32	4,0
	%	5,1	3,5	4,3	5,9	1,5	3,6	5,4	2,6	4,0	
257	♂	26	33	59	34	35	69	60	68	128	33,9
	♀	14	11	25	3	12	15	17	23	40	9,5
	T	40	44	84	37	47	84	77	91	168	21,0
	%	18,6	19,7	19,1	21,8	24,6	23,3	20,0	22,0	21,0	
258	♂	38	50	88	39	45	84	77	95	172	45,6
	♀	24	32	56	21	25	46	45	57	102	24,2
	T	62	82	144	60	70	130	122	152	274	34,3
	%	28,8	36,7	32,8	35,5	36,8	36,2	31,7	36,8	34,3	
260	♂	2	2	4	2	2	4	4	4	8	1,6
	♀	8	22	30	6	10	16	14	32	46	9,6
	T	10	24	34	8	12	20	18	36	54	5,7
	%	3,7	9,3	6,4	3,7	5,7	4,7	3,7	7,7	5,7	
262	♂	6	5	11	5	8	13	11	13	24	5,0
	♀	6	8	14	10	1	11	16	9	25	5,2
	T	12	13	25	15	9	24	27	22	49	5,1
	%	4,4	5,0	4,7	7,0	4,3	5,6	5,5	4,7	5,1	
261	♂	15	13	28	9	7	16	24	20	44	9,2
	♀	0	0	0	3	0	3	3	0	3	0,6
	T	15	13	28	12	7	19	27	20	47	4,9
	%	5,5	5,0	5,3	5,6	3,3	4,5	5,5	4,2	4,9	

Legenda:

248 - Traje de noite
249 - Traje de praia ou esporte
250 - Traje comum incompleto
251 - Traje comum completo

252 - Vestido bem decorado
253 - Uniforme ou fantasia
254 - Meia.
255 - Calça com vinco

256 - Calça com vistas
257 - Bolsos
258 - Botões
259 - Gravata

260 - Adornos
261 - Chapéu ou boné
262 - Objeto na mão

TABELA XLI

Roupa e acessórios - distribuição em função do sexo e idade do autor e sexo da figura.

Idade		12 a 14 anos			15 a 18 anos			Totais			
Item	Fig. sexo	M	F	T	M	F	T	M	F	T	%
264 + 265	♂	53	57	110	56	60	116	109	117	226	59,9
	♀	61	62	123	73	62	135	134	124	258	61,4
	T	114	119	233	129	122	251	243	241	484	60,7
	%	53,0	53,3	53,0	66,3	64,2	69,9	63,2	58,3	60,7	
263	♂	2	1	3	1	0	1	3	1	4	1,0
	♀	9	2	11	4	2	6	13	4	17	4,0
	T	11	3	14	5	2	7	16	5	21	2,5
	%	5,1	1,3	3,2	2,9	1,0	1,9	4,1	1,2	2,5	
266	♂	11	6	17	8	4	12	19	10	29	7,6
	♀	13	12	25	8	10	18	21	22	43	10,2
	T	24	18	42	16	14	30	40	32	72	9,1
	%	11,1	8,0	9,5	9,4	7,3	8,3	10,4	7,7	9,1	
267	♂	15	5	20	12	11	23	27	16	43	11,4
	♀	32	32	64	26	27	53	58	59	117	27,8
	T	47	37	84	38	38	76	85	75	160	20,0
	%	21,8	16,5	19,1	22,4	19,9	21,1	22,1	18,1	20,0	
268	♂	24	34	58	34	30	64	58	64	122	32,3
	♀	27	30	57	30	15	45	57	45	102	24,2
	T	51	64	115	64	45	109	115	109	224	28,1
	%	23,7	28,6	26,2	37,8	23,6	30,3	29,9	26,3	28,1	
263 + 266 + 267 + 268	♂	52	46	98	55	45	100	107	91	198	52,5
	♀	81	76	157	68	54	122	149	130	279	66,4
	T	133	122	255	123	99	222	256	221	477	59,8
	%	61,8	54,7	58,2	72,7	52,1	61,8	66,6	53,5	59,8	
269	♂	35	24	59	26	13	39	61	37	98	20,6
	♀	20	9	29	19	7	26	39	16	55	11,5
	T	55	33	88	45	20	65	100	53	153	16,0
	%	20,4	12,8	16,7	21,0	9,5	15,3	20,6	11,3	16,0	

Legenda:

263 - Sombreamento da roupa toda

264 - Contorno borrado

265 - Contorno duplo

266 - Sombreamento da blusa, camisa ou paletó

267 - Sombreamento da saia ou calça

268 - Sombreamento da barra da saia ou calça.

ÍNDICE

Apresentação	3
Prefácio	7
PRIMEIRA PARTE — INTRODUÇÃO	11
A — SIGNIFICADO PSICOLÓGICO DO DESENHO	13
B — O DESENHO DA FIGURA HUMANA	19
SEGUNDA PARTE — PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DA PESQUISA	31
A — A PESQUISA	33
I — Objetivos	33
II — Escolha da amostra	42
III — Sujeitos	47
IV — Coleta do material	52
V — Tratamento dos dados	54
B — RESULTADOS	57
I — Ordem das figuras do par	59
II — Tamanho relativo das duas figuras do par	59
III — Completamento das figuras	59
IV — Posição da folha	60
V — Postura das figuras	60
VI — Movimento das figuras	60
VII — Tamanho em relação à folha	60
VIII — Localização na folha	61
IX — Perspectiva das figuras	63
X — Tema dos desenhos	63

XI — Espessura da linha e consistência do traçado	65
XII — Linha do solo e outros complementos .	66
XIII — Transparências, articulações e linha média	67
XIV — Tamanho relativo da cabeça	67
XV — Cabelos: comprimento, detalhes e sombreamento	68
XVI — Rosto: linhas extras e sombreamento .	70
XVII — Bigode e barba	71
XVIII — Olhos: tamanho, detalhes e sombreamento	71
XIX — Nariz: tamanho, formato, detalhes e sombreamento	73
XX — Bôca: tamanho, formato, detalhes e sombreamento	74
XXI — Orelhas: tamanho, detalhes e sombreamento	76
XXII — Pescoço: dimensões, detalhes e sombreamento	77
XXIII — Tronco: conformação, detalhes e sombreamento	79
XXIV — Braços: posição, número, detalhes e sombreamento	81
XXV — Mãos e dedos: tamanho, posição, detalhes e sombreamento	83
XXVI — Pernas: dimensões, detalhes e sombreamento	85
XXVII — Pés e dedos: tamanho, detalhes, posição e sombreamento	87
XXVIII — Roupas e acessórios: tipo, detalhes e sombreamento	89
TERCEIRA PARTE — DISCUSSÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS	93
A — ANÁLISE DOS RESULTADOS GERAIS DAS TABELAS E VISÃO GERAL DO SIGNIFICA-	

DO ATRIBUIDO AOS TRAÇOS DO DESENHO DA FIGURA HUMANA	95
B — CARACTERIZAÇÃO PSICOLÓGICA DOS ADOLESCENTES ESTUDADOS	167
C — ANÁLISE DOS RESULTADOS ESPECÍFICOS DAS TABELAS	171
I — Traços comuns e não comuns ao grupo de adolescentes estudados	171
II — Crítica à interpretação psicológica do desenho da figura humana	181
III — Diferenças entre os grupos de idade ..	188
IV — Diferenças nos desenhos feitos por rapazes e por moças	195
V — Diferenças no desenho das figuras masculina e feminina	202
QUARTA PARTE — EPÍLOGO	
A — CONCLUSÕES	213
B — BIBLIOGRAFIA	218
C — SUMÁRIOS	259
Em português	258
Em inglês	260
Em francês	262
Em alemão	264
D — APÊNDICES	265
I — Codificação dos itens do desenho da figura humana	265
II — Categorias para a tabulação	273
III — Instruções para a aplicação do Teste da Árvore da Figura Humana	276
IV — Crivo de avaliação do tamanho do desenho em relação à folha	279
V — Crivo de avaliação para a localização do desenho na folha	280
VI — Ilustrações	281
VII — Tabelas	291

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
BIBLIOTECA CENTRAL

Boletim 293
Psicologia
R Educacional .

Autor VAN KOLCK, Odette L.
n. 7

Título Sôbre a técnica do...

N.º	RETIRADA	ENTREGA

Boletim 293
Psicologia Educacio-
nal n. 7

VAN KOLCK, Odette L.
Sôbre a técnica do desenho
da figura na exploração da
personalidade



